

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura - PROPAR

Luísa Sopas Rocha Brandão

**As mãos que operam a máquina de morar: o quarto de empregada em edifícios residenciais da arquitetura moderna paulistana**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Soler Machado

Porto Alegre  
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: luisasrbrandao@gmail.com

#### CIP - Catalogação na Publicação

Brandão, Luísa Sopas Rocha

As mãos que operam a máquina de morar: o quarto de empregada em edifícios residenciais da arquitetura moderna paulistana / Luísa Sopas Rocha Brandão. -- 2024.

329 f.

Orientador: Andrea Soler Machado.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. quartos de empregada. 2. edifícios residenciais. 3. arquitetura residencial. 4. arquitetura modernista brasileira. 5. interseccionalidade. I. Machado, Andrea Soler, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.

BRANDÃO, Luísa Sopas Rocha

Título: As mãos que operam a máquina de morar: o quarto de empregada  
em edifícios residenciais da arquitetura moderna paulistana

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa  
e Pós-graduação em Arquitetura da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
para obtenção do título de Doutora em  
Arquitetura.

### **Banca Julgadora**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Soler Machado** (orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grete Soares Pflueger**

Universidade Estadual do Maranhão

**Prof. Dr. Igor de França Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul

**Prof. Dr. Fernando Freitas Fuão**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Defesa e aprovação em: 24 de junho de 2024.

## **Agradecimentos**

Às Laudelinas, Janaínas, Isas, Verônicas, Vânicas, Marias, Pretas do Brasil, dedicadas à luta por direitos e denúncia diária de inequidades, e que carregam em suas costas as sementes de um projeto de sociedade nova, que eu espero, pessoalmente, que floresça.

Esta pesquisa jamais seria possível sem as amizades que cultivei ao longo da minha vida. Portanto, meu agradecimento especial aos amigos. Aos que têm grau de parentesco, ou não. Aos amigos que encontrei ao longo dos anos de doutorado no PROPAR, especialmente Evelise Both e minha orientadora Andrea Machado. Ao amigo e companheiro Pedro Silva que me alimentou (a alma e o corpo) para que este trabalho continuasse.

Aos amigos ausentes que estiveram presentes em algum período dessa caminhada. Aos presentes que estiveram ausentes nos primeiros anos de doutorado. Aos que têm consciência que ajudaram diretamente, com correções, indicações de bibliografia, debates, cobranças, entre outras formas de ajuda. Mas também aos que sequer têm consciência do papel que desempenharam para que fosse possível chegar ao fim dessa árdua etapa da vida, seja com uma palavra de afeto, de conforto ou de motivação.

Muito obrigada por fazerem parte dessa caminhada e da minha história.

## Resumo

Esta tese se propõe a analisar as configurações historicamente assumidas para os ambientes destinados às trabalhadoras domésticas em habitações multifamiliares na cidade de São Paulo, a partir de uma análise iconográfica de projetos divulgados nos anos de 1938 a 1971 pela revista *Acrópole*, período que abrange o auge da produção arquitetônica modernista no Brasil. A pesquisa tem como objetivo elucidar de que maneira, em meio à transição de uma formação social agrária de base escravocrata, para uma urbana, os apartamentos de edifícios em altura (principal signo arquitetônico de modernidade) incorporam, ainda que com certas adaptações, elementos da sociedade tradicional em suas plantas. Para tanto, o trabalho: analisa a natureza do trabalho doméstico no Brasil, utilizando como chave o método da interseccionalidade; remonta às origens do quarto de empregadas em residências do período colonial; relata o processo de incorporação desse cômodo no programa multifamiliar dos edifícios paulistanos a partir de uma perspectiva histórica; e analisa setenta e sete exemplares de projetos de edifícios residenciais produzidos para implantação na cidade de São Paulo. Adicionalmente, esta pesquisa incluiu testemunhos de pessoas que exerceram ou exercem a função de trabalhadora doméstica, abordagem que pretende, por um lado, desenvolver a noção de dispositivos espaciais de segregação e dominação e, por outro, investigar as experiências e a percepção do espaço arquitetônico pela ótica das mulheres que vivenciaram esses recintos ao longo do tempo. Desta maneira, conjugar os aspectos objetivos, advindos da prévia análise iconográfica, com os subjetivos, baseados na experiência de vida das empregadas domésticas nesses recintos. Acredita-se que os resultados deste trabalho contribuam tanto com o debate sobre as formas de concepção e apropriação do espaço residencial da arquitetura modernista, quanto com a reflexão acerca de como o ambiente construído pode se configurar como um aparato normativo que visa à legitimação de condutas de caráter exploratório do trabalho, mediante a consagração de ritos oriundos do mundo colonial/escravista no seio de uma sociedade urbana/capitalista.

**Palavras-chave:** quartos de empregada; edifícios residenciais; arquitetura residencial; arquitetura modernista brasileira; interseccionalidade

## **Abstract**

This thesis aims to analyze the historically assumed configurations for environments intended for domestic workers in multifamily dwellings in the city of São Paulo. This analysis is conducted through an iconographic study of projects published in the period between 1938 and 1971 in the magazine *Acrópole*. This time frame encompasses the peak of modern architectural production in Brazil. The research aims to elucidate how, amidst the transition from an agrarian society with a slave-based foundation to an urban one, high-rise apartment buildings (the main architectural symbol of modernity) incorporate, albeit with certain adaptations, elements of traditional society in their layouts. To achieve this, the study examines the nature of domestic work in Brazil, utilizing intersectionality as a key method; traces the origins of maids' quarters in colonial period residences; narrates the process of incorporating this space into the multifamily programs of São Paulo buildings from a historical perspective; and analyzes seventy-seven examples of residential building projects designed for implementation in the city of São Paulo. Additionally, this research includes testimonies from individuals who have worked or currently work as domestic workers, an approach intended to develop the notion of spatial devices of segregation and domination, as well as to investigate the experiences and perception of architectural space from the perspective of women who have inhabited these spaces over time. In this way, it seeks to combine the objective aspects derived from the previous iconographic analysis with the subjective aspects based on the life experiences of domestic workers in these spaces. It is believed that the results of this work will contribute to the debate on the forms of conception and appropriation of residential space in modern architecture, as well as to reflection on how the built environment can function as a normative apparatus that aims to legitimize exploitative work practices through the consecration of rituals originating from the colonial/slave-holding world within an urban/capitalist society.

**Keywords:** maid's rooms; residential buildings; residential architecture; modern architecture; intersectionality

*“Elevador é quase um templo  
Exemplo pra minar teu sono  
Sai desse compromisso  
Não vai no de serviço  
Se o social tem dono, não vai*

*Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história*

*Se preto de alma branca pra você  
É o exemplo da dignidade  
Não nos ajuda, só nos faz sofrer  
Nem resgata nossa identidade”*

Jorge Aragão

# Sumário

<b>1. Considerações preliminares .....</b>	<b>10</b>
<b>2. Caracterização geral da pesquisa .....</b>	<b>15</b>
2.1. Contextualização da problemática .....	15
2.2. Objetivos e nível de generalidade da investigação .....	19
2.2.1. Objetivo geral .....	19
2.2.2. Objetivos específicos .....	19
2.3. Justificativa .....	20
<b>3. Métodos e plano geral da pesquisa.....</b>	<b>22</b>
3.1. Definição de termos e conceitos empregados na pesquisa .....	22
3.2. Materiais e métodos adotados para investigação dos subproblemas.....	27
3.3. Métodos para tratamento e análise de dados.....	31
3.4. Hipóteses .....	34
<b>4. Referencial Teórico.....</b>	<b>36</b>
4.1. Trabalho doméstico no Brasil e em São Paulo .....	36
4.1.1. Uma perspectiva interseccional acerca do trabalho doméstico .....	36
4.1.2. O trabalho doméstico no contexto urbano.....	52
4.2. Breves considerações acerca das transformações na cidade de São Paulo entre 1930 e 1970.....	63
4.3. Paradigmas e intermitências na espacialização do trabalho doméstico: uma perspectiva histórica sobre sua inserção na habitação.....	71
<b>5. Resultados .....</b>	<b>86</b>
5.1. Regulamentação das edificações no período das obras analisadas .....	86
5.2. Antecedentes históricos: o quarto de empregada dos palacetes às residências modernistas .....	88
5.3. Os quartos de empregada nos edifícios multifamiliares.....	92
5.4. A perspectiva da trabalhadora doméstica sobre o quarto de empregadas .....	107
5.4.1. O quarto de empregada a partir das narrativas e testemunhos de trabalhadoras domésticas documentados em fontes diversas .....	109
5.4.2. O quarto de empregada segundo Isaura Benevides .....	114
5.4.3. O quarto de empregada segundo Vânia Barbosa.....	117
<b>6. Considerações finais.....</b>	<b>121</b>
<b>7. Recomendações para futuras pesquisas.....</b>	<b>128</b>
7.1. O quarto de empregada nas residências unifamiliares, publicadas na revista Acrópole (1938 – 1971).....	128

7.2. A análise do quarto de empregada a partir dos testemunhos de trabalhadoras domésticas.....	128
7.3. As transformações do quarto de empregada, na contemporaneidade, para usos diferentes do originalmente projetados.....	129
7.4. Representações espaciais do quarto de empregada nas produções culturais	129
7.5. Confrontamento entre discurso e prática arquitetônica dos cânones da arquitetura modernista brasileira.....	130
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>141</b>
APÊNDICE 1 - Transcrição da entrevista com Isaura Benevides .....	142
APÊNDICE 2 - Transcrição da entrevista com Vânia Barbosa.....	180
APÊNDICE 3 - Tabela de análise preliminar dos duzentos e vinte e sete edifícios residenciais.....	205
APÊNDICE 4 - Tabela de análise dos setenta e sete projetos que apresentam quartos de empregada, com enfoque no primeiro grupo de análise.....	214
APÊNDICE 5 - Tabela de análise dos setenta e sete projetos que apresentam quartos de empregada, com enfoque no segundo grupo de análise.....	223
APÊNDICE 6 - Plantas redesenhadas dos empreendimentos analisados .....	235

## 1. Considerações preliminares

A tese aqui apresentada é resultado de uma pesquisa que se propõe a analisar a arquitetura residencial modernista brasileira a partir da sua porção menos privilegiada: as dependências destinadas a empregadas domésticas. Ao longo da evolução da arquitetura brasileira, o quarto de empregada permaneceu como parte dos programas residenciais urbanos. Cômulo que possui origem no passado escravagista brasileiro, esse espaço é frequentemente referenciado como pequeno, abafado, sem mobília adequada e escuro. Neste trabalho, argumenta-se que essas características discriminatórias não têm se concretizado ao acaso, mas de maneira a reproduzir as estruturas sociais brasileiras. Essa intencionalidade se materializa no que, neste trabalho, define-se como a noção de *dispositivos espaciais de segregação e dominação*.

Alguns elementos foram primordiais para a escolha dessa temática. Sendo filha de engenheiro, especializado em construções de edifícios em altura, era possível constatar que a permanência desses quartos era predominante nos projetos de prédios residenciais construídos ao longo de quase trinta anos. A constante presença do “quartinho de empregada” parecia ter uma semântica que desafiava as explicações acerca da sintaxe espacial.

Ao longo do tempo, a inquietação a respeito dessa porção da residência foi potencializada pela leitura de um artigo que expunha uma discussão que virou notícia: em 2017, alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais se negaram a desenvolver um projeto residencial que tinha em seu programa de necessidades (desenvolvido pelo professor ministrante), quartos para empregados (QUEIROGA, 2017). Na nota de repúdio divulgada via diretório acadêmico, os estudantes denunciaram que a proposta da disciplina *Casa Grande* – nome que sugere ligação direta com a obra mais reconhecida do sociólogo Gilberto Freyre – “[...] incorpora a senzala e reforça os moldes de dominação em pleno século 21”. Cientes de seu papel social, os alunos se negaram a desenvolver um projeto, mesmo que a nível de exercício criativo, que incorporasse padrões espaciais opressivos oriundos de séculos de escravidão.

Em busca de maiores informações acerca dessa porção da habitação brasileira, notou-se a escassez de trabalhos que evidenciassem de forma sistemática as suas transformações, permanências ou desaparecimento. A partir de então, as inquietações acerca das dependências de serviço se intensificaram, e tomou-se a decisão de tratá-las como objeto de estudo desta pesquisa.

Não foi antes do ano de 2018, porém, após apropriação de parte da literatura considerada sólida sobre as origens da formação social brasileira, trajetória histórica da habitação, urbanização e trabalho doméstico no Brasil, que o primeiro artigo relacionado à temática foi proposto por esta pesquisadora. O artigo *As trabalhadoras domésticas no processo de urbanização: o quarto de empregadas como expressão das idiosincrasias das cidades brasileiras* foi aprovado para apresentação no 7º Encontro Internacional Cidade, Contemporaneidade e Morfologia Urbana, que teve como foco “Mulheres e Lugares Urbanos”. O evento ocorreu nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2018, na Universidade Federal de Pelotas.

O objetivo do referido trabalho foi discutir a inserção das trabalhadoras assalariadas domésticas no processo de urbanização do Brasil e, ainda, debater como a presença resiliente da dependência de empregadas no programa arquitetônico das residências urbanas é uma expressão das particularidades contidas nas cidades brasileiras. Esse mesmo artigo, juntamente com outros produzidos para o referido evento foi selecionado para publicação na revista PIXO, em 2018<sup>1</sup>.

No ano de 2018, o artigo *A dependência de empregadas na arquitetura paulistana: análise da disposição da área de serviço nas plantas-baixas de edifícios multifamiliares construídos em São Paulo entre as décadas de 1930 e 1970* foi publicado no V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, ocorrido em Salvador. Esta produção textual foi a primeira investigação das possíveis categorias espaciais de análise

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2613>

dos quartos de empregada que seriam posteriormente trabalhadas nesta tese de doutorado.

Em 2019, foi desenvolvida a primeira proposta para ingresso no Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS) e, no primeiro semestre de 2019, a matrícula como aluna especial se deu juntamente ao curso da disciplina *Dentro dos interiores modernos*, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Peixoto.

A referida disciplina foi essencial para que houvesse uma aproximação com a cultura do programa de pós-graduação e contribuiu para a definição do recorte a ser estudado. Além desses aspectos, o trabalho final dessa disciplina permitiu uma primeira sondagem acerca das características espaciais dos quartos de empregada em residências consideradas exemplares notáveis da arquitetura modernista no Brasil.

A supracitada disciplina foi a primeira de uma série de outras que contribuíram de forma direta para a construção deste estudo. Dentre as cursadas, destacam-se *Narrativas Modernas e Contemporâneas do Espaço Interior*, disciplina ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angélica Ponzio, onde se propôs a discussão de teorias críticas do espaço. Usando como base acadêmicos reconhecidos tais como Walter Benjamin e Gaston Bachelard, foi proposto um laboratório de produção textual crítica que propunha que os alunos escrevessem artigos com vistas a desconstruir narrativas de obras audiovisuais e interpretar as intenções contidas nas configurações dos cenários representativos de espaços interiores dessas obras.

Destaca-se, ainda, o *Seminário de Teoria, História e Crítica III – Pedagogia da arquitetura bancária* ministrada pelo Prof. Dr. Fernando Fuão. Essa disciplina acadêmica foi cursada em 2019, e mostrou-se essencial para a construção crítica do próprio sentido desta pesquisa e seus rumos durante um dos períodos mais críticos da sociedade brasileira. Foram propostos quatro encontros de discussão de conceitos enunciados por Paulo Freire, além da apresentação de

teorias do decolonialismo, usando a produção de Aníbal Quijano como suporte para os debates.

A partir das reflexões propostas pelas disciplinas anteriormente citadas, decidiu-se incluir nesta tese a experiência narrada por empregadas domésticas que vivenciaram os quartos e banheiros destinados a essa categoria em edifícios multifamiliares.

Foram realizadas duas entrevistas abordando as subjetividades construídas pela vivência das empregadas domésticas nos quartos de empregada. Uma delas, Vânia, foi empregada doméstica desde os catorze anos em um edifício na Avenida Paulista, iniciando as atividades na tentativa de reduzir a jornada abusiva de trabalho da mãe. Hoje, podóloga, criou uma filha sozinha e afirma não querer voltar ao quarto de empregada em nenhuma circunstância.

A outra, Isaura, trabalhadora doméstica, poetisa e ativista, de Goiânia, que faz um trabalho de conscientização relevante com a sua parceira Janaína Costa (que, até a publicação desta tese, é doutoranda em Política Social na Universidade de Brasília) a partir do *podcast Quadro de Empregada*. Nesse *podcast*, as duas divulgam as violências cotidianas impostas às trabalhadoras domésticas e, a partir da exposição das contradições de suas vivências, conscientizam sobre as leis que as protegem e ensinam estratégias de resistência e posicionamento perante as situações de abuso.

A partir do ano de 2020 e anos subsequentes, a pandemia da COVID-19 impôs uma série de desafios a esta pesquisa. Quanto ao seu andamento, o fechamento das universidades e bibliotecas reduziu a possibilidade de acesso a produções bibliográficas consideradas essenciais para a compreensão crítica da temática.

Apesar das dificuldades impostas durante o ano de 2020, o artigo *A dependência de empregada na arquitetura vertical paulistana: paradigmas e intermitências na espacialização do trabalho doméstico* foi apresentado no XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, que foi realizado em duas cidades: São Paulo e Lisboa. Devido às restrições que a crise sanitária impôs, o modelo

desse evento foi modificado para não-presencial, e a apresentação se deu de forma remota.

Os anos de 2020 e 2021 foram anos especialmente desafiadores. Este trabalho teve que ser adaptado para os novos contextos pessoais e profissionais. A maior modificação sofrida por esta tese foi o ajuste de fontes iconográficas que a pesquisa se propôs consultar inicialmente: a proposta inicial era pesquisar duas revistas consideradas relevantes para a divulgação do ideário modernista arquitetônico no Brasil, sendo elas a revista *Acrópole* (1938-1971) e a Revista *Habitat* (1950-1965).

A revista *Acrópole* está disponível online em sua totalidade, trabalho hercúleo desenvolvido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Até a conclusão desta tese, a revista *Habitat* não possuía disponibilidade online, tendo a sua totalidade de volumes físicos disponível somente na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da universidade supracitada<sup>2</sup>.

Através da revisão dos índices da revista *Habitat* no trabalho de pesquisa realizado por Mariana Assef Lavez, *Habitação e Cidade na América Latina: uma investigação a partir da revista Habitat*, foi possível identificar que apenas oito publicações em oitenta números tratavam de edifícios multifamiliares em São Paulo. Assim sendo, decidiu-se que a pesquisa teria como fonte exclusivamente as trezentas e noventa e uma edições da revista *Acrópole* que tratam, sobretudo, do desenvolvimento arquitetônico e urbano da cidade de São Paulo.

Com base na definição da fonte primordial, a revista *Acrópole*, prosseguiu-se com a condução da pesquisa, cujos resultados serão expostos nos capítulos seguintes desta tese.

---

<sup>2</sup> A biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul possui parte da coleção, mas não a sua totalidade. A dificuldade de acesso a essa coleção no período da pandemia reduziu a possibilidade de acesso a essa fonte de dados.

## 2. Caracterização geral da pesquisa

### 2.1. Contextualização da problemática

[...] insistiremos ainda um pouco na ambivalência ideológica das elites brasileiras, um verdadeiro destino. Estas se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo Ocidente (a infração). Ora, haveria problema em figurar simultaneamente como escravista e indivíduo esclarecido? Para quem cuidasse de coerência moral, a contradição seria embaraçosa (SCHWARZ, 2000, p.29).

Em seu clássico ensaio *Um mestre na periferia do capitalismo*, Roberto Schwarz descreve a maneira pela qual Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, emprega uma estrutura literária que decodifica a formação social brasileira. Por meio dos antagonismos implícitos tanto no comportamento do protagonista/narrador, quanto no próprio método da narrativa, Machado expressa as contradições de uma sociedade imbuída de um discurso de progresso e modernização, mas que tem – precisamente – na oposição a esses valores um dos elementos sustentadores de sua existência. Como argumenta Deák (2018), toda sociedade constrói a cidade à sua imagem e semelhança, e desse modo – tal como feito a partir da literatura – é possível se produzir uma análise dos processos sociais concretos mediante uma “leitura” dos espaços construídos.

O presente trabalho apresenta uma análise da disposição da dependência de empregadas nas plantas-baixas de edifícios multifamiliares construídos em São Paulo desde 1938 até 1971, período delimitado pela fonte de material iconográfico utilizada, a revista *Acrópole*. Entende-se que a continuada existência do trabalho doméstico em condições laborais precárias – atividade oriunda da sociedade escravista/colonial – em uma formação social capitalista urbanizada é uma expressão indelével do conjunto de contradições elencadas por Schwarz, na obra acima citada. Reflete, a partir dessas transformações, como os quartos e banheiros destinados à permanência das empregadas domésticas nas residências se configuraram historicamente como um mecanismo de distinção e reforço da hierarquização social.

Assim, a dependência de empregadas, enquanto cômodo incorporado de modo autóctone ao programa multifamiliar de aspirações modernas, apresenta-se como elemento que fornece um ponto de vista privilegiado para a observação desse fenômeno, na medida em que se constitui como uma materialização das idiossincrasias do processo de assalariamento – e, por conseguinte, de urbanização – brasileiros.

Os edifícios multifamiliares foram adotados como objeto de análise, pois se constituem em um dos principais signos da urbanização/modernização e, dessa forma, são potencialmente reveladores de como uma formação social se relaciona com a ideia de modernidade. Como recorte temporal, adotou-se o período de publicação da fonte iconográfica utilizada por esta pesquisa, de 1938 a 1971. Argumenta-se ainda que, entre os anos de 1930 e 1970, ocorreu a maior parte do processo de urbanização brasileiro. A cidade de São Paulo se apresenta como estudo de caso: sendo a maior metrópole e centro econômico do país ela acaba por condensar os processos concretos que tomam curso na formação social brasileira.

Um dos objetivos do presente trabalho é debater como, historicamente, as trabalhadoras domésticas se inserem no processo de urbanização do Brasil. É dada ênfase particular à maneira pela qual a dependência de empregadas – expressão arquitetônica do trabalho assalariado doméstico – configura-se como peculiaridade das cidades brasileiras.

O processo de urbanização se dá, em grande medida, conforme as necessidades da reprodução da força de trabalho. Isto porque a provisão das condições do trabalhador se locomover, ter acesso aos recursos básicos (água, luz, bens de consumo), e à moradia ocorre em conformidade com os tipos de relação econômica que sustentam uma dada formação social (DEÁK, 2016, p. 109). Assim, as formas do trabalho se reproduzir e se especializar possuem grande influência sobre a maneira pela qual as cidades se configuram.

No caso do Brasil, temos um país de profundas raízes coloniais, nunca ceifadas. Isso faz com que muitos aspectos da reprodução da sua força de trabalho – e, por conseguinte, de seu processo de urbanização – derivem de suas origens escravistas. O trabalho assalariado doméstico é um dos exemplos desse fenômeno. Oriunda da figura da mucama do Brasil rural/escravocrata, a presença da empregada doméstica perpassa o processo de urbanização brasileiro para se fazer presente ainda na contemporaneidade (RONCADOR, 2008, p. 230).

O quarto de empregadas, cômodo normalmente contíguo à área de serviço e projetado para permitir que a doméstica more onde trabalha, traz consigo particularidades na forma destas mulheres subsistirem enquanto trabalhadoras urbanas. Como discutido mais adiante, da mesma forma que existe uma correlação entre o trabalho escravo das mucamas e o trabalho assalariado das domésticas, pode-se estabelecer um paralelo histórico entre a senzala e o quarto de empregadas. Pretende-se debater o quanto os esforços de disseminação do ideário moderno e de modernização de infraestruturas frequentemente pregam um rompimento com um passado tradicional que não se materializa quando se trata da organização espacial das residências brasileiras.

Após explanação dos caminhos metodológicos adotados por esta pesquisa, o quarto capítulo deste trabalho é baseado em revisão bibliográfica, e visa traçar um paralelo entre os processos de assalariamento e urbanização brasileiros, e os distintos marcos legais que regulamentaram o trabalho assalariado doméstico. Na referida seção, ainda, são tecidas algumas reflexões sobre as formas de sociabilidade vivenciadas pelas domésticas: mulheres trabalhadoras urbanas, submetidas a condições de trabalho advindas do período colonial.

O quinto capítulo analisa as especificidades do quarto de empregada usado como suporte para o trabalho assalariado nas cidades, com base em análise iconográfica de plantas residenciais de diferentes períodos, com objetivo de realizar uma reconstituição histórica das formas de espacialização deste cômodo na cidade de São Paulo. Em seguida, passa-se à análise das plantas coletadas na revista *Acrópole* (1938-1971) a fim de compreender as particularidades das

dependências de empregadas em residências multifamiliares durante o principal período de desenvolvimento da arquitetura modernista. Ainda na mesma seção, discute-se a percepção das empregadas domésticas sobre os quartos de empregadas a partir de relatos publicados em outros meios, e de duas entrevistas realizadas para esta pesquisa. Por fim, há uma seção onde são apresentadas considerações finais.

No presente trabalho, buscou-se estabelecer correlações entre as origens históricas do trabalho doméstico assalariado no Brasil, e o papel desempenhado pelo quarto de empregada como lugar onde as domésticas desenvolvem formas de sociabilidade particulares.

Para tanto, construiu-se o entendimento de que o trabalho doméstico é uma atividade oriunda do Brasil colonial e escravista - onde a ama de leite e a mucama seriam doravante mitificadas como “mães pretas”. Dessarte, o trabalho buscou desvelar as formas de racismo e segregação camufladas sob o véu discursivo da “democracia racial”, segundo o qual a miscigenação do período colonial teria mitigado o conflito racial no país.

Por meio de uma breve reconstituição histórica das posições assumidas pelos quartos de empregadas na arquitetura residencial brasileira, foi possível aferir o caráter falacioso contido no discurso da “harmonia racial”, haja vista o conteúdo demofóbico e segregacionista de medidas como: adoção de entradas e elevadores de serviço apartadas das circulações “sociais”; e a persistência do banheiro exclusivo para a doméstica, mesmo nas plantas de edificações que não dispõem de dependências de empregada.

Entende-se que o quarto de empregada é, portanto, o arquétipo arquitetônico do processo de exploração e opressão das trabalhadoras domésticas. Ele espacializa e sintetiza os mecanismos de reprodução da força de trabalho e o discurso ideológico que permeiam a relação empregador/empregada doméstica no Brasil. Advoga-se, por fim, pela continuidade e aprofundamento do estudo dessa temática, no sentido de ampliar o debate concernente às distintas formas de sociabilidade vivenciadas pela categoria profissional em estudo.

## 2.2. Objetivos e nível de generalidade da investigação

### 2.2.1. Objetivo geral

Identificar de que maneira se deram as transformações de padrões espaciais nos quartos destinados ao uso e permanência das empregadas domésticas em edifícios residenciais em altura, exemplares da arquitetura modernista, construídos desde 1938 até 1971<sup>3</sup>, na cidade de São Paulo, a fim de compreender as lógicas sociais desses espaços<sup>4</sup> e a materialização do trabalho doméstico sob a égide do programa modernista, refletindo sobre noções de modernidade no discurso e na prática arquitetônica.

### 2.2.2. Objetivos específicos

- a) Compreender aspectos sobre o desenvolvimento urbano, econômico e a verticalização da cidade de São Paulo, sobretudo as mudanças ocorridas de 1938 a 1971, contextualizando tais mudanças com o desenvolvimento e as realizações da produção arquitetônica paulistana;
- b) Compor quadros socioculturais (de 1938 até a 1971) com aspectos relevantes que envolvam o trabalho doméstico, incluindo as leis trabalhistas relacionadas a essa atividade; contingente ocupado, organizações sindicais e outras informações relacionadas a essa categoria de ocupação no Brasil e em São Paulo;
- c) Configurar um banco de dados iconográficos acerca de edifícios de apartamentos na cidade de São Paulo cujo programa de necessidades

---

<sup>3</sup> Período relativo ao espaço de tempo abrangido pela revista *Acrópole* (1938-1971), fonte iconográfica principal deste trabalho. Esse período foi escolhido, ainda, por ser o período em que o Brasil passou por um intenso processo de urbanização, e em que se enxerga, por conseguinte, a verticalização nas grandes cidades.

<sup>4</sup> O conceito de lógica social do espaço se insere na obra de Hillier e Hanson (1984); para os autores, processos e práticas sociais específicos dão origem à forma e ordem de uma estrutura espacial. Essa concepção é importante para a compreensão do setor da habitação que foi alvo deste estudo. Apesar disto, não foi utilizado o método de sintaxe espacial apresentado pelos autores nesta pesquisa.

inclui quartos destinados ao uso e permanência de empregadas domésticas, com objetivo de identificar continuidades, variações e transformações dos padrões espaciais desses ambientes durante o recorte temporal adotado;

- d) Identificar possíveis padrões tipológicos adotados pela escola de arquitetura modernista paulistana na espacialização do quarto de empregadas em projetos de edifícios residenciais em altura, construídos desde 1938 até 1971, verificando o atendimento desses ambientes às legislações urbanísticas vigentes em cada período.

### **2.3. Justificativa**

Entende-se que a continuada existência do trabalho doméstico em um alto grau de exploração – atividade oriunda da sociedade escravista/colonial – em uma formação social capitalista urbanizada é uma expressão indelével do conjunto de contradições que constituem o Brasil. A persistente tripartição da casa burguesa<sup>5</sup> na arquitetura residencial modernista também pode ser apontada como manifestação dessas contradições, encontrando-se no setor de serviço um ponto de vista privilegiado para a observação desse fenômeno, na medida em que se constitui como uma materialização das tensões, antagonismos e peculiaridades do processo de modernização econômico e conformação de novas relações salariais brasileiras. Culmina, ainda, com a incorporação das dependências de empregadas, incluídas de modo autóctone ao programa multifamiliar de aspirações modernistas.

O trabalho doméstico e sua espacialização na residência da classe média é uma discussão ainda contemporânea: diferente das demais atividades laborais, a Consolidação da Leis Trabalhistas (CLT) de 1943 excluiu de sua regulamentação as trabalhadoras domésticas, cujos direitos só foram

---

<sup>5</sup> Tramontano (1993), ao tratar do conceito de flexibilidade do espaço doméstico demonstra que a habitação para as famílias de classes mais abastadas no Brasil é, até a contemporaneidade, baseada na tripartição da residência burguesa do século XIX.

assegurados em 2015, com a Lei Complementar nº 150 (que regulamenta a Emenda Constitucional 72/2013). Contudo, com a reforma trabalhista de 2017 (Lei 13.467), que prevê a legalização de modalidades de contratação como a jornada intermitente, tornou-se difícil vaticinar as novas configurações que serão assumidas pelo mundo do trabalho no país, em geral.

Particularidades acerca das configurações do setor de serviço, sua ligação com a residência e o modo de vida do período colonial já foram objeto de estudos sobre a evolução da morada brasileira - (REIS FILHO, 2011), (LEMOS, 1989), (BRUAND, 1991), (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999), entre outros. Algumas pesquisas, a exemplo das de Camargo (2003) e Villa (2002) chegam a apresentar dados sobre as dependências de serviço, tais como a diminuição da metragem quadrada que ocuparam nas residências com o passar dos anos. Contudo, como destacam Pinheiro (2008), e Viana e Trevisan (2016), é possível perceber a escassez de estudos que abordem de maneira crítica e contextualizada esse setor da residência.

A presente pesquisa propõe-se a contribuir para o preenchimento desta lacuna, visando fornecer melhor entendimento sobre as transformações ocorridas nas dependências de serviço da moradia multifamiliar modernista em seus diferentes períodos, considerando os processos de produção da arquitetura, da construção civil, as mudanças políticas e econômicas brasileiras. Baseando-se em análises críticas de estudos de caso, selecionados na cidade de São Paulo, esta tese pretende lançar luz sobre esse setor da residência modernista a partir das questões sociais que envolvem a profissão de empregada doméstica no Brasil.

### **3. Métodos e plano geral da pesquisa**

#### **3.1. Definição de termos e conceitos empregados na pesquisa**

Para os fins desta pesquisa, é necessário que se faça uma aproximação conceitual dos eixos nos quais ela se baseia: as noções acerca da arquitetura modernista brasileira; edifícios residenciais em altura (ou edifícios de apartamentos); setor de serviço; empregada doméstica; quarto de empregada.

O movimento modernista brasileiro teve sua expressão no âmbito da arquitetura influenciada pelo arquiteto franco-suíço pioneiro da vanguarda modernista europeia Le Corbusier (MACHADO, 2016). Em toda a América Latina, suas propostas de rompimento com o historicismo vigente até então, bem como suas novas propostas de soluções para as cidades face às transformações tecnológicas que se iniciaram no século XIX inspiraram as mais diversas realizações (MACHADO, 2004, 2014, 2016; MACHADO e BREGOLIN, 2015).

Sua vinda ao Brasil (1936), o contato de brasileiros com o cânone, ou mesmo de arquitetos estrangeiros que aqui desembarcavam em busca de novas oportunidades deram origem a uma série de obras que tinham a intenção de ilustrar os progressos da modernização do país; seu desenvolvimento “[...] emerge no governo de Getúlio Vargas, coincidindo com uma frenética atividade imobiliária que muda a cara do Rio e de São Paulo, mas tem antecedentes na década de 1920” (COMAS, 2002, p. 6). Esse novo modelo construtivo teve em personalidades como as de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Rino Levi, os irmãos Marcelo, Milton e Maurício Roberto (entre outros), seus embaixadores não somente no âmbito de sua materialização, mas também na popularização de seu ideário pelo discurso (NERY, 2017).

Nesta pesquisa, é considerado o conjunto de realizações de uma arquitetura de vanguarda que teve sua expressão máxima durante o século XX. Seu desenvolvimento tem relação intrínseca com os diferentes capítulos da urbanização brasileira e, por essa razão, definiu-se o recorte temporal desde a década de 1930 à década de 1970, quando se deu este processo (SCHIFFER, 2004, p. 107-108). As transformações ocorridas ao longo destas quatro décadas

geraram, segundo Segawa (2014, p. 15), diversas modernidades que originaram variadas maneiras de morar, modificando a lógica social do espaço doméstico de diferentes classes sociais, em diferentes regiões do país. Esse recorte foi definido ainda considerando a crise disciplinar apontada por Luccas (2008), com o fim do “milagre brasileiro” (1969-1973), em que se viram os dogmas da arquitetura modernista dando lugar paulatinamente a outras linguagens arquitetônicas.

Viabilizados pelos avanços da construção civil em concreto armado, o emprego de novos materiais, como o aço, o vidro, e pela popularização do elevador (FICHER e ACAYABA, 1982), os arranha-céus passam a modificar definitivamente a paisagem urbana brasileira a partir da década de 1920; inicialmente vistos com maus olhos pela elite que efetivamente bancaria grandes ícones da arquitetura modernista, os edifícios de apartamentos passaram a ser cobijados pelas classes média e alta a partir de 1940, consolidando então essa nova maneira de morar. Como se pode apreender dos imóveis analisados, para viabilizar esse tipo de habitação, o projeto dos primeiros edifícios de apartamentos se configurava quase como uma espécie de empilhamento de unidades residenciais de características tradicionais. A partir do *boom* imobiliário em meados de 1950, surge outro tipo de apartamento que, até então, não era o foco dos empreendedores: o apartamento mínimo.

No contexto europeu de pós-Primeira Guerra Mundial, novos desafios sociais emergiam: a devastação de diversas cidades em contraponto com o aumento da população urbana atraída pela industrialização iniciada em meados do século anterior fez com que a demanda por reformas sociais, espaciais e urbanas fornecessem o ambiente adequado para experimentações e inovações em variadas áreas. O movimento da arquitetura modernista surgiu no início do século XX tendo como enfoque central tratar essas questões sociais de maneira revolucionária. Le Corbusier, figura proeminente do movimento, visionava a arquitetura e o urbanismo como disciplinas que deveriam dar respostas diretas às necessidades de uma transformação social da época. Investido de prestígio e de ideias inovadoras, Le Corbusier disseminou seus princípios a partir de suas

obras arquitetônicas, acadêmicas e participações nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs).

A *Carta de Atenas* produzida no IV CIAM (LE CORBUSIER, 1993), ocorrido em 1933, em Atenas, foi elaborada por ele e outros arquitetos urbanistas relevantes, e delineava diretrizes para o planejamento urbano moderno, defendendo que o zoneamento, o planejamento racional e a preservação patrimonial poderiam dar respostas aos problemas de insalubridade habitacional, poluição e mobilidade que emergiam naquele contexto. Essas ideias influenciam até os dias atuais os debates sobre planejamento.

Sua crença na eficiência promovida pela funcionalidade, austeridade formal e acessibilidade a moradias dignas culminaram em unidades habitacionais que exemplificavam o que Le Corbusier chamava de máquina de morar (CORBUSIER, 1981). A redução de mão de obra disponível para o mal remunerado trabalho doméstico, bem como a saída das mulheres para o mercado de trabalho e o aumento das jornadas laborais exigiam um modelo de casa funcional para todos.

O Brasil importou essas soluções para problemas sociais radicalmente diferentes dos europeus e norte-americanos: enquanto nos centros urbanos da Europa e nos Estados Unidos a mão de obra disponível para fazer o trabalho doméstico diminuía, os níveis de mão de obra doméstica na cidade de São Paulo eram elevados. Isto porque a absorção do contingente populacional que saía dos campos para a cidade pelo mercado de trabalho não acontecia de forma proporcional, aumentando a pobreza e sujeitando pessoas, sobretudo mulheres pretas, aos postos de trabalho com piores condições e mais baixa remuneração.

Enquanto a máquina de morar europeia era operada pelo proletariado urbano, composto inclusive por mulheres que ganhavam seu espaço no mercado de trabalho, a máquina de morar brasileira continuava a ser operada por escravizadas, agora destituídas do seu saber-fazer tradicional e ancestral (SILVA, 2008, p.162-164), supervisionadas por uma dona de casa que era cada dia mais presa ao âmbito doméstico, sendo incumbida do papel de ensinar às

suas subordinadas a operar o novo maquinário doméstico, bem como ensiná-las os comportamentos considerados adequados aos espaços domésticos modernizados.

Seguindo esta linha de raciocínio, no âmbito das transformações urbanas, vê-se que as intenções iniciais da verticalização no Brasil e na Europa são díspares: se Le Corbusier propõe a habitação mínima coletiva e vertical com o intuito de resolver o déficit habitacional europeu no período pós-guerra, no Brasil o processo se inicia como um símbolo de inovação e avanço tecnológico que deveria, tanto quanto possível, reproduzir o programa da casa burguesa para evitar estranhamentos, a fim de tornar a ideia mais vendável. Daí, portanto, a reprodução de certas lógicas espaciais de uma sociedade que acabara legalmente com a escravidão havia apenas algumas décadas, mas que efetivamente não havia ceifado suas raízes.

Entre essas idiosincrasias, cita-se a persistência da tripartição dos apartamentos em setores (típica da residência burguesa do século XIX), escondidos por fachadas de linhas arrojadas inspiradas num suposto racionalismo projetual, e, ainda, a separação de circulações de serviço e social que se reproduz não somente nos acessos, mas também nas circulações verticais (elevadores e escadas).

Quanto ao setor de serviço, Veríssimo e Bittar (1999), ao analisar a casa brasileira e suas transformações, o descrevem a partir de quatro compartimentos: a cozinha, a copa, a área de serviço e os alojamentos de empregados. Segundo os autores: “Podemos mesmo afirmar que, numa apreensão detalhada deste setor [...] é aqui onde os hábitos sociais se revelam com mais clareza, sem a máscara utilizada pelos autores quando desempenham seus papéis no setor social” (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 107).

Configura um dos três setores cuja origem se deu na residência burguesa francesa (PERROT, 1992); tripartição que influenciou o programa arquitetônico dos palacetes do século XIX no Brasil e que é adotada em projetos residenciais ainda na contemporaneidade. Os setores social, íntimo e de serviço da

residência burguesa no Brasil sofreram gradativas modificações a fim de se adequarem às necessidades do processo de urbanização, adensamento e verticalização. Este trabalho pretende conferir atenção somente a edifícios de apartamentos que apresentam quartos de empregada incorporados em seu programa.

Segundo o primeiro artigo da Lei Complementar nº 150 de 2015, empregado doméstico é todo aquele que presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana. Considerando que esse contingente foi historicamente ocupado majoritariamente por mulheres, decidiu-se que esta tese, quando se referir à categoria, fará de modo a colocar a profissão no gênero gramatical feminino.

O quarto de empregadas é um cômodo de dimensões mínimas, contíguo à área de serviço de uma residência, destinado à moradia da trabalhadora doméstica em seu local de trabalho. Argumenta-se que sua existência em projetos residenciais de períodos subsequentes à abolição da escravidão constitui uma derivação direta da habitação unifamiliar brasileira, que por seu turno remonta à divisão casa-grande/senzala – oriunda do Período Colonial. Já sua presença resiliente nos programas residenciais contemporâneos denota a permanência de hábitos culturais advindos da sociedade rural/escravista.

Sobre esse cômodo, traz-se ainda a definição das duas entrevistadas para esta pesquisa: Vânia Barbosa, que ocupou a profissão de empregada doméstica desde a adolescência, mas que, através do acesso à educação formal, atualmente atua como podóloga, define o quarto de empregadas como “um cubículo”. Isaura Benevides, empregada doméstica, ativista, poetisa e fundadora do *podcast Quadro de empregada*, define o espaço como “uma jaula”.

### 3.2. Materiais e métodos adotados para investigação dos subproblemas

Para apresentação dos métodos adotados nesta pesquisa, faz-se necessário o entendimento de algumas intenções que motivaram o estudo. Entre elas a compreensão da arquitetura modernista como chave para a interpretação da singularidade do processo de modernização brasileira. Esse fator gerou a necessidade de um estudo multidisciplinar que possibilitasse o espelhamento entre espaço e sociedade em sua faceta mais íntima, que é a doméstica.

Considera-se, ainda, que no processo de internalização de preceitos de modernidade, autores da historiografia brasileira referem-se frequentemente às peculiaridades da arquitetura modernista nacional: o fenômeno é definido ora como “[...] reconciliação dos princípios do Movimento Moderno europeu com a herança nativa [...]” (FICHER e ACAYABA, 1982, p. 23) ora como “adaptação às condições locais” dos axiomas difundidos pelos pioneiros europeus (COMAS, 2002, p. 7). Ademais, essas particularidades devem gerar métodos também distintos de análise em relação aos que são aplicados à experiência europeia. Essa noção é reforçada pelos desdobramentos da tradição modernista na arquitetura contemporânea (CAVALCANTI e LAGO, 2005).

A importação de modelos culturais é inerente à origem da formação social brasileira, e essa continuada adaptação da arquitetura a um contexto diversificado do original pode ser percebida desde as construções coloniais.

A respeito da continuada busca por padrões europeus que não se relacionam com a estrutura sociopolítica e econômica dos países colonizados na América Latina, Quijano (2014) explana:

Los colonizadores impusieron también una imagen mistificada de sus propios patrones de producción de conocimiento y significaciones. Los colocaron primero lejos del acceso de los dominados. Más tarde, lo enseñaron de modo parcial y selectivo, para cooptar a algunos dominados en algunas instancias del poder de los dominadores. Entonces, la cultura europea se convirtió, además, en una seducción; daba acceso al poder. Después de todo, más allá de la represión el instrumento principal de todo poder, es su seducción. La europeización cultural se convirtió en una aspiración. Era un modo de participar en el poder colonial. [...] La cultura europea pasó ser un modelo cultural universal. El imaginario en las culturas no europeas, hoy difícilmente

podría existir y, sobre todo, reproducirse, fuera de esas relaciones (QUIJANO apud PALERMO; QUINTERO, 2014, p. 61-62).

Assim sendo, o caso de estudo da produção arquitetônica brasileira deve se diferenciar do caso da Europa, na medida que a popularização de um estilo arquitetônico no Brasil não é sinal, necessariamente, de um estágio do desenvolvimento cultural e social. Portanto, ater-se à análise da materialidade dessas edificações de maneira estanque pode gerar equívocos que, por sua vez, podem ser evitados a partir da verificação documental.

Considerando, assim, todas as singularidades brasileiras, determinou-se o seguinte caminho metodológico:

#### **a) Revisão bibliográfica**

Durante o desenvolvimento desta tese, buscou-se estabelecer conceitos e abordagem relevantes para a compreensão da temática. Foram pesquisados livros, teses, dissertações, periódicos, leis, normas, reportagens, bem como *podcasts* e publicações em redes sociais. As categorias focais desta revisão foram:

- **Origens da formação social brasileira;**
- **Habitação no Brasil e na cidade de São Paulo;**
- **Trajetória histórica da habitação e verticalização na cidade de São Paulo;**
- **Trabalho doméstico no Brasil e na cidade de São Paulo;**
- **Processo de urbanização e desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo.**

Para compreender mais sobre discursos e práticas modernistas, julgou-se necessário considerar dois tópicos de investigação, ainda a nível de revisão bibliográfica:

- **Arquitetura modernista brasileira e paulistana: debates sobre habitação vertical e realizações de edifícios residenciais em altura;**

- **Transformações das legislações urbanísticas vigentes no período estudado, na cidade de São Paulo.**

Quanto à questão das legislações, no que se refere a Códigos de Obras e Leis de Zoneamento, identificou-se a existência de apenas uma lei que foi paulatinamente modificada ao longo dos anos referentes ao recorte temporal desta pesquisa, e que tratou das características físicas dos quartos de empregada. Ela é debatida no capítulo referente aos resultados da pesquisa.

#### **b) Coleta de dados iconográficos**

Perante todas as possibilidades viáveis de fontes consideradas relevantes para a coleta de dados, decidiu-se por basear as análises nos exemplares relevantes contidos nas publicações da revista *Acrópole*, fundada em São Paulo, em 1938 por Roberto A. Corrêa de Brito. Com enfoque na produção arquitetônica paulistana, essa revista foi pioneira na área, no país, e possui grande relevância documental da cultura brasileira, ao longo do período em que foi publicada. Nos quase trinta e quatro anos de publicação (1938-1971), a revista contou com 391 (trezentos e noventa e um) fascículos, todos analisados por esta pesquisa.

Além de plantas e fotografias de projetos arquitetônicos na cidade de São Paulo (principalmente), de outras localidades do Brasil e do mundo, as revistas trazem textos teóricos, textos opinativos, registro de lançamentos de produtos, materiais e tecnologias aplicadas à área de arquitetura, decoração e design.

Graças aos esforços empreendidos pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo<sup>6</sup>, a totalidade dos fascículos está disponível digitalmente, sendo, portanto, a principal fonte deste estudo historiográfico.

---

<sup>6</sup> Destaca-se aqui a equipe do projeto *Digitalização da Revista Acrópole do acervo da Biblioteca da FAU USP para a preservação e acesso online à memória da Arquitetura e Urbanismo*: Prof. Dr. Hugo M. Segawa (responsável técnico; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Rosetto (coordenação científica e técnica); Bibliotecária Dina Elisabete Uliana (chefe técnica da biblioteca); Carla Catarine Moura Queiroz (estagiária e aluna de graduação). A revista *Acrópole* encontra-se disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/> .

### **c) Relatos de mulheres que exerceram ou exercem a atividade de empregada doméstica**

Entende-se que a pesquisa foi consideravelmente beneficiada pelo viés das relações que determinam e são determinadas pelo fenômeno estudado. Para tanto, este estudo recorreu às histórias e memórias de vida de empregadas domésticas que desenvolveram experiências de vida dentro dos quartos e banheiros de empregadas. Primeiramente, buscou-se relatos de empregada domésticas presentes em outras produções (acadêmicas, literárias e audiovisuais). Posteriormente, procurou-se empregadas domésticas dispostas a conceder entrevistas relacionadas às suas experiências nos recintos supracitados.

O distanciamento da capital paulistana provou-se um grande empecilho para alcançar empregadas domésticas que atuassem nessa cidade, no entanto, uma ex-empregada doméstica contribuiu com suas experiências para melhor compreensão do fenômeno estudado.

A segunda pessoa entrevistada foi Isaura Benevides, empregada doméstica na cidade de Goiânia, ativista, poetisa e fundadora, junto com a ex-empregada doméstica, mestra em História e doutoranda em Políticas Sociais, Janaína Costa, o *podcast Quadro de Empregada*<sup>7</sup>. Isaura trouxe a sua experiência bem como a de outras mulheres que exercem o trabalho doméstico e que foram entrevistadas para o *podcast*.

Para esse intuito, optou-se pela técnica de coleta de relatos orais conduzida de forma semiestruturada, em profundidade, a partir de perguntas abertas. Ressalta-se novamente a importância do aprofundamento de relatos já expostos no *podcast* citado anteriormente, a fim de que fosse possível a seleção mais acurada de perguntas para as entrevistas feitas em momento posterior.

---

<sup>7</sup> O *podcast* tem como objetivo expor o dia a dia de empregadas domésticas, as relações abusivas de trabalho, questões que ainda não foram tratadas por lei e que vulnerabilizam a categoria, além de fornecer importantes relatos de como as camadas de opressão que constroem a relação entre patrões e empregadas atravessam a subjetividade dessas mulheres. O material disponibilizado por esse *podcast* foi essencial para compreender de que maneira a concepção arquitetônica dos espaços reforçam abusos (físicos, sexuais e psicológicos).

Além de perguntas de cunho mais generalista, tais como modalidade de contratação, jornada de trabalho, atividades exercidas, o roteiro para as entrevistas envolveu perguntas diretamente relacionadas ao espaço, tais como:

- Havia a delimitação de quais espaços na casa você poderia entrar? Existia delimitação de horário para execução de determinadas tarefas?
- Havia quarto de empregada? Havia banheiro de empregada? Eles eram próximos um do outro?
- Quais eram as condições de manutenção do quarto e do banheiro dedicados ao seu uso?
- Quais as condições mais marcantes você já passou num quarto de empregada?
- Havia luz? Natural? Artificial?
- Qual era o tamanho do quarto? O que tinha no quarto?
- Elevadores de serviço e entradas de serviço – se existiam, o uso exclusivo era uma indicação clara?
- Já teve que dormir na casa onde trabalhava? E qual foi a experiência?
- O que acha da existência do quarto e banheiro de empregada?
- Já sofreu alguma situação de assédio no trabalho? E, em caso positivo, acredita que as condições do espaço destinado ao seu uso contribuíram para isso?

### **3.3. Métodos para tratamento e análise de dados**

Em relação aos dados iconográficos coletados, decidiu-se pelas seguintes fases:

- a) Seleção das plantas cujas características se adequavam à temática pesquisada;**

Nas sondagens iniciais, percebeu-se que essa análise deveria ser feita em etapas, para que fosse possível delimitar quais projetos poderiam ter papel principal e quais poderiam ter papel secundário.

Na primeira etapa, foram identificados quais os projetos residenciais, já que as publicações abordavam projetos das mais variadas naturezas e de diversas localizações. Na segunda etapa, foram diferenciados os projetos de residências dos projetos de edifícios residenciais em altura. A coleta de dados foi finalizada com mais de mil projetos avaliados, distribuídos por trezentos e noventa e um fascículos da revista *Acrópole*, totalizando as publicações ocorridas de 1938 a 1971.

Decidiu-se pela reprodução das plantas coletadas, com maior exatidão possível em relação às imagens fornecidas pelas revistas, tarefa dificultada pela má qualidade de algumas digitalizações disponíveis online. Uma primeira classificação foi proposta entre: edifícios que possuíssem quarto e banheiro dedicados ao uso de empregadas domésticas; edifícios que possuíssem somente banheiro de serviço; edifícios cujo padrão espacial indicava a existência de um quarto ligado à área de serviço, porém sem terminologia oficial aplicada em planta (como, por exemplo, “quarto de despejo”).

Na terceira etapa, identificou-se qual era a localidade de cada projeto, para que fosse possível selecionar apenas aqueles projetados para a cidade de São Paulo. Nessa fase, é importante ressaltar que esta pesquisa não fez distinção entre projetos executados ou não, já que as intenções projetuais são o foco desta pesquisa, mais que a materialidade do espaço em si<sup>8</sup>. Foram também eliminados os casos em que as plantas-baixas não foram apresentadas, bem como os projetos que apresentavam plantas-baixas ilegíveis.

No quarto momento, foram verificados quais os projetos incluíam, em sua composição arquitetônica, quartos de empregada, que são os projetos abordados de maneira focal nesta análise. Nessa etapa, surgiram, ainda, algumas categorias por meio da verificação mais detalhada das plantas: a

---

<sup>8</sup> Apesar da materialidade ser também um tema relevante no que toca a vivência das empregadas domésticas nos quartos e banheiros dedicados ao seu uso em ambiente de laboro, esta pesquisa não se dedicou a esse aspecto. Essa decisão se deve a diversos fatores, entre eles a impossibilidade de confirmar a materialidade na atualidade, visto que é um trabalho de cunho historiográfico, bem como a impossibilidade de executar esta verificação em tempo hábil estipulado para esta pesquisa. Propõe-se, no entanto este estudo na secção de *Recomendações para futuras pesquisas*.

categoria dos apartamentos que apresentavam apenas banheiros para empregadas e alguns que não possuem a nomenclatura em sua legenda, mas cujas características tipológicas sugerem espaços na área de serviço que poderiam ser utilizados como quartos de empregada. Foram identificados, ainda, projetos ilegíveis que não foram qualificados como válidos para análise nesta pesquisa.

Por último, foi necessária a revisão das publicações para eliminação de duplicações, ou seja, os casos em que um mesmo projeto ter foi publicado duas ou mais vezes. Todas as plantas reproduzidas se encontram na seção de *Apêndices*.

**b) Reprodução gráfica das plantas para que fosse possível estabelecer com maior exatidão os aspectos espaciais das dependências de serviço e relação entre cômodos;**

Para que fosse possível analisar alguns aspectos relacionados com o espaço, tal como metragem quadrada, tornou-se essencial a reprodução gráfica digital dos pavimentos tipo dos 77 (setenta e sete projetos) considerados aptos para análise<sup>9</sup>. A tarefa foi desafiadora já que ajustes relacionados à escala e atenção a detalhes tais como nomenclatura de ambientes arquitetônicos e aberturas (portas e janelas) fazem parte do cotejamento de resultados obtidos.

**c) Tabulação das informações quantitativas relativas às plantas e cômodos<sup>10</sup>.**

Setenta e sete projetos foram selecionados entre todos os que foram publicados na revista *Acrópole*. Após a reprodução digital de todas as plantas selecionadas, 197 (cento e noventa e sete) unidades residenciais foram analisadas, além da inclusão de um caso em particular, o Edifício Regência. A totalidade de plantas-baixas reproduzidas digitalmente continham 215 (duzentos e quinze) quartos de

---

<sup>9</sup> Todas as plantas que foram reproduzidas estão apresentadas nos *Anexos* deste volume.

<sup>10</sup> As tabulações produzidas no item C dessa seção fazem parte da análise última desta tese, e, portanto, encontram-se no capítulo de *Cotejamento*.

empregada. Considerando dez categorias de análise que elucidariam as indagações exploratórias que embasaram esta pesquisa, as análises passaram por sistematização e organização a fim de facilitar a observação de lógicas de associação, bem como padrões espaciais encontrados nas dependências de serviço. Peculiaridades foram tratadas tanto quanto similitudes, a partir da seleção e observação de casos considerados notáveis.

As duas entrevistas contendo relatos relacionados à vivência das empregadas domésticas na casa dos seus empregadores foram transcritas e interpretadas como discurso, de modo a buscar compreensões a partir de uma análise discursiva. Essa análise busca refletir a cosmovisão explicitada nos relatos das trabalhadoras entrevistadas com os padrões arquitetônicos de espacialização de quartos e banheiros de empregada.

Esses discursos foram reforçados por relatos de trabalhadoras domésticas presentes em outros meios, tal como o livro *Eu, Empregada Doméstica* (RARA, 2019) e narrativas de mulheres divulgadas em alguns episódios do *podcast Quadro de Empregada* (QUADRO DE EMPREGADA, 2022).

A redação e discussão de resultados se deu por meio de texto e imagens ilustrativas, bem como esquemas gráficos que permitiram a interpretação, comparação e construção de relações entre projetos arquitetônicos e vivência de empregadas domésticas, em busca de conclusões que possam elucidar questões levantadas nesta proposta.

### **3.4. Hipóteses**

Nos estágios iniciais desta pesquisa, foram delineadas hipóteses que nortearam o desenvolvimento da tese. São elas:

- a) As relações espacializadas nos quartos de empregadas se configuram como dispositivos espaciais de segregação/dominação<sup>11</sup>, mesmo na tipologia habitacional que, a princípio, representaria um dos principais signos da urbanização/modernização: os edifícios multifamiliares em altura construídos desde 1938 a 1971, período demarcado pela fonte de dados iconográficos;
- b) As relações resguardadas nos quartos de empregadas presentes em exemplares da arquitetura residencial modernista, bem como suas configurações espaciais, são elementos idiossincráticos da formação social brasileira, presentes com frequência mesmo nos exemplares mais reconhecidamente icônicos da arquitetura modernista no Brasil, desviando-se das intenções programáticas estabelecidas no cerne da arquitetura de vanguarda modernista europeia;
- c) Durante o período estudado (1938 - 1971), os quartos de empregadas foram sendo gradativamente reduzidos, sendo possível perceber a incorporação da área de serviço à cozinha. Contudo, mesmo constatando a redução de metragem, não se vê a supressão das dependências de empregada.
- d) No período pesquisado, as dependências de empregada adotam características determinadas pelo mínimo estabelecido por lei, sendo possível identificar alguns compartimentos com denominações diversas em planta-baixa (“despensas” ou “depósitos”, mas com características tipológicas de quartos de empregada). Tal expediente visava a aprovação legal de edificações incluindo aposentos com condições ainda mais desfavoráveis em seus programas.

---

<sup>11</sup> Essa noção foi desenvolvida ao longo das leituras relacionadas à cultura e à sociedade escravagista brasileira, e como tais características deram contornos peculiares ao seu processo de modernização (também a nível de urbanização e arquitetura) inspirada na modernidade europeia.

## **4. Referencial Teórico**

### **4.1. Trabalho doméstico no Brasil e em São Paulo**

#### 4.1.1. Uma perspectiva interseccional acerca do trabalho doméstico

No quarto trimestre de 2022, 5,8 milhões de brasileiras e brasileiros ocupavam as atividades de trabalho doméstico remunerado, o que representava 5,9% da mão de obra ativa do país. 91,4% eram mulheres e, deste total, 67,3% mulheres negras. 36,6% das pessoas empregadas nas atividades domésticas no Brasil são extremamente pobres (até  $\frac{1}{4}$  do salário-mínimo) ou pobres ( $\frac{1}{4}$  a  $\frac{1}{2}$  salário-mínimo) (DIEESE, 2023).

Outro dado relevante sobre o trabalho doméstico no Brasil é que, de 2017 a agosto de 2023, 101 (cento e uma) trabalhadoras domésticas foram retiradas de condições análogas à escravidão (CARVALHO, 2023). As denúncias aumentaram exponencialmente, mas as condições para resgate dessas pessoas impõem algum nível de complexidade, já que os sindicatos não podem entrar em residências para fiscalização sem um mandado judicial.

Yolanda Ferreira, 89 (oitenta e nove) anos, foi resgatada em 2023, após 50 (cinquenta) anos de cativo mantido por uma família em Santos. A mulher que executava os serviços domésticos aceitou o trabalho em troca de seus patrões a ajudarem a reaver sua carteira de identidade que havia sido perdida. Promessa que nunca se concretizou, deixando a mulher isolada de sua família que, por falta de registros, não a encontrou mais. Passados anos, devido a ameaças e abusos, somados ao isolamento e à degradação de sua saúde, Yolanda desistiu de sair de seu cativo. No entanto, uma das vizinhas da família revoltou-se com as agressões verbais e, a partir de uma gravação feita às escondidas, conseguiu denunciar o caso. A mulher foi acolhida pela sua família e a justiça condenou a família para a qual trabalhava a lhe pagar uma pensão e se responsabilizar financeiramente por qualquer problema de saúde que Yolanda sofra ou possa vir a sofrer no futuro.

Madalena Gordiano, 49 (quarenta e nove) anos, foi resgatada em novembro de 2020 de condição similar, em Patos de Minas (MG). A mulher viveu com a família para a qual executava trabalhos domésticos desde os 8 (oito) anos de idade. Quando criança, Madalena, em vulnerabilidade alimentar, bateu à porta de uma professora para pedir comida e saciar a sua fome. Segundo Madalena, a mulher prometeu que a adotaria e a trataria como um de seus filhos, uma promessa aceita pela mãe de Madalena, com a esperança de tirar a filha da condição vulnerável em que a família de encontrava. Madalena nunca foi adotada, jamais ganhou um salário pelo trabalho doméstico que exercia para a família, nunca teve descanso semanal. A situação foi denunciada por vizinhos depois de receberem bilhetes de Madalena pedindo ajuda para comprar sabonete, item básico de higiene pessoal que lhe era negado. Madalena recebeu o apartamento e um carro da família para qual trabalhou como parte do acordo feito na Justiça, após seu resgate (TOMAZELA, 2022).

A essas mulheres e outras cujos casos não são descritos nesta tese, foram negados direitos básicos, e apesar de seus algozes terem sido condenados pela justiça, nenhum retorno financeiro poderá devolver-lhes os anos perdidos em cativeiro. E, como tratado mais adiante, pode-se inferir que o tratamento brando dado pela justiça aos condenados é resultado do racismo estruturante das instituições brasileiras (ALMEIDA, 2019).



**Figuras 1 e 2:** À esquerda: Yolanda Ferreira, retratada por Werther Santana. Ex-trabalhadora doméstica resgatada do trabalho análogo à escravidão em 2020, depois de cerca de cinquenta anos trabalhando para uma família que morava em um edifício de alto padrão, em Santos. À direita: Madalena Gordiano, com quarenta e seis anos, que desde os oito anos vivia em condições análogas à escravidão. Fonte: <https://www.terra.com.br/nos/crescem-resgates-de-trabalho-escravo-domestico-no-brasil,d266591e1eefa5d27bc1d92944104c7bc05dhq8l.html>.

O trabalho doméstico no Brasil é marcado por gênero, raça e classe. Não é possível ignorar que, para investigar as dinâmicas do trabalho doméstico e seus desdobramentos, o ponto de partida é compreender que, historicamente, o serviço doméstico no Brasil foi delegado majoritariamente a mulheres negras e com alto grau de vulnerabilidade econômica. Acrescenta-se a esses marcadores sociais, o territorial, considerando que as trabalhadoras domésticas no Nordeste ganham menos e são frequentemente recrutadas por empregadores de outras regiões do Brasil com o objetivo de morarem nas residências de seus patrões (SARRIS et al. 2020). Por essa razão, decidiu-se usar a interseccionalidade como chave de análise desse fenômeno que possui contornos particulares no Brasil.

O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido por Kimberlé Crenshaw<sup>12</sup>, ativista feminista negra e advogada. Ela propõe que se estabeleça uma

---

<sup>12</sup> O termo foi cunhado por Crenshaw em 1989, no texto *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Importa, no entanto, ressaltar que autoras brasileiras, sobretudo do movimento feminista negro já usavam a metodologia em suas produções. Entre as intelectuais brasileiras, pode-se citar Beatriz Nascimento, Lelia Gonzalez, Luiza Barros, Sueli Carneiro e Neusa Santos.

metodologia aplicada para compreender a sobreposição de diversas identidades sociais e sistemas relacionados à opressão no tecido social. Segundo a autora:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p.177).

O conceito nasce no contexto jurídico e, portanto, foca-se menos na conjuntura individual e mais em como esses marcadores sociais podem ser indicadores de vulnerabilidade, tal como o acesso a direitos básicos. No caso do trabalho doméstico, o reconhecimento de sua existência como trabalho e a proteção social só se oficializou muito depois do período estudado por esta pesquisa.

Não é possível dizer que o serviço doméstico era invisível aos olhos da lei. Até 1972, as únicas leis que tratavam do trabalho doméstico visavam o controle<sup>13</sup> das trabalhadoras e trabalhadores, mas nenhuma lei, nem mesmo a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), tratou de conferir a essa parcela da população, direitos básicos de proteção social.

A categoria raça é um importante marcador de análise para todo estudo, mas em estudos relacionados a algumas categorias de trabalho e suas especializações, como é o caso do emprego doméstico, passa a ser um marcador de destaque, porque estabelece muitos contornos subjetivos essenciais para uma percepção acurada do fenômeno. Das relações de poder estabelecidas, possivelmente a opressão de raça é a que mais atinge as empregadas domésticas, já que as práticas racistas que sofrem dentro e fora do ambiente de trabalho fazem parte do seu cotidiano. Sueli Carneiro (2003), uma das mais importantes escritoras do feminismo negro do Brasil, ressalta como esse marcador estigmatiza as

---

<sup>13</sup> O excesso de mão de obra disponível e um certo nível de resistência dos patrões a abandonarem suas práticas escravagistas fizeram do trabalho doméstico uma atividade com alta rotatividade, o que preocupava patrões e instituições (PINTO, 1994). A regulamentação da atividade foi um dos caminhos de controle estabelecido, sendo que a primeira tentativa aconteceu em 1886, ainda no período escravagista.

identidades de mulheres negras, na medida que naturaliza socialmente o lugar das pessoas negras como as que devem estar sempre em posição de servir (CARNEIRO, 2003, p.121).

Como indica Gonzalez (2020, p.214-216), no Brasil o trabalho doméstico tem como dimensão estruturante a divisão sexual e racial do trabalho. A precariedade jurídica recai sobretudo sobre as mulheres empobrecidas negras, já que sempre formaram a maioria desta categoria desde o período escravocrata. A seguir, um quadro sintetiza as leis que historicamente trataram dos direitos das empregadas domésticas. Reforça-se que as primeiras leis se dedicavam majoritariamente a controlar a população negra recém-liberta do que a garantir-lhes direitos<sup>14</sup>.

<b>LEI / DECRETOS / RESOLUÇÕES / EMENDAS</b>	<b>ANO</b>
<b>Lei nº 3.071</b> Disciplinou a relação dos contratos trabalhistas relacionado à locação de serviços dos empregados domésticos.	1916
<b>Decreto nº 16.107</b> Aprova o regulamento de locação de serviços domésticos.	1923
<b>Decreto-lei nº 3.078</b> Conceitua de forma simples os trabalhadores domésticos.	1941
<b>Decreto-lei nº 5.452</b> Criação da CLT.	1943
<b>Decreto-Lei nº 5.859</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Benefícios e serviços da previdência social;</li> <li>• Férias anuais com adicional de 1/3 a mais que o salário;</li> <li>• Carteira de Trabalho.</li> </ul>	1972
<b>Decreto-lei nº 71.885</b> Regulamentação da Lei nº 5.859/72	1973
<b>Constituição Federal</b> Artigo 7º: trata dos direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, com nove incisos para os trabalhadores, inclusive os domésticos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Salário-mínimo fixado;</li> </ul>	1988

<sup>14</sup> É importante salientar que o Código Civil de 1916 trouxe as primeiras regulamentações brasileiras acerca da locação de serviços. Pouco antes da promulgação da CLT, havia sido editado o Decreto Lei 3.078 de 1941, que regulava a locação de empregados em serviços domésticos. Três décadas depois, a Lei 5.859 de 1972 foi instituída como a primeira a disciplinar especificamente o trabalho doméstico no Brasil, garantindo a estas profissionais apenas alguns dos direitos assegurados aos demais trabalhadores urbanos e rurais (BRITES, PICANÇO, 2014).

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Irredutibilidade do salário;</li> <li>• 13º salário com base na remuneração integral ou valor da aposentadoria;</li> <li>• Repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos;</li> <li>• Férias anuais remuneradas com, pelo menos, um terço a mais do salário;</li> <li>• Licença-gestante de 120 dias;</li> <li>• Licença-paternidade de 5 dias;</li> <li>• Aviso prévio;</li> <li>• Aposentadoria</li> </ul>	
<b>Medida provisória nº 10.208</b> Estendeu o FGTS por ato voluntário.	<b>1999</b>
<b>Resoluções 253 e 254</b> Estabeleceu critérios e finalidades para a concessão do seguro-desemprego.	<b>2000</b>
<b>Lei nº 10.208</b> Recomendação de nº 201, da OIT para garantir a todos os trabalhadores domésticos, idênticos direitos aos demais trabalhadores.	<b>2001</b>
<b>Lei nº 11.234</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Descanso semanal remunerado aos domingos e feriados;</li> <li>• Trinta dias corridos de férias;</li> <li>• Garantia de emprego à gestante;</li> <li>• Vedou ao empregador efetuar descontos no salário do empregado doméstico.</li> </ul>	<b>2006</b>
<b>Emenda Constitucional nº 72/13</b> Reconhecida como “PEC das domésticas”, revoga o parágrafo único do art. 7º e inclui novos direitos aos trabalhadores domésticos.	<b>2013</b>
<b>Lei Complementar 150</b> Regulamentou as alterações previstas pela Emenda Constitucional nº 72	<b>2015</b>

**Quadro 1:** Leis e normas que trataram das pessoas que têm se ocupado do trabalho doméstico remunerado ao longo dos anos.

Apesar de não tratar das questões identitárias a nível individual, o conceito de Crenshaw fornece ferramentas para analisar a maneira como essas opressões sociais constroem a subjetividade dessas mulheres. Akotirene (2019, p.29) nos indica que a interseccionalidade ajuda a compreender “[...] a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem”. Destarte, se considerarmos que o Brasil é o país com maior contingente de trabalhadoras domésticas também devido ao seu passado escravagista, é

possível compreender a razão de essa profissão ser uma das menos valorizadas, até os dias atuais.

Segundo Teixeira (2021), “Reconhecer como a história do trabalho doméstico está ligada à história escravocrata no Brasil e, conseqüentemente, aos efeitos do racismo estrutural, é um passo fundamental para análises mais abrangentes sobre as condições desse tipo de trabalho” (TEIXEIRA, 2021, p.41). As mulheres escravizadas em África e trazidas para o continente americano pelos portugueses eram forçadas não somente ao trabalho rural, mas também ao trabalho na casa dos senhores.

A antropóloga Marimba Ani (1994) desenvolve o conceito de *maafa*, palavra de origem kiswahili que significa “grande destruição”, para designar esse período histórico de sequestro, dizimação social e deslocamento das pessoas negras do continente africano para serem escravizadas e servir a outras nações. A autora ressalta que nesse período de assalto sistemático ao meio de vida africano, mais de cem milhões de pessoas perderam suas vidas e, os que sobreviveram no processo de diáspora, sobretudo com a expansão do comércio atlântico europeu, sofreram de negação de sua humanidade por parte da lógica ocidental (ANI, 1994, p. 220-222).

Segundo Freyre (2003), as preferidas para trabalharem nas atividades domésticas eram “[...] negras altas e de formas atraentes – ‘bonitas de cara e de corpo’ e ‘com todos os dentes da frente’” (FREYRE, 2003, p.397). Essa declaração explicita o grau de objetificação que a mucama, a escravizada da casa, sofria, e a razão dessa objetificação ainda ser forte a ponto de as empregadas domésticas serem relegadas a quartos de despejo.

Ao longo da investigação do material iconográfico, foram constatados quartos com características espaciais similares aos de quarto de empregada, com layout incluindo uma cama e abertura para um banheiro, designados textualmente como “quarto de despejo”. Ademais, Isaura Benevides, entrevistada para essa pesquisa, ressaltou que já teve que dividir o quarto destinado a trabalhadoras domésticas com objetos que não eram de uso frequente da casa, ou avariados

e que já não eram utilizados. Segundo a entrevistada, isso reduzia ainda mais o espaço disponível e ressaltava o desrespeito ao direito ao descanso, fazendo com que não se sentisse vista como humana pelos patrões.

Dentro da abrangente gama de intérpretes do Brasil, que debateram a transição do mundo colonial para o capitalista – e dos discursos a ela atrelados – a temática da herança da escravidão se manteve como um ponto central. De um lado, autores de referência, como Gilberto Freyre (2003), ajudaram a consagrar uma visão apologética dessas raízes, buscando identificar aspectos “benéficos” na escravização de origem lusitana, considerando que esta possibilitou que o país se tornasse, doravante, uma “democracia racial”.

Em contrapartida, a partir da década de 1960, posições dessa natureza passaram a ser confrontadas, a partir de trabalhos como o de Florestan Fernandes (1989), que desnudavam como as reminiscências da exploração escravista no Brasil eram mascaradas pelo discurso da “harmonia racial”. Segundo Florestan Fernandes (1989), a exclusão de pessoas negras que caracteriza a organização social brasileira é consequência dessa origem escravagista que fazia com que a população negra fosse sequer vista como humana.

Ao contextualizar esta discussão no âmbito do trabalho doméstico – e seguindo uma linha argumentativa mais próxima à de Fernandes – Roncador (2008, p. 83) descreve as mistificações produzidas por Freyre, como aquela constituída pela figura da “mãe preta”: mulher escravizada que servia de ama de leite para os meninos brancos, e que, segundo Freyre, desempenhara um papel formativo no processo de miscigenação das culturas europeia e africana. Para Roncador, o afeto maternal do senhor infante para com a sua ama coexistia com o sentimento de posse do indivíduo vis-à-vis sua propriedade.

A abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 é colocada, sobretudo pelo movimento feminista negro, como uma abolição inconclusa, na medida em que não havia meios de proteção dadas aos recém-libertos de mudarem as suas condições. Portanto, muitos deles continuaram estabelecendo as mesmas

relações de trabalho com os antigos senhores para garantirem sua sobrevivência. A mudança de modo de vida passou a ser ainda mais distante das ex-escravizadas que desenvolviam as atividades domésticas (TELLES, 2013).

Apesar da manutenção das condições de trabalho ou remuneração simbólica, especialmente quanto a ex-escravizadas, a abolição representava aos senhores uma perda de privilégios que moldou as novas relações de trabalho no período pós-abolição, calcadas quase sempre na desconfiança, no controle permanente, já que eram elas as responsáveis pelo lar. A partir daquele período, não apenas a raça era fator de desconfiança e ameaça, mas também a pobreza (TEIXEIRA, 2021, p.24).

Nos escritos de Ina Von Binzer (1994), professora alemã que desembarcou em São Paulo a 20 de março de 1882 para orientar, sob a égide da cultura europeia, os filhos de Martinho Prado Jr. (um dos integrantes da elite paulistana), é possível compreender qual era a atmosfera no período abolicionista vivido no Brasil.

Segundo venho observando, tenho a impressão de que o Brasil logo de início irá sofrer horrivelmente com a abolição da escravidão [...] sofrerá por dois motivos: o primeiro, pela extinção das forças trabalhadoras nos campos e em seguida pela repentina invasão das suas cidades por elementos nocivos, ou, na melhor das hipóteses, inúteis. Apesar de tudo, existe ainda mais ou menos um milhão de escravos no Brasil: quando todos estiverem livres em que condições irão encontrar-se? E isso não está longe, porque a emancipação se aproxima a passos largos (BINZER, 1994, p.155-156).

O leitor poderia confundir tal afirmação com uma genuína preocupação humanitária. Entretanto, a professora germânica, possivelmente influenciada pelo convívio com a elite fazendeira da região, descreve o medo dos recém-libertos de seus grilhões como fugidos vivendo à solta, pilhando fazendas, ou “[...] negros libertos e vadios que não querem trabalhar” (BINZER, 1994, p.129). Em última instância, reflete o desejo de extermínio: “[...] as mulheres raramente

os acompanham, e assim temos a esperança de vê-los extintos dentro de uma geração” (BINZER, 1994, p.152-153)<sup>15</sup>.

As mulheres recém-libertas também não foram dispensadas do juízo de valor da professora germânica, que afirma: “As mulheres mais moças, principalmente as mulatas, são em sua maior parte moralmente perdidas, e sem dúvida alguma não irão procurar trabalho enquanto puderem viver de outra forma” (BINZER, 1994, p.156).

A ideia de “mulata brasileira” que persiste nos dias de hoje como sendo a principal alegoria do país na conjuntura internacional, é amplamente discutida por Lélia Gonzalez, já que aparece frequentemente associada à mestiçagem e à sexualização, e, portanto, objetificação dos corpos femininos negros. Dessa forma, ressalta que a negação da humanidade a mulheres negras é uma característica social sistemática das nações americanas e que são encaradas como “[...] burros de carga do sexo (de que as mulatas brasileiras são um modelo) expressão das relações patriarcais racistas. Desse modo, se constata como a superexploração socioeconômica se faz aliada à superexploração sexual das mulheres amefricanas” (GONZALEZ, 2020, p.202).

É dessa forma que é construída no imaginário coletivo a ideia do povo negro na derrocada da escravidão como “destituído de civilidade”, “nocivo” às ordens da família tradicional, e que, portanto, seria necessário que o Estado e a sociedade (vista aqui apenas como a parte minoritária e dotada de privilégios da população), criassem mecanismos de controle e vigilância.

A nível de controle estatal, em São Paulo, em 1886 foi editado o Código de Posturas do Município de São Paulo para regulamentar os prestadores de serviço doméstico, responsabilizando o subdelegado de polícia a registrar todas as informações relacionadas a trabalhadores, visando assim substituir as “boas

---

<sup>15</sup> É relevante dizer que esse desejo de extermínio pela parcela da população que se sentiu destituída do privilégio de dominação dos corpos de negros escravizados se perpetua até os dias atuais nas mais diversas dimensões sociais (NASCIMENTO, 2016), inclusive nos aparatos jurídicos, como nos mostra o advogado, filósofo e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvío de Almeida (2019).

referências” e penalizar possíveis insurgências que desagradassem os patrões. Os patrões estavam obrigados a declarar na caderneta de registros os trabalhadores que lhes prestavam serviços, sob pena de multa, caso a determinação fosse contrariada.

Apesar de garantir alguns direitos aos trabalhadores da categoria, como a obrigação do pagamento do mês inteiro caso os patrões não avisassem do desejo de dispensa previamente (cinco dias de antecedência), as demissões por justa causa eram sancionadas por uma comissão de patrões. Em contrapartida, os trabalhadores que abandonassem a casa dos patrões em menos de oito dias de aviso prévio e sem justa causa, pagariam a multa mais pesada contida nas normas e sofreriam oito dias de prisão (TELLES, 2013, p.72-73). Entretanto, pouca aplicabilidade o referido código de posturas tinha:

As elites da capital projetavam em lei seus sonhos de transformação social, penetrados pelo ideal europeu de civilização e de progresso, procurando disciplinar e administrar as relações de trabalho mediante normas rígidas e leis policiais que dificilmente se aplicariam à realidade. Os registros nos livros apontam para a grande dificuldade dos patrões em adequar os agentes livres de serviço doméstico às suas necessidades e expectativas (TELLES, 2013, p.77).

Ao longo da maior parte do século XX, o estatuto das empregadas domésticas foi pouco alterado, resguardando as características de servidão do século anterior, sobretudo com a persistência da ausência de reconhecimento estatal da atividade profissional. Ressalta-se aqui mais um exemplo na esfera jurídica: popularmente, a Era Vargas é reconhecida como um período marcado pela conquista de direitos trabalhistas, incluindo o atendimento a algumas reivindicações das pautas feministas. Esse período foi marcado pela limitação de horas laborais, direito a férias e descanso semanal remunerados, bem como acesso à Previdência Social. Entretanto, essa agenda de direitos conquistados não foi estendida às empregadas domésticas.

É relevante mencionar que ainda no referido período, as trabalhadoras domésticas eram impedidas legalmente de se organizarem de maneira oficial. No Decreto nº 19.770, de 1931, as classes operárias e patronais poderiam ser organizadas em forma de sindicatos que intermediariam as reivindicações de

extensão de direitos. No entanto, assim foram determinadas as classes a quem esse direito era conferido:

Art. 11. Na tecnologia jurídica do presente decreto, não há distinção entre empregados e operários, nem entre operários manuais e operários intelectuais, incluindo-se, entre estes, artistas, escritores e jornalistas que não forem comercialmente interessados em empresas teatrais e de publicidade. Parágrafo Único: Não entraram na classe de empregados: a) os empregados ou funcionários públicos, para os quais, em virtude da natureza de suas funções, subordinadas a princípios de hierarquia administrativa, decretará o Governo um estatuto legal; b) os que prestam serviços domésticos, o qual obedecerá a regulamentação à parte.<sup>16</sup>

A proibição referente à formação de sindicato de empregadas domésticas não impediu Laudelina de Campos Mello<sup>17</sup> (1904-1991) de fundar, em 1936, em Santos (SP), a primeira Associação de Empregadas Domésticas. Essa organização inaugurou a história dos sindicatos das trabalhadoras domésticas e a incansável luta das empregadas contra a marginalização de sua atividade profissional, a exploração econômica e a vulnerabilidade social.

A nível de controle no âmbito da unidade familiar, quase cem anos após a abolição, em 1975, resquícios da desconfiança depositada na população negra se encontram marcados em manuais como o de Tânia Kaufmann (1975) que ensinavam as patroas a lidarem com suas empregadas domésticas (quase sempre retratadas como mulheres de modos animais a serem domadas). O

---

<sup>16</sup> Legislação Informatizada - Decreto nº 19.770, de 19 de março de 1931 - Publicação Original. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/antigos/d19770.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d19770.htm). Acesso em: 18 fev. 2024.

<sup>17</sup> Laudelina, consagrada como Heroína da Pátria desde 2023, é símbolo da notável capacidade de organização e resistência das trabalhadoras domésticas. Neta de pessoas escravizadas, Laudelina nasceu em outubro de 1904. Parou os seus estudos aos doze anos devido à morte repentina do pai, passando a ser responsável pela criação de seus cinco irmãos. Aos dezesseis anos, foi eleita presidente do *Clube 13 de Maio* e promovia bem-estar e cultura para a população negra. Em 1930, passou a participar de movimentos populares, e se filiou ao Partido Comunista Brasileiro. Perseguida pela sua atuação, após a fundação da Associação de Trabalhadores Domésticos do Brasil no período do governo de Getúlio Vargas. Mesmo a ela sendo negadas o direito de organização em períodos como o Estado Novo, Laudelina teve participação ativa para o enfrentamento das condições de trabalho precárias da empregada. Chegou a se alistar nas forças armadas, durante a Segunda Guerra Mundial, servindo de espiã (BOEHM, 2023). Fechada no período da Ditadura Militar, a organização sindical das empregadas domésticas voltou a funcionar em 1983, e as ações e união em mobilização de filiadas e representantes foram essenciais para a posterior conquista de direitos iguais às demais classes de trabalhadores.

livro é um retrato da vulnerabilidade das empregadas domésticas no período em questão, bem como o tratamento reservado à categoria pelos seus patrões.

O capítulo oito, intitulado “Quando há problemas de orçamento”, é iniciado da seguinte forma: “Bem, quando há problemas de orçamento, todo cuidado é pouco, para que a economia não escape pelo ladrão. Neste caso, ‘ladrão’ terá mesmo o sentido usual, infelizmente. É o que nos compete evitar” (KAUFMANN, 1975, p.73). No decorrer do capítulo, a autora expõe sua concepção de como empregadas com família numerosa poderiam intencionalmente cozinhar a mais visando as sobras para alimentar suas famílias, bem como aconselha a dona da casa a nunca deixar sua carteira de dinheiro à mostra já que “As notinhas de 10 têm asas” (KAUFMANN, 1975, p.78).

Nesse mesmo livro, Kaufmann deixa bem estabelecida a ideia de que empregada doméstica é uma categoria distante da sua humanidade, sobretudo da sua ideia pré-estabelecida do que é “ser uma mulher”. Para demonstrar essa inferência, é possível recorrer às primeiras páginas de introdução do livro, quando Kaufmann parafraseia a cronista e jornalista Elsie Lessa:

“Ora, estão elas profissionalizadas. Seria apenas de desejar que fossem profissionais de verdade. Grande parte das serviçais que se apresentam nas nossas portas não têm as mais rudimentares noções da profissão que pretendem exercer. São um festival de incompetência que as patroas, com maior ou menor paciência, maior ou menor habilidade, têm de domesticar, às vezes domar como um bicho bravo” (KAUFMANN, 1975, p.21-22)<sup>18</sup>.

Dessa maneira, entende-se que a autora expõe de modo explícito o seu preconceito relacionado à categoria: ladras natas (KAUFMANN, 1975, p.73), promíscuas (KAUFMANN, 1975, p.68), preguiçosas (KAUFMANN, 1975, p.85),

---

<sup>18</sup> Elsie Lessa foi uma cronista e jornalista que trabalhou para o jornal *O Globo* de 1952 a 2000. Kaufmann não faz menção em qual produção intelectual de Lessa está originariamente esta afirmação, e não foi possível localizá-la, apesar dos esforços empreendidos nesta tese.

ameaçadoras da saúde da família<sup>19</sup> (KAUFMANN, 1975, p.91-92) e violentas (KAUFMANN, 1975, p.101). A autora coloca como questão central desse tipo de relação de trabalho a luta de classes, e não deixa o leitor esquecer de que a manutenção dos privilégios da classe à qual pertence é um dos seus maiores pontos de atenção.

Passagens como a anterior destacada não se constituem uma exceção, mas regra na tônica do referido “manual”. A incrível objetividade com que a autora trata a resiliência da atividade doméstica, oriunda da “estrutura socioeconômica” inalterada, fica no limite da autoparódia ao se referir às “vantagens” da profissão – que seriam as mesmas concedidas a uma escravizada mucama, cabe destacar. Como expõe a seção a seguir, essas particularidades da relação patrões/empregadas ganham corpo nos projetos arquitetônicos dos edifícios verticais, na medida em que tentam conciliar o programa moderno com a existência de uma modalidade de trabalho anacrônica, mas “por demais enraizada” (KAUFMANN, 1975, p.21) na formação social brasileira.

Aqui, ressalta-se como o racismo opera não apenas como uma forma de discriminação, mas também como um sistema de controle e de disciplina para oprimir sem afastar, num processo de domesticação de corpos negros (nesse caso, mais ainda dos corpos negros femininos). Lélia Gonzalez oferece percepções valiosas sobre a disciplina e controle de corpos femininos racializados no contexto brasileiro.

Seguramente, trata-se aqui da manifestação de uma luta de classes, em que as trabalhadoras domésticas, frequentemente marginalizadas socialmente, enfrentam a exploração econômica da parcela privilegiada da sociedade que se beneficia do trabalho não remunerado, ou mal remunerado dessas mulheres.

---

<sup>19</sup> Convém ressaltar que na maior crise sanitária que o Brasil já atravessou, a primeira vítima fatal de COVID-19 foi Cleonice Gonçalves, trabalhadora doméstica de sessenta e três anos. Trabalhou desde treze anos de idade como empregada doméstica. Morava no Leblon com seus patrões que testaram positivo para COVID-19 após retorno de uma viagem da Itália. A empregada não foi liberada de seus serviços até falecer em março de 2020. Fonte: <https://www.ufrgs.br/jornal/morte-de-trabalhadora-domestica-por-coronavirus-escancara-falta-de-politicas-para-proteger-a-classe/>. Acesso em: 29 jul. 2023.

Apesar de essa tese considerar a luta de classes como um elemento estruturante no tocante ao emprego doméstico, não se restringe à perspectiva socioeconômica. Gonzalez (1984, p.108-109) ressalta a importância da abordagem interseccional nos estudos como o que aqui se apresenta, já que algumas abordagens tendem a objetificar as pessoas negras na medida que, ao serem encaradas como objeto de estudo, lhes negam o estatuto de sujeitos humanos. Segundo a autora:

Ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. [...] É por aí que se compreende a resistência a certas análises que, ao insistirem na prioridade da luta de classes, se negam a incorporar as categorias de raça e sexo. Ou seja, insistem em esquecer-las (GONZALEZ, 1984, p.108-109).

Gonzalez, ao expor o lugar reservado socialmente para a mulher negra, desvela o quanto as violências físicas, verbais, simbólicas e culturais recaem de maneira especial nessa categoria de sujeitos. Da figura da terna e domesticada mãe preta à sensual mulata carnavalesca, explicita que “[...] mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (GONZALEZ, 1984, p.228).

Ainda sobre domesticação, Lelia Gonzalez cita algumas ferramentas utilizadas no cotidiano, tal como a infantilização, a imposição de padrões estéticos dos dominadores brancos, reforçados pelo mito da democracia racial (anteriormente citado). O ato deliberado de domesticar esvazia o dominado de sua essência humana, culminando na objetificação do domesticado.

A empregada passava e ainda passa, dessa maneira, a ser apenas um meio esvaziado de humanidade para que um grupo menor de mulheres (majoritariamente branco e de classes abastadas) buscasse a liberdade das opressões impostas pelo sistema patriarcal:

Abordando os principais problemas que surgem nesse tipo de relacionamento, desejamos contribuir para amenizar uma situação que escraviza a mulher e a desgasta emocionalmente, deixando-a nervosa ou submersa em tarefas que pode delegar a outrem, para dedicar-se a trabalhos que contribuam para o seu progresso material ou intelectual (KAUFMANN, 1975, p.23).

Essa afirmação demonstra a precisão dos estudos de Angela Davis (2016) sobre a história dos movimentos de emancipação feminina nos Estados Unidos, muitos organizados por mulheres brancas de classe média, e que tiveram grande dificuldade em integrar mulheres negras em suas ações.

Segundo Davis, ser mulher era o critério adotado para a inclusão nos movimentos, mas nem todas as mulheres pareciam estar aptas (DAVIS, 2016, p.199). No movimento sufragista, por exemplo, aceitar associação com mulheres negras poderia afastar as mulheres racistas do Sul que haviam perdido o privilégio escravista após a Guerra Civil.

Em relação ao trabalho doméstico, parte dos movimentos de emancipação pareceram relutar em reconhecer os sofrimentos e a luta da categoria dedicada aos serviços domésticos. Essa postura de negação parecia conveniente para mulheres com situação econômica mais favorável que participavam dos movimentos feministas, pois assim poderiam continuar com as práticas exploratórias de suas próprias empregadas domésticas sem correrem o risco de serem questionadas (DAVIS, 2016, p.140).

[...] as trabalhadoras domésticas tentaram redefinir seu trabalho, rejeitando o papel de dona de casa substituta. As obrigações da dona de casa são intermináveis e indefinidas. A primeira reivindicação das trabalhadoras domésticas foi o delineamento nítido do trabalho a ser realizado por elas [...] Enquanto as trabalhadoras domésticas permanecerem à sombra da dona de casa, continuarão a receber remunerações que mais se aproximam das “mesadas” da dona de casa do que do salário de uma trabalhadora (DAVIS, 2018, p. 239-240).

Na passagem acima, Angela Davis reflete sobre o caráter ambíguo assumido pelo trabalho assalariado doméstico em uma economia capitalista: a trabalhadora doméstica é, ao mesmo tempo, uma assalariada (que vende sua força de trabalho por não deter um meio de produção), e alguém apartado do mercado de trabalho, dada a natureza particular de sua atividade profissional. A imersão da doméstica em seu ambiente laboral (na qualidade de suporte do núcleo familiar dos patrões), como destaca Davis, é o que aprofunda essa

ambiguidade, e dá contornos ao seu cotidiano profissional e à sua inserção na vida urbana.

Teixeira (2021, p.30-31), baseando-se em sua pesquisa que consultou cinquenta trabalhadoras domésticas de Minas Gerais, afirma que muitas delas eram de famílias vulneráveis nordestinas, e que foram trazidas ainda crianças ou adolescentes para trabalharem e morarem na casa de seus patrões. Quando esse tipo de situação acontece, essas crianças e mulheres sofrem com a eliminação de outros vínculos sociais e afetivos, passando então a ter a família para a qual trabalha como seu único contato afetivo. Não é incomum ouvir da parte de quem as contrata nessas condições (que há pouco tempo na história passaram a ser consideradas ilegais) dizer que são “quase da família”, num tom benevolente, quando o real efeito é o mascaramento de relações de poder e desigualdade.

#### 4.1.2. O trabalho doméstico no contexto urbano

Como destacado anteriormente, o processo de assalariamento e urbanização estão intimamente ligados. Mesmo que a devida cautela teórica nos previna de uma perspectiva puramente economicista, é razoável considerar que a produção de infraestruturas físicas e jurídicas que assegurem a reprodução da força de trabalho têm um peso determinante na configuração das aglomerações urbanas de uma dada formação social. Desse modo, aqui trataremos, com brevidade, das particularidades da conversão do Brasil de um país escravagista e predominantemente rural em uma nação capitalista e predominantemente urbana.

Historicamente, a formação social brasileira se caracteriza por importar discursos ideológicos advindos dos países capitalistas avançados, ainda que tais discursos não possuam correspondência com suas condições concretas de organização. Ao tratar deste tema, Viotti da Costa dá o exemplo da primeira Constituição Brasileira, de 1824: copiando *ipsis litteris* trechos da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (produzida em 1791, em meio à Revolução

Francesa), a Carta Magna brasileira de então ignora o fato de que, àquela altura, o Brasil ainda era um país escravocrata. Como destaca a autora:

A Carta constitucional outorgada pelo imperador em 1824 não mencionava sequer a existência de escravos no país. Não obstante o artigo 179 definir a liberdade e a igualdade como direitos inalienáveis dos homens, centenas de negros e mulatos permanecem escravos (VIOTTI DA COSTA, 2007, p. 139).

Esse tipo de contradição não se configura como um fenômeno pontual na história brasileira. Como demonstra a referida autora, ao longo do século XIX as ideias liberais importadas da Europa (e o viés de “modernização” nelas imbuído) estiveram presentes nos discursos que revestiam as práticas do Estado brasileiro. O deslocamento de sentido, gerado pelo conflito entre essas ideias e as características autóctones nacionais, fez com que a interpretação daquilo que seria o “progresso” e a “modernização” do país desenvolvesse traços distintos que atravessaram a esfera política e penetraram a vida cotidiana.

Para as elites locais que conduziram o Brasil após a Independência, o liberalismo significava apenas liquidação dos laços com a metrópole portuguesa. Tais grupos não pretendiam reformar a estrutura de produção, o que implicou na manutenção – agora sob a forma de uma sociedade autônoma – dos traços coloniais que o Brasil carregava em sua forma de ser. Por isso, no Brasil-nação criado em 1822 a escravidão foi mantida, assim como a economia voltada à exportação de bens primários.

Embora a abolição da escravatura tenha sido uma das condições impostas pela Inglaterra para o reconhecimento da independência brasileira (premissa esta não atendida), o processo de introdução do assalariamento como relação de produção predominante no Brasil começa em 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico de escravizados<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> A outra condição imposta pelos ingleses foi a de que o Brasil assumisse a dívida externa portuguesa com a coroa britânica – demanda esta prontamente aceita pelo governo brasileiro (VIOTTI DA COSTA, 2007).

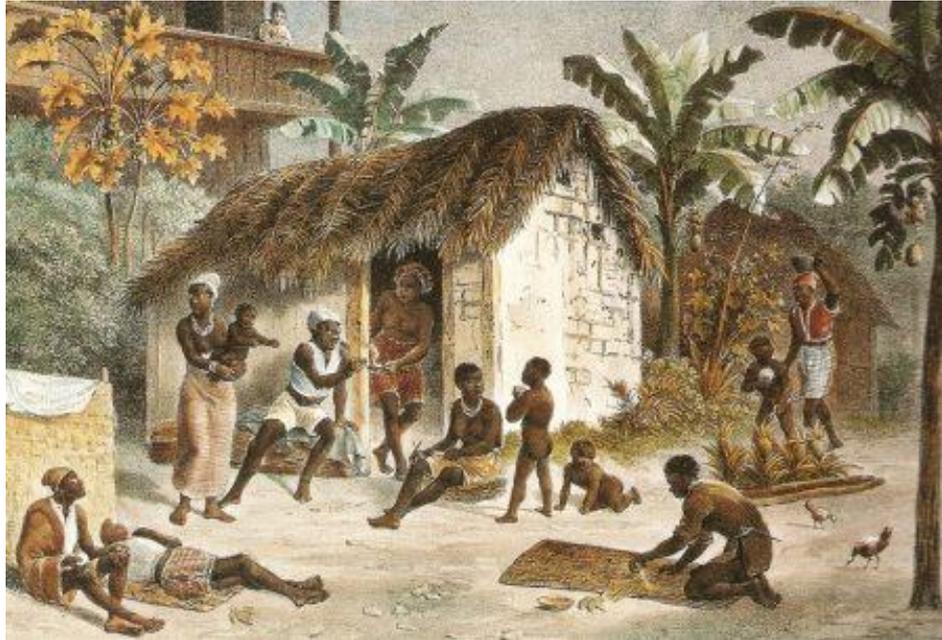
As dificuldades impostas por essa legislação à importação de mão de obra escravizada fizeram com que, paulatinamente, o proletariado se constituísse como principal fonte de força de trabalho no país, ainda durante a segunda metade do século XIX<sup>21</sup>. Decerto, tal transformação – consolidada em 1888, mediante a Lei Áurea – não representou uma ruptura como o modo precípua da reprodução social brasileira, profundamente enraizado em suas origens coloniais.

Por volta de 1880, quando a abolição da escravatura era um fato prestes a se consumir, regiões cafeeiras como São Paulo (onde cerca de 2/3 da força de trabalho era de escravizados) se viram diante da necessidade de buscar novas fontes de mão de obra (VIOTTI DA COSTA, 2007, p. 364). Último país do ocidente a abolir o trabalho escravo, o Brasil só o fez, não por ato humanitário, mas quando tal atividade já era economicamente inviável, dado o contexto mundial à época (imperialismo capitalista que demandava o assalariamento como relação de produção predominante globalmente).

Como destaca Florestan Fernandes (1972), quando os latifundiários brasileiros já eram obrigados a recorrer à imigração de “braços-livres” para viabilizar suas lavouras, a abolição foi promovida para libertar os brancos do fardo da escravidão.

---

<sup>21</sup> A Lei Eusébio de Queiroz foi promulgada em 1850, proibindo a importação de escravizados no Brasil. Anteriormente, outras legislações a respeito do tema já existiam, a exemplo da Lei Feijó, lei de 7 de novembro de 1831, que proibia a comercialização de escravizados, mas não definia as formas de fiscalização e punição para que ela fosse posta em prática. Assim, somente mediante a Lei de 1850 a atividade se torna passível de punição, trazendo resultados efetivos. Como relata Prado Júnior (2002, pp. 149-153), em 1849 a introdução de escravizados no Brasil fora de 54 mil indivíduos; já em 1852 esse número decaíra para pouco mais de 700 pessoas, extinguindo virtualmente o tráfico de seres-humanos nos anos subseqüentes.



**Figura 3:** Habitação para negros escravizados, a *senzala*. Nela podemos observar, ao fundo, a *casa grande*, de onde uma figura feminina branca observa, de cima, o cotidiano dos escravizados negros. A posição adjacente e subjugada aos fundos do terreno da senzala em relação à casa grande permitia, além do controle e imposição simbólica, o atendimento mais eficiente das demandas cotidianas dos brancos pelos negros. Obra do ilustrador alemão Johann Moritz Rugendas, intitulada *Habitation de Nègres*: litografia sobre papel realizada em 1835. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.

Em suma, antes de acelerar seu processo de urbanização na década de 1930, o país havia deflagrado sua Independência, em 1822, sem romper com a economia de bases coloniais. Somente a partir da Lei de Terras (que instituiu a privatização da terra), em 1850, e da Lei Áurea em 1888 (que aboliu a escravidão, e tornou o assalariamento a modalidade de trabalho predominante) foram satisfeitas as duas condições fundamentais para que o Brasil se tornasse uma nação capitalista (DEÁK, 2016, p. 144).

O viés conservador da Proclamação da República<sup>22</sup>, e o perfil agrário da atividade econômica que se estabeleceu nas primeiras décadas do século XX, deu tempo para que essa cooptação do ex-escravizado como um integrante da sociedade “menos igual” que os outros se consolidasse. A República Velha (1889-1930), e sua tentativa de construir um capitalismo baseado

---

<sup>22</sup> Não deixa de ser algo bastante sintomático dos deslocamentos de sentidos que permeiam historicamente o Brasil, que a República tenha sido proclamada por militares, e tenha começado sob um regime ditatorial.

exclusivamente na exportação de matérias-primas e importação de manufaturas, esbarrou na Crise de 1929 – e na subsequente impossibilidade de comprar do estrangeiro todos os bens de consumos necessários ao abastecimento do mercado interno (FURTADO, 1967, p. 207-208).

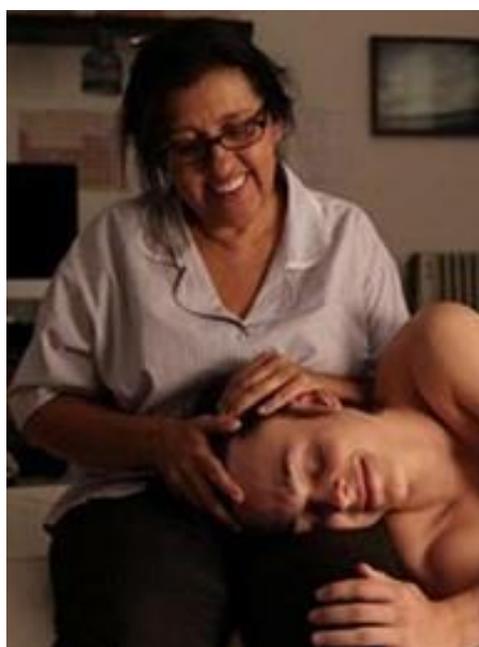
Durante a República Velha, o Brasil se estabeleceu como uma nação, ainda que capitalista, predominantemente rural, e de economia agroexportadora. Essa condição foi importante para que aspectos oriundos do regime escravocrata perdurassem em sua reprodução social. Como destaca Sevckenko, a instauração de um regime republicano no Brasil, e as falas de “modernização” nele imbuídas, não representaram uma ruptura com as bases históricas que estruturaram a formação do país desde a colônia:

No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, a ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos [...] Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexco co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas (SEVCENKO, 1998, p. 27).

Em meio ao momento de transição da República Velha, as formas de sociabilidade do mundo escravista foram se adaptando sobre a nova base produtiva do capital. Ao tratar das mulheres recém-libertas em São Paulo, nesse período, Telles (2013) reflete sobre a condição específica dessa parcela da população: tendo sido frustrada a esperança de inserção social a partir da abolição, o trabalho doméstico era a única possibilidade de sustento para essas trabalhadoras. Como atesta a autora:

Para libertas e descendentes migrantes ou nascidas na capital [paulistana], que deixavam o cativo e a cidade de origem sem posses, os serviços domésticos, a faina diária e a dependência dos patrões e seus salários minguados constituíram a forma de sobrevivência possível num mercado de trabalho pouco generoso. O ingresso crescente de estrangeiros, a expansão da cidade e seus serviços, somados ao decréscimo da população escrava, aumentavam a demanda por serviços urbanos e domésticos em geral (TELLES, 2013, p. 89).

A partir do contexto acima narrado, desenvolveram-se relações de trabalho baseadas em favores: a necessidade de subsistência fez com que as trabalhadoras domésticas se dedicassem à residência dos empregadores, em condições precárias, em troca de abrigo e alimentação. Assim, com o resguardo legal do Estado, a mucama foi transformada em criada sem jornada de trabalho determinada, vivendo no espaço doméstico dos empregadores, porém isolada em um quarto nos fundos (do lote, da casa ou do apartamento), sendo requisitada sempre que fosse conveniente aos patrões.



**Figuras 4 e 5:** À esquerda: foto de ama de leite com criança, tirada em 1880 (Brasil Império). À direita: fotograma extraído do filme “Que horas ela volta?”, de Anna Muylaert, lançado em 2015. As duas imagens expressam o tipo de relação ambígua estabelecida entre a escravizada/doméstica e o filho daquele que utiliza sua força de trabalho. Fonte (respectivamente): Albert Henschel em Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras; Fotograma extraído e editado pela autora a partir da cinematografia de Bárbara Alves.

Após a ruptura ocorrida com a Revolução de 1930, o país foi impelido a se industrializar e se assalariar, eliminando os resquícios de relações de produção não capitalistas (sobretudo o trabalho voltado à subsistência) que ainda perduravam no campo àquela altura – o que espacialmente se refletirá no aceleração do processo de urbanização brasileiro. Após 1930 e, posteriormente, com a nova ruptura institucional imposta pelo Estado Novo (1937-1946), o Brasil entrou no período de formação das infraestruturas

necessárias para sua conversão em um país capitalista urbano, tornando-se num espaço de quatro décadas a décima quinta economia industrial do mundo.

Dentre as principais medidas nesse sentido, temos a criação das indústrias estatais de base (Petrobras, Companhia Siderúrgica Nacional etc.) e a regulamentação das condições para que os trabalhadores se formalizassem, mediante a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, em 1943. Como reflexo dessas iniciativas, o Brasil deixou de ser uma nação predominantemente rural, em 1930, para se tornar país de população assalariada e predominantemente urbana em meados da década de 1970 (OLIVEIRA, 2003, p. 35-41).

Decorrência de uma sociedade estruturalmente desigual, a heterogeneidade da produção das infraestruturas caracterizou o processo de urbanização do Brasil. Isso se deu tanto em escala nacional, com a industrialização concentrada no eixo sul-sudeste, quanto na escala das cidades, com a expansão das favelas em contraponto às infraestruturas sofisticadas como metrô, aeroportos, entre outros.

Esse processo “empurrou”, de modo centrípeto, as populações do campo e regiões predominantemente agrárias (sobretudo o Nordeste) para as grandes aglomerações industriais urbanas (situadas principalmente no Sudeste). Tal afluxo asseverou as profissões que estariam destinadas aos migrantes, e os estigmas que recairiam sobre eles em função de sua origem e formação:

A entrada do migrante rural no mercado de trabalho se dá em geral, para os homens, na construção civil, e, para mulheres, no serviço doméstico. São os únicos canais abertos para os que têm de “aceitar qualquer serviço”, pois “não têm desembaraço”, “são acanhados”, “afobam-se” [...], “não sabem mexer com máquinas” (MELLO e NOVAIS, 2002, p. 598).

Assim, conforme a passagem acima, formou-se um grande contingente de trabalhadores vulneráveis a um alto grau de exploração. Nesse sentido, medidas como a CLT foram responsáveis por dar condições para que o trabalho assalariado se reproduzisse no país, convertendo a massa de mão de obra que

subsistia no campo (e/ou mediante relações camponesas como cambão, arrendamento, meação etc.) em proletários urbanos (OLIVEIRA, 2003, p. 38).

O caso das domésticas assume, desde então, distinções em relação aos demais: por não terem sua atividade considerada como “produtiva” (atividade cujo objetivo principal não seria gerar lucro), essas mulheres foram privadas de várias franquias concedidas aos trabalhadores “produtivos”, como: folgas ao sábado, FGTS, e a incorporação da moradia como forma de salário indireto para fins do cálculo de seus direitos (como a contribuição previdenciária).

A distinção acima descrita atuou no sentido de formalizar uma atividade de origem rural/escravocrata dentro do contexto urbano/capitalista, oferecendo ao patrão as garantias jurídicas necessárias para que a força de trabalho das mulheres domésticas pudesse continuar a ser explorada, em conformidade com as práticas sociais historicamente estabelecidas, desde o período colonial. Assim, a profissão se formalizou no contexto urbano e as mulheres que a exercem vivem divididas entre dois mundos: o do “asfalto” onde não só trabalham, mas também vivem, e a favela, onde seu núcleo familiar normalmente reside e os afetos com pessoas que compõem sua classe social se desenvolvem.

Ao descrever como o racismo e o sexismo atingem sistematicamente as mulheres negras, Lélia Gonzales descreve a matriz de dominação que molda as experiências da população negra, impondo a domesticação de corpos racializados inclusive a nível espacial:

Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de [...] Desde a casa-grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1984, p. 232).

A percepção da dicotomia asfalto/favela foi descrita em profundidade por Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, célebre marco da literatura de testemunho e da literatura feminina negra no Brasil – originalmente publicada em 1960. Mãe, solteira, catadora de papel, em seu testemunho de luta por sobrevivência na favela do Canindé, em São Paulo, a autora estabelece frequentemente o paralelo entre os cômodos das residências e os espaços urbanos:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres e cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2001, p. 33).

A vida ambivalente entre o mundo do “asfalto” e o da “favela” (expressos de forma crua e precisa na passagem acima) fará com que diferentes estigmas recaiam sobre as domésticas. O primeiro deles se encontra no seu ambiente profissional e de moradia: a despeito de ser referida muitas vezes como alguém “da família” por seus patrões, a doméstica vive junto a eles invariavelmente como uma cidadã de segunda categoria, sem se sentar à mesa que põe. Já no contexto da favela, ou de sua cidade de origem (no caso das migrantes), essas mulheres sofrem a pecha de compor uma categoria profissional “de pouco estudo”, exercendo atividades destinadas àquelas que não possuem qualquer outra qualificação. Mello e Novais destacam as condições de trabalho a que as domésticas se submetiam, e que resultavam nos tratamentos acima descritos:

O emprego doméstico feminino era, naquela época, muito pior do que se pode imaginar hoje: começava com o amanhecer do dia e só acabava quando a louça do jantar estava lavada; folga, só aos domingos, depois do almoço; o quartinho apertado; o assédio sexual do filho do patrão, às vezes do próprio patrão (MELLO e NOVAIS, 2002, p. 598-599).

Em meados dos anos de 1970, iniciou-se o processo de inclusão das mulheres de classe-média dentro do mercado de trabalho. A atividade assalariada doméstica desempenhou um papel relevante nesse sentido: na ausência de políticas de bem-estar social promovidas pelo Estado, como creches e escola de

tempo integral públicas, as trabalhadoras domésticas garantiram a organização logística do lar de seus empregadores. Desse modo, as patroas puderam desenvolver suas carreiras profissionais, enquanto suas casas e crianças eram cuidadas pelas domésticas (mesmo que, para tanto, os filhos dessas últimas tenham que ser negligenciados)<sup>23</sup>. Entre as décadas de 1970 e 1980 o trabalho assalariado doméstico foi a principal ocupação das mulheres brasileiras, chegando a 20,8% em 1985 na região metropolitana de São Paulo (VALOR ECONÔMICO, 2015).

O fenômeno acima referido ensejou uma mudança de perspectiva teórica, acerca do entendimento do trabalho doméstico enquanto gerador de valor. Até então ele era visto como um fator econômico secundário, tanto sob a perspectiva burguesa, que negava direitos às domésticas sob a justificativa de que o trabalho doméstico não seria gerador de lucro<sup>24</sup>; quanto sob um viés marxista, que, baseado na teoria do valor, considerava tal atividade como trabalho improdutivo (por não gerar mais-valia). O processo de incorporação das mulheres de classe média no mercado, sustentado pela atividade das trabalhadoras domésticas, evidenciou a insuficiência de tais abordagens.

Diante dessa perspectiva, algumas autoras passaram a abordar a temática, e compreender a atividade doméstica como reprodutiva: não vinculada diretamente à produção de mercadorias, mas essencial para a reprodução da força de trabalho dos demais assalariados que as produzem (DALLA COSTA, 1977, p. 38-40). Tal compreensão ajudou a depreender, por exemplo, que há

---

<sup>23</sup> Um interessante panorama da relação entre as mulheres de classe-média que se inseriam no mercado de trabalho e suas domésticas nos é exposto no conjunto de crônicas que Clarice Lispector escreveu para o Jornal do Brasil, entre 1967 e 1973. Roncador 2008 (pp. 136-185) apresenta uma extensa e profunda análise desses textos.

<sup>24</sup> A pretexto de comentar as mudanças nas leis trabalhistas, ocorridas com a “PEC das Domésticas” (discutida adiante), a *socialite* Regina Manssur proferiu em entrevista: “Uma casa de família, ela **não é uma empresa que gera lucros** [grifo nosso], então a gente não pode ter os mesmos ônus que uma empresa tem. Então, na verdade, se existe alguma coisa de bom para o empregado isso o tempo vai demonstrar, mas no momento atual a situação é de verdadeiro *desespero*, principalmente pros empregados. Porque da mesma forma que se dá muitos direitos pros empregados, os empregadores vão ficar em uma situação que eles não vão conseguir ‘segurar’ [as domésticas em suas casas] [...] uma pessoa que dorme em casa, você vai provar que a pessoa não estava dormindo, que estava trabalhando?” (MANSSUR, 2013).

valor extraído do labor doméstico, e que aquelas que o executam devem ter garantidos os mesmos direitos dos demais trabalhadores. De todo modo, esse avanço na compreensão do assunto não se converteu, imediatamente, em resultados práticos para a categoria profissional em questão.

A formação social brasileira se consolidou, nos decênios seguintes aos anos de 1970, como uma nação em que os países capitalistas centrais servirão de referencial de consumo e bem-estar para a classe-média, que por seu turno se recusou a renunciar às vantagens proporcionadas pela mão de obra barata disponível localmente. Como atestam Mello e Novais:

Volta a se impor avassaladoramente a identificação entre a modernidade e o consumo “padrão primeiro mundo”. O cosmopolitismo das elites globalizadas, isto é, seu americanismo, chega ao paroxismo, transmitindo-se à nova classe média, que alimenta a expectativa de combinar o consumo “superior” e os serviços que barateiam seu custo de vida (MELLO e NOVAIS, 2002, p. 656).

Assim, durante as décadas de 1980, com a (assim chamada) redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988, e de 1990, com a ofensiva neoliberal, a situação das trabalhadoras domésticas seguiu sem grandes alterações. No ano de 2012 com a Emenda Constitucional 72, mais conhecida como a PEC das Domésticas (PEC 66/2012), e no ano de 2015, com a Lei Complementar 150, estabeleceu-se, pela primeira vez na história, a equidade de direito entre essas trabalhadoras e os demais. Foram garantidas assim, conquistas como FGTS e regras mais precisas para reger a jornada de trabalho.

Todavia, os recentes retrocessos impostos aos trabalhadores – mediante a lei 13.467, a, assim chamada, “reforma trabalhista” de novembro de 2017 – apresentam um novo vaticínio para as domésticas. Depois de décadas relegadas à condição de uma categoria profissional com menos direitos que as demais, quando tal injustiça é, enfim, dirimida, essas trabalhadoras veem todas as categorias profissionais passarem a ser conjuntamente sujeitas àquelas condições historicamente a elas infligidas. Novos mecanismos de exploração como o trabalho intermitente – que permite que um trabalhador se mantenha à disposição do patrão/empresa no meio de sua jornada, sem ser por isso

remunerado – podem reestabelecer o trabalho doméstico segundo as modalidades oriundas do tempo colonial.

#### **4.2. Breves considerações acerca das transformações na cidade de São Paulo entre 1930 e 1970**

Entre as décadas de 1930 e 1970, o Brasil passou por um rápido e intenso processo de urbanização. O ritmo acelerado de ocupação das aglomerações urbanas se concretizou graças a um alto nível de heterogeneidade das infraestruturas, e a um baixo nível de reprodução da força de trabalho. Tal qual ressaltado ao longo desta proposta, essas características encontradas nas cidades brasileiras são reflexo das particularidades do capitalismo brasileiro e de suas raízes coloniais. Como relata Villaça:

O maior problema do Brasil não é a pobreza, mas a desigualdade e a injustiça a ela associada. Desigualdade econômica e desigualdade de poder político.

Daí decorre a importância da segregação na análise do espaço urbano de nossas metrópoles, pois a segregação é a mais importante manifestação espacial-urbana da desigualdade que impera em nossa sociedade. No caso das metrópoles brasileiras, a segregação urbana tem uma outra característica, condizente com nossa desigualdade: o enorme desnível que existe entre o espaço urbano, a premissa dada passa a ter o seguinte enunciado: nenhum aspecto do espaço urbano brasileiro poderá ser jamais explicado/compreendido se não forem consideradas as especificidades da segregação social e econômica que caracteriza nossas metrópoles, cidades grandes e médias (VILLAÇA, 2011, p. 37).

São Paulo, maior metrópole do país, pode ser apreendida como uma síntese desse processo: destino de migrantes de todas as regiões do Brasil durante o processo de urbanização, a capital comporta aquilo que existe de mais moderno em termos de produção e consumo, com as formas anacrônicas de reprodução da força de trabalho que caracterizam a formação social brasileira.

No final do século anterior, Dias (1985) ao estudar a massa de trabalhadoras negras formada no período pós-abolicionista e sua resistência a partir da venda de quitutes nos espaços públicos, define a urbanização paulistana da seguinte maneira:

A realidade é que a urbanização improvisada, incipiente, multiplicadora de pobreza crônica foi incontrolada, casual e gerou certa crise ou descompasso de autoridade nos meados do século passado. Coincide com os anos em que tomou forma a nova burguesia do café, mediante um processo rápido de concentração de rendas nos setores de produção e de comércio da economia cafeeira (DIAS, 1985, p.97)

No cerne do intenso processo de urbanização da cidade a partir da segunda metade do século XIX crescia uma série de desafios advindos, especialmente, do rápido adensamento populacional. Problemas de infraestrutura, de salubridade e o crescimento desordenado geraram um tecido urbano e social de contornos desiguais, heterogeneidade que pode ainda ser vivenciada na cidade até o presente.

O desenvolvimento industrial a partir de 1930, com Getúlio Vargas, fortaleceu o parque industrial das duas metrópoles do sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro). Segundo o autor Caio Prado Júnior (1983), em 1933, a indústria da capital possuía 61% do capital total investido no Estado e proporção similar em relação ao número de operários, alavancando, assim, o processo de urbanização. Segundo Petrone (1955), diversos foram os fatores que fortaleceram o parque industrial paulistano. Entre eles, a existência de um mercado consumidor interno que se tornava cada vez maior pelo crescimento da população na cidade e no Estado, além da disponibilidade de mão de obra operária oriunda do êxodo das áreas rurais. Essa abundância de mão de obra se deveu também à conversão da mão de obra escravizada em trabalho assalariado (ainda que as possibilidades para ex-escravizadas fossem bastante limitadas se comparadas às dos ex-escravizados)<sup>25</sup>.

Dessa maneira, enquanto a população urbana cresceu vertiginosamente e as capitais fluminense e paulista tornaram-se as maiores cidades brasileiras em meados da década de 1930, a verticalização intensificou-se, modificando as

---

<sup>25</sup> Um dado ilustra esta condição da transição da São Paulo rural para a São Paulo urbana: entre 1914 e 1944, o número de empregadas domésticas cresceu de quarenta mil para cem mil na capital no estado de São Paulo (FERLA, 2011). Tendo mais que dobrado em número de trabalhadoras, essa atividade absorveu uma parcela considerável da população de ex-escravizadas e proletárias de origem rural. A absorção desse contingente – que se avolumaria em razão dos fluxos migratórios advindos da região nordeste nos decênios seguintes – prescindiu de modos particulares de se prover habitação.

maneiras de morar nas metrópoles industriais. Junto ao avanço industrial, desenvolvia-se também o ideário moderno alavancado pelas vanguardas, que mantinha contato com novos movimentos artísticos na Europa e representava internacionalmente os rumos da arte moderna brasileira (LIRA, 2011, p. 126).

Ainda que não acompanhasse o ímpeto e a expressividade da renovação das artes, a arquitetura seria protagonista do projeto de renovação das cidades, levado a cabo pelas elites locais. Na efervescência cultural das capitais, cada uma com uma urbanização com contornos singulares, é possível constatar a ação dos mais variados promotores, sejam eles estatais ou privados, em busca de uma nova identidade para as capitais que se tornariam símbolo da modernização nacional. A partir de 1928, com a Lei de Condomínios (Lei n.5.481), passou a ser possível a alienação de uma parcela dos imóveis, lançando, assim, as bases para a atividade de incorporação (BONDUKI, 1999, p.247).

Além do potencial retorno financeiro com investimentos na produção imobiliária, outro fator que potencializou novas experiências no campo da arquitetura residencial foi a crise habitacional na cidade de São Paulo, que se iniciou na década de 1930 e se seguiu posteriormente. Levando em conta as consequências da crise de 1929 e da guerra, entre 1939 e 1945, o setor da construção civil foi um dos mais prejudicados. É nesse contexto que a cidade de São Paulo passou a mudar sua paisagem drasticamente, seja por iniciativa pública (tais como o Plano de Avenidas de 1930, de Prestes Maia), seja por iniciativa privada, que, com incentivo estatal, transformou bairros centrais ao substituir antigos palacetes burgueses do século XIX em arranha-céus que prometiam condições de vida mais apropriadas aos novos ares da metrópole industrial (SAMPAIO, 2002, p.17-18).

Nesse cenário, desenvolveu-se a escola carioca, que teve na figura de Lucio Costa seu precursor. O arquiteto que inicialmente produziu obras de linhagem neoclássica/acadêmica, passou a protagonizar os debates sobre os novos rumos da arquitetura brasileira, a partir da década de 1920. Tendo assumido por nove meses a direção da Escola Nacional de Belas Artes, aproximou uma nova

geração de arquitetos à arquitetura de vanguarda europeia, influenciando assim uma série de profissionais que dariam origem a obras reconhecidas no âmbito nacional e internacional: Oscar Niemeyer, Vital Brazil, Jorge Moreira, Milton Roberto, Affonso Eduardo Reidy, entre outros, que Costa definiu como “[...] pequeno reduto purista consagrado ao estudo apaixonado não somente das realizações de Gropius e de Mies van der Rohe, mas principalmente, da doutrina e obra de Le Corbusier, encaradas [...] como o Livro Sagrado da Arquitetura” (COSTA, 1962, p. 193).

O desenvolvimento da indústria nacional foi o motor necessário para as novas máquinas de morar: a possibilidade de verticalização a partir de novas tecnologias e materiais, principalmente o concreto armado e, posteriormente, os elevadores, fariam dos arranha-céus os símbolos do progresso brasileiro.

Nesse sentido, é possível compreender a razão pela qual não apenas arquitetos brasileiros, mas também estrangeiros tal como o francês Jacques Pilon, o ucraniano Gregori Warchavchik e o tcheco Franz Heep, o polonês Lukjan Korngold, o italiano Giancarlo Palanti, entre outros, encontraram em São Paulo campo ideal para experimentações de cunho inovador, tais como os arranha-céus. Num campo ainda em construção, onde os limites entre a atuação do arquiteto, do empreiteiro e do incorporador ainda não tinham contornos evidentes, os arquitetos se envolviam nas mais diversas atividades relacionadas ao setor da construção civil, visando o potencial lucrativo da produção imobiliária naquele momento (SILVA, 2012, p. 90-93).

Ainda que a classe média tenha resistido aos edifícios em altura no primeiro quartel do século XX, por associar esse tipo de construção aos cortiços e habitações coletivas de baixa renda, a partir da década de 1930, os edifícios residenciais passam a ser definitivamente adotados por esta parte da população. Os apartamentos desse período de transição, no entanto, representavam padrões tão parecidos quanto possível aos dos programas das residências burguesas características do período anterior.

A partir de então, as antinomias<sup>26</sup> relacionadas ao período mais prolífico e marcante da história da produção arquitetônica paulistana passam a revelar-se mais explicitamente. De um lado, constata-se que os edifícios (em si, símbolos da urbanização e da modernização), contam com a setorização de ambientes sociais cada vez mais vinculados aos bens de consumo destinados à casa (sala de televisão, estar, cozinha, etc.). Em contrapartida, a área de serviço demonstra que, por baixo da camada de aparência moderna, prevalecem os traços oriundos de uma sociedade de raízes coloniais e escravagistas.

Essa noção reforça a ideia de Peixoto (2006) que, ao investigar o interior das salas modernistas, declara: “O discurso moderno, sempre muito interessado em negar toda e qualquer ligação com o passado é, frequentemente, desmascarado, por revelar uma prática apenas disfarçada, mesmo que habilmente, de ruptura” (PEIXOTO, 2006, p. 4). Apesar da aparência futurista, linhas retas nas fachadas, estruturas arrojadas e gabaritos não antes vistos, Lemos (1976) indica que, para que o apartamento fosse socialmente aceito como “casa de família”, era necessário que o programa tivesse todos os aposentos da antiga residência térrea, “[...] com acomodações para a criadagem, principalmente” (LEMOS, 1976, p.162).

Dessa maneira, é possível compreender que, apesar de suas formações fora do Brasil e diferentes origens sociais, os arquitetos que chegam a São Paulo pareceram se associar facilmente à missão modernizadora destas cidades, aceitando seu caráter ambíguo. Seja a partir de posicionamento do discurso dos preceitos de modernidade adaptados às características brasileiras, seja pela necessidade de adequação de empreendimentos imobiliários aos padrões impostos por demandas de mercado, e/ou ainda devido à naturalização das condições de trabalho das empregadas domésticas no país, vê-se projetos de

---

<sup>26</sup> Em seu livro acerca da vida e obra do arquiteto Gregori Warchavchik, o autor José Lira (2011) intitula o quinto capítulo de “Antinomias do projeto moderno”. O autor expõe, nessa seção, as dificuldades, tensões e contradições que envolveram a construção da Casa da Rua Santa Cruz, residência reconhecida como marco modernista na arquitetura brasileira. É possível dizer que arquitetos pioneiros do movimento modernista no país tinham que enfrentar as mesmas condições de atuação em um contexto social, econômico e político em plena transformação.

edifícios de apartamentos de autoria de estrangeiros incluírem em seu programa os quartos de empregada. Conforme Lemos:

Esse “gosto”, derivado dos já mencionados hábitos e desejos da classe média, constitui um resquício de velhos costumes. Até hoje não se tolera o único acesso à cozinha através da sala. No fundo, a moderna kitchenette ainda é a cozinha da casa-grande afastada da sala do patrão. No subconsciente, a criada ainda é a escrava de presença desagradável. O seu quartinho abrindo a porta para o terraço do tanque de lavagens ainda é a senzala. O programa em si ainda satisfaz aos desejos da classe média, pois é completo e nele todas as funções estão incluídas, quase sem superposições (LEMOS, 1976, p. 164).

Essa constatação reforça a ideia de Atique (2000), acerca das diferenças semânticas entre moderno e modernizado:

Assim, ser moderno no Brasil, era muitas vezes, ter caráter modernizador, ou seja, ser patrocinador de ações novas e de estruturas inéditas. Dessa forma, os bondes, automóveis e viadutos eram a encarnação máxima de cidade renovada e repleta de novidades, trazidas, de forma alguma ocasionalmente, pela elite, que tinha, então, seu nome vinculado ao perseguido progresso. Ao contrário da Europa que via na máquina e na velocidade o prenúncio de novas condições culturais e sociais, a elite brasileira via nos mesmos elementos mais uma oportunidade de distinção e de demonstração de poderio, já que ela própria ditava as regras de civilidade de que desfrutaria (ATIQUE, 2000, p.29).

Se no início da verticalização, eram comuns edifícios com programas mistos, com metragens quadradas variadas que visavam perfis sociais diferentes, a partir da década de 1940, é possível ver o aumento do número de construções residenciais em altura destinados à classe média e alta, com programas mais completos e variados (VILLA, 2002). Não era incomum encontrar apartamentos com “quartos de criada” (terminologia usada em planta), ocupando metragem quadrada mínima, com acesso à área social pela cozinha e alvenaria compartilhada com a torre de elevadores.

Em 1942, a Lei do Inquilinato passou a ser o instrumento regulador da relação entre locador e locatário, a partir da definição de congelamento de aluguéis, o que alavancou, definitivamente, a incorporação para fins de venda. A atividade de incorporação somente seria regulada a partir da Lei n. 4.591, de 1964. Nesse período, é possível perceber a separação entre circulações social e de serviço

em apartamentos de alto padrão, reproduzindo, dessa maneira, características de residências de períodos anteriores (BRUAND, 1991).

A partir da década de 1950, desenvolveu-se em São Paulo uma arquitetura com traços reconhecidamente particulares, de influência brutalista, que irá marcar a paisagem urbana da capital. As obras caracterizadas pela aparência austera, de volumes simples, com grandes vãos e poucas aberturas teve em Vilanova Artigas seu principal expoente. Tendo sido um dos arquitetos que deram origem à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) em 1948, influenciou ativamente a formação do perfil profissional da geração de arquitetos que viria a ser conhecida como escola paulista (ZEIN, 2000).

Junto a ele, Paulo Mendes da Rocha, Joaquim Guedes, Carlos Millan, Sérgio Ferro, entre outros, compunham um grupo de profissionais que originaram projetos de desenho racionalista e adoção de novas técnicas construtivas (tais como a pré-fabricação), bem como debates sobre a função social do arquiteto no plano de desenvolvimento nacional (ARTIGAS, 2004).

As contradições reveladas por essa porção da habitação modernista paulistana estão presentes mesmo nos discursos mais alinhados às ideologias de esquerda. Diante das discussões acerca da identidade nacional brasileira no pós-Segunda Guerra, a influência da cultura internacional sobre a sociedade brasileira passou a ser tema debatido pela elite intelectual, em diversos âmbitos (BASTOS & ZEIN, 2015, p.76-77). A arquitetura fazia parte do debate, tendo tido na figura do arquiteto João Batista Vilanova Artigas um dos defensores da atividade projetual como forma de emancipação ideológica.

Apesar de seu alinhamento com as ideias de sociedade igualitária e justa promovida pela corrente comunista, sua atuação demonstra, em determinado momento, ter passado ao largo do debate das condições de trabalho doméstico no Brasil, tendo projetado diversificados perfis de residências com o cômodo destinado a essa classe de trabalhadoras.

Essas particularidades sociais refletidas espacialmente continuaram a se desenvolver com o passar dos anos, enquanto São Paulo se transforma economicamente, socialmente e espacialmente. Com seus mais de três milhões e meio de habitantes, em 1970, a capital passa a ser regulada por seu primeiro plano diretor (BONDUKI, 2004).

O “milagre econômico brasileiro”, vivido entre 1969 e 1973, estimula a construção civil e, nesse período, é possível ver a diversificação ainda maior do programa de apartamentos nas duas metrópoles. Essa gama de projetos diferenciados demonstrava o poder dos agentes do mercado imobiliário que não apenas atendia a demanda identificada, mas também condicionava as necessidades a novas demandas, a partir dos mais diversos meios publicitários. De qualquer maneira, demonstrava-se também a consolidação dessa modalidade do habitar, já bem aceita pela sociedade (VILLA, 2002, p. 151).

Segundo, ainda, Villa (2002), na década de 1970 é possível identificar a redução de todas as peças que compõem o setor de serviços, em particular, dos dormitórios de empregada. Vale mencionar que, em 1972, os empregados domésticos conquistam seus primeiros direitos voltados especificamente à categoria, com a Lei 5.859, iniciando uma série de transformações jurídicas que minimizavam o alto nível de exploração e a baixa remuneração dessa atividade (DAMASCENO e CHAGAS, 2013).

A definição de salário-mínimo e, posteriormente, os adicionais de remuneração por horas extras, somados aos descansos semanais e férias remuneradas fizeram com o que o número de profissionais mensalistas (aqueles que dormiam na casa de seus contratantes) fosse reduzido e o número de diaristas aumentasse (THEODORO e SCORZAFE, 2011). É possível inferir que esse fenômeno tenha acarretado uma diminuição da demanda por dormitórios de empregadas domésticas em edifícios multifamiliares, observada em decênios recentes, como já aferido por Villa (2002) desde a década de 1970.

Segundo Schiffer (2004), após o “milagre econômico” brasileiro, a produção industrial do Estado de São Paulo perde participação no cenário nacional, ainda

que não tenha perdido sua hegemonia econômica. Em meados de 1970, com o processo de unificação do mercado nacional, vê-se a descentralização do setor secundário antes concentrado na região metropolitana da capital.

#### **4.3. Paradigmas e intermitências na espacialização do trabalho doméstico: uma perspectiva histórica sobre sua inserção na habitação**

Assim como colocado anteriormente, toda sociedade constrói a cidade à sua imagem e semelhança e desse modo – tal como feito a partir da literatura – é possível se produzir uma análise dos processos sociais concretos mediante uma “leitura” dos espaços construídos (DEÁK, 2018). A arquitetura residencial, ao mesmo tempo que condicionada por esses processos sociais, é também condicionante da manutenção das estruturas sociais em que é produzida e experienciada.

Introduz-se aqui a noção de dispositivo espacial de segregação e dominação. O termo “dispositivo espacial” é utilizado por Eleb e Debarre (1989) ao estudar a habitação dos séculos XVII ao XIX. As autoras definem: “A noção de dispositivo espacial é entendida aqui como a organização de elementos agrupados de maneira particular para produzir um efeito (relacionado a condutas e práticas) cuja intenção seja explícita ou implícita” (ELEB e DEBARRE, 1989, p.12, tradução nossa).

Em relação à intenção implícita de segregação e dominação relacionada aos espaços, foi essencial compreender o que Slenes (1937, p. 237) estabelece como “política de dominação”: as estratégias utilizadas por senhores para controlar seus escravos no Oeste Paulista. Essas estratégias passavam por relacionamentos íntimos, favores concedidos e, também, pela espacialização da senzala. Acredita-se assim que, bem como os favores e caridades comumente oferecidos por patrões às suas empregadas domésticas como forma de estabelecer relações de dependência, os espaços das dependências de empregadas do período analisado também são constituídos pela mesma lógica de dominação, utilizando outras estratégias.

Esta sessão apresenta uma análise das configurações historicamente assumidas pelo quarto de empregadas em habitações multifamiliares da cidade de São Paulo, remontando as origens do quarto de empregadas às residências rurais e urbanas do período colonial. Visa, ainda, a exposição da ambivalência inerente à incorporação de um cômodo originário do programa das habitações coloniais no contexto de edificações que comportam aspirações “modernizantes”.

A partir das análises feitas, são estabelecidas as intermitências e permanências na configuração do cômodo em estudo, em relação aos exemplares históricos elencados. Pela pesquisa aqui apresentada, torna-se possível aferir que os quartos de empregadas expressam a relação ambígua que permeia o convívio das trabalhadoras dessa categoria profissional com seus patrões, e que se reflete sobretudo na disposição da dependência de empregadas em relação às demais porções da residência.

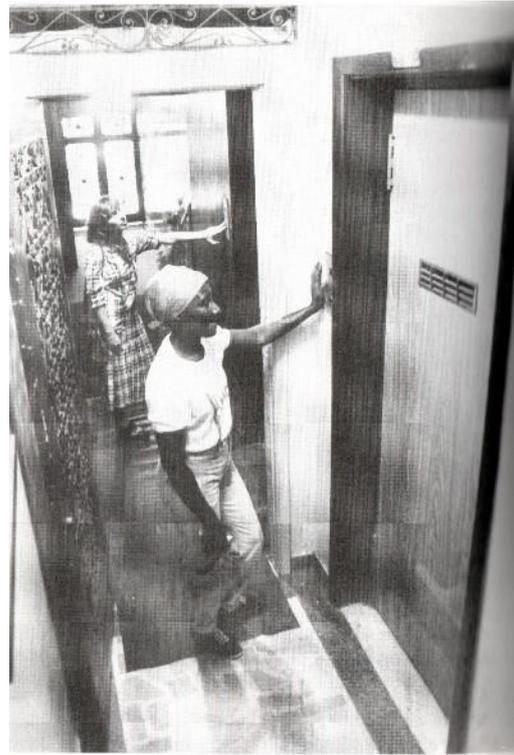
Na medida em que a arquitetura é, concomitantemente, um produto e um reflexo da formação social a que ela se destina, espera-se relacionar as transformações observadas nas plantas-baixas analisadas com os processos de urbanização brasileira, que tomou curso durante o recorte temporal em estudo. Constata-se que: em meio à transição de uma formação social agrária para uma urbana, os edifícios multifamiliares paulistanos incorporaram elementos da sociedade colonial na planta de seus edifícios, fenômeno ilustrado pela predominância da posição contígua da dependência de empregada em relação à área de serviço.

Nos EUA, a abolição da escravatura nasceu de uma Guerra Civil (1861-1865). As chagas do conflito e a contrariedade dos antigos senhores do sul (parte derrotada no conflito) em abandonar o modo de produção escravista, deixaram profundas marcas. Uma dessas foi a Lei Jim Crow: que autorizava a segregação entre negros e brancos em espaços públicos e privados. Já no Brasil, a Abolição (1888) decorreu do processo de esgotamento das possibilidades de reprodução da mão de obra escravizada, frente ao bloqueio inglês ao tráfico negreiro, e à emergência do capitalismo como modo de produção globalmente hegemônico. A ausência de uma ruptura violenta, que impusesse o fim da escravidão no

Brasil, ajudou a criar o mito da “democracia racial” (destacado na seção anterior), que explicaria o porquê de fenômenos segregacionistas como os da Lei Jim Crow não tomarem lugar no país (SCHWARCZ, 2002, p. 187-188).

Angela Davis transcreve uma cena comum na vida cotidiana do sul dos EUA nos anos da Lei Jim Crow: uma senhora negra é vista sentada na parte dianteira do ônibus (lugar destinado aos brancos), quando um homem caucasiano adentra o veículo e interpela o motorista: “o que aquela mulher está fazendo ali?” Logo, o autor da pergunta é informado de que a mulher está lá para acompanhar uma criança branca de quem ela cuida, e um silêncio apaziguador toma conta do ambiente (DAVIS, 2018, p. 100).

No Brasil, desde que as classes-médias urbanas começaram a morar em edifícios, tornou-se comum a implantação de um “elevador de serviço”, nos prédios de apartamentos. Tais equipamentos não estavam destinados aos médicos que estivessem lá para uma consulta em domicílio, ou aos arquitetos que apareciam para uma visita de trabalho: eram voltados aos trabalhadores de origem social mais humilde, que realizavam serviços braçais. Nesse contexto, não é difícil imaginar o mesmo “silêncio apaziguador” de um condômino quando avistava uma empregada doméstica utilizando o “elevador social” para acompanhar o filho de sua patroa.



**Figuras 6 e 7:** À esquerda: ônibus segregado na Carolina do Sul (EUA), em conformidade com a Lei Jim Crow – abril de 1956. À direita: uma típica portaria de um edifício brasileiro, em 04/12/1988. Fontes (respectivamente): foto de Hank Walker em History Collection; Custódio Coimbra para o Jornal do Brasil (apud SCHWARCZ, 2002, p.212).

Evidentemente, não se pretende, aqui, apresentar o caso estadunidense e o brasileiro como idênticos: as formas de exploração e segregação têm origens e cursos próprios em cada um desses países. Todavia, o paralelo acima estabelecido propõe a reflexão sobre as particularidades do processo de segregação no Brasil, ou – caso se queira colocar a questão de outra maneira – sobre a natureza própria da integração entre escravizados e brancos, agora articulada mediante a oposição capital/trabalho, no país. Será apresentado, nesta seção, o quarto de empregadas como arquétipo que sintetiza esse processo.

Tal como relacionado na seção anterior, o trabalho doméstico assalariado, suas desigualdades jurídicas e a discriminação racial e de gênero que incidem sobre essa categoria de trabalhadoras remontam à origem escravagista da formação social brasileira: mulheres, sobretudo negras, que, mesmo após a abolição, assumiram as atividades domésticas, submetendo-se a condições de trabalho

degradantes. Essas condições de desigualdade são espacializadas nos ambientes em que se inserem.

Observando a trajetória das formas de habitação historicamente constituídas no Brasil, constata-se que é possível estabelecer uma correlação entre a senzala e o quarto de empregadas. Reis Filho (2011) descreve a maneira pela qual as primeiras habitações urbanas do Brasil colonial mimetizavam (com materiais e mão de obra locais) os paradigmas arquitetônicos da metrópole portuguesa. Essa transposição se dava tanto no âmbito do agenciamento sobre o sítio (casas rentes ao lote), na incorporação de elementos estéticos e de partido (com as adaptações feitas em função das limitações técnicas locais), quanto na proposição de parte da planta e do programa arquitetônico (área social à frente, alcovas ao meio, e cozinha nos fundos).

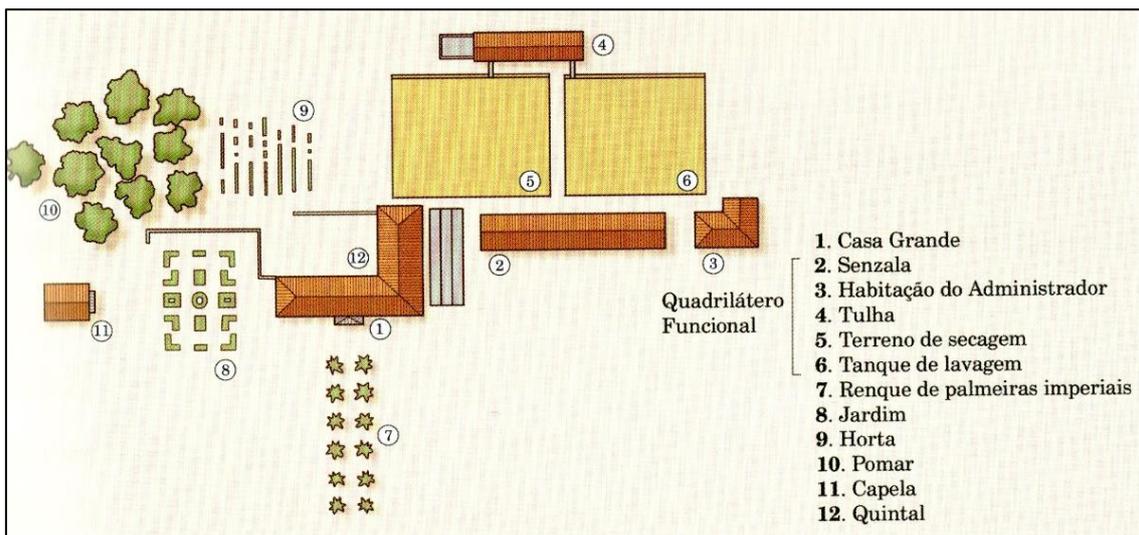
Sobre as transformações que ocorreram na habitação brasileira, Lucio Costa em texto originalmente publicado em 1951 escreve:

A máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisas, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. Mesmo depois de abolida a escravidão, os vínculos de dependência e os hábitos cômodos da vida patriarcal de tão vil fundamento, perduraram, e, durante a primeira fase republicana, o custo baixo da mão de obra doméstica ainda permitiu à burguesia manter, mesmo sem escravos oficiais, o trem fácil da vida do período anterior (COSTA, 1962, p.174-175).

A senzala surgiu originalmente no Brasil para abrigar os escravizados, que trabalhavam na produção do açúcar, no que hoje corresponde à Região Nordeste do país. Tratava-se de habitações precárias, responsáveis por garantir cativeiro e teto aos trabalhadores sequestrados de sua Terra Natal (GOMES, 2007, p. 102–103). Esse tipo de construção também teve lugar nas fazendas do sudeste brasileiro, onde se desenvolveu o cultivo do café a partir do século XIX, e nas quais, segundo Rocha-Peixoto (2007, p. 223) as senzalas eram

construídas, quando havia um grande número de escravizados a serem abrigados/aprisionados.

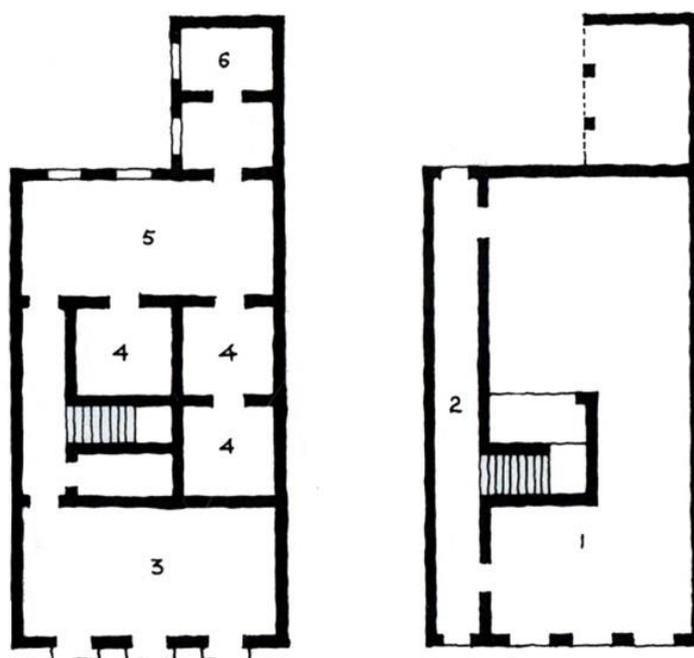
Ainda segundo Rocha-Peixoto (2007, p. 224) a arquitetura residencial urbana, financiada pelo café durante o Período Imperial, era análoga àquela observada no campo, tanto no que se referia ao partido, quanto à distribuição da planta. Nesse último aspecto, em particular, vale destacar que, nas fazendas cafeeiras, a senzala era posicionada junto: à tulha (local de armazenamento de grãos), aos locais de lavagem e secagem do café, e à casa do administrador – formando o chamado “Quadrilátero Funcional” da propriedade (Figura 8). No caso das residências urbanas, inexistiam os cômodos voltados à produção e beneficiamento de grãos. Contudo, como destacado adiante, o entendimento dos aposentos de escravos/criados como parte de um setor funcional da casa irá perseverar.



**Figura 8:** Esquema genérico de implantação das edificações que compunham uma fazenda de café no sudeste brasileiro. Fonte: Rocha-Peixoto (2007).

Ao refletir sobre a influência do programa rural sobre a residência urbana no Brasil, Reis Filho (2011, p. 22–28) relata como habitações urbanas brasileiras do Período Colonial mimetizavam (com recursos locais) os tipos arquitetônicos característicos da Metrópole Lusitana. No que concerne à influência sobre programa e disposição de plantas, deve-se destacar a presença do cômodo

chamado loja, nos sobrados urbanos. Em Portugal, esse cômodo alojado sob a forma de um vão no pavimento térreo, era utilizado como espaço de comércio e/ou de produção de manufaturas dos pequenos artesãos urbanos, que habitavam a residência em seu pavimento superior (onde se localizavam os demais cômodos). Já na colônia brasileira, ele foi predominantemente empregado como local de alojamento de escravizados e animais de tração (que não raro eram adquiridos juntos).

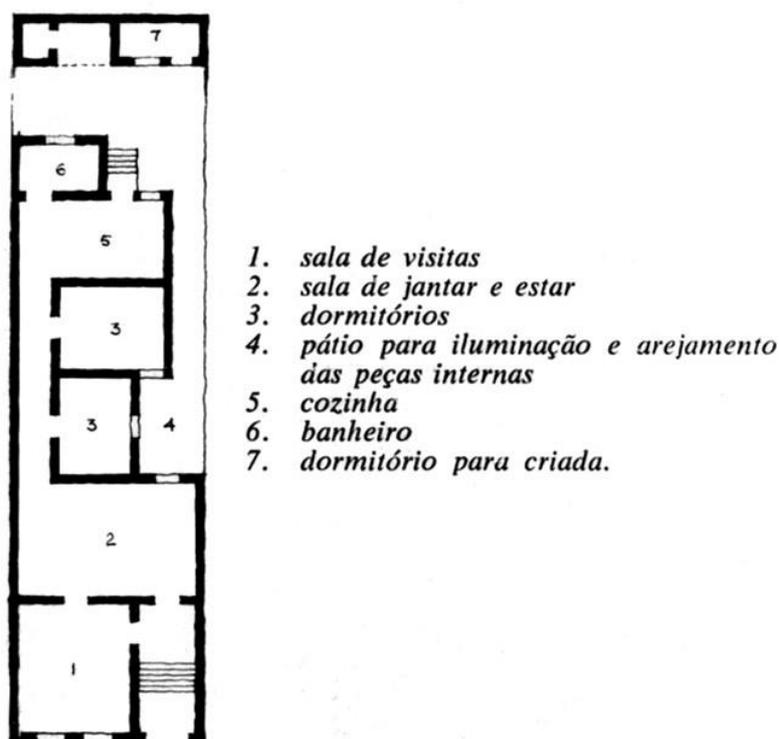


1. loja; 2. corredor de entrada para residência, independente da loja; 3. salão; 4. alcovas; 5. sala de viver ou varanda; 6. cozinha e serviços.

**Figura 9:** Planta de típica casa colonial, predominante até o século XVIII. À esquerda, o primeiro andar, onde se estabelecia a residência dos senhores. À direita, o térreo que, eventualmente, era ainda mais rebaixado em relação ao nível da rua, formando uma espécie de meia-cave, onde as pessoas escravizadas e animais de tração eram alojados. Fonte: Reis Filho, 2011, p.29 (adaptado para o presente trabalho).

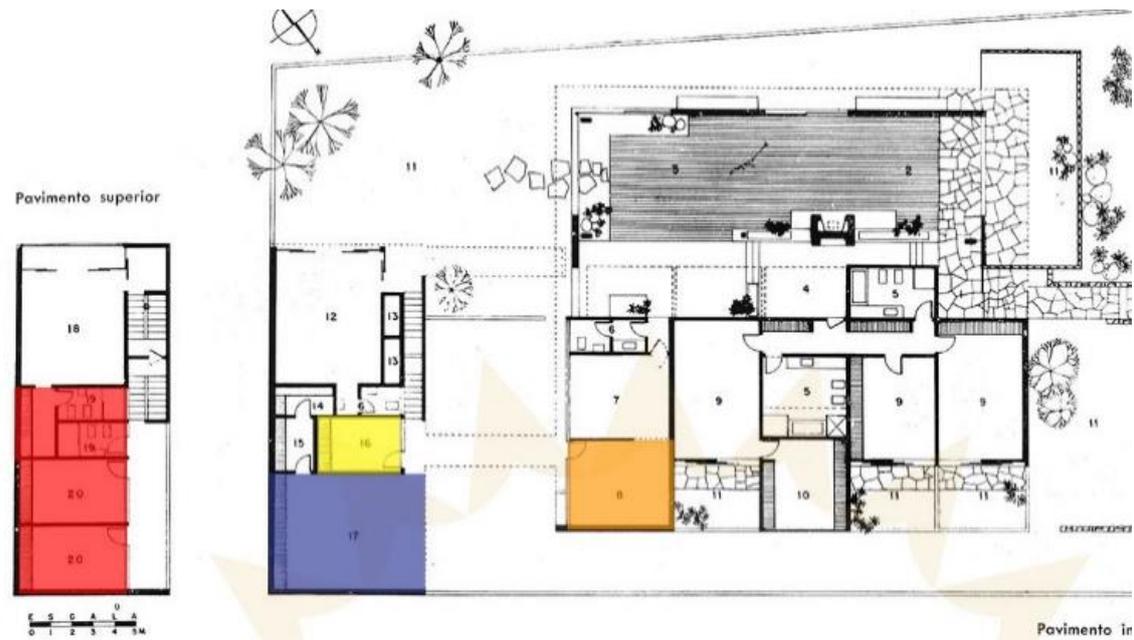
Ainda segundo Reis Filho, a partir da segunda metade do século XIX, com a Lei Eusébio de Queiroz (que proibia o tráfico de escravizados), houve uma progressiva mudança na forma de se empregar a força de trabalho no país, agora também oriunda da migração europeia para fins de assalariamento. Consequentemente, as formas de alojar esses novos trabalhadores domésticos também teriam que mudar. Uma dessas mudanças foi a locação do quarto destinado à doméstica (que poderá ser tanto uma escravizada quanto um

imigrante europeu assalariado) nos fundos do lote, que poderiam ser acessados por um corredor lateral (REIS FILHO, 2011, p. 48).



**Figura 10:** Planta de casa urbana típica, predominante a partir da segunda metade do século XIX. O quarto de criada fica situado nos fundos do terreno, sendo acessado por um corredor lateral gerado pelo afastamento lateral da edificação em relação ao lote. Fonte: Reis Filho, 2011, p.49 (adaptado para o presente trabalho).

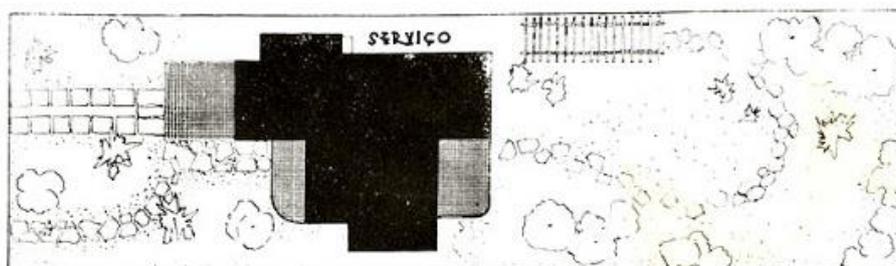
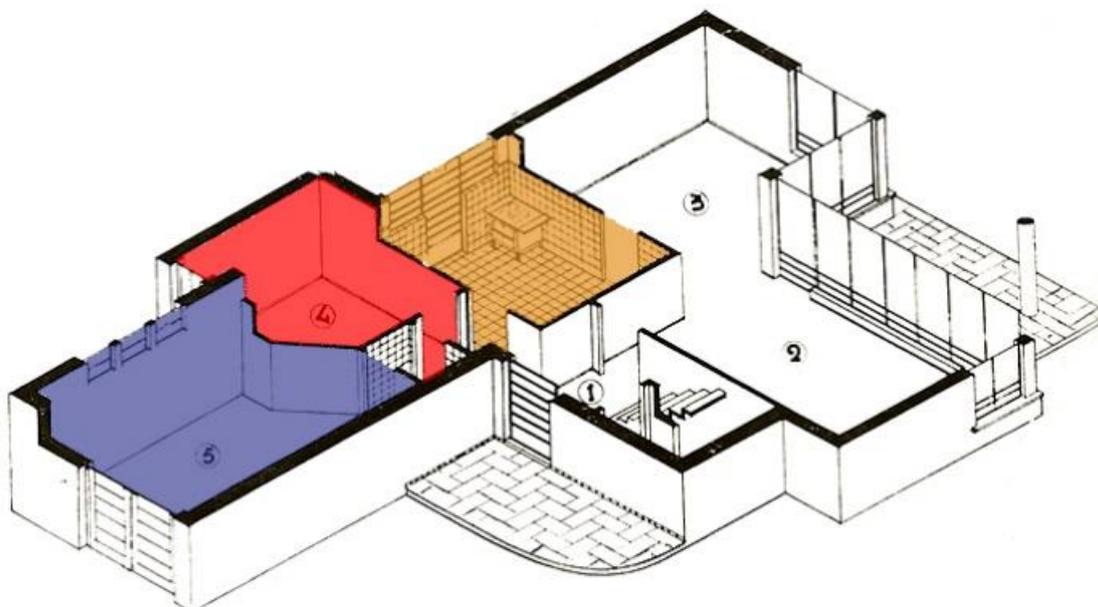
Após a abolição e o aceleração da urbanização brasileira, percebe-se que tal disposição continuou a ser replicada: o quarto de empregadas no fundo do lote então dividiu espaço com a garagem (como pode ser observado no exemplar abaixo, de 1943). A despeito de o automóvel ser o referencial de êxito e de modernidade – o que mostra os valores que uma dada formação social tem em estima – não se pode deixar de notar que após todas as mudanças pelas quais o Brasil havia passado desde o período colonial (Independência, Império, República e Revolução de 1930), tal como outrora, a doméstica continuava a coabitar com o bem de consumo responsável pela tração.



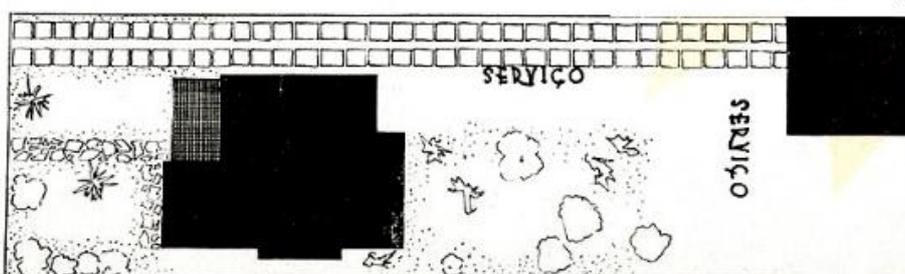
**Figuras 11 e 12:** Planta de residência em São Paulo, do arquiteto David Libeskind. As dependências de empregada (em vermelho) se posicionam sobre a garagem (em roxo): assim são colocadas juntas as expressões espaciais do que existia de mais moderno em termos de consumo e uma das formas mais anacrônicas de reprodução da força de trabalho. A ideia da doméstica como um utensílio, tal como o carro, é reforçada. A cozinha (em laranja) faz parte do corpo principal da casa, mas a lavanderia (em amarelo) faz parte da construção aos fundos do terreno. Fonte: Revista Acrópole, n.275 de 1961, p.384-385 (adaptada para o presente trabalho).

Com o processo de adensamento dos centros urbanos e a redução de lotes, os quartos de empregada foram paulatinamente agregando-se ao corpo principal

da casa, dando origem a uma setorização contraditória: apesar de o dormitório incluir atividades de natureza íntima, o quarto de empregadas e seu banheiro deixam de ser chamados de “dependências” (quando no fundo dos lotes) e passam a ser incorporados ao setor de serviço das residências. Isto se dá pela ligação direta do quarto à lavanderia, cozinha ou copa, sobretudo quando o acesso a essas áreas se dava de forma isolada em relação à entrada principal da residência.



Planta de situação mostrando o aproveitamento do terreno com maior área de jardim, com passagem de serviço localizada de modo a não o perturbar.

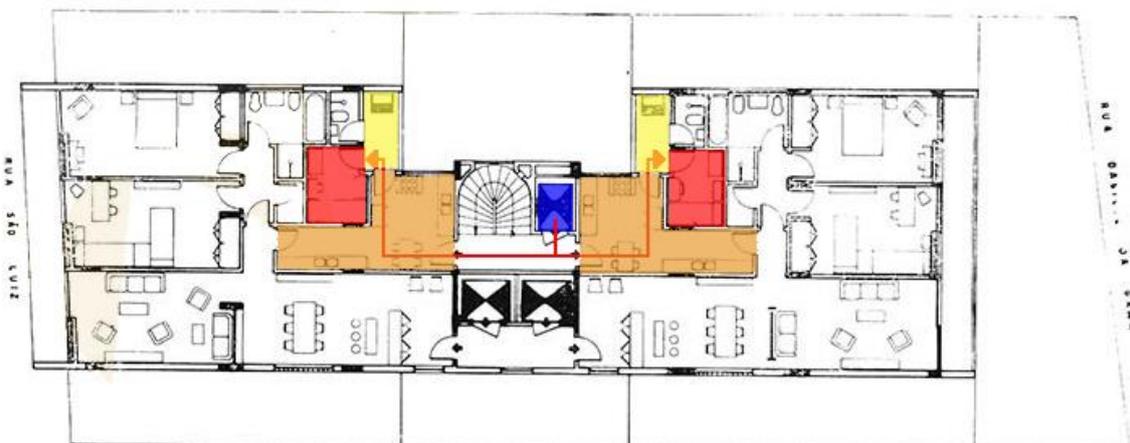


**Figuras 13 e 14:** Residência no bairro Jardim Paulista, em São Paulo, projetada pelo arquiteto Henrique Mindlin. Indica-se em roxo, a garagem da residência, em vermelho, a dependência de empregada e em laranja a cozinha. No editorial, explica-se que o terreno para construção da residência era mais estreito e com testada menor que a habitual. Para maior aproveitamento do terreno, o arquiteto defende a junção da área de serviço ao corpo da residência, otimizando assim o espaço, deixando livre mais área para ajardinamento. A defesa do projeto não se exime, no entanto, de explicar que a proposta inovadora tem “[...] passagem de serviço localizada de modo a não o perturbar”. Fonte: Revista Acrópole, n.1 de 1938 p.22-23 (adaptada para o presente trabalho).

Vê-se que, apesar da negação das infraestruturas coloniais ter sido apontada como uma das bases para o desenvolvimento urbano na era moderna, ao analisar os ambientes domésticos, constata-se que a lógica formal de organização da vida privada colonial perdurou. As idiosincrasias impostas pelo rápido processo de urbanização brasileiro deram origem a cidades com arranha-céus de ar futurista que tinham sob suas fachadas com linhas arrojadas o mesmo programa dos palacetes da Belle Époque.

O desenvolvimento do movimento arquitetônico modernista no Brasil impulsionou as transformações na maneira de morar: o adensamento das cidades continua e a verticalização passa a transformar a paisagem urbana. Os arranha-céus de apartamentos, que foram inicialmente malvistas pelas classes média e alta, aos poucos passam a ser vendidos como a expressão máxima arquitetônica da modernidade e do estilo de vida da metrópole. A gradativa redução da área útil dos apartamentos aglutinou os quartos de empregada, criando estratégias projetuais para, ainda assim, mantê-los o mais separados possível das áreas social e íntima ocupadas pela família empregadora.

A fim de modificar a associação dos prédios com cortiços por parte da parcela da população com maior nível de renda, a completa segregação das circulações de serviço e social nos edifícios passou a ser usada como estratégia de venda das unidades habitacionais. Nos anúncios, celebrou-se a independência das entradas e elevadores sociais em relação aos de serviço; um contrassenso à dependência cotidiana dos patrões em relação às suas domésticas.



**Figura 15:** Edifício de apartamentos no bairro da República, em São Paulo, projetado pelo arquiteto Franz Heep. A fachada de linhas arrojada e adoção de soluções inovadoras para a época tornam-se contrastantes com o superdimensionamento do número de elevadores. O elevador de serviço (destacado em azul) é estanque em relação ao hall social (onde há mais dois elevadores) e dá acesso direto ao setor de serviço da residência (caminho indicado em vermelho), incluindo o quarto de empregada (área ressaltada também em vermelho). O quarto estabelece ligação direta ao hall onde está o tanque (em frente ao banheiro de empregada), relação vista nas edículas das residências unifamiliares de outrora. Fonte: Revista Acrópole, n.240 de 1958 p.555 (adaptada para o presente trabalho).

A redução da área útil dos apartamentos, com o passar das décadas, não eliminou o quarto de empregada, rendendo ao cômodo condições cada vez piores de habitabilidade. O primeiro código de obras de São Paulo, por exemplo, estabelecia em suas tabelas de áreas mínimas que, quanto às normas relativas às dimensões destinadas aos armários “[...] é de permitir quaisquer dimensões contanto que, visivelmente, não possa ser o armário aproveitado como quarto de criada (sic.), pela colocação de uma cama [...]”, revelando assim uma prática projetual habitual nos primeiros decênios da urbanização (ACRÓPOLE, 1938, p. 53). Quanto à persistência e às características das dependências de empregada no programa habitacional brasileiro, Lemos (1976) comenta:

No subconsciente, a criada ainda é a escrava de presença desagradável. O seu quartinho abrindo porta para o terraço do tanque de lavagem ainda é a senzala. O programa em si ainda satisfaz aos desejos da classe média, pois é completo e nele todas as funções estão incluídas quase sem superposições. Mas acontece que as dimensões paulatinamente foram se reduzindo às expressões mais ridículas [...] Aliás, oficialmente, sempre a empregada doméstica inexistiu nos apartamentos porque seu dormitório pediria área compatível com os mínimos legais. Sempre os quartos de empregadas apareciam nas repartições oficiais, nos processos de aprovação de plantas como despensas, depósitos ou rouparias” (LEMOS, 1976, p. 164-165).

Após a aprovação da Lei Complementar 150 de 2015, as empregadas domésticas passaram a usufruir de direitos equivalentes às demais classes de trabalhadores brasileiros. A oneração deste tipo de contratação para os patrões fez com que fosse reduzido o número de mensalistas (que residiam na casa dos empregadores) e aumentasse o número de diaristas. Nesse contexto, alguns trabalhos, como os de Viana & Trevisan (2016) chegaram a apontar para um progressivo rareamento da presença do quarto de empregadas nos programas arquitetônicos contemporâneos.

Entretanto, bastou realizar uma breve sondagem nos lançamentos imobiliários da maior metrópole brasileira para compreender que os míseros quartos e, sobretudo, banheiros de empregadas continuam presentes nos programas de apartamentos que possuem área maior que cento e cinquenta metros quadrados. Alguns, ainda mais espaçosos, chegam a ter dois quartos de empregada sem estratégias de ventilação ou insolação direta.



**Figura 16:** Edifício de apartamentos construído pela construtora e incorporadora EVEN no bairro Alto da Lapa, em São Paulo. No layout sugerido pela construtora, à esquerda, o quarto de empregadas (em vermelho) é identificado como tal pela relação que estabelece com a cozinha e área de serviço. Sua metragem é de pouco mais de três metros quadrados. Não foi identificada qualquer abertura direta; ao contrário, um dos lados de seu fechamento coincide com a torre do elevador, fonte de forte ruído para quem habita esse dormitório. Na planta humanizada disponível no *site* da empresa, a cama não segue o padrão de dimensões mínimas dos colchões disponíveis no mercado. Há também um banheiro no mesmo setor, cujo acesso se dá pela cozinha. Na segunda opção de layout (à direita) oferecida pela construtora, o quarto de empregadas é eliminado para ampliação da sala, porém o banheiro de empregadas persiste no projeto (em vermelho, à direita). Fonte: even.com.br (adaptada para o presente trabalho).

Quanto à utilidade desses aposentos na contemporaneidade, põe-se um novo fenômeno: diante da atual crise econômica vivenciada no país, a partir de 2017,

viu-se novamente o aumento de postos de trabalhos domésticos ocupados, com maior índice de informalidade (SARAIVA, 2017). Com a lei 13.467, aprovada em novembro de 2017, e a nova modalidade de trabalho intermitente (ou seja, jornada de trabalho indeterminada, infringindo o direito de desconexão do ambiente laboral), é possível que se constate cada vez mais quartos como estes novamente ocupados por faxineiras, cozinheiras, babás, cuidadoras e outras categorias ligadas ao ambiente doméstico, ocupações de menor remuneração e mais suscetíveis ao enquadramento nas novas modalidades de trabalho precarizado estabelecidas pela mudança na CLT (AGÊNCIA ESTADO, 2018).

O quarto de empregadas pode ser considerado um símbolo da marginalização para além dos limites da residência. A fim de compreender a relação entre pobreza, gênero e as dinâmicas urbanas, alguns autores estabelecem o encadeamento entre o aumento do empobrecimento e o aumento de domicílios chefiados por mulheres (SILVA, 2007; MENDES, 2004), muitas delas empregadas domésticas. A baixa remuneração e o alto índice de informalidade fazem com que essas mulheres, quando não residem na habitação onde trabalham, frequentemente procurem ocupações irregulares como última alternativa de moradia na cidade. A segregação, portanto, é vivida dentro e fora dos ambientes domésticos em que trabalham.

## 5. Resultados

### 5.1. Regulamentação das edificações no período das obras analisadas

Antes de passar a um maior aprofundamento das análises de quartos de empregada em edifícios multifamiliares, cabe salientar alguns aspectos do código de obras vigente por todo o período que esta pesquisa abrange: o Código de Obras Arthur Saboya, de 1929. A Lei municipal que homenageia o então Diretor de Obras e Viação foi o primeiro aparato jurídico que tentou regulamentar a expansão da produção civil na cidade de São Paulo, a primeira, portanto que regulamentou os condomínios verticais (CIPOLLA, 2011, p.19-20).

A referida lei consolidou e sistematizou uma série de normas de anos anteriores, e abrangia tanto aspectos arquitetônicos quanto urbanísticos. A versão definitiva foi promulgada em 1934, pelo ato nº 663 de 10 de agosto de 1934. Devido ao seu caráter abrangente, sofreu diversas pequenas modificações ao longo tempo. Entre 1952 e 1957 foi revista, e a lei nº 5.261 de 4 de julho de 1957 estabelece nova densidade residencial e área mínima de lotes, sem, entretanto, anular o Código de obras Arthur Saboya. Esse código vigorou até 1975, quando finalmente, foi substituído pela lei municipal nº 8.266/75 de 20 de junho de 1975 (ROSALES, 2002, p.30).

A longevidade da vigência desse código de obras tornou a sua análise primordial para estabelecer a maneira como os cômodos de permanência de trabalhadoras domésticas era encarada juridicamente, no campo da arquitetura e do urbanismo. Na referida lei, vê-se, por exemplo, a ligação direta dada entre despensa ou depósito e o quarto destinado a empregadas domésticas:

Parágrafo único - Quando, porém, a habitação existente ou projetada não possuir pelo menos um dormitório destinado à criada, deverá o depósito preencher todas as exigências deste Código, tendo em vista o destino eventual de quarto para empregados (SÃO PAULO, 1934).

O código não dá especificações tão detalhadas quanto esse parágrafo parece sugerir. A partir de uma visão minuciosa, se contradiz entre o artigo duzentos, que estabelece que um porão pode ser usado para despensa, mas também como habitação diurna, desde que haja ventilação ao menos em uma das faces

e que o pé direito seja de, no mínimo, dois metros e meio, e o artigo duzentos e três, que já estabelece uma altura de pé direito mínimo de dois metros e dez centímetros ou mais.

Em relação às condições aplicáveis às casas populares e cortiços, curiosamente é onde se estabelecem de maneira mais declarativa as áreas mínimas expectáveis para um quarto de empregada:

§2º - Anexo à garage é admitida a construção de um quarto para empregado com área mínima de oito metros quadrados, satisfeitas as demais prescrições deste Código (SÃO PAULO, 1934).

Entre as observações mais relevantes dessa lei, destaca-se a prevista para o que se determina de “despesas” (sic), compartimentos para estoque de gêneros alimentícios: localizados em habitações ou em apartamentos, tal categoria de cômodo não poderia ter área menor que três metros quadrados. Esse dado interessa porque, ao longo desta pesquisa, foram vistas algumas despensas com comunicação direta com lavanderias ou banheiros, podendo indicar a possibilidade de uso delas como quarto de empregada.

Para ratificar esta observação, traz-se aqui um extrato da interpretação dessa lei segundo a edição de nº 2, de 1938 da revista *Acrópole*. Apesar de, em item anterior, estabelecer oito metros quadrados a área mínima para “quarto de criada” (sic), em seguida, desvela o que parece ser um hábito social e projetual da época, que seria o de utilizar espaços destinados para armários (bem menores que oito metros quadrados) para a colocação de uma cama, adaptando este espaço mínimo para a permanência das empregadas domésticas:

Armarios – o critério adoptado é de permitir quaisquer dimensões contanto que, visivelmente, não possa ser o armário aproveitado como quarto de criada, pella colocação de uma cama.  
Recantos, aproveitados como armários – área máxima, 2 00 m. q. (ACRÓPOLE, 1938).

<b>AREAS MINIMAS</b>	
Codigo de Obras "Arthur Saboya" acto n. 663, de 10 de Agosto de 1934 da Prefeitura Municipal de São Paulo	
Salas - 10,00 m. q. em residencias e hotéis.	
Aposentos em residencias 10,00 m. q.; em hotéis, quando isolados, 10,00 m. q. e quando em series de dois ou tres, formando aptos. isolados, um de 10,00 m. q. e os outros de 8,00 m. q. cada um.	
Toucadores - em residencias, 8,00 m. q.; em hotéis 6,00 m. q.	
Quartos de creada - 8,00 m. q.	
Garages - individuais, 10,00 m. q., com 2,50 mts. no lado menor.	
Copas e despensas - 9,00 m. q. em residencias e hotéis.	
Cosinhas - 7,00 m. q. em residencias e hotéis.	
Banheiros - 4,00 m. q. em residencias e hotéis, quando incluindo o W. C.; e 3,20 m. q. quando sem o W. C.	
WW. CC. em resid. e hotéis, internos, 2,00 m. q. e externos, 1,20 m. q. (em ambos os casos, com larg. minima de 1,00 mt.). Nos conjuntos de WW. CC. com divisões até o maximo de 2/3 da altura a area total dividida pelo numero de WW. CC. deve ser igual a 2,00 m. q.	
Armarios - o criterio adoptado é de permitir quaesquer dimensões contanto que, visivelmente, não possa ser o armario aproveitado como quarto de creada, pela collocação de uma cama.	
Recantos, aproveitados como armarios - area maxima, 2,00 m. q.	
4.00 m. <sup>2</sup>	Area exacta
2.00 m. <sup>2</sup>	Area exacta

**Figura 17:** Interpretação acerca do Código de Obras Arthur Saboya. Destaca-se a incoerência entre o exposto como área mínima de um quarto de empregadas e a área da unidade habitacional destinada a armários. Fonte: Revista Acrópole nº 2 (1938, p. 49)

## 5.2. Antecedentes históricos: o quarto de empregada dos palacetes às residências modernistas

Em São Paulo, durante a República Velha, os excedentes gerados pela produção cafeeira, desempenharam um papel importante na formação do capital voltado à verticalização da cidade. Na medida em que os preços do café estavam sujeito às flutuações do mercado internacional, o investimento em imóveis (forma de capital mais estável) se constituiu num modo de garantir a solvência dos empreendimentos agrários, frente às instabilidades econômicas. Assim, a maior parte dos edifícios verticais multifamiliares construídos nas

décadas de 1930 a 1950 em São Paulo eram voltados ao rentismo, via cobrança de aluguéis<sup>27</sup>.

Tal especificidade socioeconômica acabou tendo repercussões na composição formal desses edifícios. Dadas as especificidades dos lotes urbanos (parcelados no período colonial), e a necessidade de aproveitamento máximo do terreno, as edificações acabavam assumindo feições “modernizantes”, ao passo que o emprego de ornamentos e formalismos que se configuravam em custos eram limados do projeto.

Significa que a concepção das edificações estava muito mais vinculada aos condicionantes postos pelo contratante, acima destacados, e a aparência “moderna” surgia como resultado dessas premissas, sendo adotada pelos projetistas apenas como um estilo entre outros disponíveis (e não como consequência de um entendimento modernista da arquitetura). Uma parte considerável dessas obras careciam de uma decisão estética consistente e eventualmente se resumiam a alterações formais da fachada.

Como destaca Pinheiro (2001), esse período é caracterizado por uma ambiguidade no emprego do termo “arquitetura moderna”, já que era comumente utilizado como forma de alusão a qualquer arquitetura contemporânea, à época, não apresentando nenhum comprometimento com o ideário modernista. É importante ter em conta que, naquele momento, mesmo os pioneiros da arquitetura modernista *stricto sensu* no Brasil, a exemplo de Gregori Warchavchik e Lucio Costa, enfrentavam contradições no seio de seus primeiros projetos, fosse pelo déficit de informações em relação às vanguardas europeias, pelas restrições impostas pelas técnicas e materiais construtivos disponíveis no país, ou mesmo pelas contradições inerentes à formação social brasileira. Assim,

---

<sup>27</sup> Como relata Pinheiro (2008, p. 112) o caso paulistano conta com uma peculiaridade, na medida em que, apesar da vigência do Decreto 5.491, de 25/06/1928, que criava a figura jurídica do condomínio, a maioria dos edifícios residenciais eram construídos para fins de rentismo. Dessa forma, todos os apartamentos pertenciam a um mesmo dono – e normalmente eram construídos para serem alugados. Este panorama só vai mudar a partir de 1942, mediante a Lei do Inquilinato, que “congelou” os aluguéis, dificultando a proliferação dessa modalidade de especulação imobiliária. Só então passou a predominar o sistema de condomínio na capital paulista.

no que concerne aos edifícios verticais (e seu caráter mais orientado ao mercado de massa) esse hiato entre o “conteúdo” do projeto (seu programa) e o invólucro (a aparência “modernizante” comumente denominada como *art déco*) foi ainda mais significativo.

Em uma análise sistemática dos edifícios produzidos em São Paulo entre 1930 e 1940, Pinheiro (2008, p. 110) elenca algumas características comuns aos projetos elaborados no período, como: a já mencionada ocupação máxima dos terrenos; a ausência de preocupação em configurar plantas-livres, com soluções alheias às necessidades funcionais; a ausência de ousadia no emprego de novas técnicas construtivas; a recorrência de unidades heterogêneas na planta do pavimento-tipo; e, como pontuado doravante no artigo em referência (p.121), o caráter ensaístico da proposição da dependência de empregadas, demonstrando a tentativa de inserir no programa da habitação em altura a “necessidade” do trabalho doméstico contratado.

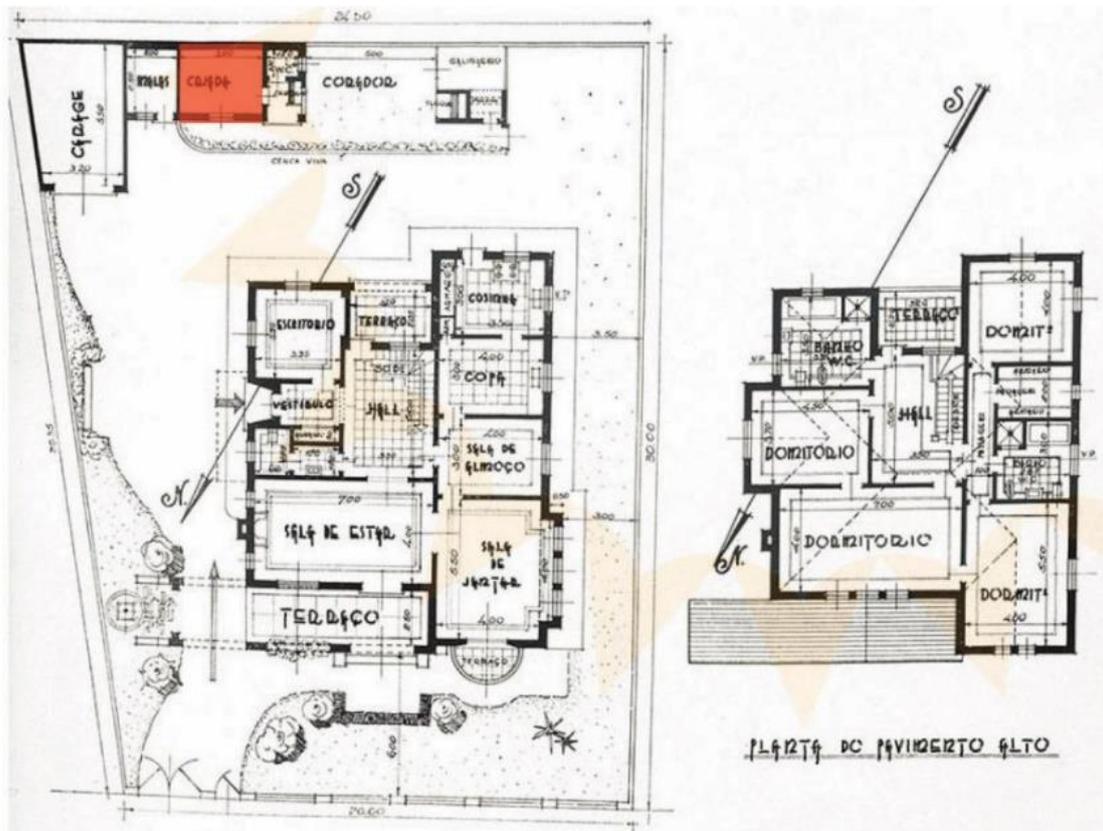
À parte a intermitência da dependência de empregadas nos projetos analisados, é possível perceber que houve distintas tentativas de inseri-lo no programa da edificação multifamiliar, tomando como base inicialmente a disposição por ele ocupada nas residências unifamiliares. Nessas casas, o dormitório da empregada ocupa normalmente os fundos do lote, não raro dividindo uma parede com a garagem (ver Figura 17). Além da comparação imediata que se pode estabelecer entre tal planificação e a dicotomia casa-grande/senzala (representada na Figura 8, na seção anterior), pode-se apontar o antagonismo existente entre o automóvel (possivelmente o símbolo máximo da sociedade de

consumo moderna) e o quarto de empregadas (oriundo da sociedade colonial), embora ambos praticamente compartilhem a mesma porção da residência<sup>28</sup>.

O posicionamento do quarto de empregadas no fundo do lote, separado da “casa grande”, viabilizou o desempenho das funções domésticas sem jornada definida, ao passo que estabeleceu um limite visível entre esta atividade e a esfera familiar. A área de serviço, normalmente nos fundos da residência se comunica diretamente com os fundos do lote, sem que a doméstica precise atravessar a área social para desempenhar a maior parte de suas funções.

---

<sup>28</sup> É válido ressaltar que o quarto de empregada permaneceu no programa modernista da casa pequeno-burguesa/urbana brasileira, a despeito do fato do surgimento da arquitetura modernista brasileira ter se pautado inicialmente pela negação do neocolonial como estilo arquitetônico tipicamente autóctone. Na célebre polêmica que ensejou a tentativa de reforma promovida na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) por Lucio Costa, e que acabou motivando sua exoneração, em nenhum momento a continuidade do cômodo nos programas residenciais foi alvo de questão. No caso particular de Costa, o quarto de empregadas está presente tanto nos projetos de sua fase neocolonial, quanto após sua “conversão” ao modernismo, demonstrando que o tema não era alvo de constrangimento. Segundo Segawa (2014, p. 49): “A renovação [dos pioneiros da arquitetura modernista no Brasil] inspirava-se em ideias europeias, mas restringindo-se ao plano das ideias, porquanto a prática do arquiteto estava afastada de conteúdos de maior repercussão social [...]”.



**Figura 18:** Planta-baixa de residência unifamiliar no bairro da Aclimação (São Paulo-SP). Ressaltada em vermelho, a dependência de empregada colocada juntamente à garagem pode ser tida como uma expressão da ideia da doméstica como um utensílio (“guardado” ao lado do automóvel). É possível construir, também, um paralelo entre a posição da dependência da empregada, aos fundos da casa, e a das senzalas (conforme Figura 3) situadas na mesma posição em relação aos casarões coloniais. Tais idiossincrasias são reveladoras do anacronismo e da contradição existente entre o automóvel (à época, símbolo de modernidade) e o trabalho doméstico (oriundo da sociedade colonial) postados lado a lado. Fonte: Revista Acrópole n° 60 (1943, p. 437) adaptada pela autora.

### 5.3. Os quartos de empregada nos edifícios multifamiliares

Conforme mencionado previamente, a adaptação do programa residencial unifamiliar para as edificações multifamiliares em altura, juntamente com as configurações específicas adotadas para um quarto de empregada, ocorreu de maneira variada. Dos primeiros prédios residenciais em altura em diante, os arquitetos pioneiros tinham diante de si a seguinte questão: como conciliar a necessidade da presença praticamente ininterrupta da doméstica de modo que ela interferisse minimamente na vida familiar?

Para compreender de que maneira a resposta a essa questão foi dada, propõe-se a investigação minuciosa das edificações divulgada pela revista *Acrópole*.

Nas 391 (trezentas e noventa e uma) edições da revista *Acrópole*, 487 (quatrocentas e oitenta e sete) foram as publicações de edifício ou prédios de naturezas diversas. Diante dessa magnitude de dados brutos, procedeu-se à seleção dos que se referiam à cidade de São Paulo e de natureza residencial. Por fim, houve a eliminação de publicações que mostrassem o mesmo projeto, como foi o caso do Edifício Livia Maria, do Edifício Bauru e do Edifício Pilotis. A amostragem final de edifícios qualificados para serem analisados passou para 227 (duzentos e vinte e sete) projetos.

Dos 227 (duzentos e vinte e sete) edifícios analisados, 108 (cento e oito) não apresentavam quarto de empregada, e 77 (setenta e sete) apresentavam de maneira declarativa, seja em legenda das unidades habitacionais, seja em descrição textual que acompanhava o projeto. Entre eles, um caso especial que será descrito a seguir, o Edifício Regência.

A partir desse caso específico, percebe-se que uma das primeiras respostas a essa problemática foi a concentração das dependências de empregadas em um só pavimento do edifício. É possível que tal solução tenha sido adotada por influência das *chambres-de-bonne* francesas<sup>29</sup> – quartos, sem banheiro, situados no último pavimento dos edifícios construídos, na maior parte, durante as reformas implementadas pelo barão Haussman em Paris, entre as décadas de 1850 e 1870. Tal disposição, no caso francês, acolhia os resquícios de trabalho doméstico oriundo do regime de servidão (que, embora abolido oficialmente pela Revolução Francesa, ao fim do século XVIII, teve sobrevida como modo de afirmação da alta burguesia que se consolidava nos séculos XIX e XX<sup>30</sup>).

---

<sup>29</sup> Pinheiro (2008, p. 124) avança tal possibilidade.

<sup>30</sup> Um interessante retrato desse processo é apresentado no filme *Les femmes du 6e étage* (2010). Nele se observa o conflito entre um casal conservador da burguesia francesa e suas *femmes de ménage* de origem espanhola, durante a década de 1960. Seguindo os padrões vigentes ainda à época, as domésticas habitam o sexto e último andar do edifício onde também vivem os patrões – fazendo com que o edifício se configure como uma pirâmide social invertida. O enredo do filme se movimenta em torno do anacronismo de tais relações de trabalho, em pleno século XX da França nos “Trinta Gloriosos”.

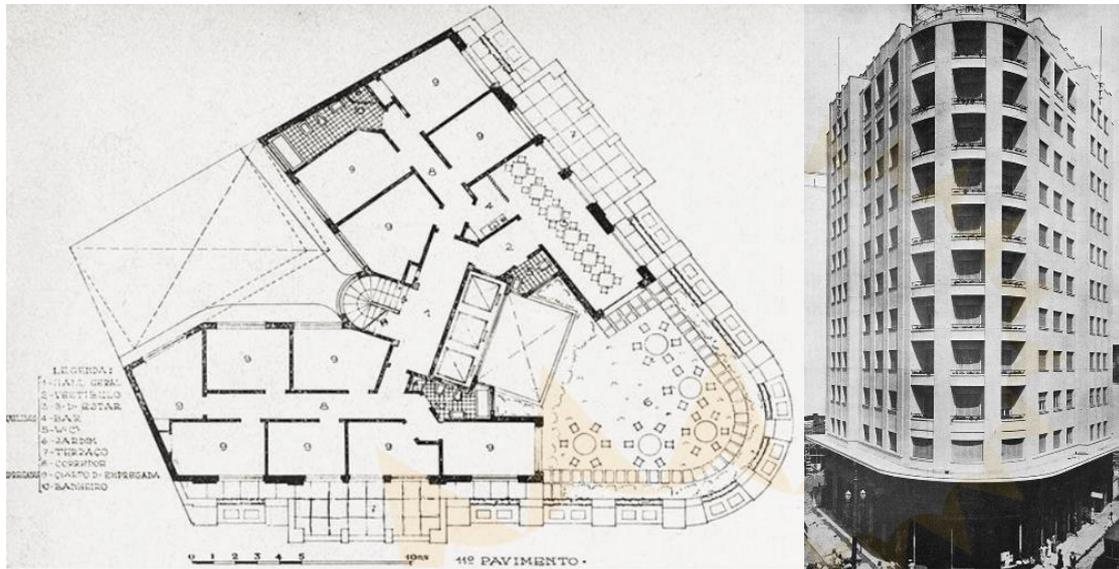


**Figura 19:** Na imagem acima, de Louis Poyet, feita para o livro *L'Electricité dans la Maison* (HOSPITALIER, 1885) é possível perceber uma residência haussmaniana com sete pavimentos. No andar mais acima, é possível ver uma fileira de pequenos quartos idênticos que seriam destinados a alojar os empregados. Dada a natureza do livro, anuncia-se uma campanha elétrica que permitisse que as criadas subissem e descessem as escadas quando fosse conveniente para a família. A ausência de elevadores fazia com que, a altura da moradia fosse inversamente proporcional à condição social dos indivíduos. Fonte: HOSPITALIER, 1885. Disponível em: <https://parisianfields.com/2020/09/06/chambre-de-bonne/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

É difícil precisar a razão exata da não continuidade de tal modelo no caso brasileiro. Todavia, é possível considerar que a separação da empregada de seus patrões, alojados em pavimentos distintos, impunha dificuldade à exploração da mão de obra doméstica sem horários definidos (o que, como já argumentado, caracteriza historicamente a profissão).

Ressalta-se que no interior de cada apartamento, é possível ver um banheiro na área de serviço que, supostamente, seria dedicado ao uso das empregadas domésticas. A necessidade logística de estabelecer uma jornada de trabalho bem definida (dada a separação dos pavimentos) pode ter se configurado na

razão do descarte gradativo de tal organização planimétrica, observado a partir da década de 1950.



**Figuras 20 e 21:** Planta-baixa do 9º andar do Edifício Regência (São Paulo-SP). Nesse pavimento, concentram-se todas as dependências de empregada do edifício, com banheiros compartilhados. Tal forma de disposição do cômodo, embora menos frequente, não era de todo incomum. As unidades de apartamento contavam com cozinha, não possuíam copa. A área de serviço de cada unidade habitacional. Fonte: Revista Acrópole nº 26 (1940, p. 79-80)

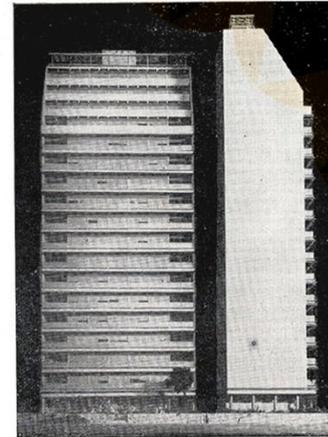
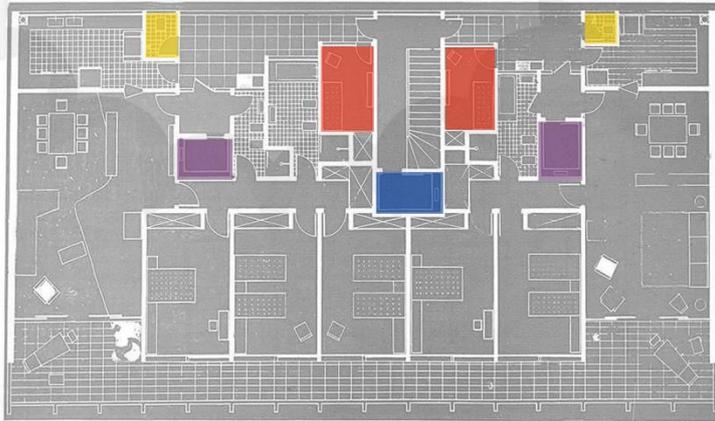
Conforme a análise progrediu, tornou-se evidente que 13 (treze) empreendimentos arquitetônicos incorporavam banheiros designados especificamente para o uso de empregadas domésticas. Embora a mitologia da sociedade que alcançara a harmonia racial pela miscigenação tenha evitado a segregação de banheiros públicos (como era comum nos estados do sul dos EUA à época), a presença de um banheiro de serviço destinado a trabalhadoras domésticas revela a essência da formação social brasileira.



**Figura 22:** Planta-baixa do pavimento tipo do Edifício Elza (São Paulo-SP). Aqui um cômodo que aparece com a indicação "Despensa" está posicionado no lugar que normalmente assume a função de quarto de empregada (na área de serviço, posterior à cozinha e ao lado do banheiro de empregada, ressaltado em vermelho). Fonte: Revista Acrópole n° 60 (1943, p. 434) adaptada pela autora.

Observou-se, ainda, que 15 (quinze) plantas-baixas de alguns edifícios não declaravam textualmente incluir quartos de empregada em seu projeto, entretanto, o layout de um espaço contíguo à área de serviço, quase sempre acompanhado de um banheiro de dimensões diminutas, sugeriam o uso para alojamento de empregadas domésticas. Entre eles, o Edifício Imperator Santa Fé, publicado em 1953.

Neste exemplo, pode-se identificar, em vermelho, um ambiente com layout de dormitório que dá acesso a uma área de serviço (que inclui um tanque) e que, por sua vez, dá acesso à cozinha. Reforça-se ainda que, nesse caso, essa edificação possui 3 (três) elevadores, sendo um dedicado ao acesso exclusivo à área de serviço (em azul). Esse foi também um fator considerado nesta análise e será tratado de maneira detalhada posteriormente, neste volume.



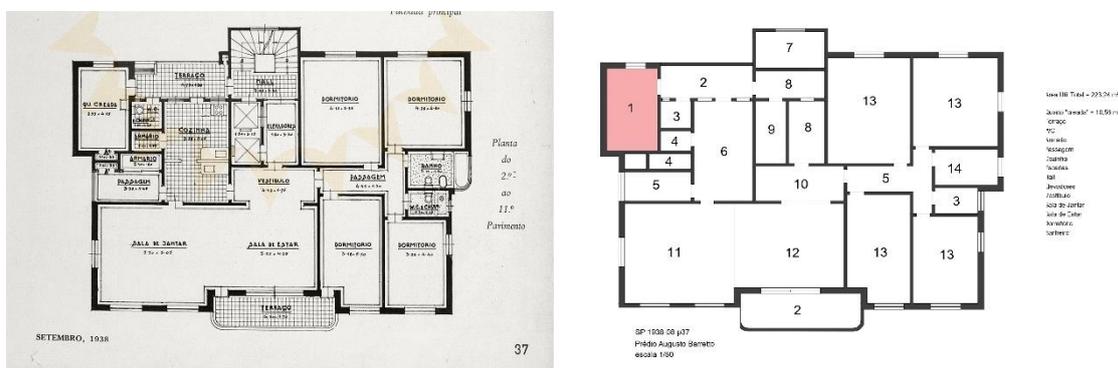
**Figuras 23 e 24:** Planta-baixa do pavimento tipo do Edifício Imperator Santa Fé (São Paulo - SP). Nesse pavimento, é possível perceber duas unidades habitacionais. Em cada uma delas, o que seria o quarto de empregada está assinalado em vermelho, os banheiros dedicados a estas trabalhadoras, está em amarelo. Frequentemente, os banheiros, em amarelo, são distanciados do quarto. Esta é a disposição mais comum vista nesta investigação. Fonte: Revista Acrópole nº 187 (1953, p. 322-323), adaptada para esta pesquisa.

Quando os edifícios multifamiliares em altura foram definitivamente adotados pela classe média brasileira, é possível perceber a gradativa anexação das dependências de empregada na organização espacial de cada unidade habitacional. O dormitório e banheiro exclusivos para empregados fazem parte do setor de serviço deste tipo de moradia.

Essa aproximação dos aposentos de empregadas ao setor social não pressupunha qualquer tipo de integração, já que há clara separação entre os setores social e de serviço. Porém, essa modificação percebida nas plantas-baixas analisadas possibilitou aos patrões a extensão de expediente dos trabalhadores domésticos de acordo com a informalidade que o pernoite do funcionário em seu local de trabalho permitia.

Após a seleção final dos projetos que proporcionariam respostas para as indagações que motivaram esta pesquisa, os 77 (setenta e sete) projetos foram analisados e os pavimentos que apresentavam a inserção das dependências de empregada foram pré-selecionados. 87 (oitenta e sete) plantas-baixas foram transpostas para o meio digital, utilizando o programa AutoCAD (Autodesk), utilizando as dimensões indicadas em planta ou aproximação de escalonamento,

utilizando dimensões padrões de elementos expressos nas plantas arquitetônicas examinadas.

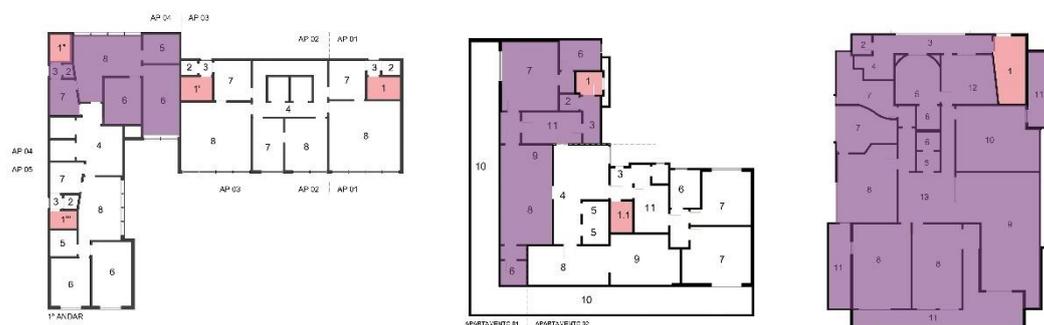


**Figuras 25 e 26:** Exemplo de reprodução do pavimento tipo do Edifício Augusto Barretto. Todas as plantas foram feitas utilizando o software AutoCAD, levando em consideração as categorias de análise necessárias para a viabilização de respostas para a investigação proposta por esta pesquisa. Os quartos de empregada foram demarcados em vermelho. Fonte: Revista Acrópole nº 5 (1938, p. 37).

Ao longo do período de desenho das plantas-baixas, foram identificados 197 (cento e noventa e sete) apartamentos que apresentavam, em seu programa, quartos de empregada. Além dos 197 (cento e noventa e sete), foi considerado um caso cujos quartos de empregada se encontram concentrados em um pavimento separado dos pavimentos que incluem unidades habitacionais, o Edifício Regência, citado anteriormente.

No que tange à tipologia dos apartamentos, constatou-se que, dentre 197 (as cento e noventa e sete) unidades com quarto de empregada em seu programa, 101 (cento e uma) delas eram compostas por 3 (três) dormitórios, além do mencionado quarto de empregada, configurando, assim, a maioria. 82 (oitenta e dois) apartamentos possuíam 2 (dois) dormitórios. Por outro lado, 6 (seis) unidades eram constituídas apenas por 1 (um) quarto, mas ainda assim incluíam o quarto de empregada. 5 (cinco) casos referiam-se a apartamentos com 4 (quatro) dormitórios, além da dependência de empregadas.

Adicionalmente, identificou-se um apartamento com 5 (cinco) quartos e outro com 7 (sete) quartos. Em um dos casos, não foi viável determinar com exatidão a tipologia. Em sete apartamentos, foi possível identificar a existência de 2 (dois) quartos de empregada. Essa análise revela a diversidade de configurações habitacionais presentes nesse conjunto residencial, bem como de áreas de apartamento já que os apartamentos analisados variavam de 42m<sup>2</sup> (quarenta e dois metros quadrados) de área útil a 357m<sup>2</sup> (trezentos e cinquenta e sete metros quadrados).



**Figuras 27, 28 e 29:** Para demonstrar a variedade, à esquerda, um apartamento de um edifício projetado na Avenida Angélica, com área demarcada em lilás de um apartamento cuja área útil não ultrapassa quarenta e dois metros quadrados. Ao centro, um apartamento no Edifício Hecilda, com área inferior a setenta metros quadrados. À direita, o Edifício Pilotis, cujo andar comporta apenas um apartamento que ultrapassa os trezentos e cinquenta e sete metros quadrados. Fonte: Revista Acrópole n° 177 (1953, p. 327), Revista Acrópole n° 121 (1948, p. 8) e Revista Acrópole n° 126 (1948, p.180), adaptadas pela autora.

A pesquisa abrangeu a totalidade de 215 (duzentos e quinze) quartos destinados a empregadas domésticas, considerada uma amostragem significativa que permitisse a percepção de padrões de associação que pudessem dar resposta às hipóteses que deram origem a esta investigação.

<b>NÚMERO DE PROJETOS ANALISADOS</b>	<b>77</b>
<b>NÚMERO DE APARTAMENTOS ANALISADOS</b>	<b>197</b>
<b>NÚMERO DE QUARTOS DE EMPREGADA ANALISADOS</b>	<b>215</b>

**Quadro 2:** Números da investigação, sem incluir o caso especial (Ed. Regência).

Em relação às metragens dos quartos de empregada analisados, observou-se que apenas 48 (quarenta e oito) dos 215 (duzentos e quinze) quartos possuíam metragem quadrada igual ou maior que 8.00m<sup>2</sup> (oito metros quadrados), área estabelecida como mínima de acordo com a norma vigente no período em que esses edifícios foram divulgados. 17 (dezesete) quartos de empregada não atingiam sequer 4m<sup>2</sup> (quatro metros quadrados), o que representaria metade do espaço mínimo estabelecido pela norma. A despeito da menor área de cômodo estabelecido pela norma Arthur Saboya, que seria de 3.20m<sup>2</sup> (três metros quadrados e vinte decímetros quadrados), dedicados a banheiros, 8 (oito) dos quartos de empregada analisados sequer alcançavam esta dimensão<sup>31</sup>.

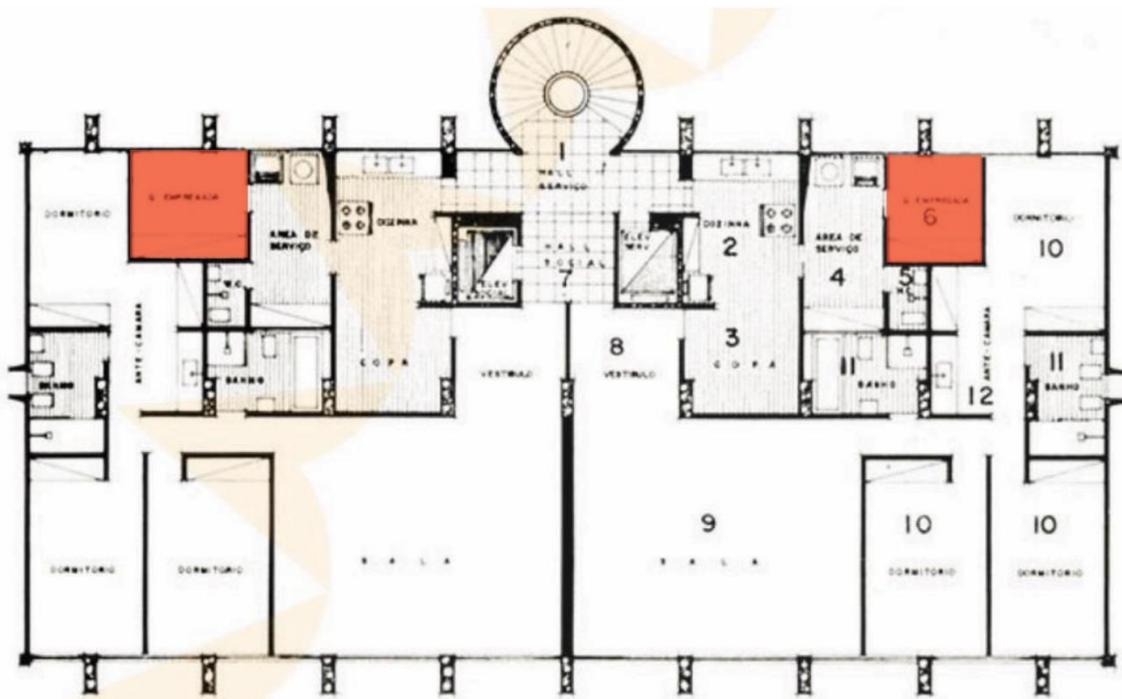
<b>ÁREA</b>	<b>NÚMERO DE QUARTOS DE EMPREGADA</b>
<b>8m<sup>2</sup> ou mais</b>	<b>48</b>
<b>Menor que 4m<sup>2</sup></b>	<b>17</b>
<b>Menor que 3.20m<sup>2</sup></b>	<b>8</b>
<b>Demais metragens</b>	<b>142</b>

**Quadro 3:** Quartos de empregada em relação à metragem

<sup>31</sup> Para o caso da aferição de metragem dos quartos de empregada, foi considerada uma margem de erro de 2% para mais ou para menos, já que o método de redesenho das plantas-baixa para o meio digital, em que há adequação de acordo com as medidas indicadas no desenho ou, ainda, a adequação de escala a partir de elementos padrão (como vãos de portas) pode sofrer alguma imprecisão, sobretudo a considerar a eventual ausência de alta definição da digitalização original da revista *Acrópole*.

É inegável a importância de aberturas em um ambiente que pressupõe permanências prolongadas, garantido não somente trocas de ar, mas a entrada de luz natural, aspectos que influenciam em nível considerável o bem-estar de quem vivencia o espaço. Tendo esse aspecto em conta, foram analisados quantos quartos de empregada apresentavam, em sua planta, aberturas para o exterior. 95 (noventa e cinco) quartos de empregada não apresentavam janelas para o exterior. A maioria, porém, não absoluta, de 124 (cento e vinte e quatro quartos) apresentavam abertura para o exterior da edificação. Reforça-se, no entanto, que pela ausência de informações precisas sobre essas aberturas ou de imagens que permitisse a análise da área destas janelas, não foi possível analisar se eram adequadas em relação à área total dos quartos.

A disposição mais comumente percebida dos quartos (e banheiros) de empregadas era contígua às lavanderias, sendo que a passagem pela cozinha era obrigatória para acesso ao setor íntimo, tal qual se mostra na planta abaixo.



**Figura 30:** Planta de edifício multifamiliar (São Paulo-SP). Posição da dependência em sua configuração mais recorrente: banheiro e quarto separados e contíguos à área de serviço, que atua como um espaço de transição entre a dependência e a cozinha. Fonte: Revista Acrópole N° 381 (1971, p. 381) adaptada pela autora.

A vinculação desse cômodo com a área de serviço denota uma localização desfavorecida na medida que a área de serviço é o local da unidade habitacional em que se alojam itens sujos e passíveis de limpeza. Frequentemente, esses itens podem carregar consigo odores e até mesmo bactérias prejudiciais à saúde. Dos 215 (duzentos e quinze) quartos de empregada analisados, 171 (cento e setenta e um) tinham acesso direto por uma área de serviço ou lavanderia. Em outros 9 (nove) casos, o acesso se dava pela cozinha. Um deles ligava-se diretamente a uma rouparia.

Em 34 (trinta e quatro) casos, o quarto de empregada possuía ligação a um hall ou circulação interna. A frequente conexão direta com a área de serviço reforça a precariedade das condições de espaço dedicados às empregadas domésticas em longa permanência nesses quartos. Esse fator associado, muitas vezes, como explicitado anteriormente, à ausência de aberturas para o exterior explicita o grau de insalubridade desse espaço dedicado às trabalhadoras domésticas.

<b>CÔMODO DE ACESSO AO QUARTO DE EMPREGADA</b>	<b>NÚMERO DE QUARTOS DE EMPREGADA</b>
<b>Área de serviço ou lavanderia</b>	<b>171</b>
<b>Cozinha</b>	<b>9</b>
<b>Circulação interna</b>	<b>34</b>
<b>Rouparia</b>	<b>1</b>

**Quadro 4:** Quartos de empregada e área pelo qual é possível acessá-lo.

Em relação à regularidade do formato dos quartos, analisou-se se os ambientes possuíam ângulos retos a fim de investigar se a área poderia ser plenamente aproveitada ou não. Foram identificados apenas 13 (treze) quartos com formato irregular.

Ainda em relação a apartamentos em que há um ou dois dormitórios, é possível constatar que, mesmo quando a metragem quadrada é limitada, optou-se pela adoção do quarto de empregada no programa, ainda que as dimensões sejam bastante reduzidas. No caso abaixo, nota-se, pelas angulações atípicas de vedações internas (apartamento destacado em linhas vermelhas) a dificuldade

de distribuição de espaços nas áreas social e íntima, inconveniente que poderia ser minimizado com a supressão do cômodo ora citado.



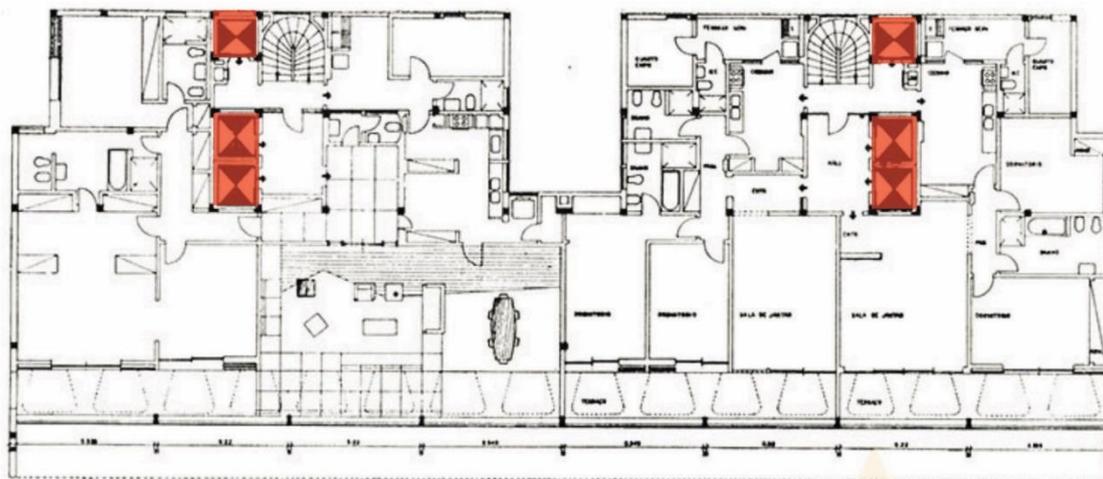
**Figura 31:** Esse prédio de apartamentos na Avenida Angélica demonstra que a empregada não era parte do cotidiano somente de famílias numerosas: na unidade habitacional ressaltada, nota-se que, mesmo em projetos com metragem quadrada limitada (nesse caso com dois dormitórios), é possível encontrar a área destinada à prestadora de serviços domésticos. Fonte: Revista Acrópole n° 177 (1953, p. 327) adaptada pela autora.

A necessidade da existência do dormitório para prestadoras de serviços domésticos em grande parte dos edifícios pesquisados (sem distinção de padrão de apartamentos) corrobora o entendimento de Goldstein (2003) acerca das particularidades da classe média brasileira. Ainda que a renda desse estrato social varie significativamente no país, dispor de uma funcionária para se ocupar dos trabalhos domésticos é mais do que uma questão de orçamento familiar; é exibir um símbolo de distinção social em relação às classes de trabalhadoras cuja renda impossibilita uma subsistência minimamente considerada adequada (GOLDSTEIN, 2003, pp. 157-159). Esse quadro, portanto, se reflete nos padrões espaciais de diversos projetos observados.

Outro aspecto analisado nesta pesquisa foi a entrada separada, via área de serviço ou outra área que não pertencesse à área social da casa, que poderia ser usada para dar acesso diferenciado às trabalhadoras domésticas. Nesse quesito, foram avaliados escadas ou elevadores separados para acesso à área de serviço ou cozinha, e à área social. Dos 77 (setenta e sete) projetos analisados, 44 (quarenta e quatro) apresentavam elevadores com saída diferenciada para a área de serviço. Essa necessidade de diferenciação é reforçada em alguns projetos que contemplam um elevado número de ascensores.

Até 1942, segundo Pinheiro (2008), não é usual a separação rígida entre entrada social e de serviço nas edificações em altura. Importa dizer, no entanto, que até esse período nos casos estudados pela autora, os prédios residenciais eram todos de um só proprietário. No mesmo ano, a Lei do Inquilinato passou a ser o instrumento regulador da relação entre locador e locatário, a partir da definição de congelamento de aluguéis, o que alavancou, definitivamente, a incorporação para fins de venda, sendo possível a construção em condomínios. A atividade de incorporação somente seria regulada em 1960.

Na década supracitada, Bruand (1991) chama atenção para a separação total entre circulações social e de serviço em apartamentos de alto padrão. A segregação era utilizada como argumento de vendas, como se pode perceber na edição n.272, de 1961 da revista *Acrópole*; na descrição do edifício, lê-se que “Os acessos social e de serviço encontram-se perfeitamente independentes e perimetrais ao jardim da frente” ([EDITORIAL], 1961, p.286, grifo da autora). No caso da planta apresentada a seguir, é possível ver um superdimensionamento de elevadores (três, no total) para que haja total separação entre a circulação de patrões e empregados.



**Figura 32:** Planta do pavimento-tipo do Edifício Lausane (São Paulo-SP). Um superdimensionamento de elevadores (três no total, sendo um exclusivo para trabalhadores, ressaltados em vermelho) é realizado para evitar que os habitantes e visitantes do prédio não apenas não compartilhassem o elevador com as empregadas, mas sequer cruzassem com essas trabalhadoras no hall de acesso dos apartamentos (também segregado). Fonte: Revista Acrópole nº 249 (1958, p. 504).

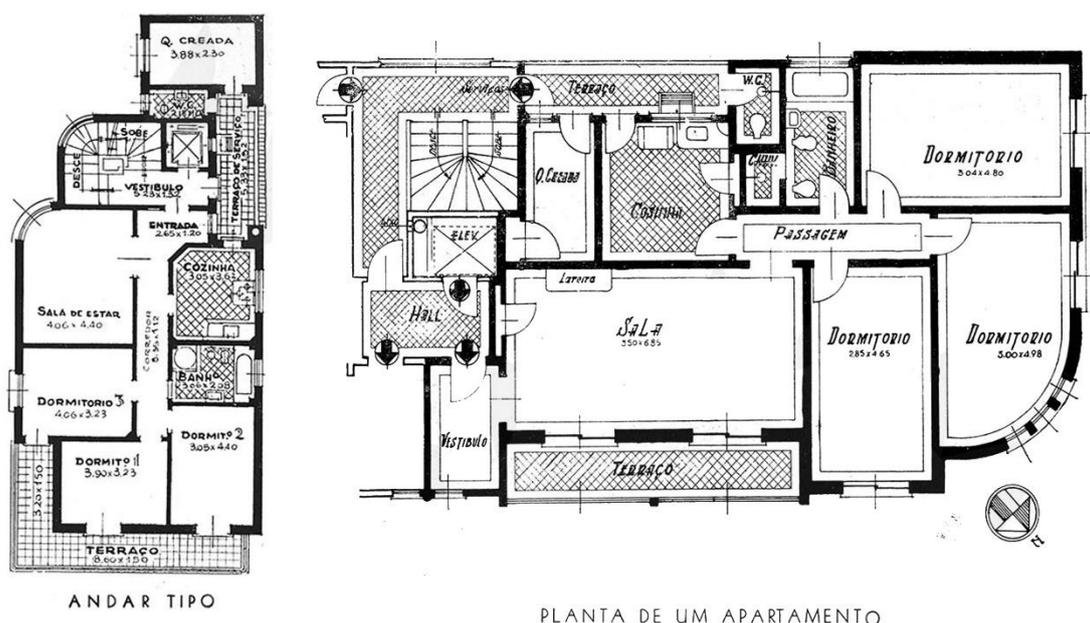
Sobre esse aspecto, salienta-se que algumas leis recentes do município de São Paulo foram promulgadas a fim de frustrar as práticas de discriminação que esse tipo de diferenciação de elevadores promovia. A lei nº 11.995, de 16 de janeiro de 1996 tornou obrigatória a afixação de placas de advertência nos elevadores de edifícios de qualquer natureza que contivessem a seguinte informação:

É vedada, sob pena de multa, qualquer forma de discriminação em virtude de raça, sexo, cor, origem, condição social, idade, porte ou presença de deficiência e doença não contagiosa por contato social, no acesso aos elevadores deste edifício (SÃO PAULO, 1996).

Com vistas a reprimir a diferenciação social que se dava em relação a essa determinação de elevadores dedicados a usos de diferentes indivíduos, fator que chegava a causar transtornos em locais públicos devido à formação de filas à espera dos elevadores, em 3 de julho de 2023, a Lei nº 7.957 entrou em vigor. A referida lei proíbe definitivamente a diferenciação a partir da denominação de “Elevador Social” e “Elevador de Serviço” em ascensores públicos ou privados. A única exceção prevista na lei é dedicada para elevadores de carga, que devem ser destinados ao transporte de cargas grandes, materiais de obra e itens relacionados. Espera-se que a segregação baseada em nomenclaturas seja

eliminada, mas nada se pode concluir em relação à segregação menos declarativa embutida nos hábitos cotidianos, sobretudo em edifícios privados.

Ainda sobre nomenclatura, entre a totalidade das plantas-baixas observadas, foi possível identificar 6 (seis) variações de denominação: “empregada”, “criado”, “creada”, “criada”, “serviço” ou “dependência”. A maioria das referências era para “empregada”, seguida da denominação “creada”, “criada” ou “criado”(sic.).



**Figuras 33 e 34:** Plantas do Edifício Palacete Suzanne (à esquerda) e Edifício Paulista, à direita. Ambos denominam o recinto dedicado ao uso e permanência de empregadas domésticas como “Q. Creada” (sic.). Fonte: Revista Acrópole nº 116 (1947, p. 207) e Revista Acrópole nº 122 (1948, p. 61).

Uma breve pesquisa nos dicionários do século XIX e XX revelou a intrigante conexão entre essa denominação e os costumes da corte. Naquela época, reis e rainhas frequentemente criavam indivíduos da nobreza para acompanhá-los nas atividades palacianas. Essa prática, que ainda pode ser vista atualmente<sup>32</sup>, está associada à tradição de trazer mulheres e jovens de famílias socialmente

<sup>32</sup> SÉGUIER, Jayme de. **Dicionário Prático Ilustrado**: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro. Lisboa: Empresa do Dicionário Prático Ilustrado. 8ª ed. 1910.  
MORAES SILVA, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha. 6ª ed. 1858.

vulneráveis para residirem em aposentos como os investigados nesta pesquisa. A promessa de uma vida mais confortável em troca de trabalho doméstico era uma constante.

Segundo Janaína Costa, produtora e realizadora do podcast *Quadro de Empregada*, o primeiro sacrifício imposto a essas jovens é a privação do acesso à educação. A retirada dessas crianças e adolescentes muitas vezes ocorre de forma inadvertida, devido às extensas jornadas de trabalho. Dessa maneira, a ascensão social via educação é frequentemente tolhida, perpetuando um ciclo de desigualdade e limitando suas oportunidades futuras (SUBMISSÃO AO TRABALHO DOMÉSTICO INFANTIL, 2023).

#### **5.4. A perspectiva da trabalhadora doméstica sobre o quarto de empregadas**

Com o objetivo de corroborar a noção proposta por esta tese, o qual sustenta que a configuração arquitetônica dos quartos de empregada é intencionalmente concebida para servirem como dispositivo espacial de segregação/dominação, fez-se necessário compreender, pela perspectiva das próprias empregadas domésticas, os efeitos semânticos da vivência desses espaços. Segundo Fuão (2004):

O sentido do espaço só existe a partir da experiência do 'eu', portanto, o sentido do espaço da arquitetura não está no interior da abstração do espaço, no interior da arquitetura, na relação utilitária entre o cheio e o vazio, e tampouco nas entranhas das paredes. Qualquer sentido que se possa atribuir está fora dele, muito além de sua superfície. Está no interior de quem o vivencia, está nas pessoas que se deslocam constantemente nele. Curiosamente transportamos o sentido do espaço para qualquer lugar que formos.

O espaço não é como crê a maioria dos arquitetos, uma realidade rígida e válida para todos. Ele em si é tão plástico e imaterial como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os povos, com as épocas, e principalmente com os pontos de vistas. Não existe um espaço objetivo e autônomo do ser humano. Existem diferentes maneiras de perceber e compreender esse espaço 'bruto' (FUÃO, 2004).

Numerosos pesquisadores dedicaram-se à análise do impacto do ambiente habitado no indivíduo. No entanto, é importante ressaltar que o escopo deste capítulo ou desta tese não abrange uma exploração aprofundada da disciplina da fenomenologia, ou avaliação pós-ocupação. Durante a pesquisa sobre trabalhos relacionados ao quarto de empregada, observou-se que muitos deles adotavam uma perspectiva externa, ou seja, a perspectiva de um observador distanciado que contempla o interior desse espaço. Frequentemente, esse observador, imerso nos procedimentos técnicos da pesquisa e distante da essência do fenômeno, não consegue abarcar uma série de implicações cotidianas que o espaço engendra.

Essa compreensão motivou a busca pela perspectiva daquelas que efetivamente vivenciaram o quarto de empregada a partir da sua inserção no contexto doméstico, social e laboral. Apesar dos esforços dos autores renomados, é possível inferir que nenhum indivíduo possui maior capacidade para atribuir significado ao quarto destinado às empregadas domésticas (e para externalizar o impacto desse espaço sobre sua vida e construção de sua subjetividade) do que as próprias trabalhadoras domésticas. Este capítulo tratará de realizar uma análise sobre o discurso dessas profissionais.

No primeiro subitem, serão analisados partes de relatos presentes em fontes de duas diferentes naturezas que foram considerados essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Entre eles, destaca-se o *podcast Quadro de Empregada*, idealizado e produzido por duas mulheres: Janaína Costa, especialista em trabalho doméstico, uma pesquisadora de origem quilombola, ex-empregada doméstica, historiadora e doutoranda do curso de Política Social, na Universidade de Brasília; e Isaura Benevides, ativista, poetisa e empregada doméstica em Goiânia (GO).

Nos dois subitens subsequentes, expõem-se duas entrevistas realizadas para esta pesquisa: Isaura Benevides (citada preliminarmente) e Vânia da Penha Nazaro Barbosa, especialista em podologia, ex-empregada doméstica na cidade de São Paulo (SP). Ambas explicitam suas trajetórias, bem como

particularidades dos ambientes, espaços e suas vivências nas casas onde trabalharam.

#### 5.4.1. O quarto de empregada a partir das narrativas e testemunhos de trabalhadoras domésticas documentados em fontes diversas

Para compreender os aspectos primordiais do fenômeno investigado por esta pesquisa, primeiramente buscaram-se relatos de empregadas domésticas que abordassem o espaço de trabalho e de permanência na casa dos contratantes, a fim de aproximar-se da subjetividade de quem habitou os quartos de empregada na condição específica de trabalhadora doméstica.

Tem coisa que só a gente que vive é que sabe. Porque às vezes, hoje se diz assim: “A doméstica tem muita coisa; ela tem comida, ela tem casa”. Mas as pessoas não sabem, essa comida, essa casa, como marcam a gente! É a gente vivendo que pode saber.

Eu quase digo que a doméstica é marginalizada mesmo dentro da casa. Talvez minhas companheiras até não aceitem essa palavra. Eu digo assim porque a pessoa que está debaixo de um viaduto é uma pessoa marginalizada, que não tem casa. Agora, a doméstica é um tipo de marginalização diferente. É você viver numa casa que tem tudo, que você arruma a casa, mas que você não tem acesso àquela casa. Então, para mim, eu sou marginal naquela casa (CARVALHO, 1982, p.16).

Esse relato de Lenira Carvalho, de 1982, empregada doméstica em Recife (PE) reforça com grande peso o quanto viver na casa onde se trabalha estabelece limites, frequentemente invisíveis, que mais aprisionam do que oferecem oportunidades. Num relato autêntico sobre sua vida como trabalhadora doméstica, a primeira frase que formula sobre o quarto é que seria o único espaço da casa que fornece um pouco mais de privacidade para a empregada doméstica. Em seguida, expõe a contradição de ser o lugar em que se mora, mas que em uma das casas em que morou por 16 (dezesesseis) anos, Lenira não podia levar ninguém relacionado aos seus laços pessoais.

Acrescenta ainda que a marginalização se deve ao fato de que é a empregada doméstica que desenvolve as atividades de cuidar da casa, mas que a ela não é garantido o acesso. Nem aos mesmos espaços da casa, nem às mesmas comidas que a família come, ou até os mesmos produtos (de limpeza, de higiene

pessoal, entre outros). Reforça que mesmo o acesso a alguns equipamentos como a televisão é vedado, e, portanto, infere que a afirmação popular de que a doméstica que mora na casa dos patrões, tem casa, é incoerente. Conta ainda que “ter comida”, em muitos casos, vira uma desculpa para redução do salário da trabalhadora doméstica.

A questão da desumanização também se coloca reiteradamente em seu relato, tal como se pode perceber no extrato a seguir:

Muitos cachorros das casas são mais valorizados do que a gente. Até porque para a dona, aquele cachorro é uma coisa de estimação e a gente não é uma coisa de estimação; a gente é trabalho.

O que eu gostaria era que a gente pudesse não estar dentro de uma casa para se comparar inferior a um cachorro. Eu gostaria que a gente fosse uma profissional dentro de uma casa, que trabalhasse e voltasse para sua casa. Enquanto a doméstica for dentro de casa, ela será sempre escrava. Não tem outra saída (CARVALHO, 1982, p. 18).

Já no ano de 2016, Preta Rara, ex-empregada doméstica, historiadora e rapper fundou a página na plataforma Facebook intitulada *Eu, Empregada Doméstica*, onde coletou relatos de trabalhadoras domésticas de todo o Brasil. Preta Rara foi a terceira geração de mulheres que se ocuparam do serviço doméstico em casas que não eram as suas. Esses relatos, incluindo o de sua mãe e de sua avó foram reunidos em uma obra literária publicada em 2019, que recebeu o mesmo nome da página de Facebook que lhe deu origem.

Entre os relatos, é possível constatar o quanto o espaço dedicado às empregadas domésticas na casa dos contratantes reforça a marginalização a nível de espaço privado que Lenira Carvalho tanto faz referência em sua narrativa, em 1982. A vulnerabilidade social associada ao isolamento dessas mulheres as faz suportar a exploração em diversos níveis, o que reforça a ideia de que esses quartos são dispositivos de segregação e dominação, ainda em dias atuais. Assim como narrado por Slenes (1997, p.234-236), a coação sexual era uma das facetas da política de dominação no período escravocrata.

No entanto, relatos similares ao mostrado a seguir são comumente encontrados quando as empregadas domésticas falam de suas experiências nas casas de seus patrões:

Desde os 13 anos fui colocada pra trabalhar em casa de família, de lá pra cá já passei por inúmeras situações constrangedoras, que me feriram no corpo e na alma [...] Mas o pior de tudo foi nessa primeira casa, próximo a essa idade meu genitor me colocou para fora de casa e eu pedi abrigo na casa da minha patroa, desde o primeiro momento eu fui avisada que como eu moraria lá, não receberia mais pagamento, fui colocada para dormir no porão da casa (era um sobrado) um lugar sujo, cheio de tralhas, e o cachorro da casa que era enorme tinha passe livre pra entrar lá e eu morria de medo.

Um dia acordei com alguém mexendo na coberta, nesse dia descobri que minha patroa apesar de já ter sido casada e ter filhos era lésbica, não preciso dizer o que houve, mas eu não tinha pra onde ir nem a quem pedir socorro, depois de um tempo o filho sacou o que acontecia e também fez comigo coisas que não preciso dizer. Fugi de lá, a rua foi a melhor opção, mais de 30 anos passaram e eu sinceramente espero que a lei do retorno seja bem severa com eles (RARA, 2019, p. 193).

Nota-se o quanto o isolamento espacial viabilizou que os constantes abusos acontecessem, além do relato das condições insalubres do espaço em que viveu. O livro conta ainda outras histórias de abuso sexual, correlacionando a condição do isolamento do quarto de empregada em relação ao restante da casa como fator determinante para que esse tipo de prática acontecesse. Torna-se evidente que as mulheres que foram abusadas somente se submetiam a esse tipo de tratamento porque temiam por suas vidas, caso abandonassem o lar dos seus algozes e fossem viver nas ruas.

Em outra história, disponibilizada por um filho de empregada doméstica, conta como a sua mãe teve que dividir o minúsculo quarto de empregada a vida inteira com outras pessoas, inclusive, com ele mesmo:

Quando os patrões mudaram para um apartamento num bairro pomposo na Zona Sul de São Paulo, ela foi junto. Ela dividia um quarto de empregada minúsculo com outra moça, uma prima distante. Quarto que eu acabei por dividir com minha mãe por 18 anos. Até os meus 10 anos, mais ou menos, o quarto foi dividido por nós três. Tinha um beliche e uma cama de criança que abria no “corredor” do quarto para eu dormir. Uma vez aberta a cama, não havia como ninguém sair da beliche. Não havia espaço nenhum (RARA, 2019, p. 199).

Nesse mesmo relato, o narrador explica que após ter vivido na mesma casa em que trabalhava, sua mãe foi demitida após construir a sua casa e anunciar que iria passar a viver fora da casa dos seus patrões. O filho expõe “[...] porque ousou não querer mais dormir no trabalho e servir de escrava 24 horas por dia para o conforto da casa grande”, fazendo alusão ao tratamento dado aos escravos cujos resquícios ainda são evidentes atualmente.

No podcast *Quadro de Empregada*, Janaína Costa e Isaura Benevides dedicam dois episódios exclusivamente ao quarto de empregadas. No início do primeiro episódio, resume em alguns adjetivos as características dos quartos de empregada aos quais teve acesso:

Porque o quarto de empregada para nós é o lugar onde a gente fica, de certa forma, como, parafraseando ou fazendo uso de Carolina Maria de Jesus seria o quarto de despejo da empregada, né? [...] É um lugar desconfortável, é um lugar pequeno, um lugar que não entra ventilação, lugar que mal cabe a gente de pé, né? (QUARTO DE EMPREGADA, 2022).

Janaína reforça que geralmente esse quarto é onde as famílias entulham o que não usam mais, e a sua proximidade estratégica da cozinha e da lavanderia. Essa localização estratégica frequentemente devassa o quarto, de modo que não é possível usufruir de qualquer privacidade ao longo do dia, além de, em muitas circunstâncias, alojar qualquer outro trabalhador ou outra trabalhadora que possa, porventura, prestar algum tipo de serviço para a família dona do apartamento ou casa, o que retira ainda mais a possibilidade de a empregada se sentir confortável naquele cômodo. Entretanto, durante a noite, o isola, deixando-o inseguro como já citado anteriormente.

Explicita ainda que a localização do quarto de empregada é estratégica na medida em que é separada dos demais quartos, mas é próximo dos principais locais utilizados como apoio para preparo ou limpeza, serviços frequentemente demandados pelos patrões. Assim, qualquer pessoa pode ter acesso para demandas diversas, a qualquer hora do dia ou da noite. Infere-se, a partir de sua fala, que a disposição (frequentemente observada nesta pesquisa) do quarto de

empregada contribui para o impedimento de uma jornada de trabalho bem definida.

Conta ainda que, geralmente, o armário do quarto de empregada era tão pequeno que, ao abrir, seus pertences caíam. E relembra a relação com o quarto de despejo porque frequentemente tinha que dividir espaço com objetos e equipamentos que a família não usava mais.

Sua interlocutora, Leidiane Pereira, no episódio do dia 5 de dezembro de 2022 relembra um convite feito pela professora Andréa Furtado, do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC para que fizesse uma fala sobre questões raciais. Conta que a fala chegou ao quarto de empregada e que questionou:

Para com os clientes dele, como era que eles chegavam com o projeto, como era que eles montava aquele apartamento, né? E aí existe aqui ainda muito forte essa ideia de que tem que ter, não é? Aquele quarto de empregada. Mas eu não sou da família? Por que que eu não vivo no quarto de hóspede, né?

[...] por que que eu tenho que ter o meu quarto de empregada e ele tem que ser exatamente nos fundos da casa, né? Com a janela pequena, pouca ventilação, e aí uma das alunas, né, de arquitetura, foi e falou assim, foi altamente criticada pelo professor porque ela pegou e fez um quarto luxuoso de empregada doméstica e aí o professor disse: “Não, não tá legal, você tem que botar dentro do padrão. Quem estabelece o padrão? (QUARTO DE EMPREGADA, 2022).

Nesse extrato do discurso, a locutora parece expor as práticas projetuais ainda em voga nas universidades que ensinam como projetar residências e apartamentos com a segregação espacial relacionada ao passado escravagista. Ressalta-se que o arquiteto em seu ofício é também vendedor, e a ideia do quarto de empregada ainda tem grande apelo publicitário. Adicionalmente, é possível dizer que esses dispositivos de segregação e dominação são ainda vendidos como fator de distinção social, que é marcante da sociedade brasileira.

Segundo a convidada, Leidiane Pereira, o quarto de empregada foi a pior experiência de sua vida, pois o mobiliário era desconfortável, dormia no chão, faltava ventilação e as intromissões em seu horário de descanso eram frequentes, fazendo com que quase nunca conseguisse descansar. Cita também os medos vividos em relação aos homens que moravam na casa, e que as

batidas na porta deixaram marcas psicológicas duradouras. Afirma, com tom de pesar:

E assim, isso mostra o quanto o quarto de empregada ele é cruel, né? O quanto o quarto de empregada, ele tira da sua existência comum. Eu vou dizer existência comum porque a gente deixa de existir para criar um personagem mesmo (QUARTO DE EMPREGADA, 2022).

Ainda no mesmo episódio, Isaura Benevides dá a sua opinião sobre a existência do quarto de empregada nas residências e apartamentos:

É, esse quarto, ele é muito assustador. Ele é muito dolorido. Não vejo ele como nada. Eu acho que devia até ser proibido, banido casas onde deviam ter quartos de empregada [...] eu sou totalmente contra, embora esse tempo atrás eu aceitei fazer isso, mas não faço mais, não consigo, não dá (QUADRO DE EMPREGADA, 2022).

Em relação ao banheiro, Janaína conta que eram tão pequenos que eventualmente tinha que tomar banho sentada no aparelho sanitário, porque o chuveiro ficava praticamente sobre a louça. Ressalta a ausência de box e que, quando tinha que lavar os cabelos, corria o perigo de machucar a mão ao bater no teto, já que era rebaixado em demasia.

No segundo episódio sobre quarto de empregada, Leidiane passa a contar a experiência de abuso sexual que viveu quando era ainda uma criança na casa dos patrões de sua mãe, que também foi empregada doméstica. No referido episódio, Isaura reforça:

Hoje eu sou uma mulher de quarenta anos com vários traumas, entre eles [...] o complexo de inferioridade porque puxa o quartinho como a gente já vem falando [...] então, no meu ponto de vista, ele sempre vai ser aterrorizante para qualquer trabalhadora doméstica, no meu ponto de vista. Que não deveria existir e que tinha que existir uma lei que empregada não dorme no trabalho, que se crie uma escala, duas três, mas que não durma, não passe daquelas oito horas trabalhadas (QUARTO DE EMPREGADA II, 2022).

#### 5.4.2. O quarto de empregada segundo Isaura Benevides

No dia 18 de julho de 2023, Isaura Benevides aceitou o contato para contribuir com esta pesquisa expondo as suas experiências nos quartos de empregada pelos quais passou. Isaura se encontrava na casa dos patrões, em Goiânia (GO)

com quem mantém, segundo conta, ótimo relacionamento profissional. Na altura da entrevista, Isaura estava na casa de seus patrões, além do seu horário de serviço, para receber materiais e mobiliários da reforma que estava em curso. Seus patrões estavam viajando, deixando assim ela ainda mais à vontade para conversar com mais tranquilidade e com mais tempo disponível.

Entre os relatos de sua vida e da vida de suas companheiras, Isaura expõe sua árdua luta por sobrevivência, pelo provimento de seus filhos e por conscientização das mazelas vividas pelas empregadas domésticas. Expõe com orgulho o quanto acredita no alcance do trabalho que realiza no *podcast Quadro de Empregada*, mas deixa evidente que busca conscientizar as companheiras ao vivo, cotidianamente, com sensibilidade, dentro ou fora das casas em que trabalham.

Conta que o período mais recente em que viveu num quarto de empregada foi durante a pandemia da Covid-19. Com as colegas ao redor a perder seus empregos, a sua contratante propôs que, por segurança, ela ficasse definitivamente na habitação em que trabalhava, no quarto de empregadas. Isaura conta que não gostaria de ter aceitado, mas seu marido trabalhava no teatro e, com o fechamento das casas de espetáculo, ele havia deixado de ter rendimento. Portanto, Isaura seria a única provedora da família, na incerteza de quanto tempo duraria o fechamento de locais públicos.

A entrevistada conta que pediu alguns equipamentos para que ela tivesse mais conforto, tal como climatizador e televisão. Mas que as condições de localização do quarto eram a questão mais precária. Isaura forneceu a perspectiva do quanto é nocivo morar ao lado do ambiente em que se deposita tudo o que é sujo, sobretudo em período de pandemia.

Então, se chegar com o tênis sujo, você tira... bêbado, vomitar. É naquele espaço. Então, se o cachorro chega da rua, é naquele espaço. Então, a Covid, é naquele espaço. Porque ali, e eu tô falando são coisas que ninguém notou. Eu só vi, porque eu estava lá. Então as máscaras eram deixadas na lavanderia. Não onde eu estava, mas em geral o país inteiro era na lavanderia. A Covid ficava na lavanderia. E na lavanderia tava o quê? O quarto de empregada. Era ela que ia morrer primeiro (BENEVIDES, 2023).

A entrevistada explica o quanto as dimensões diminutas dos cômodos são nocivas e, especialmente, a proximidade com máquinas, e mesmo a garagem, e reitera que o lixo da casa sai pela lavanderia, onde fica o quarto de empregada.

Discorre também sobre o quanto os limites do horário de trabalho eram frequentemente ultrapassados, porque enquanto há pessoas acordadas na família contratante, a empregada doméstica fica em alerta à espera de ser chamada a qualquer momento. Sobre as condições de trabalho, Isaura relembra de uma das casas em que havia câmeras e que o banheiro virou o local de descompressão, pois mesmo o quarto da empregada era vigiado a partir de uma câmera que filmava a entrada do cômodo.

Em relação à desumanização reforçada pelas condições dos quartos e banheiros de empregada, Isaura reforça o papel dos arquitetos e projetistas:

Quando a gente fala... que eu falo com arquiteto "Ai o quartinho". Gente, o problema não é você construir um quartinho, é o que tem lá dentro, é o que vai acontecer lá dentro. Então é... é nisso que eu fico, é... isso que me causa revolta. (interrupção) Tudo isso é projetar sem pensar em nenhum momento que não é um robô que vai habitar naquele lugar. Não é o seu aspirador de pó que dorme, que precisa repousar, embora seja guardado lá no quartinho também (BENEVIDES, 2023).

Quando perguntada sobre situações de abuso, a entrevistada conta que sofreu muito medo e algumas tentativas de homens, especialmente um outro empregado da casa da família para a qual trabalhava, mas que por muito cuidado que teve ao longo do tempo, nenhuma das tentativas foi concretizada. Relaciona o quanto a localização do quarto de empregada possibilita esse tipo de prática de coerção e que, em um dos casos, decidiu dormir com as crianças para se proteger de uma investida.

Quando questionada sobre o quarto de empregada com pior condições que já passou, descreve o de um condomínio, em que passou por situações vexatórias por falta de condições adequadas, sobretudo do banheiro colocado à disposição para que ela usasse. Conta dos maus-tratos que sofreu e dos tratamentos diferenciados que ainda sofre por ser trabalhadora doméstica. Explicita que no condomínio onde trabalha atualmente, a entrada para funcionários é segregada

das demais e que as trabalhadoras domésticas passam por revista antes de seguirem para as casas em que prestam serviço. Quando interrogada se em todos os trabalhos pelos quais passou a entrada das prestadoras e prestadores de serviço era diferenciada, a entrevistada afirma que sim.

Quando questionada sobre a maneira como ela caracterizaria o quarto de empregada, Isaura responde:

É uma jaula. É o espaço da janela, é uma jaula. Então na planta (risos) contém (interrupção) É uma jaula. A janela é muito pequenininha. Você sai dali, você olha a parede. Você não olha um jardim, não tem. Você não ouve um passarinho. Não tem um ar-condicionado, nenhum. Eu não, não... eu ainda não vi um quarto de empregada com ar-condicionado. Está perto dos lixo, do depósito de lixo, do corpo, do ser humano.

É uma jaula, é uma jaula. O que que tem de diferente da senzala? Do quartinho da senzala? Gesso. Não é de barro mais, né. E é impossível não pôr a água quente ou chuveiro. Não existe mais, não tem nem como, né. Porque se pudesse, talvez não teria, não sei. Então, é uma jaula (BENEVIDES, 2023).

#### 5.4.3. O quarto de empregada segundo Vânia Barbosa

No dia 30 de maio de 2023, Vânia da Penha Nazaro Barbosa, na companhia de sua filha Vívian contou sobre sua experiência como empregada doméstica. Moradora de Osasco, no estado de São Paulo, Vânia formou-se e é especialista em podologia. Apesar de todo o seu esforço em prover como mãe solteira a sua Vívian, e se formar ao mesmo tempo em que trabalhava, o seu maior orgulho é a sua filha que, atualmente, trabalha como desenvolvedora no mercado de tecnologia.

Vânia conta que começou a se ocupar do trabalho doméstico para ajudar a sua mãe, ainda adolescente. Relata que sua mãe acumulava funções na casa dos patrões, o que fazia com que demorasse para chegar em casa. Depois de constatar que a mãe frequentemente chegava depois das nove horas da noite em casa, decidiu tomar a iniciativa de, depois da escola, ir para a casa dos patrões para ajudar e, assim, aliviar a carga de trabalho de sua mãe. Narra que, muitas vezes, chegava na casa dos patrões de sua genitora e se encaminhava diretamente para o quarto de empregada, que descreve da seguinte maneira:

Eu saía da escola e eu ia para o serviço da minha mãe. Só que chegava lá. A minha mãe, ela era cozinheira, empregada doméstica. Eu chegava e eu ia pro quarto das empregadas, da empregada. Então, lá tinha era só uma cama, um guarda-roupa pequeno, não tinha janelas, não tinha janela.... e um banheiro bem pequeno do lado.

Então, o banheiro era o que, era só um chuveiro e mais nada, nem uma pia. Então escovava os dentes ali, tomando banho mesmo. [...] Vamos supor se eu quisesse pentear o cabelo, eu tinha que pegar um espelho, colocar ali no tanque da patroa da minha mãe para a gente pentear o cabelo. Às vezes, a gente arrumava um espelho pequenininho no quarto, mas enfim (BARBOSA, 2023).

Conta que, para ajudar a mãe a sair mais cedo, se ocupou de passar as roupas da casa e que, dessa maneira, passou a ver a mãe chegar cerca de duas horas mais cedo em casa.

Apesar desse primeiro contato ainda prematuro com o serviço doméstico, conseguiu trabalhar em outras ocupações quando se tornou adulta, no entanto, com a sua separação, com a necessidade de ganhar mais para conseguir sustentar a casa, decidiu trabalhar como diarista. Isto porque, no passado, viu que sua mãe como mensalista ganhava menos e, segundo Vânia, ela não queria ter a mesma vida que sua mãe. Relata que tinha receio de restringir a sua realidade a cuidar de uma família e, dessa maneira, deixar de estudar.

Além de explicar que o banheiro da casa dos patrões era tão pequeno que não tinha nenhum tipo de lavatório, Vânia relembra que o quarto e o banheiro não tinham janelas e que tinham acesso direto à lavanderia.

Isso, da lavanderia a gente aproveitava pra entrar claridade no quarto e no banheiro, a gente tinha que abrir a porta do quarto e abrir a porta do banheiro pra claridade entrar. Se você fechasse a porta do quarto ou do banheiro, você ficava no escuro (BARBOSA, 2023).

Ao longo do relato, lembrou-se que além da cama e do guarda-roupas, a tábua de passar roupas ficava nesse mesmo cômodo, e era onde ela, quando chegava da escola, passava as roupas dos patrões de sua mãe.

Ao ser questionada sobre a existência de acessos separados, a entrevistada afirmou que havia um elevador de serviço separado do social, e que o elevador de serviço dava acesso à cozinha e à área de serviço, e o social dava acesso à

sala. Uma das perguntas foi se era expressa escrita ou verbalmente essa definição se podiam ou não usar o elevador social. Vânia respondeu que são regras implícitas, e que ninguém deixou isso escrito em qualquer lugar, mas que parecia estar socialmente estabelecido que empregadas domésticas deveriam usar somente o elevador de serviço.

Ao expor a história de sua mãe, Maria da Glória, se emociona ao falar com orgulho que ela e seus irmãos conseguiram terminar os estudos graças ao seu esforço. Entre roupas e restos de comida doados, a admiração que tem por sua mãe é ressaltada em alguns momentos da entrevista. Relata que desde a adolescência, sua mãe morou nos quartos de empregada na casa das famílias para as quais trabalhava, até conhecer o seu pai. Quando questionada, em sua experiência, quais eram as condições do pior quarto de empregada que ela já tinha visto, Vânia respondeu:

Teve. Teve um assim que era um, era assim, era um (risos) era um apartamento pequeno. Tinha um quarto de empregada, só que o quarto da empregada, além de você ter que dormir, você tinha que dormir junto com os mantimentos [...] então, tipo assim, se eles quisessem comer um biscoito, qualquer coisa, você sabia que qualquer hora alguém ia entrar lá para pegar alguma coisa (BARBOSA, 2023).

Quanto aos limites das casas em que trabalhou, a entrevistada retorna ao exemplo da casa dos patrões de sua mãe, e expõe que havia uma espécie de norma de quando poderiam adentrar a área social e íntima da casa. A norma era simples: não havia limpeza ou qualquer tipo de movimentação se houvesse alguém em casa. Com exceção dos momentos das refeições, momentos em que serviam a mesa.

Vânia narra como, estrategicamente, não divulgou quando decidiu que iria cursar podologia. Quando se formou, à medida que conseguia atendimentos residenciais relacionados à podologia, se retirava do serviço como diarista. Relata como quando decidia divulgar que não ia mais fazer o trabalho de empregada doméstica, muitas ex-patroas cortaram o contato com ela. Quando questionada qual razão ela acreditava para esse tipo de tratamento, a entrevistada respondeu:

Sabe uma coisa que eu parei para analisar. A partir do momento que você deixa de servir (pausa) você não significa mais nada para as pessoas. Você deixa de... eles não importam mais, eles não querem mais saber. Porque enquanto você estiver lá servindo, eles fazendo, né, lavando, passando, cozinhando, você é boa. Aí quando você fala: "Não, eu não vou fazer mais para você, porque agora eu vou trabalhar nisso e aquilo", nossa, eles não aceitam, né? (BARBOSA, 2023).

## **6. Considerações finais**

A pesquisa ora desenvolvida buscou uma melhor compreensão sobre a sociedade brasileira a partir da análise dos espaços arquitetônicos, com enfoque na incorporação das dependências de empregadas aos programas de edifícios residenciais multifamiliares, na cidade de São Paulo, no momento mais próspero do desenvolvimento da arquitetura modernista. Na busca pela ampliação do debate a respeito da construção de uma ideia de modernidade no Brasil, essa porção da habitação brasileira lança luz sobre as adaptações feitas em modelos culturais importados de outros países, frente às peculiaridades constituídas nas origens escravistas no Brasil. A tese propõe a noção de dispositivo espacial de segregação e dominação, associando-o aos padrões espaciais dos quartos de empregada.

Para que fosse possível compreender a natureza do fenômeno escolhido para a pesquisa, foi necessário recorrer, no primeiro momento, à bibliografia especializada. Por meio de produção acadêmica já produzida a respeito do tema, procurou-se fornecer um panorama geral do trajeto histórico, jurídico e sociológico, a partir de uma perspectiva interseccional e decolonial que as empregadas domésticas percorreram desde o período escravagista até os dias atuais. Em seguida, abordou-se as intermitências e permanências do quarto de empregada ao longo da história da habitação brasileira até o período considerado ápice do desenvolvimento da arquitetura modernista.

A partir do prévio acercamento do panorama do fenômeno do quarto de empregada, passou-se à sondagem de fontes iconográficas que permitissem a análise das características dos projetos de edifícios multifamiliares que apresentassem quartos de empregada em seu programa, a fim de detectar padrões abstratos de associação que elucidassem as indagações que motivaram esta pesquisa. Destaca-se aqui a busca por padrões projetuais que corroborassem a hipótese de que as características desses espaços são precarizadas, não ao acaso, mas que acabam por configurar o que a tese propõe como dispositivos espaciais de segregação e dominação.

Para tal, foi necessário que se fizesse investigação prévia de possíveis fontes que pudessem ser usadas para esse fim, resultando na predileção para os projetos publicados na revista *Acrópole*, cujos trezentos e noventa e um fascículos foram publicados durante os anos de 1938 até 1971. Considera-se que a *Acrópole* foi um dos principais veículos difusores do ideário moderno entre a classe de arquitetos e urbanistas, bem como consumidores da arquitetura produzida no referido período.

Ainda em busca de respostas para questionamentos surgidos com a observação prévia dos projetos pesquisados e da revisão de bibliografia relacionada, houve a necessidade de se tecer um ensaio acerca de autores que trabalharam com temas de natureza semelhante à do quarto de empregada nas residências multifamiliares de aspirações modernizantes e, após incursões a outras áreas de estudo, os textos mais significativos foram debatidos a fim de nortear alguns esclarecimentos acerca da dinâmica do objeto pesquisado.

Dessa maneira, os estudos interseccionais e decoloniais foram relevantes para a compreensão de aspectos estruturais do fenômeno observado. Entre os intelectuais que se dedicam a esse tipo de estudo, Lélia Gonzalez foi de especial interesse, uma vez que sua produção acadêmica dialoga e apresenta tanto conceitos interseccionais quanto decoloniais, aplicados à realidade brasileira.

Tendo finalizado a pesquisa bibliográfica tida como pertinente ao tema, passou-se ao tratamento de dados brutos até a seleção de setenta e sete projetos de edifícios multifamiliares que foram a base iconográfica para a análise proposta pela pesquisa. As plantas baixas representativas das unidades residenciais que apresentavam quartos de empregada foram redesenhadas digitalmente a partir do programa AutoCAD. Após essa fase, foram estabelecidas categorias de análise que contribuíssem para a identificação de padrões abstratos de associação, debatidos posteriormente, a fim de apontar semelhanças e singularidades que pudessem responder aos subproblemas propostos no início desta investigação.

Notou-se que dos 227 (duzentos e vinte e sete) empreendimentos residenciais, 77 (setenta e sete) possuíam quartos de empregada em suas unidades habitacionais. Apesar de não representar a maioria dos edifícios multifamiliares apresentados, os 34,07% de edifícios que possuem algum grau de discriminação entre dormitórios e quartos de empregada, o que é considerada uma porção significativa.

Dos 215 (duzentos e quinze) quartos, 44,2% não apresentavam aberturas diretas para o exterior. Essa afirmação corrobora a ideia de que esses quartos são, em sua grande parte, abafados. Reforça-se que, dos 127 (cento e vinte e sete) quartos que apresentavam abertura, em planta-baixa, para o exterior, não foi possível avaliar a área da abertura, o que não necessariamente os qualifica como dotados de aberturas adequadas.

O dado espacial mais expressivo quanto à questão da diferenciação entre o que seriam dormitórios para a família contratante ou usufruidora dos serviços de uma trabalhadora doméstica e o quarto destinado a essa profissional, é o que se refere à metragem quadrada de acordo com a norma vigente no período do estudo. Constatou-se que apenas 22,33% dos quartos analisados atingiam o mínimo previsto por lei.

Sobre essa questão, ao analisar dependências de empregadas reversíveis nos apartamentos da contemporaneidade, no Rio de Janeiro, Saleiro Filho (2021, p.64-65) aponta para uma prática de reversão do quarto após habite-se, pois, no Código de Obras do município, as vagas de garagem são calculadas de acordo somente com o número de quartos que pertencem ao setor íntimo da residência. Explica que “[...] Assim, o quarto de empregado, se, revertido para quarto da família, antes do habite-se, implicaria a obrigatoriedade de se aumentar uma vaga para veículo, por apartamento” (SALEIRO FILHO, 2021, p.65). Especula-se, portanto, que existe uma alta probabilidade que os quartos com metragem inferior à estipulada pelo Código de Obras Arthur Saboya fossem aprovados com

outras denominações e, posteriormente, vendidos ao público como apartamento com quarto de empregada<sup>33</sup>.

Em relação à segregação de acessos, percebeu-se que 57,14% dos empreendimentos analisados possuíam elevadores com uso exclusivo social e de serviço. Essa prática discriminatória, segundo Isaura Benevides, em entrevista realizada para esta pesquisa, persiste sendo fator comum na maior parte das residências uni ou multifamiliares. A prática discriminatória passou a ser proibida por lei no município de São Paulo a partir do ano de 2023, com a promulgação da Lei nº 7.957.

A organização frequentemente constatada dos aposentos destinados às empregadas, incluindo os banheiros, estava contígua às áreas de lavagem, de modo que o acesso à parte privativa da residência necessariamente envolvia atravessar a cozinha. 79,53% dos quartos de empregada analisados tinham acesso obrigatório pela área de serviço. Essa adaptação parece ter origem nas dependências de empregada em residências de períodos anteriores, cuja localização era frequentemente nos fundos do lote, junto às lavanderias.

Não foi possível identificar um padrão de redução de metragem quadrada ao longo das décadas estudadas, entretanto, não se constata a supressão das dependências de empregada, até o fim do período investigado.

Considerando as soluções espaciais adotadas e retratadas no item anterior, é possível inferir que existe correspondência entre as dependências de serviço do Brasil capitalista/urbano com as senzalas do Brasil escravagista/rural. Tal correspondência se estabelece pelas particularidades do processo de transição entre um modelo de sociedade e outro.

---

<sup>33</sup> Destaca-se ainda o tratamento discriminatório dispensado pelo trato jurídico: o Código Sanitário Estadual de SP (Decreto 1.2342, de 1978) estabelece, no Art. 36, que a área mínima de um dormitório é de 8 m<sup>2</sup>, entretanto, caso o dormitório for um “dormitório de empregada”(sic.), esta metragem mínima é reduzida para 6m<sup>2</sup>.

A presença das dependências de empregada em programas de edificações do período estudado expressa um antagonismo central da formação social brasileira; a dicotomia modernidade/atraso. Mesmo em estágios iniciais desta pesquisa (em que a fonte principal possuía espectro cerceado em relação à totalidade de obras do período, ainda que representativo), constatou-se que uma porção considerável dos edifícios analisados exibem fachadas de linhas despojadas e geometrizadas, com apartamentos cuja setorização de ambientes sociais parece cada vez mais vinculada aos bens de consumo destinados à casa (sala de televisão, living, cozinha, etc.), porém com quartos e/ou banheiros dedicados à longa permanência da empregada doméstica. Esse contrassenso demonstra que, por baixo da camada de aparência moderna, prevalecem os traços oriundos de uma sociedade de raízes coloniais e escravagistas.

Esse intencional tratamento desfavorecido dispensado aos aposentos destinados às empregadas domésticas é demasiado comum para ser confundido como “hábito projetual”. Sendo um resquício espacial do período escravocrata brasileiro, essas características opressivas em termos espaciais têm forte ligação às políticas de dominação que os senhores utilizavam para manter seus escravos e suas escravas sob controle. Para isso, diversas práticas opressoras eram utilizadas, desde violência verbal e física a coação e abusos sexuais (SLENES, 1997).

Não é por acaso, portanto, que as dependências de empregada se configurem como mais dispositivos, nesse caso, espaciais, que promovem a segregação e a dominação. Ressalta-se ainda que, ao buscar os relatos de trabalhadoras domésticas, é possível afirmar que as práticas citadas preliminarmente, em alguma medida, sobrevivem até a contemporaneidade.

Para corroborar as considerações feitas a nível técnico, sentiu-se a necessidade de consultar pessoas que tivessem utilizado esses aposentos a fim de compreender o quanto essa diferenciação de espaços influencia a construção da subjetividade dessas mulheres que se ocupam do trabalho doméstico. Acredita-se que essa análise relacional é essencial para construção de senso

crítico acerca da própria natureza controversa da permanência dos quartos de empregada nas residências modernistas e contemporâneas.

Além de investigar relatos de empregadas domésticas em algumas obras (*podcast Quadro de Empregada; Eu Empregada Doméstica e Só a gente que vive é que sabe*), duas entrevistas semiestruturadas em profundidade foram realizadas com duas mulheres: uma que é empregada doméstica e outra que foi empregada doméstica desde a adolescência, mas que hoje conta com orgulho como já não precisa mais fazer trabalho doméstico em outras casas. Isaura Benevides e Vânia Barbosa contaram sobre as microviolências cotidianas que envolvem o árduo ofício de trabalhar “em casa de família”, e o quanto o tratamento discriminatório dado ao espaço dedicado ao seu uso teve impactos na saúde mental e física dessas mulheres.

Ao contrário do que afirma o senso comum, a sociedade brasileira se encontra longe de eliminar os abusos relacionados ao trabalho doméstico. Como atestado por diversos veículos de comunicação, os registros de casos de trabalho doméstico análogos à escravidão aumentaram significativamente nos últimos anos (DOURADO, 2023; TOMAZELA, 2022). A partir da produção do trabalho ora apresentado, suscita-se a seguinte questão: quanto arquitetas e arquitetos, a partir de um exercício crítico das suas práticas projetuais, podem contribuir para a mudança dessa realidade, evitando o planejamento de espaços que promovam a segregação, a discriminação e a violência?

O intuito inicial desta tese era o de contribuir para o campo historiográfico da arquitetura e, sobretudo, alertar sobre os impactos da atuação dos profissionais do campo arquitetônico sem o devido olhar crítico sobre questões sociais frequentemente invisibilizadas e escamoteadas. O sucesso na área envolve riscos e, frequentemente, a busca desenfreada por lucro envolve custos, mas não é tolerável que o custo seja humano. Não há prática projetual isenta.

Segundo Gutiérrez, 2020 e Name, 2020 (apud Name, 2021):

Mapas, perspectivas, plantas baixas, cortes e fachadas não são realistas e sua precisão e previsibilidade não são neutras. Foram

resultadas de um observador geo-historicamente localizado, isto é, que tem etnicidade, lugar, classe e tempo específicos – branco-europeus, burgueses e atrelados aos anseios da conquista de territórios à época dos “descobrimientos”, auxiliados pela exatidão matemática. Acrescendo a assunção que fazem de que é no futuro que se aloca o bom espaço que se projeta, por conseguinte desenham um presente insuportável, que amplia a gama de mal-estares que anima o perdulário consumo contemporâneo – e que, do objeto à paisagem, é social, ambiental e racialmente injusto (NAME, 2021, p.8-9).

Finalmente, esta pesquisa transformou significativamente a percepção de uma investigadora, a autora desta tese, que pretende seguir com o aprofundamento dos debates interseccionais e decoloniais como meios de buscar respostas aos desafios impostos na contemporaneidade.

Ressalta-se, afinal, que este compêndio de estudos feitos durante os anos dedicados à pesquisa responde algumas questões, mas levanta muitas outras mais, deixando assim espaço para investigações futuras que possam focar naturezas diversas deste mesmo fenômeno.

## **7. Recomendações para futuras pesquisas**

A partir de reflexões surgidas durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível distinguir possibilidades para futuras investigações que enfoquem a questão dos quartos de empregada à luz de aspectos espaciais, sociológicos, fenomenológicos e históricos.

### **7.1. O quarto de empregada nas residências unifamiliares, publicadas na revista *Acrópole* (1938 – 1971)**

Apesar de a presente tese tratar, sobretudo, de edifícios multifamiliares, ao longo da coleta de dados, foi possível identificar mais de quatrocentos projetos de residências que incluíam em seu programa quartos de empregada.

Numa sondagem preliminar, foi possível identificar uma relação estabelecida entre o local de permanência de empregadas domésticas e o bem de consumo responsável pela tração (o carro), na casa modernista. Acredita-se que essa ligação é herança oriunda da casa colonial, onde escravos e animais de tração coabitavam o mesmo espaço.

Essa seria apenas uma das variadas e numerosas relações espaciais e configurações arquitetônicas que podem ser identificadas nas dependências de serviço das casas modernistas.

### **7.2. A análise do quarto de empregada a partir dos testemunhos de trabalhadoras domésticas**

Acredita-se que o testemunho das trabalhadoras domésticas é uma forma importante de dar visibilidade a suas experiências e lutas. Ao analisar esses depoimentos, pode-se reconhecer suas dores e reivindicações, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. Além desse fator, a experiência das trabalhadoras domésticas visa compreender o quarto de empregada como um espaço de resistência que nos permite repensar as estruturas sociais e buscar mudanças significativas.

Este trabalho teve, em seu início, a intenção de entrevistar muitas mais empregadas domésticas. Entretanto, os impactos ocasionados pela crise pandêmica (a nível individual e coletivo) acabaram por afetar consideravelmente esse plano. As duas entrevistas realizadas para este trabalho foram, ainda assim, de extrema importância para compreensão do fenômeno.

### **7.3. As transformações do quarto de empregada, na contemporaneidade, para usos diferentes do originalmente projetados**

O quarto de empregada, outrora destinado exclusivamente ao descanso das trabalhadoras domésticas, passou por transformações significativas. Hoje, muitos desses espaços são reutilizados para fins diversos, como escritórios, quartos de hóspedes ou até mesmo áreas de lazer. Investigar como essas mudanças afetam a dinâmica familiar e a percepção do espaço é fundamental para compreender a evolução do conceito de “empregada” na sociedade contemporânea.

Um aspecto que despertou interesse foi que, tal qual Saleiro Filho (2001, p. 71-72) expõe em sua dissertação sobre quartos de empregada reversíveis na cidade do Rio de Janeiro, é possível verificar nos discursos dos proprietários a quantidade de obras que foram necessárias para considerarem o ambiente habitável para a nova ocupação.

### **7.4. Representações espaciais do quarto de empregada nas produções culturais**

A exemplo do que produziu Roncador (2008), ao analisar as representações das empregadas domésticas na literatura brasileira, desde a Belle Époque (1889-1914) até o século XX, sugere-se um trabalho sobre as representações do espaço dedicado às empregadas domésticas nas produções culturais brasileiras e internacionais.

## **7.5. Confrontamento entre discurso e prática arquitetônica dos cânones da arquitetura modernista brasileira**

O confronto entre o discurso e a prática na arquitetura modernista brasileira é um tema fascinante que revela as complexidades e contradições inerentes ao movimento. Embora os cânones da arquitetura modernista tenham sido promovidos como uma resposta progressista aos desafios sociais e culturais do Brasil do século XX, a realidade da sua aplicação muitas vezes revelou uma desconexão entre as ideias proclamadas e as soluções construídas. Por um lado, os arquitetos modernistas buscavam criar espaços que fossem funcionais, acessíveis e socialmente inclusivos, mas, por outro lado, as restrições econômicas, políticas e culturais frequentemente comprometiam esses ideais.

Essa tensão entre discurso e prática é evidente em várias obras emblemáticas da arquitetura modernista brasileira, como os edifícios de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa em Brasília. Enquanto essas estruturas celebravam a visão utópica de uma nova capital futurista, muitas comunidades brasileiras continuavam a enfrentar problemas de habitação inadequada, falta de infraestrutura e desigualdades sociais. Apesar das intenções nobres por trás do movimento modernista, suas realizações muitas vezes reproduziam hierarquias sociais e espaciais existentes, ao invés de desafiá-las.

## REFERÊNCIAS

ACRÓPOLE. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1938-1971. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

AGÊNCIA ESTADO. Trabalho doméstico aumenta via informalidade, diz pesquisador do IBGE. **Pequenas Empresas Grandes Negócios**, São Paulo, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/estadao/noticia/2018/07/trabalho-domestico-aumenta-informalidade-diz-pesquisador-do-ibge.html>. Acesso em 8 ago. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMA-DE-LEITE COM CRIANÇA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19648/ama-de-leite-com-crianca>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ANI, Marimba. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: África World Press, 1994. Tradução coletiva Esta Hora Real Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimbaani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-ecomportamento-cultural-europeu/>. Acesso em 29 jul. 2023.

ARTIGAS, J. B. V. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ATIQUÊ, F. A. F. P. D. A. M. A. I. D. E. E. A Face Privada da Arquitetura Moderna: a idealização do Edifício Esther. In: **Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Natal, 2000.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BINZER, Ina von. **Meus Romanos: Alegrias e Tristezas de uma educadora no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BOEHM, Camila. Agência Brasil. **Laudelina de Campos Melo entra para livro de heroínas da pátria**: falecida em 1991, ela atuou como sindicalista e combatente de guerra. Falecida em 1991, ela atuou como sindicalista e combatente de guerra. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-07/laudelina-campos-melo-entra-para-livro-heroína-pátria>. Acesso em: 03 mar. 2024.

BONDUKI, N. G. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BONDUKI, N. G. Habitação e urbanismo. In: SZMRECSÁNYI, T.; (ORG.) **História econômica da cidade de São Paulo**. São Paulo: Globo, 2004.

BRASIL. **Decreto nº. 19.770 de 19 de março de 1931**. Regula a sindicalização das classes patronais e operárias e dá outras providências. Rio de Janeiro: Presidência da

República, 1931. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/antigos/d19770.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d19770.htm). Acesso em: 20 fev. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 11.324 de 19 de julho de 2006**. Altera dispositivos das Leis nºs 9.250, de 26 de dez. de 1995, 8.212, de 24 de jul. de 1991, 8.213, de 24 de jul. de 1991, e 5.859, de 11 de dez. de 1972; e revoga dispositivo da Lei nº 605, de 5 de jan. de 1949. Diário Oficial da União, Brasília - DF, 2 jun. 2015. seção 1, p.1.

\_\_\_\_\_. **Emenda Constitucional nº. 72 de 02 de abril de 2013**. Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Brasília: Presidência da República, 2013. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm). Acesso em: 8 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Lei Complementar nº. 150 de 1º de junho de 2015**. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº. 8.212, de 24 de julho de 1991, nº. 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº. 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº. 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº. 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº. 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº. 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2015/leicomplementar-150-1-junho-2015-780907-publicacaooriginal-147120-pl.html>. Acesso em: 8 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e as Leis nos 6.019, de 3 de jan. de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de jul. de 1991. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 14 jul. 2017. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13467.htm)>. Acesso em: 8 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 14.635, de 25 de julho de 2023**. Inscreve o nome de Laudelina de Campos Melo no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 26 jul. 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/lei/L14635.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14635.htm). Acesso em: 20 fev. 2024.

BRITES, J.; PICANÇO, F. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho**, Ano 19, n. 31, p. 131-158, 2014.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

VERÍSSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M. **500 anos da casa no Brasil**: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CAMARGO, E. N. D. **Desenho e uso do espaço habitável do apartamento metropolitano na virada do século 21**: um olhar sobre o tipo “dois dormitórios” na cidade de São Paulo. São Paulo: Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Revista Estudos Avançados**, n.17, p.117-132, 2003. Disponível em:

<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/Grupo%20de%20Estudos/Sueli%20Carneiro.pdf>. Acesso em 31 jul. 2023.

CARVALHO, Igor. 101 trabalhadores domésticos são retirados de condições análogas à escravidão: Dados contabilizam ações a partir de 2017; Bahia, Minas Gerais e São Paulo são os estados onde mais pessoas foram libertadas. **Central Única dos Trabalhadores**, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/101-trabalhadores-domesticos-sao-retirados-de-condicoes-analogas-a-escravidao-9805>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CARVALHO, Lenira. Só a gente que vive é que sabe: Depoimento de uma doméstica. In: **Cadernos de Educação Popular 4**. Petrópolis: Vozes em co-edição com NOVA – Pesquisa, Assessoramento e Avaliação em Educação, 1982.

CAVALCANTI, L.; LAGO, A. C. D. **Ainda moderno? Arquitetura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CIPOLLA, Larissa Cataldi. **A legislação urbanística e os Edifícios residenciais privados modernos no centro da cidade de São Paulo entre 1927 e 1957**. 2011. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/cedc2862-2725-4ea6-b82a-7454bbae6381/full>. Acesso em: 03 mar. 2024.

COMAS, C. E. D. **Précisions brésiliennes sur un état passé de l'architecture et de l'urbanisme modernes d'après les projets de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira et cie., 1936-45**. Paris: Tese de Doutorado. Université Paris VIII - Vincennes - Saint Denis, 2002.

COSTA, Lúcio. Depoimento de um arquiteto carioca. In: **Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura**. Lúcio Costa: sobre arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 1962.

COSTA, L. Muita construção, alguma arquitetura e um milagre. **Catálogo III Congresso**, Rio de Janeiro, p. 41-68, ago. 1962.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, n.1, p.139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em Acesso em: 23 jul. 2023.

DALLA COSTA, M. R. Las mujeres y la subversion de la comunidad. In: DALLA COSTA, M. R. & J. S. **El poder de la mujer y la subversión de la comunidad**. Cidade do México: Siglo XXI Editores, 1977. p. 22-65.

DAMASCENO, L. D.; CHAGAS, S. O. Evolução do direito trabalhista do empregado doméstico de 1916 a 2013 - PEC das domé. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v.1, n.17, out. 2013. 63-76.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEÁK, Csaba. Prefácio – O processo de urbanização do Brasil: Falas e façanhas In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). **O processo de urbanização do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Em busca das categorias da produção do espaço**. São Paulo: Annablume, 2016.

\_\_\_\_\_. The City in the Brazilian novel: Posthumous Memoirs And Other Writings. In: CHARLEY, Jonathan. **The Routledge research companion On architecture, literature and the city**. London: Routledge, 2018. Cap. 13.

DIAS, M. O. L. S. Nas fímbrias da escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho. **Estudos Econômicos** (São Paulo), n.15, n. Especial, p 89-100, 1985. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/157230>. Acesso em: 8 ago. 2023.

DIEESE. **Trabalho Doméstico**. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html>. Acesso em: 8 ago. 2023.

DOURADO, Isabel. Registros de casos de escravidão doméstica aumentam no país. **Correio Braziliense**, Brasília, 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/07/5106437-registros-de-casos-de-escravidao-domestica-aumentam-no-pais.html>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ELEB-VIDAL, M.; DEBARRE-BLANCHARD, A. **Architecture de la vie privée: maisons et mentalités, XVIIè - XIXè siècles**. Bruxelas: Archives d'Architecture Moderne, 1989.

EVEN. **Martese Alto da Lapa**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.even.com.br/martesealtodalapa>. Acesso em: 20 maio 2019.

FELIX, Walter. Legado de Carolina de Jesus é tema do projeto Chá com Letras desta terça (27). **Portal Uai**, Belo Horizonte, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/03/27/noticias-artes-e-livros,224496/legado-de-carolina-de-jesus-e-tema-do-projeto-cha-com-letras.shtml>. Acesso em: 20 maio 2019.

FERLA, L. A. C. Corpos estranhos na intimidade do lar: as empregadas domésticas no Brasil da primeira metade do século XX. In: **Anais do XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH: 50 ANOS**, São Paulo, 2011.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia, 1972.

FERNANDES, F. **O significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, 1989.

FICHER, S.; ACAYABA, M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

FUÃO, Fernando Freitas. **O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?** – 1ª parte. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 048.02, Vitruvius, maio 2004. Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo : Editora Nacional, 1967.

GOLDSTEIN, Donna. The Aesthetics of Domination: Class, Culture, and the Lives of Domestic Workers. In: **Laughter out of place: Race, Class and Sexuality in a Rio Shantytown**. Berkeley, University of California Press, 2003.

GOMES, G. Arquitetura do Açúcar. In: BICCA, B. E. P.; BICCA, P. R. S.; (ORG) **Arquitetura na Formação do Brasil**. São Paulo: Unesco, 2007.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra no Brasil**, p.115-232. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HOSPITALIER, E. **L'Électricité dans la Maison**. Paris: G. Masson, 1885.

JESUS, C. M. D. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2001.

KAUFMANN, T. **A aventura de ser dona de casa (dona de casa x empregada)**: um assunto sério visto com bom humor. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Edusp, 1993.

LEMOS, C. A. C. **Cozinhas, etc.:** um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: SAMPAIO, M. R. A. D.; (ORG.) **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964**. São Carlos: RiMa, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma nova proposta de abordagem da história da arquitetura brasileira. **Arquitextos**, São Paulo, ano 12, n. 141.000, Vitruvius, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4214>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

LIRA, J. **Warchavchik**: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

LUCAS, L. H. H. Arquitetura contemporânea no Brasil: da crise dos anos setenta ao presente promissor. **Arquitextos**, São Paulo, ano 09, n. 101.00, Vitruvius, outubro 2008. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.101/99>>. Acesso em: 19 janeiro 2019.

MACHADO, A. S. A borda do rio em Porto Alegre : arquiteturas imaginárias, suporte para a construção de um passado. **Arqtexto**, Porto Alegre, n. 5, 2004. 66-81. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22198/000446252.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

MACHADO, A. S. Princípios de Le Corbusier no Rio Grande do Sul : o projeto do bairro residencial da Praia de Belas em Porto Alegre. **Urbana: revista do centro interdisciplinar de estudos sobre a cidade**, Campinas, vol. 6, n. 8, jun. 2014. 799-830. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/117109>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

MACHADO, A. S. Lucio Costa e Le Corbusier: Brasília e a Ville Radieuse. Anais do IV ENANPARQ. **Estado da Arte**, Porto Alegre, 25-29 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2028/S28-04-MACHADO,%20A.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

MACHADO, A. S.; BREGOLIN, E. G. La poética del Urbanismo de Le Corbusier: arte función en la ciudad moderna. **Le Corbusier, 50 years later**, Valencia, 18-20 nov. 2015. 2147-2162. Disponível em: <<http://ocs.editorial.upv.es/index.php/LC2015/LC2015/paper/viewFile/1545/1367>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

MANSSUR, R. Socialite Regina Manssur fala sobre a PEC das Domésticas. Portal IG - youtube.com, 02 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URsKrTQI7mg>>. Acesso em: 20 maio de 2019.

MELLO, J. M. C. D.; NOVAIS, F. A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: NOVAIS, F. A.; SCHWACZ, L. M. **História da Vida Privada no Brasil 4: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 559-658.

MELO, H. P. de. **O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras**. Texto para Discussão. IPEA, Rio de Janeiro, 1998.

MENDES, M. A. Mulheres Chefes de Domicílios em Camadas Pobres: trajetória. In: **Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP**, Caxambu - MG, 20 - 24 setembro 2004. 1 - 11. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1461/1426>. Acesso em: 18 set. 2018.

MILLER, J. These Horrifying Photos Taken in the Jim Crow South Will Turn Your Stomach. **History Collection**, New York (EUA), 2019. Disponível em: <https://historycollection.co/photos-life-injustice-jim-crow-south/>. Acesso em: 20 maio 2019.

MORAES SILVA, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha. 6ª ed. 1858.

NAME, Leonardo. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade**: algumas dimensões espaciais básicas e em arquitetura. Pos FAUUSP, São Paulo, v. 28, n. 52, p. 2-12, jan-jun 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/49512666/\\_2021\\_Anal%C3%ADtica\\_da\\_colonialidade\\_e\\_da\\_decolonialidade\\_algumas\\_dimens%C3%B5es\\_espaciais\\_b%C3%A1sicas\\_em\\_arquitetura?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/49512666/_2021_Anal%C3%ADtica_da_colonialidade_e_da_decolonialidade_algumas_dimens%C3%B5es_espaciais_b%C3%A1sicas_em_arquitetura?email_work_card=view-paper). Acesso em: 30 mar. 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016. Ramos | Conexão Política.

NERY, J. C. Sobre História e Historiografia: falas consagradas e ecos duradouros sobre o surgimento da arquitetura moderna no Brasil. **Anais do 5º Seminário Ibero-americano de Arquitetura e Documentação**, Belo Horizonte, 24 a 26 outubro 2017. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/71057.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista**. São Paulo: Boitempo, 2003.

PERROT, M. Maneiras de Morar. In: PROST, A.; VICENT, G. **História da vida privada; da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 5, 1992. p. 13-58.

PINHEIRO, M. L. B. Modernizante ou Moderna? A arquitetura em São Paulo nas décadas de 30 e 40. **Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, v. 27, n. 9, pp. 108-117, jun. 2001. Semestral.

PINHEIRO, M. L. B. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, jun. 2008. 109-149. Semestral.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. **Cotidiano e sobrevivência**: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1994.

PRADO JUNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo: geografia e história**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

QUARTO DE EMPREGADA. [Locução de]: Isaura Benevides, Janaína Costa e Leidiane Pereira. [S.l.]: Quadro de Empregada, dez. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7tfi3NECWT8WcGpcFOEsMD>. Acesso em: 29 mar. 2024.

QUARTO DE EMPREGADA II. [Locução de]: Isaura Benevides e Leidiane Pereira. [S.l.]: Quadro de Empregada, dez. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2NyCGzxMezPidDpPicOypM>. Acesso em: 29 mar. 2024.

QUE HORAS ela volta. Produção e direção: Anna Muylaert. São Paulo (BR): Gullane, Africa Filmes e Globo Filmes, 2015. 1 DVD (112 min.).

QUEIROGA, L. **Alunos da UFMG repudiam projeto de disciplina “Casa Grande” que pedia área para empregados**. O GLOBO, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/alunos-da-ufmg-repudiam-projeto-de-disciplina-casa-grande-que-pedia-area-para-empregados-21641374>>. Acesso em: 7 ago. 2023.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica**: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROCHA-PEIXOTO, G. A arquitetura do café. In: BICCA, E. P.; BICCA, P. R. S.; (ORG) **Arquitetura na formação do Brasil**. São Paulo: Unesco, 2007.

RONCADOR, S. **A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)**. Brasília: Editora UnB, 2008.

ROSALES, Mario Arturo Figueroa. **Habitação coletiva em São Paulo 1928-1972**. 2002. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-31102022-161549/pt-br.php>. Acesso em: 03 mar. 2024.

ROSA Parks. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa\\_Parks](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Parks)>. Acesso em: 20 maio 2019.

SALEIRO FILHO, M. O. **A dependência da dependência de empregado: de espaço segregado a espaço invertido?** Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SAMPAIO, M. R. A. D. A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964. In: SAMPAIO, M. R. A. D.; (ORG.) **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964**. São Carlos: RiMa, 2002.

SÃO PAULO (Município). Ato nº 663, de 10 de agosto de 1934. **Aprova a consolidação do Código de Obras “Arthur Saboya” (Lei nº 3.427, de 19 de novembro de 1929) abrangendo todas as disposições constantes de Leis e Atos, em vigor nesta data, referentes a construções, arruamentos etc**. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/ato-gabinete-do-prefeito-663-de-10-de-agosto-de-1934>. Acesso em: 3 mar.2024.

SÃO PAULO. **Código de Posturas do Município de São Paulo de outubro de 1886**. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/C%C3%B3digo\\_de\\_Posturas\\_do\\_Munic%C3%ADpio\\_de\\_S%C3%A3o\\_Paulo.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/C%C3%B3digo_de_Posturas_do_Munic%C3%ADpio_de_S%C3%A3o_Paulo.pdf). Acesso em: 8 ago. 2023.

SARAIWA, A. Trabalho doméstico reduz desocupação, mas reforça informalidade. **Agência IBGE Notícias**, 30 nov. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18435-trabalho-domestico-reduz-desocupacao-mas-reforca-informalidade> . Acesso em 8 ago. 2023.

SARRIS, G. C.; FILLETI, J. de P.; CARDOSO de MELO, M. F.; GORAYEB, D. S. Perfil das Empregadas Domésticas no 1º trimestre de 2020: dados selecionados. In FACAMP: **Estudos NPEGen**. Campinas: Editora FACAMP, número 02, agosto de 2020.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, F. A. & S. L. M. **História da Vida Privada no Brasil 4: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 173-244.

SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014.

SÉGUIER, Jayme de. **Dicionário Prático Ilustrado**: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro. Lisboa: Empresa do Dicionário Prático Ilustrado. 8ª ed. 1910.

SEVCENKO, N. O prelúdio republicano, astúcias e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. **História da Vida Privada no Brasil 3**: República da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.

SILVA, J. L. M. da. **Cozinha Modelo**: O Impacto do Gás e da Eletricidade na Casa paulistana (1870-1930). São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul: Revista do departamento de geociências - CFH/UFSC**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 117 - 134, jul-dez 2007.

SILVA, J. M. D. C. E. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon, 1930 - 1960. São Paulo: Annablume, 2012.

SLENES, R. W. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: ALENCASTRO, L. F. **História da vida privada no Brasil. Império**: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 1997. p. 233-290.

SCHIFFER, S. São Paulo como pólo dominante do Mercado unificado nacional. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R.; (ORG.) **O processo de urbanização do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

SLENES, R. W. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: ALENCASTRO, L. F. **História da vida privada no Brasil. Império**: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 1997. p. 233-290.

SCHIFFER, S. São Paulo como pólo dominante do Mercado unificado nacional. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R.; (ORG.) **O processo de urbanização do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

SUBMISSÃO AO TRABALHO DOMÉSTICO INFANTIL. [Locução de]: Janaína Costa. [S.l.]: Quadro de Empregada, 26 mai. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/show/6154215>. Acesso em: 29 mar. 2024.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho Doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

TELLES, L. F. D. S. **Mulheres negras e trabalho doméstico em São Paulo (1889-1920)**. São Paulo: Alameda, 2013.

THEODORO, M. I. A.; SCORZAFAVE, L. G. Impacto da redução dos encargos trabalhistas sobre a formalização das empregadas domésticas. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, 2011. 93-109.

TOMAZELA, José. Crescem resgates de trabalho escravo doméstico no Brasil: Em 2021, houve 31 casos, segundo balanço do MPT; 'ela nunca mais será privada de nada', diz neta de vítima libertada após 50 anos de reclusão em apartamento em Santos. **Terra**, 27 jun. 2022.. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/crescem-resgates-de-trabalho-escravo-domestico-no-brasil,d266591e1eefa5d27bc1d92944104c7bc05dhq8l.html>. Acesso em: 11 fev. 2024.

TRAMONTANO, M. **Habitação moderna, a construção de um conceito**. São Paulo: EESC-USP, 1993.

VALOR ECONÔMICO. Parcela de mulheres empregadas como domésticas é a menor em 3 décadas. **Valor Econômico**, publicação online, 23 abr. 2015. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/4018956/parcela-de-mulheres-empregadas-como-domesticas-e-menor-em-3-decadas> . Acesso em: 22 jan. 2019.

VERÍSSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M. **500 anos da casa no Brasil**: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIANA, M. B. X.; TREVISAN, R. O “Quartinho de Empregada” e seu Lugar na Morada Brasileira. In: **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, p. 1-22, 2016.

VILLA, S. B. **Apartamento Metropolitano**: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo. 2002: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 2002.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n.71, p. 37-58, jan/abr 2011.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

XAVIER, A.; LEMOS, C; CORONA, E. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo, Pini, 1983.

ZEIN, R. V. **Arquitetura brasileira, escola paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2000.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE 1**

**Transcrição da entrevista com Isaura Benevides**

## **Transcrição da entrevista com Isaura Benevides**

**Realizada em: 18 de julho de 2023**

**Entrevistada por Luísa Sopas Rocha Brandão**

Luisa: Isa, muito obrigada de coração pelo tempo dedicado a essa entrevista, eu sei que tua rotina é...é muito cheia. Eu tenho que começar te perguntando se eu posso gravar a nossa conversa e se eu posso usar trechos dela na minha tese. Minhas perguntas são muito baseadas no que vocês já me ensinaram lá no Quadro de Empregada, então queria saber, posso?

Isaura: Sim, pode sim, depois dá lá um crédito para nós, que a gente em um objetivo né? E hoje tudo é número, infelizmente.

Luisa Antes de tudo, deixando o trabalho doméstico de lado, queria saber como é que tu te defines. Uma apresentação tua sobre ti.

Isaura: Eu acho que a coisa mais difícil é a pessoa falar dela mesma, né? Porque hoje em dia eu não tenho como falar de Isaura sem falar desse personagem que eu criava dentro dessas grandes casas pra trabalhar como defesa, né? Assim, criava uma situação, um jeito de ser mas que é defesa. Sabe? Mãe solo, tenho dois filhos, vinda de um relacionamento super abusivo, com história de agressão física, então dentro é...Isaura...se eu fosse parar pra falar da Isaura, eu chorava....então eu tinha uma guerra, eu tinha uma batalha pela frente e eu tinha que escolher qual delas eu ia lutar e eu tinha que saber como é que eu ia lutar, de que maneira. Então eu falei: eu vou pegar a Isaura do pé de manga né, lá de Cuiabá. Então eu peguei, e é com muita força, todos os dias pra ela ficar aqui, rindo, brincando, tomando uma cervejinha e se permitir ir pra igreja sem culpa de tomar a cerveja, né? Então tem todo esse rolê, esse tanto de coisa. E quando eu vou falar da Isaura, eu vejo que eu sempre fui isso aqui mesmo, eu não tava inventando nada, eu tava assim....é o meu jeito.

Eu olho, às vezes antes eu recebia uma agressão e eu gritava, hoje eu recebo uma agressão e falo – meu Deus, isso não vale a pena, ai que preguiça, não quero isso pra mim. Mas eu sou uma pessoa simples, mãe de três filhos, eu sou uma avó precoce, fui uma mãe precoce, tudo muito

rápido, né? Daí foi assim, isso que me encaminhou para o trabalho doméstico, esse lance de ser mãe precoce, tudo precoce, mas eu sou mãe, vó, mulher, né? E talvez como os meninos daqui dizem, um pouco kids, porque na minha infância né, eu não tive a Barbie, então talvez hoje em dia eu goste muito de coisa de criança, as minhas coisas são muito infantilizadas, talvez seja uma falta que eu tive lá atrás, né? A minha agressividade, hoje, eu entendo que eu não preciso mais fazer um barraco, não há necessidade mais, porque não é assim que eu vou chegar a lugar nenhum. Mas quando eu não entendia, e que eu não era entendida, a gente grita, a gente chora, a gente quer partir pra ignorância verbal, só que ninguém para pra falar o que tá acontecendo com aquela mulher, mãe de três filhos, não tem onde morar, e que tá sendo despejada. Pera aí, então vamo lá, então aquele grito né, antes quando a gente é mais jovem, hoje se faz presente no Instagram, da minha maneira simples, não tenho nenhum estudo superior, tô fazendo supletivo pra alcançar, assim...pra ter mais concordância nas palavras, porque pra mim a coisa mais linda do mundo é a pessoa que sabe ler, sabe escrever, sabe interpretar, né? Quem sabe ler, sabe fazer escolhas a partir disso, então eu tô buscando essa evolução assim. Aos poucos, mas sem achar que é um tempo perdido, é agora, e é isso....

A partir da pandemia pra cá, eu tive uma nova visão até de mim mesma, tinha grandes sonhos, tudo grande, grande, e grande sou eu, desse jeito aqui. Quando eu entendi isso, eu conheci a Jana, num momento de desespero de dentro de um quarto de empregada, sem achar que ela fosse me ouvir, ela ouviu, num áudio meu que eu mandei pra ela que eu tava em desespero real, mas muito mesmo. Aí ela me retornou. Quando ela me retornou.... ela me contou a história dela e houve essa identificação porque eu, bem mais velha que ela, ela é uma menina né? Uma pessoa de vinte e poucos anos pra mim é uma criança né? E me identifiquei logo assim, me deu....uma menina né, que também já esteve dentro de um quarto de empregada e que meteu o pé na porta, e se formou, hoje é uma mestra...por isso que estamos aqui.

Luisa: Isa, e me conta uma coisa, tu foste mãe com que idade?

Isaura: Com dezessete.

Luísa: Dezessete anos.

Isa: Com dezessete anos. Aham.

Luísa: E aí foi isso que te encaminhou para o emprego doméstico? Ou já antes disso tu já fazia alguma coisa relacionada a trabalho doméstico?

Isaura: Sim, minha mãe é empregada doméstica, né. Aí minha mãe tem a história dela que um dia será contada. Mas a minha mãe já trabalhava como empregada. E hoje eu entendo bem, quando a gente abre uma mente, quando a gente começa a entender a situação daquela época. Eu entendo que eu já era inconscientemente empurrar, né, para herdar essa coisa. Não é culpa da minha mãe. É a situação, né. Uma mãe de seis filhos, que é a minha. Eu, a mais velha. Eu tenho um irmão mais velho, mas um homem, né, então ele ficava fazendo, ou seja, tinha outras responsabilidades. Ou eu ocupava o lugar dela com meus quatro irmãos menores ou eu ia para ajudar adiantar o serviço de alguma maneira. Porque a pouco tempo, muito pouco tempo atrás, há vinte, vinte e cinco e até hoje em dia, né, nossos filhos vai, as mães leva. Tem empregada que ocupa todos os cargos que há em uma residência, uma mansão, né, todos. Então assim, uma mansão dessa que eu estou, cabe várias profissionais. Então alguns... algumas dessa profissão a empregada acaba pegando. Porque, às vezes, vai fazer um favorzinho e acaba puxando aquela responsabilidade que nem é dela, talvez. E se você não faz, fica... Hoje eu não tenho filho pequeno. Hoje eu posso me negar tranquilamente. Mas e a minha colega do lado, ela pode? Então, eu não posso ser egoísta na minha fala, de falar assim: "Você, minha coleguinha, você não precisa disso". Não, não eu não tenho esse direito. Porque eu não sei a vida dela fora daqui. Quem ela é? Quantos estão sendo beneficiados pelo salário dela e ela ocupa isso? Então, é muito complexo. Isso de eu falar. É... Ou qualquer um falar. "Ah, mas tem a lei.". "Ah, mas hoje tu tem um monte...". Não, calma aí. Com que que cê tá falando?

Luísa: Pois.

Isaura: Quem é a mulher por trás dessa trabalhadora doméstica. Então, antes de eu gritar, eu alerto. "Olha, e aí. Tudo bom? Quando cê...". Então essa pessoa vai entendendo as situações e qual a maneira dela. Vai ganhando o espaço. Vai tendo voz, voz no mercado. Que isso aqui é um trabalho que eu não penso que vai acabar muito rápido, mas ele vai acabar, entendeu? Num futuro, acho que vai ter mulheres que trabalham nessa casa, mas para coordenar (risos) todas as máquinas. Nada além disso, me entende? Eu acredito que está se encaminhando a partir da pandemia para cá né, entende, assim? Então, e usar... só que as madames, algumas, né. A grande maioria não concorda com isso. Principalmente as brasileiras. Porque lá fora isso já não acontece mais. Lá nem sequer existe quartinho, talvez nem exista. Talvez essas nunca saem fora do Brasil. Mas eu acredito que lá, talvez... eu tenho amigos em Portugal que trabalham assim em casa, né, para brasileiros que (risos) levaram daqui porque lá não conseguiu uma Isaura, uma Isabel. Não consegue. E divide o quarto do lado, né. Dos patrões ou com as crianças. Mas não tem, não tem uma edícula. Não tem.

Luísa: Sim. É, uma das coisas que eu... uma das coisas que eu pesquisei que sempre, porque é isso. Eu faço um trabalho desde 2017, o pessoal começou a me enviar exatamente isso que quando os brasileiros começaram a imigrar para Portugal, as construtoras, pra poder pegar essas pessoas como clientes, começou a construir com quarto de empregada.

Isaura: Uhum.

Isaura: Eu lembro de ouvir isso, uma... uma reportagem. Eu não me engano se foi com a Luana Piovani, ela falava assim "Quando eu entro num lugar, eu identifico um brasileiro muito rápido. Somos nós que (inaudível), somos nós isso". Aí eu imagino: "Somos nós que temos o quartinho" na fala dela. Ela não citou, mas é bem provável que os criadores do quartinho lá fora do país foram os brasileiros.

Luísa: Não, não citou, né.

Isaura: Ainda estamos em evolução. Então, assim, vocês estão espantados por quê? Porque quem tem 40 anos, que... que é o meu caso ou mais, quando eu era pequena, minha mãe sofreu... sofreu muito mais abuso do

que eu vejo hoje. Mas hoje todo mundo tem uma câmera, hoje. É um grande Big Brother. Então, hoje tem como falar.

Luísa: Sim.

Isaura: Mas eu também falo porque eu posso.

Luísa: Sim.

Isaura: Porque eu não tenho mais três filhos menores, eu não pago aluguel, eu falo porque (suspiro). Foram doze anos em Goiânia para chegar aqui. Tendo a liberdade que eu perdi dentro da casa da minha patroa com câmera me olhando ali.

Luísa: Sim, sim.

Isaura: Então... então, essa segurança que eu tenho aqui, ela é só minha. Ela não é da minha colega do lado, ainda.

Luísa: Sim, exato, é. E me conta uma coisa que tu falaste, uma coisa muito importante e que eu sempre venho tanto que... eu tenho um trabalho muito cuidadoso em relação a isso, assim. As pessoas que eu cito.

Isaura: (inaudível) para poder citar. Essas citações eu memorizo. Porque é o meu sonho falar, porque (nome inventado)-

Luísa: Mas então agora tu vais ser citada numa tese de doutorado.

Isaura: Para mim não é chique mais.

Luísa: Então assim, o que eu queria perguntar o seguinte: porque, é isso, quer dizer, um emprego doméstico, ele vem originalmente no Brasil, da nossa história de escravidão. E eu queria saber como é que tu te autodeclaras assim. Não sei se declara negra, parda, branca, como é... como a tua visão sobre ti?

Isaura: Sim, é muito engraçado. Porque eu posso declarar o que eu quiser aqui e alguém vai falar assim: "Você não é negra. Você é parda". Sempre vão ficar te intitulado alguma coisa. Como eu disse, eu tô com esse cabelinho aqui, mas é uma chapinha. Eu acabei de pôr um cabelo, essa parte caiu toda.

Luísa: Tu tá assim porque tu gostas, não é?

Isaura: Eu tô com muito pouco cabelo. Aqui tá careca, tá impossível de... de andar. Aí... aí eu vou procurando a minha... vou voltando né. Minha mãe, é uma mãe negra, mas eu não sofri o que ela sofreu, em relação à pele. Então, eu não posso falar dessa dor. É... o meu... meu avô é um português (risos), então, o pai da minha mãe, né. (interrupção) Casou com uma negrinha, né, prostituta (risos). Sim, né, que é a minha avó. Eu amo falar "ai neta de quenga", mas não no sentido... porque deve ter sido muito sofrido para ela fazer essa opção, enfim. E então, eu falo assim parda, porque me falaram que eu sou parda. E até eu fazer minha árvore, ainda esperei assim. Porque as pessoas falam: "mas quando me dei conta, de alguma maneira", porque eu acho que a gente também não se dá conta, até que te apontam. Porque eu nunca falei o negócio de negra. Minha mãe sim, porque ela tem uma pele muito mais escura, mais retinta. Eu tenho um irmão muito negão, retintão, do narizão. Tenho um irmão alemão. São seis. É uma bagunça. E... mas tem um momento que você se entende ou você nem se entende e alguém fala o que você é. Então, foram dois episódios. Um quando eu era pequena e nem era tão pequena, devia ter doze, treze.... Treze para catorze anos. Teve a nova... como chama... o especial para paqueta da Xuxa. E eu morava em Campinas, interior de São Paulo. Então, eu tava lá na sala assistindo, brincando... dançando paqueta e Xuxa aqui, Xuxa arrá. Aí meu irmão, e eu falei: "Nossa, já pensou eu paqueta?". Meu irmão: "Você nunca vai ser paqueta, não. Cê é preta". O amigo, né, que tava com ele um...aliás, um filho de patrão (risos) ele tava um fim de semana lá em casa porque a mãe tinha que deixar lá, enfim. Até a casa... essa casa que a gente morava, era na... dessa patroa. "Não, você não vai ser paqueta, não. Você é preta". E eu nunca tinha me dado conta disso, de que eu não podia porque eu era preta. E eu olhei. Aí eu continuei: "Ah eu sei, Viniel" e continuei. Foi um murro assim. Porque eu falei "mereço", mas eu nunca tinha tentado, porque eu nunca tinha pensado que cor era a diferença. A paqueta branca loira e, para mim, eu era ela também. Tudo bem, pra mim. Até que você se depara. Depois eu comecei, a partir daí, a ficar atenta com o que a minha mãe passava. Você desperta, tipo um batismo.

Luísa: É.

Isaura: Tipo um batismo. Você (imitação de barulho de explosão), você sai. Eu me arrepio porque foi isso. Te jogam, te afogam e falam "oh, ressuscita". É um batismo. Aí você... Aí quando você sai desse batismo, você sai de olhos abertos e passa a enxergar a sua volta. E é muito triste. Porque uma pré-adolescente. Aí eu comecei a prestar atenção. Então, assim, isso de falar no Instagram e de querer falar sempre esteve em mim, mas as necessidades não deixavam, entende. Não podia, né? Então, assim, aí eu passei e foram várias coisas acontecendo, assim. A segunda que... que marcou [teve várias coisas] foi, nem faz tanto tempo assim, eu tava com o nenê bonitinho, tão bonitinho, no colo, de uma patroa. E eu falava pro meu marido, que ele é mais branco que eu, eu falava assim "Olha, isso acontece", e claro, "você não é boazinha demais?". Eu falei "Não, mas lá acontece isso comigo, acontece". Aí "Mas por que você fica?". "Porque eu não posso, o salário é bom (risos) a gente não tem a nossa casa. E essa fulana pode dar uma oportunidade para você lá na instituição tal, ela falou". Aquilo de pegar o sonho da gente e ficar brincando, né. "E eu preciso ficar lá". Falou: "não, eu acho que é coisa da seu cabeça. Elas te tratam tão bem". E aí ficava falando as coisas boas desse lugar, dessas pessoas. E aparentemente se ela vir conversar com você, é uma ótima pessoa. Claro que é uma ótima pessoa. Não rouba, não mata, né. Católicos, entende? Beleza, aí um dia eu tô, nesse lugar. meu marido tá comigo, tava lá fazendo churrasco. E eu com o nenê no colo. E ela virou: "Ó meu bem, [o esposo dela] não é lindo? Olha lá, não parece, mesmo, aquelas mucamas que seguravam antigamente as crianças no colo? Ama de leite. Olha, lá!". Eu tava sentada, encolhida, com ele no colo e tudo brincando. E eu "nossa, só faltou o turbante". Ela: "não, peraí" e pegou um lençol e amarrou na minha cabeça. Ela tem uma foto, eu preciso dessa foto. Para eu.... eu ainda tenho contato com ela. Eu conto isso para ela. "Meu Deus, o que você fez... e você nem vê". Porque eu... explicando para ela o que é racismo, que você, né. E ela "Eu fiz isso?". Eu falei "Fez", agora eu preciso da foto" (risos). E ela tá lá o Instagram, comenta tudo, acha o máximo. E eu falo "Mas você também já fez. Eu já citei (inaudível) na sua casa", entende. E foi o que me marcou, né. Então, para eu parecer uma mucama, talvez dizendo que eu seria escolhida porque eu tenho uma pele mais clara e eu sou bonitinha. Então, se eu fosse filha da minha mãe, minha mãe ia dentro da cozinha e eu

seria quem ficaria junto com o filho para brincar, né. Falei: "mas ah, esse papel eu já tinha quando era pequena", de entretenimento. Era assim, mesmo. Minha mãe ficava na cozinha, eu brincando com as filhas de patrão. Aí você vai entendendo. Fazendo ligação que é... do... período escrava, empregada doméstica é uma herança do período de escravo. É uma herança para sociedade. Nós somos herança do período escravo. Então, quando vem lei... a lei... PEC da doméstica, tudo isso é muito difícil lá em cima, lá em Brasília. Claro que é. Porque eles não querem perder isso. Não quer perder meu braço forte. Jamais.

Luísa: Exatamente.

Isaura: Quem tá lá para me defender é o patrão.

Luísa: É.

Isaura: Que tem em cinco, dez empregados dentro de casa. Ou se não é uma empregada lá, que consegue estudar para tá lá e lutar e me defender, quem é que vai?

Luísa: Porque a gente percebe essas coisas todas e... a gente..., mas é por isso que é tão importante falar com vocês que vivenciaram esse tipo de coisa, né. Porque tem gente que diz que parece assim, é isso, parece que racismo não existe mais no Brasil. Olha isso, né?

Isaura: Existe. Existe, só que pra quem tá sofrendo é igual... tem que passar pelo batismo, né. Eu tô falando do batismo de uma forma bonitinha, né, porque me causa revolta, assim. Então, eu já tive colegas é... retintas que ia pro parquinho e a amiga da patroa filmava ela. "Olha, eu estou desconfiada". Sua funcionária tá muito (inaudível) E quem tava falando com ela era a própria patroa. "As crianças estão bem?". Quando era outra funcionária mais branquinha passava despercebida, ou nem precisaria usar o tal uniforme, sabe? Então, assim, é nessas linhas que o racismo ele tá. Então, talvez a pessoa não..., mas hoje em dia eles estão muito mais agressivos. Eu acho que antigamente, parece que eles perderam o medo devido a uma série de acontecimentos no nosso país. Então isso parece que deu força e perderam o medo. Não acontece nada, porque quem vai me defender tá aqui dentro.

Luísa: Pois é.

Isaura: Dentro do condomínio. Entende, assim, eu poderia falar um monte de coisa aqui, mas... É, eu tô dentro de um condomínio, cercado de pessoas que poderiam me defender. Cercado, na frente, do lado. E eu tô com pessoa de um nível muito alto em Goiânia.

Luísa: Que coisa. Eu tava vendo seus stories sobre... sobre a revista e tudo, nossa. Quer dizer, é (sopro)...

Isaura: "E mimimi". Não é nenhum mimimi. E quando vai lá, tem pessoas que vendo... é isso que eu acho engraçado. Eu escrevo de maneira crua. O meu celular é muito simples, eu gostaria muito de ter algum tipo de inteligência aqui. Mas que bom que não tem, que não cabe. Talvez isso tiraria umas verdades mais duras, né, do contexto do que eu queria falar. Mas a pessoa entende o que eu tô querendo dizer.

Luísa: Não, é assim, Isaura, tu não tens noção o quanto que a tua autenticidade é importante.

Isaura: Se tem um erre que não tá lá, ou que faltou lá. Eu não vou corrigir. Mesmo que eu note, eu não vou voltar. Sabe por que que eu não vou voltar? Porque eu estou evoluindo. Eu quero ver isso em mim. É importante para mim.

Isaura: Eu preciso.

Luísa: Tá certíssima.

Isaura: "Tá tudo colorido". Eu não tenho noção de paleta de cor, gente. Eu vejo na internet... Aliás eu não tenho nem tempo. Outro dia apareceu um "Me paga aqui pra eu arrumar seu Instagram". Não, gente! Deixa lá.

Luísa: Exato.

Isaura: E assim, eu não tenho esse interesse, entende? Então, as pessoas fala assim, teve uma que veio, eu falei "você entendeu o que está escrito ali?" e "ah, eu entendi a mensagem". Então, é isso que eu queria. O erro eu já eu tinha identificado, mas eu estou no trabalho, entende. Muitas vezes eu escrevo aqui, acontece comigo lá fora, ali na rua é... ou num parquinho, ou com uma colega. Eu escrevo depois e amadurece até de noite. Eu pego e coloco lá. Mas é diretamente daqui. Porque temos aí várias, algumas que se intitulam ativista não faz nada, usa e abusa. Realmente, a pessoa chega lá, pega engajamento para fazer outras coisas. Pode fazer, que lindo que é chegar lá. Eu fico pensando como é chegar lá? O que que é chegar lá? O que é que tem lá? Mas e daí? O que que se faz com tudo isso? Com a visibilidade? Nada.

Luísa: É.

Isaura: Aí eu fico (risos) como diz a menina, eu fico puta. Porque, gente, faz alguma coisa, dá a mãozinha. Exato, conta ninguém. Então é isso.

Luísa: Exato.

Isaura: Ninguém dá a mão para ninguém. Então, é isso, dá a mãozinha. A Jana fez isso comigo, entende? E quando nós decidimos criar o Quadro, foi exatamente para isso, para dar a mãozinha, para as outras.

Luísa: Exato.

Isaura: Já tem outras, né, para chegar. Então, a gente vai passando. Somos nós duas nessa temporada, na próxima serão outras duas. Aí essas outras duas vão passando, porque é um coletivo. Só que é feito devagar, por causa de tempo, né. Eu ainda trabalho, ela também.

Luísa: É, não é só isso, gente, né. Eu percebo que tem muita gente que tem uma situação de vulnerabilidade, que tem medo de falar, né? Tem medo de se expor.

Isaura: Sim.

Luísa: Então, eu eu percebo isso e acho que tem que ser devagar. E acho que vocês estão super no caminho admirável.

Isaura: Juntas é que vai ser.

Isaura: Antes de Jana, antes de outras que não tem nada a ver eu falar. Antes de todas, nem falo eu. Antes de todas nós, não existia alguém que falava lá trás. Que deixou poesias e poemas para nós. Hoje você para nas grandes rodas da elite, né. A Maria Carolina de Jesus. Então assim, antes nós já tinha ela sem essa estrutura toda aqui. Não tinha nem, assim, não faziam nem...não tinha nenhum acesso nem nada. Era só ela, a mente dela e um papel. Então, essa revolução ela já começou. Ela já existia. Nós aqui somos meros, assim, a gente tá só continuando o que deu início. E tem que ter peito para fazer isso. E se ela teve, sabe? Assim, eu tenho também. Eu leio ela e eu cada vez, assim, eu fico mais apaixonada. Porque, gente, ela já fazia isso de maneira mais crua do que isso aqui. Então, do que é que eu tenho medo? Nada.

Luísa: Olha, mas me conta uma coisa então. Então, quantas... tu já chegaste a morar na casa ou dormir na casa de patrão e de patroa?

Isaura: Sim, a minha experiência foi muito sem querer, né. Foi... foi sem querer. Foi breve, porém (risos), pensa. Eu... eu... como eu disse, eu só molhei o bico e não quero nem nunca mais saber do resto do gole. Porque foi durante a pandemia e foi necessário pra mim, foi necessário para minha contratante. Já a conheço há muitos anos, casada bem (inaudível). E ela também sabe que eu falo (inaudível) para ninguém, tá lá. Se se identificar caladinha, dá um like lá (risos). Mas o que acontece (interrupção) foi durante a pandemia. Então. eu fiquei esse período que pareceu curto, mas muito longo, devido as tensões, né? E eu estava com esta patroa no início da pandemia, então foi uma coisa meio apocalíptica, né. É... é começou a se falar da Covid, ninguém entendia Covid. As portas começaram a se fechar, a notícia vinha de mortes. E eu lembro que eu e minhas colegas, a gente entrando num condomínio, e a gente com medo de pôr a mão na maçaneta, tipo assim. E as patroas, geral, se precavendo, metendo as máscaras na gente, roupa branca. E a gente sem saber o que fazer. Depois falou que a criança passava para o adulto. E a gente cuidava de criança, bebia um copo de água. Então, gente, tá. Morre a primeira pessoa de Covid. Quem? Uma empregada doméstica no Rio de Janeiro, com o povo que veio da Itália. Foi um nó. Eu realmente

fiquei com muito medo. O meu nível de medo era muito maior do que a minha patroa aqui mesmo. Ela: "Calma, calma". E "Não, e no pós?". O medo era assim, o Titanic tá afundando e não tem barco pra todo mundo. É nós.... nós vamos morrer primeiro, né? Então, até que os condomínio fechou. O condomínio fechou. Não vai ninguém, só as meninas que moravam. E eu falei: "Ferrou". Aí essa daqui... me deu... me pagou. Resolveu, falou "Não, vou te mandar embora", porque ficou com medo de trancar banco. Era muita... tinha muita fantasia em torno de também... "Vai que não pode te mandar embora e eu não vou ter... tranca o dinheiro e eu não posso te dar. É nessa intenção". Eu falei para mim "Tudo bem", mas não tem muita escolha. Aí uma outra ex-patroa também tava precisando de um funcionário. Falou "Então, tá você fica aqui?". Falei "Fico". Porque meu pai é pedreiro, minha mãe não tem renda, porque ela teve uma doença que não tem cura. E aí eu falei "Não, então vou- (interrupção) É que meu marido trabalhava no teatro, fechou também. Os eventos acabaram. Falei "então, eu que vou lá mesmo". Falei pro meu marido ainda assim: "Se qualquer coisa que acontecer, todo mundo muda para uma casa só e a gente fica nessa casa (risos). Todo mundo muda para dentro e fica". Aí eu fui para lá. Porque aí o salário era bem, bem, bem né. Porque a pessoa queria ficar... nos últimos... finais. Eu considerava isso: "Não, as pessoas, porque é o fim do mundo, mas quer morrer sendo servido, não vai abrir mão". Então, assim: "Eu vou pra lá, pra mim de boa, que eu já conheço a pessoa. Ela também é uma pessoa que vai dar uma equilibrada ali no emocional de todo mundo. E você fica aí marido". Aos finais de semana, eu ia embora pra casa, né? Então, tinha toda aquela coisa "ó, não sai", ela também não saía. Essa é essa patroa (risos) era pior que eu. Então, tinha uma confiança mútua em relação a se cuidar. Então, ela tinha que ter isso em alguém e eu também tinha que ter isso em alguém. Então, eu fui morar lá e partir daí eu conheci o quartinho. Ai o que que acontece. Eu só entendi o quartinho depois que eu fui morar nele. É... alguém me bateu? Alguém? Não, ninguém me bateu dentro do quartinho. O quartinho que eu fiquei tinha uma televisão, tinha um negócio lá de ar. Que eu pedi para ela comprar, "bota um negócio de ar lá, bota uma televisão para assistir filme, senão eu não dou conta". Mas aí tem as coisas, aí a gente acha que vai ser legal. Eu não tá nem sabendo que não tá sendo legal. Porque alguém

falou "Ah, cabe você no quartinho?", o arquiteto, "Ah, não. Olha que banheiro". "Mas esse armário, cabe sim". Mas a realidade delas, lá fora, não é um quarto desse. Bem provável que eu imagino que o arquiteto, ou sei lá quem é que projetou isso, né. Perto das máquinas, muito acessível a tudo, ao rodo, ao pano, a tudo, ao barulho. Então, assim, até chegar da rua, é perto garagem. Então, se chegar com o tênis sujo, você tira... bêbado, vomitar. É naquele espaço. Então, se o cachorro chega da rua, é naquele espaço. Então, a Covid, é naquele espaço. Porque ali, e eu tô falando são coisas que ninguém notou. Eu só vi, porque eu estava lá. Então as máscaras eram deixadas na lavanderia. Não onde eu estava, mas em geral o país inteiro era na lavanderia. A Covid ficava na lavanderia. E na lavanderia tava o quê? O quarto de empregada. Era ela que ia morrer primeiro. Era eu no caso. Então, tinha tudo aquilo que entrava as máscaras e é isso. Se tá lá, perto do meu quarto, na porta. Vou te mostrar. Essa casa não era minha, era da minha patroa. Foi a primeira observação dela: "Aqui é o quarto" que seria da empregada, né. Então, aqui tá tudo as coisas, assim. Se você pensar, tem... isso é um quarto moderno, né? Então a cama é bem pequena, não sei se consegue entender. Parte do vivere, você consegue entender que é bem pequeno. E um banheiro também, bem minúsculo.

Luísa: Uhum.

Isaura: E a pia, como todo o quase de empregada é aqui-

Luísa: Ou seja

Isaura: Não tem ar. Um... é muito pequeno. A minha mão no quadro, num quadrinho aqui, certo?

Luísa: Aham.

Isaura: Olha o tamanho dessa janela. Não tem ventilação, que é o que precisava lá... na Covid. A torneira é aqui.

Luísa: Entendo.

Isaura: Tudo chegava pela lavanderia. Tudo que chegasse-

Luísa: Era aí.

Isaura: Era aqui.

Luísa: Aham.

Isaura: Era por aqui. Tipo assim, você sabe que aqui é a garagem. Eu chego sujo por aqui. O lixo é ali. Então, eu tiro a noite, eu tiro. Mas se não sou, é eu que vou dormir. Não é proposital, entende? Não tem como. É aquele lance do velado, entende. Eu estou bem perto aqui da porta da cozinha

Luísa: Sim.

Isaura: Se eles acordarem de madrugada bêbados, se chegar à noite, essa pessoa... Me dá raiva.

Luísa: Sim.

Isaura: Porque quem tá aqui não tem sossego para servir eles todo dia. A pessoa amanhece com olheira com tamanho do... enorme, "Por quê? Não dormiu de noite?", "Mas não dormiu, você não foi pro seu quarto?". Mas era um dia de festa, a zona, tem os barulhos. Que era buffet, mas onde o pessoal do buffet ia se trocar? Dentro do quarto de empregada.

Luísa: Não. E... E alguém respeitava o limite de horário do emprego?

Isaura: Não.

Isaura: Não. Não, não se respeita. Fala que é um horário, mas não respeita. Lá, essa específica, ela tinha uma disciplina meio que militar. Eu até brincava (inaudível). Tinha esse horário para tudo. Porque a rotina da casa mudou da Covid, né? Então, tinha que estabelecer regras. Porque senão ninguém descansava. Então, oito horas as crianças já estão dormindo, muito tempo. E ela já está tranquilamente na casa, na cama dela, tranquilo. E eu também tava. Mas assim, cê não dorme. Não existe. Eu tô falando assim, de um período pandêmico. Você não dorme. A pessoa ficou tensa. Eles também não dormem porque tava ali assistindo o jornal. De vez em quando ia na cozinha comer. Ah, aquela movimentação e até desfalecer, o sono, né, bater real. Então, tava todo mundo muito alerta durante, eu tô falando do período que eu experimentei o quarto na pandemia, estava todo mundo alerta. Acredito que... que depois da pandemia, antes da pandemia era dessa maneira.

Luísa: Sim.

Isaura: Aí, aliás, tinha dia que tinha festa entre a família, tinha festa, entre os familiares, então ficava até mais tarde. Ou ela com o esposo que, experiência de outras meninas, eles iam tomar um vinho ali fora e ficar conversando, tomando vinho. E enquanto isso acontece, o quatinho tá aceso, porque vão bater lá. Se a criança chorar lá, eles vão te levantar tranquilamente.

Luísa: É. E olha, tu me abriste inclusive aos olhos pra uma coisa que eu nunca tinha percebido, porque é uma das minhas críticas à história do banheiro separado, né. Quando não tem quarto, mas tem o banheiro. Mas também me abriste os seus olhos pra uma coisa que eu nunca...

Isaura: Por isso, que é tão importante conversar com as pessoas que passaram por esse tipo de experiência. Que é, cara, se não tem o banheiro, como é que a pessoa descansa de um dia de trabalho que quase nunca é oito horas, né?

Luísa: E mais sobre o quatinho?

Isaura: A pergunta não é "Você moraria lá?". É "Você consegue descansar aqui?", né.

Luísa: Certo.

Isaura: "Você consegue descansar aqui?". "Ah, você dorme aqui, olha o conforto". Peraí, não é isso. "Ai conforto". Conforto eu tenho na minha casa. O meu barraco de tijolo, é lá na minha casa. Daquele jeito lá é o meu conforto. É onde eu durmo sem o sutiã, é lá. Porque no quarto de empregada também, você não dorme com o seu pijama. Você não tem isso. Você tem que dormir pronta. Não há isso.

Luísa: Certo.

Isaura: Não é só o quatinho. Quando a gente fala... que eu falo com arquiteto "Ai o quatinho". Gente, o problema não é você construir um quatinho, é o que tem lá dentro, é o que vai acontecer lá dentro. Então é... é nisso que eu fico, é... isso que me causa revolta. (interrupção) Tudo isso é projetar sem pensar em nenhum momento que não é um robô que vai habitar

naquele lugar. Não é o seu aspirador de pó que dorme, que precisa repousar, embora seja guardado lá no quartinho também. Porque a empregada só tem uniforme, a roupinha no máximo de acompanhar a patroa ali no supermercado, nada além disso, porque nem é permitido, né. Então, assim algumas não são. Então, eu estou falando de meninas, de trabalhadores que não têm nenhuma liberdade, que realmente é uma herança da época de escravo.

Luísa: E me diz uma coisa, tu conheces muita gente que foi que foi trazida do interior, tipo jovem, criança para...?

Isaura: Tem caso... Assim, o último que eu tive...Olha, é muito... (suspiro) o último foi desse condomínio que a gente tava. E essa família buscou essa menina na Bahia. Eu lembro que teve uma outra babá, a gente ficou... era estranho ela não poder conversar com a gente. Aí ela ainda falou assim para mim: "Ó, você fica falando da outra, olha isso daí", aí eu falei "Tá, vou prestar atenção". Eu tentei muitas vezes puxar assunto: "Da onde você veio?", "Ah, da Bahia". Aí eu sei que ela sumiu da praça. A patroa dela ia buscar ela e ia deixa ela na praça, então ela sumiu. Depois eu soube. Lá, acho que tem uma feira dentro do condomínio ou foi com as criança, e eu soube. Aí eu perguntei né, "Aquela moça sumiu", "Aí ela foi embora, cê não sabe, não?", falei "Não, como assim foi embora?", "Ela acordou de madrugada, assustada, foi até a portaria chorando, falando que tinham batido nela, virou uma bagunça". Falei "Cê tá brincando?". "Foi, aí uma pessoa na portaria que chamou a polícia". Aí a família que a contratou foi embora do país, mas isso ninguém contou. Eu não posso ir lá no Instagram contar isso e eu não ter lá prova do que eu tô falando. Se eu for pressionar, eu preciso ter prova, porque tudo que eu escrevo lá, eu tenho prova do que tô falando. Tudo. Tem vídeo, tem áudio. Me asseguro que assim: "Não, isso que é verdade. Aqui, ó".

Luísa: Sim.

Isaura: No caso, que eu tenha que mostrar para uma autoridade. Então, foi embora. Então, ela foi resgatada. Alguém... ela... ela saiu correndo. E muito jovem. E uma pessoa também na Bahia, foram buscar ela lá. No fim da Bahia. Então, o que que está acontecendo hoje? Tem algumas funcionárias, eu sou filha de empregada e tenho quarenta anos, mas tem

menina aí que tem vinte e sete, trinta, menos de quarenta anos elas estão buscando outras coisas. Elas não querem ficar o resto da vida delas dentro desse quarto. Então, elas vão ser esteticistas, estudam na faculdade, vira mestre em história, enfim, vai evoluindo. E aí quem que ganha dinheiro, que realmente dentro do condomínio, algumas... algumas pessoas pagam muito bem, sim. Algumas, não são todas, não são. E no mínimo a pessoa tem que ter noção assim do português, porque eles também não querem a "pessoa dita burra", porque eles é que são, para que os filhos deles não aprendam a falar errado. "Ai, oxenti", "A que que é menina?", sabe, são coisas populares de cada lugar do país.

Luísa: Sim.

Isaura: Mas então para eles é muito feio isso. Eles nos corrigem em voz alta. "Não fala isso que o meu filho vai falar". "Não faça isso que meu filho vai fazer". "Senta assim. Você tem que sentar assim, porque você tem que ser exemplo". Não é ela que tem que ser, é eu.

Luísa: Uhum.

Isaura: Entende? Essa... essa situação... essa patroa aqui. Teve um dia que tava todo mundo saindo e eu tinha que ir no carro também com ela. Eu falei "Vai indo, tá bom?". Eu pá passei por aqui. Aí toda vez acontecia e ela falou: "Mas pelo amor de Deus, toda vez que eu chamo você, você para". Aí eu falei: "É coisa que a gente carrega. Não é porque a gente não quer, é porque fica". Eu sei que para você tá tudo bem. Mas é trauma. "Como assim eu vou entrar pela porta bonita, grande que cabe cinco de mim?". Eu tenho que passar por essa pequenininha. Outro dia eu tava pesquisando sobre isso. Isso também vem do escravo, né. As portas da senzala eram todas pequenininhas e da casa grande enorme. Essas portas de madeira. É tudo uma herança, tudo faz muito sentido quando a gente fala da senzala moderna, quando a gente fala da escrava moderna. Faz muito sentido, muito, em tudo.

Luísa: É.

Isaura: Então, quando eu levo o quarto de empregada pro Instagram, é pra falar o que acontece dentro. Porque que é isso. Eu fico pensando quando o

arquiteto vai fazer ou... mudaram até o nome, né, pra ficar mais bonitinho? Não chama mais quarto.

Luísa: É dependência, agora. É dependência de serviço. A dependência de empregada, não sei.

Isaura: Outro dia veio um rapaz que a minha patroa... Aqueles corretores né, acompanhando ela para ela ver as casas. Ela falou assim: "Isa, do céu, você acredita que eles não chamam mais quartinho?". Aí, ela me deu papel que tava a descrição. Falei: "Não, me dá". Eu não sei onde eu pus esse papel. Falei: "Não, me dá" e ela falou "Põe lá no seu Instagram isso daí". Porque são umas chacotas. "E se você ver o quarto, Isa, não cabe nós duas dentro. Por que que faz isso?". Aí eu tava explicando para ela. Então, além de ser... até a porta, ela é menor. Essa casa é uma casa mais antiga. Mas se você for ver as mansões mais antigas e voltando, você vai vendo que a coisa só vai piorando.

Luísa: Uhum.

Isaura: Entende, então eu não entendo porque.... por perto da pia. Qualquer um que chegar meia-noite, patrão chega meia-noite e está com bebê. Nós é que não sabe, mas ele sabe. Tá indo ali para lavar a mão, ou sei lá, se ela foi para uma revoada que Goiânia tem muito e tem ali que lavar a mão. Vai acordar a empregada.

Luísa: Olha, e o grau de segurança, né, Isaura, porque imagina. Tu já sofreste alguma coisa de abuso assim?

Isaura: Sim, já. Sim, é muito foda. Porque, meu Deus, gente. Aí, falei assim: "Ah é um emprego como outro qualquer". Existe abuso em todo serviço. E assim, existe, eu tenho certeza que existe. Na loja, em qualquer outro lugar, em qualquer outro lugar existe, tenho certeza absoluta.

Luísa: E tu acha que o espaço do quarto de empregada ajudou isso acontecer?

Isaura: Muito, muito, muito. Porque se você não sofre, isso é sobre mim, sobre minha mãe, sobre relatos de pessoas, colegas muito próximas. Mas é muito delicado, porque nenhuma consegue falar, nenhuma. É que eu até falei para ela: "Você tem que fazer uma terapia mesmo. Mas não é por mim, não, é para você. Para você soltar". Porque você conversa com ela,

tem uma sequela e ela é muito jovem. E a sequela que tá nela é muito grande. Fizeram um estrago muito grande na vida dessa mulher. E eu acho que ela não tem noção o quanto era para ela passar por uma terapia, por uma ajuda, não de mim. Eu falei para ela: "Eu não sei o que falar para você. Ela "Não eu só quero falar". "Eu sei, mas você precisa de alguém que te dê algo além de um colo, entende. Além de um colo, não é só colo. É além disso". Então, quando não foi do patrão, foi de algum funcionário do patrão. Então aconteceu. É... eu viajei e aconteceu vários, mas isso fiquei muito nervosa porque não aconteceu nada com esse homem, né. Ninguém fez um barulho. E eu me arrependo de ter ficado quieta, eu devia de ter feito um escândalo. Eu devia ter saído gritando a noite, para aquela fazenda inteira ver. Eu sou muito brincalhona. Para mim, tá tudo bem brincar com todo mundo, conversar comigo. O primeiro lugar que eu vou, quando eu viajava com patrão, era lá para os funcionários, era lá para cozinha. Que lá era o meu lugar de encontro, de igualdade, de era o meu assunto, entende. Então era lá. E eu não sei o que aconteceu. Então, esse funcionário de confiança de anos, anos desse... desse cara, desse patrão, do pai do patrão né, foi lá. Brincou, brincou e foi, de noite, ele antes de soltar um tal do cachorro, ele foi e bateu na minha janela, só que ele insistia muito. Aí eu tranquei a porta. Eu vi que a porta era muito vulnerável. Eu falei: "Meu Deus, se ele entrar aqui, acabou". Então, assim, foi quando ele saiu, ele ficou muitas vezes, olha passei o dia inteiro com criança no colo, cansada eu fui. Aí eu lembro que eu comprei uma bermudinha curta para dormir e eu coloquei minha calça, essas calça de academia, eu coloquei ela pensando, assim, pelo menos para dificultar. Aí eu logo procurei alguma coisa na minha bolsa, para me defender. Eu deixei o cachorro que estava mim comigo dentro, então ele latiu. Eu assim que bom que esse cachorro estava comigo, né.

Luísa: Sim, era minimamente uma proteção, né?

Isaura: Aí eu pus ele pra dentro porque eu fiquei com medo de cobra, então com ele um Golden, então ele, o Golden é bobinho tadinho. Ele entrou e ficou ali. Então falei: "Acho que tem cobra também. Você não se importa, assim?", "Não, não. Ele é pai do meu". Então, ele ficou lá comigo. Então ele latiu, ele rosnou e eu falei: "Se você não sair da minha porta, da minha janela, eu vou gritar". Mas eu já falei alto e aí ele vazou. Mas aí eu

não dormi. No outro dia, a primeira coisa que eu fiz chamar a minha patroa e falar: "Olha, fulano ficou na minha janela e falou isso e isso." Ela: "Nossa, não acredito" e só.

Luísa: E não adianta nada, né?

Isaura: Não. E aí eu fiquei o dia inteiro (suspiro) fiquei o dia inteiro, eu não tinha dormido e não aconteceu nada. E eu sou muito magoada como era, por isso sabe. Talvez ela nem saiba se não aconteceu nada. Aí no outro dia, eu não quis dormir lá e fui com as crianças no quarto das crianças, aí ela também preferiu que eu dormisse lá. Mas foi essa a única segurança que deu. Então, a única segurança minha foi dormir com as crianças, ou seja, não dormi de novo. Então, esse quartinho sempre vai ser problemático pela localização. Pela maneira que se eu tô com a projeto, é tipo um crime, né? Todo mundo vai ali, tá vendo e não importa. E não importa. O que que eu fico, assim, revolta, é a pessoa que você mais precisa cuidar dentro da sua casa. É a que vai te servir. Ela sabe a sua intimidade, mesmo que você não conta. É muito próximo, muito mais do que a patroa imagina essa relação. É uma relação de casamento. Só vai reconhecer quando for embora. É uma relação... depois ali do seu marido nem perto das amigas a patroa tira a roupa. É de você, da empregada, é de mim que ela tira. Se tiver que cuidar, somos nós. Até que chega com o cuidador, a enfermeira.... é nessa pessoa próxima que é tamanha a confiança. Como é que não? No pegar esse piloto, essa piloto, que é a empregada que dirige, que dá toda coordenação para sua casa. Que molha sua planta e não deixa essa planta morrer, e você não tá nem sabendo, entende. Coisa que nem é dos afazeres. Detalhe: tem empregada, que sabe que a patroa tá ruim de fala. De descer a escada, ela já tá com chá pronto, ninguém fala. Conhece mais essa... essa patroa, talvez a própria mãe, ou dependendo, nem a própria mãe. Então numa relação, é muito íntima, entre a empregada e a patroa. Aí muitas vezes vem aquilo: "Cê tá criando" [eu já fui questionada] "Cês tão criando [como que fala?] briga entre mulher, não sei que lá, não pode". Fala que hoje em dia tem patrão. Tem. Mas o patrão, ele sempre tá no quadro do abuso, do agressor, não do protegido. Porque a esposa, patroa protege.

Luísa: Protege, né.

Isaura: Ou usam da "porque o meu esposo, porque o meu marido...".

Luísa: Uhum.

Isaura: "Aí o meu marido, sabe, não gosta que deixe sua calcinha pendurada aqui, ele não gosta".

Luísa: (risos)

Isaura: Aí e assim, como é que viu a minha calcinha pendurada sendo que a minha calça tá estendida, minha calcinha tá dentro da minha calça.

Luísa: Ah, minha nossa (risos).

Isaura: Aí eu queria perguntar como é que ele viu minha calcinha se tava dentro. Tem a calça, o cós. É assim, porque calcinha é um crime, entendeu. Parece que eles não sabem, "Aí eu não gosto. Nem das minhas". "Não, mas as suas sou eu que lavo", sabe, assim. Não fecha. Então tudo isso é em volta desse quartinho. Então, assim, muitas coisas acontecem, facilita vários abusos. Por isso de ele ser tão vulnerável e depósito, né.

Luísa: Isso eu queria te perguntar. Porque tu falaste assim: "É o lugar onde está o aspirador de pó e tudo mais". Qual foi o pior quarto de empregada? Porque assim alguns, ok, tu já dormiste. Mas assim, mesmo quando tu só ias ou quando vais como mensalista ou diarista. Aquilo é uma vivência do espaço, por mais que não seja para pernoitar. Qual é o pior quarto de empregada que tu já passaste?

Isaura: Eu vou falar o nome do condomínio e você pode usar o nome tranquilamente. Foi o pior quarto de empregada, foi o do Aldeia do Vale, lá onde mora o Zé Felipe com a Virginia, foi bem nesse condomínio. É um dos condomínios mais, na minha opinião, mais... se eu fosse rica, era lá que eu ia querer morar. Porque é muito... Ou não, né, não sei mais. Talvez ia para roça, que aí era melhor. É um lugar, assim, de maior abuso, o maior, dos maiores abusos que eu já sofri dentro da minha vida de trabalhadora doméstica. Foi dentro desse condomínio, Aldeia do Vale. É meu sonho falar o nome dela, mas ela uma puta de uma advogada (risos), então, logo, ela vai se identificar. Mas e daí, não falei o seu nome. Mas assim, é aquele me traz mágoa. Todas eu falo de coisas que elas nem perceberam, todas. E falo pra elas alguns. Esse fim de semana, eu

estive na casa de uma patroa e brinquei muito, e falaram "Mentira que eu fiz", eu falei "Sim, isso é abusivo". Ela falou: "É, mesmo? Mas por que você não falava?". "Porque eu precisava". Eu falava desse jeito. Ainda é uma relação. Mas é, essa não dá, essa não tem... não, não dá. Essa não existe. Então, assim, foi o pior, foi no Aldeia do Vale. Tinha o quartinho que tinha tudo lá dentro, tudo. Era um único lugar, assim, para gente descansar sem que tivesse ao alcance e que não pudesse ouvir a voz dela me chamar. Então, qualquer colsauro: "Ah, vou usar aquele banheiro lá embaixo", "Mas, tem um banheiro aqui", "Não, eu ia fazer e o meu é mais fedido, então não queria te incomodar". Então, o pior era esse. Um dia algumas patroas esquecem que quem trabalha para elas são mulheres e esquece mesmo. Elas esquecem que são mulheres, elas esquecem que mulheres tem seus ciclos e ela tem seus ciclos, elas também precisam... queria falar aqui do chuveirinho. Como é que no meu banheiro não tem um chuveirinho, para me lavar, quando eu tenho o meu ciclo?

Luísa: Sim.

Isaura: Eu preciso. E várias vezes ao dia eu vou, porque a mulher que tem esse seu ciclo quietinha, ela... E outras tem mais, cada um é um, o fluxo é maior, o fluxo é menor. E se você se esforça mais vem mais. Então, assim, quando ela tem o seu ciclo, ela vai parar mais, ela vai mais o banheiro e ela vai ser questionada em alto e bom tom: "(inaudível) no banheiro?", na frente de homens. E você... tem mulheres que têm vergonha. Eu nunca tive. Eu grito também no mesmo tom. Esse negócio: "Uai tô menstruada, fui trocar o modes e daqui a pouco tenho que ir de novo, porque o meu é maior barato, o meu não é igual o seu, entende, eu tenho que completar com papel higiênico". "Por que que tá acabando o papel higiênico?", foi lá ver. Não tinha um lixo, (suspiro). Não tinha.

Luísa: Como não tinha um lixo?

Isaura: Aí sabe, ai cê fala: "Ah não gente, isso é engraçado demais". "Deixa de ser louca, para que você tá louca".

Luísa: (sopro)

Isaura: Aí a pessoa te olha e ri. Aí não tinha cestinho, tinha um cestinho, na verdade, daqueles antigo, aberto lá dentro, que é o mesmo, tava lá. Aí eu peguei e coloquei. E elas tinham um monte de gato. Eu fechei a porta do... desse quartinho, dele e do banheiro e fui embora. E no outro dia, meu Deus, como que eu me puni por causa daquilo, meu Deus. Chega que eu fico quente. Todo o papel higiênico que eu usei tava espalhado pela lavanderia.

Luísa: Por causa dos gatos?

Isaura: Só que quem chegou lá primeiro foi o motorista e os peão do patrão. Antes de mim e ela já estava na cozinha. Eu cheguei e vi aquela bagunça. E imediatamente fui limpando, natural, fui limpando. Tirando, ainda pensei "Puxa, eu esqueci". Isso, esquecer, eram nove horas da noite, quando eu tava indo embora. Cansaço, vamos considerar tudo o que aconteceu durante o dia de menstruação, dor, né. Vamos ter essa consideração para eu nove horas esquecer. Só pegar... assim saindo, só pegar a minha bolsa e sair correndo. Porque eu tinha três filhos sozinhos dentro de casa e não era casada nessa época. Então, a minha cabeça estava a mil por hora. Se tava fedida, suja, se estava vazando, eu só precisava ir embora. E era uma longa jornada, porque eu ia andando, eu precisava economizar dinheiro. Então tem um rolê enorme, antes de você optar completar com papel higiênico. E esse dia tava. E ela me acabou na frente desses caras.

Luísa: Ah.

Isaura: Ela me acabou. Eu nem vou repetir aqui. Ela me acabou. Eu chorei, eu pedi perdão para ela. Ela me chamou de suja, que polícia ou o Conselho Tutelar tava indo na minha casa, que o Conselho Tutelar falou que minha casa era insalubre para os meus filhos, por isso que eles queriam levar. Foi a primeira coisa que estive lá. Aliás, sempre procuraram o Conselho para falar isso, que a minha casa era insalubres para os meus filhos. E eu "Nossa, me perdoa, não vai acontecer mais". E aí eu já estava naquilo que minha casa era suja pros meus filhos e tal. E isso, por muito tempo, perturbou minha mente. Só que hoje eu sei que não era eu. Eu não tinha um lugar adequado para mim. Minha casa, realmente, era suja, porque eu não tinha tempo. Ela não entendia que eu era uma mãe de três filhos,

uma mulher que eu precisava só fazer minhas oito horas trabalho. Embora, ela sabia do Conselho todo o dia na minha porta, porque... os meus filhos ficavam só. Ela (inaudível) "cada dia você traz um". Uma vez eu tive que levar um. Levei um, porque ele ficou doente, com febre. Então "ah poe na-". Não, põe aqui mesmo. Então, foi um paninho e até que ficou, porque eu também não queria que meu filho visse tudo aquilo. E eles às vezes com fome. Então, nessa época, eu lembro até que eu era toda magrinha. Até falo pro meu marido; "Te dei o golpe". Eu era magrinha de passar fome, né. Não era exercício. As pessoas falavam "Nem parece que tem filho". Era fome. Eu ficava pensando, gente, eu tô com fome. Mas tem gente que não fala, não sabe. Não fala.

Luísa: Tu foste desumanizada por essa pessoa, né?

Isaura: Sim. Desumanizada, então, assim, como mãe, como mulher. Então, existe isso ainda hoje? Existe, ela tá viva. Ela mudou? Duvido.

Isaura: Advogada de dar entrevista e eu fico vendo ela dar aquelas gargalhadas. E lembro no corredor "Meu Deus, um dia a gente vai estar frente a frente", né. Depois que eu saí de lá e eu entendi... porque é um processo você entender isso, né? Então, pra mim o pior o quatinho, foi esse. E lá que... que também tinham uns livros espalhados, que era dela e da família, discos, né. Foi lá que eu vi o Belchior, primeira vez. Então assim, eu... eu era meio que Nárnia. Era o pior, mas era o pior lugar bom. Sabe assim.

Luísa: Sim.

Isaura: Lá eu sabia que eu não ia (inaudível) um dia que eu tava entrando para roubar. Mas roubar o que? Barata? Entende, pegar o quê? Aí ele também me deu gatilho de nunca mais levar bolsa para servir e mais nada. Tanto que até hoje, olha o tamanho da bolsa que eu trago, que é desodorante, uma escova de cabelo, dente, acabou. Mas essa vai passar a ficar aqui, porque esse condomínio é parecido aqui. Isso aqui é herança daqui. É o segundo mais tenso. Então este é o último que eu entro.

Luísa: Mas então, tu achas que a revista... a revista que eles fazem é pra controle como se fosse uma... uma desconfiança mesmo, de vocês?

Isaura: Ó, eu não entendo essa política. Eu tenho uma pessoa, um advogado pesquisando, porque ela é muito complexa. Parece que pode ter uma revista, é... tem uma revista. É... só assim, ó (gesticula).

Luísa: Sim.

Isaura: Entende? Não é aquela de boate, sabe. Se nessa revista, o guarda apalpar minhas coisas, assim, antes de eu entrar ou sair, já configura abuso, entende? Mas para eu fazer uma denúncia, por exemplo, essa denúncia tinha que ser no Ministério Público, porque é um Jardim. Aí vamos falar um nome, Alphaville, então é um nome de peso. Então quem que mora lá dentro? Então eu tenho que ter muita ciência do que eu vou estar enfrentando. Eu tenho que estar muito bem instruída. Eu tenho que estar muito bem por dentro das leis que envolvem essa política. Quem criou, por quê? Que nem, o que que é considerada abuso? Mas, para mim, sempre é abusivo. Eu não entendo de lei, não sou advogada, mas vou falar de um modo que eu entendo. A partir do momento que eu sou revistada, eu sou suspeita.

Isaura: Mas eu tenho câmera aqui, tem câmera aqui atrás também. Essa casa aqui que eu até falei, "Gente, mas tem câmera". Mas tem e de todas, sabe o que é que eu digo? Que o dia que seu vinho sumir, vão saber quem roubou. Porque são aqui dentro, é aqui dentro que acontece os crimes. São adolescentes que invadem. E isso, são meninos me contando na pracinha em tom de brincadeira. Porque eu brinco muito com as crianças, eu converso muito. Eu tenho muito acesso a eles, muito fácil. E eles brincavam lá. Os meninos, os pré-adolescentes "Não, tia, porque eu faço isso com a minha empregada, não sei que lá". Mas eu: "Cê não tem medo não?". "Não, é coisa boba". Rouba chocolate, por exemplo. Aí um menininho daqui fala "Não, a Isa também pega". Aí eu falei: "Eu pego, mas eu conto". Se sumiu chocolate, foi eu. Porque é um desaforo.

Luísa: (risos)

Isaura: Se não comprar meu cookie. É isso. Ó, cerveja não some, vinho não some. Isso, assim, não me interessa. Mas doce, sorvete vai sumir. "Ai que é desaforo". Enfim, eu compro o meu e não divido. Mas assim, brincando. Então, eu compro meus KitKats e eu conto para ver se eles não comem. Mas eu já falei para eles que não é legal fazer isso. Eu já...

eu já entendi que eles também se espelham em quem... no cuidador, né. Então, falo "Não, gente, que bobeira. Não tem problema. Mas tem pessoa que não tem que comer". Então, eles pegam essas bobeirinhas, assim, e eu conto para eles. Então, assim, eu fico muito feliz da consciência que eles têm, esses dois. Em especial, do mundo. Mas a mãe dá permissão. Eu sempre pergunto se posso explicar. Eu sempre tô perguntando, sabe assim. Sempre tô com pé atrás, não é por causa dessa. É lá de trás.

Luísa: Sim.

Isaura: O que eu podia e o que eu não podia. Então, tem um limite sim. Então, aí quando acontece essa revista, é de que? Outro dia eu ganhei um copo de um rapazinho que trabalha aqui para eles. "Quando cê tiver um, me dá". Aí ele pegou e trouxe. Só que eu achei tão bonitinho, ele mandou pôr o meu nome. O jeito que os meninos me chamam. Nossa, eu achei lindo. Achei que ele nem gostava de mim. Mas prestou atenção e colocou o nome da maneira que as crianças me chamam. E o meu sobrenome, né. Ai eu falei "Ah que bom". E esqueci de falar para minha patroa. E como ela tá fazendo vários descartes, esse dia... eu levei... não, levei dois presentes que ela trouxe para mim e levei uns livros, coisas pra mim fazer...um negócio lá para minha mãe. Aí eu esqueci de falar pra ela. "Ó, o copo também tá saindo". Pois lá fiquei eu parada. É muito constrangedor.

Luísa: É horrível.

Isaura: Não é culpa de quem tá fazendo. Ainda falei "Gente, isso aqui é tão constrangedor". Falou assim: "Eu sei". Eu falei "Não, moço, pode...". Assim, hoje eu sei que não é ele.

Luísa: Sim.

Isaura: Eu vou estar... ele também precisa emprego. E se fosse eu lá também, eu também teria de fazer passar. Ele é constrangedor para você, é constrangedor para mim. Aí tem uma mulher, vem e fala, e fala "pente, pertence, desodorante" eu tenho vontade de pôr um negócio lá.

Luísa: Aí...

Isaura: Para gritar. Mas eu vou constranger eles, então. Ele falou: "Tá escrito seu nome né? Pode ir.". Aí ele olhou para mim e falou: "Não, vou perguntar. Cê entendeu?". "Não, eu entendo sempre, eu não entendo é porque". Aí ele falou: "Começa lá, começa lá". Até falei para minha patroa: "Nossa, vamos (inaudível) de uniforme. Só para eu deixar aqui. Porque eu não...". Ela: "Não, eu nem quero". "Vamos arrumar umas roupas de trabalhar para mim, porque eu preciso deixar aqui. Só quero passar meu crachá, entrar e sair".

Luísa: Exato.

Isaura: Porque eu vou me irritar fácil e eu vou ser proibido de entrar no condomínio. Porque é isso que acontece. Ou minha patroa recebe uma multa.

Luísa: Uhum.

Isaura: De (inaudível) centos reais. Porque considera briga. Ou se tiver três notificações, no caso, eu posso ser proibida de entrar dentro do condomínio.

Luísa: Aff.

Isaura: Então (inaudível) custa caro. É essa a política e eu não entendo, entende? Porque que eles querem se proteger tanto.

Luísa: Pois, exato.

Isaura: Então, assim. Mas eu vejo, assim, eu olho as meninas... Então, esses dias a cena mais terrível foi a menininha sendo... a mochila dela, não tinha nada lá, gente. Tinha massinha, tinha coisa, a menininha olhando, assim. O olhar dela, assim, "Mas por que mãe?". Eu fiquei pensando assim, passou tanta coisa na cabeça.

Luísa: Imagino.

Isaura: "Mas ela não é sua amiga?". "Mas cê não é da família?". Porque é, assim, sabe? Ela não entendeu, mas ela vai entender. E aí no caminho, quando eu passo, cheguei perto da mãe dela. Falei assim: "Dá estudo para sua filha para vir a receber seus serviços de herança, para ela não herdar. Cê

não quer sua filha jovem, linda, sendo revistada". Ela olhou para mim e falou: "Não".

Luísa: Olha, mas me conta uma coisa. Eles revistam só quem trabalha ou as visitas eles também revistam?

Isaura: Não, visita não. Só trabalhadores, prestadores de serviço, entregadores, enfim. Eu acho assim, quando você contrata uma empresa de fora, não sei como... Vou falar para você que é muito complicado eu falar... eu falar assim porque eu não entendo. São todas pessoas que não são visita. Então vamos supor que você tem... você tem... Eu sou a rica e sou a patroa, certo? E tenho uma amiga. E essa amiga, o filho dela é envolvido com droga. Porque o que tem de menino rico envolvido com droga e tanto quanto da periferia, também aqui dentro, ou rapaz com problema muito mais além que que droga né? Enfim, não vou entrar nessas questões. E essa pessoa tem que trazer esse menino, essa pessoa esquisita. Mesmo elas sabendo que, estou falando de caso real, "Ai convidei fulana para vir aqui em casa, mas eu tô com medo porque ela vai trazer o filho dela e o filho dela, você sabe, né?". E aí eu já falo: "Manda revistar".

Luísa: Isso é muito estranho.

Isaura: "Manda revistar". Aí, já olha, aí já sabe como eu sou. É assim: quando a gente desconfia, a gente manda revistar. Não foi aqui (risos). Essa mesma, um dia, foi na minha casa, foi entregar umas coisas para mim e já... eu abri o portão e fechei. E ela sempre ia... só ia até a calçada. E eu sempre torcendo para ela perguntar, sempre. Porque é assim: "Nunca entrei na sua casa". Eu falei: "Não, é porque você nunca foi revistada". "Quando você for lá em casa, se quiser entrar, você avisa, que eu abro o outro portão, tá? Que é o de perto da garagem, aí eu te revisto. É assim que eu entro na sua casa".

Luísa: É.

Isaura: Revistada, por outro portão.

Luísa: Então, quer dizer que vocês também têm um acesso? Imagine, em todos os lugares que tu trabalhaste, todos vocês têm um acesso diferenciado?

Isaura: Sim, todos. Aí cê fala assim: "Você concorda? Você não concorda?". Também é muito complicado de... de falar. A gente já é colocado com o nada. Então, você já entra aqui. Desde a hora que o meu marido deixa, de ônibus até bicicleta, de que maneira a gente chega lá fora. A gente já chega alegre, brincando. Deixa o peitão erguido. Jogando o cabelo. Chegou na portaria e acabou. Chega murcho. Então, já é esse complexo de inferioridade. Colocam na maioria que você não quer nem outro acesso, quer aquele ali mesmo. Porque... porque você se enxerga da maneira que te colocam, entendeu? Você não vai erguer o braço, a não ser que assim (risos) como diz, né, tem vários perfis de doméstica. A crente, a que conta tragédia, então tem vários perfis. Quando eu falo isso é porque elas compram esse perfil, entende? Então, se é a do braço, que dá "tchau", conversa, cê já murcha na hora. Cê já dá uma... já é outra pessoa na hora que você entra. Porque te colocam nesse lugar de... de nada? Eu não entendo, porque eu recolho lixo deles, sou menos que eles. Eles é que são menos que eu. Que não suportam o próprio odor. Então, assim, não. Se você não consegue tirar... gente, uma coisa simples. Você chegou na casa da sua patroa, na segunda-feira, o lixo tá transbordando. Então, você toma cuidado com ela. Se ela te trata bem ao extremo, assim, que bom que você tem bom relacionamento. Mas a empregada chegou? Não. Falo por mim. "Ela? O nome dela é Isaura. Nossa, mas é gente boa. Estudou, menina. Formada. Formada, inteligentíssima, me ajuda na educação dos meus filhos".

Luísa: Acende uma luzinha vermelha, né.

Isaura: Acende a luzinha. Meu, fica aberta e bota sua patroa no lugar dela de patroa. É de mi que tá falando, eu sei falar sobre mim. Então, tem isso. Aí, o Instagram é muito sobre isso. Muitas pessoas, no seu caso é uma coisa, mas muito jornalista pessoalmente, quando chega em épocas de datas... datas que é referente a empregada doméstica. Ou quando surge algum abuso. Vai ter jornalista. Vai ter. Procuram a Jana, procuram eu. Às vezes, dá lá espaço para outras que... que já está mais tempo aí na luta e tal. Mas é só nesse período.

Luísa: Sim.

Isaura: É só nesse período. E a gente é empregada todo dia e abuso acontece todo dia. A gente precisa falar o ano todo. O quartinho e não sei o que tem visibilidade no dia 27 de abril ou em junho, que é o nacional e internacional, só tem visibilidade, nesse período. Nenhuma arquiteta veio e falou assim: "Por que que o quarto é ruim para você empregada?". Isso é a primeira vez, mas "Por que que é ruim? O que é ruim? Por que nós não devemos construir? Por que será que a gente devia continuar fazendo?". Entende? Então, há todo um histórico aí. Vai construir, será que também a gente vai conseguir ficar à vontade lá em cima? Ou do lado? Tem tudo isso. É da maneira que te colocam.

Luísa: É, mas...

Isaura: Quando você entra...

Luísa: Porque é impressionante como tudo o que se fala de quarto de empregada é olhando de fora do quarto de empregada para dentro. Eu não encontro pessoas dispostas a ir lá e perguntar: "Ó, você, que era ou foi, é ou foi empregada doméstica. Que tipo de situação? Qual é a sua percepção sobre aquele espaço, né?" Isso, inclusive, é uma coisa que tu podes me responder. Porque, é isso, imagina como é que a Isaura olha os quartos de empregada. Como é que você se... como é que você caracterizaria os quartos de empregada que você passou?

Isaura: Jaula.

Luísa: É uma jaula?

Isaura: É uma jaula. É o espaço da janela, é uma jaula. Então na planta (risos) contém (interrupção) É uma jaula. A janela é muito pequenininha. Você sai dali você olha a parede. Você não olha um jardim, não tem. Você não ouve um passarinho. Não tem um ar-condicionado, nenhum. Eu não, não... eu ainda não vi um quarto de empregada com ar-condicionado. Está perto dos lixo, do depósito de lixo, do corpo, do ser humano. É uma jaula, é uma jaula. O que que tem de diferente da senzala? Do quartinho da senzala? Gesso. Não é de barro mais, né. E é impossível não pôr a água quente ou chuveiro. Não existe mais, não tem nem como, né. Porque se pudesse, talvez não teria, não sei. Então, é uma jaula. Não tem outro nome. É... eu gostaria de ouvir diferente de outra pessoa, mas eu

duvido. Que fale a verdade e tal, livres, sem ter uma patroa do lado, sem uma patroa dando voz. Bem, se é a minha voz eu duvido que que seja diferente. De qualquer empregada livre. E quando eu falo livre, é livre mesmo. É livre de ser escrava moderna. É livre do medo de não ter mais essa acomodação. Porque tem mulheres que não sabem ler. Tem mulheres mais velhas que trabalham. Tem mulheres com trabalho análogo a escravidão, ainda.

Luísa: Pois é.

Isaura: Talvez, do lado, eu preciso estar atenta sim.

Luísa: Sim.

Isaura: "Ah, você fica muito...". A luzinha tem que acender sempre.

Luísa: Sim.

Isaura: É um absurdo quando uma pessoa fala... é a mesma coisa que falar "Ela tem dente, não é retinta, a pele é mais clara". É assim quando um patrão me apresenta e não deixa falar meu nome. Aliás, eu não tenho interesse em ser apresentada. Eu não sou sua amiga, não sou da sua família. "Ah, quem é? Para mim cumprimentar. Qual o nome dela?". Ninguém me pergunta: "Qual o seu nome?" (interrupção) A luz precisa acender, sabe? É um trabalho, que eu preciso trabalhar oito horas. Ser bem remunerada. Não fazer favor, fazer hora extra. Ir embora. E essa bendita patroa brasileira, deixa eu te falar, você mora em Portugal, mora nos EUA, mora no Brasil. E tem que aprender isso. A empregada serve. Ela... eu já fui encontrar doméstica, outro dia, uma famosa aí que falou: "Ai doméstica, não... caracteriza que você foi domesticada...". Ela explicou muito bem. Depois eu fui ver realmente, mas fui me aprofundar mais, aí está lá: doméstica, mucama, ama e tem aia.

Luísa: Tem aia? Ah, manda para mim, por favor.

Isaura: (interrupção) Escravidão, isso de doméstica. Então, eu tenho uma professora que está fazendo um estudo mais profundo disso, para mim poder falar sobre isso com... mais verdade, né. Mas não é só: Mas quem que traduziu doméstica? Como é que foi? Os sinônimos? Quem é que criou os sinônimos de doméstica? Quem é que colocou lá no Aurélio ou

seja lá o nome? Da tradução e tudo. Assim, é bem mais profundo. E quando a gente vai buscar, quando a gente vai atrás, é isso, entende? Quando eu sempre tenho um pé lá dentro da senzala, não tem. Então assim, infelizmente não é um quarto qualquer e infelizmente não é um emprego qualquer. Não tem como eu falar que é "Aí você fala com tanto ódio. Você ainda é empregada doméstica". Sim, eu sou empregada doméstica. Foi assim que eu cheguei até aqui. E é assim que eu vou crescer. Mas onde eu estou, sabe quem eu sou. Então é assim. Mas eu posso. Porque eu sou livre.

Luísa: Sim, sim.

Isaura: E quando eu digo livre, eu não tenho uma criança mais, porque quando eu era presa às minhas necessidades, eu também não falava, entende? Eu também me submetia ao quartinho, cheio de barata, entulho, sentava em cima de livro com traça, então, dormia com bicho passando por cima e você não tá nem aí. Assim que eu aprendi a não ter medo de barata. Porque ela esquecia que eu também sou... sou mulherzinha, né? Que eu também tenho meus tiques. Então, o entregador... a empregada doméstica, quando ela se submete, quando ela é jogada dentro desse quarto... você perde a identidade de mulher. Porque eles esquecem que você tem todos os sintomas, que você tem né? O que a minha patroa tem, eu tenho. Eu tenho consciência. Eu tenho os meus hormônios também. Eu também estou na fase de mudança. Eu já tenho quarenta anos. Então, todo esse ciclo. Então, eu acho que tem que ter um respeito. Eu não tô pedindo nada demais. Não tô exigindo nada. É só você ser consciente. Quando você se conscientiza, tudo isso fica muito mais fácil. Faz nascer Janas, faz nascer Isauras, faz nascer Marias Carolina de Jesus, faz nascer médica. (interrupção) E qual o problema de você ter o seu próprio copo de água? Qual o problema da sua casa, realmente não ter quarto de empregada? Você ir lá na Bahia buscar uma funcionária, oferecer sonho para ela, cumprir o sonho e alugar uma quitinete. "Não, eu vou te ajudar". Ajudar não é me levar para dentro da sua casa.

Luísa: Sim.

Isaura: Entende? Não é. Não é. Qual problema, né? Aí... aí eu vou no meu... no meu egoísmo, assim, sem pensar que outra pessoa realmente vai

precisar ir para lá. Eu não consigo ficar pensando que outras pessoas vão passar por isso, sabe?

Luísa: Eu percebo.

Isaura: Eu preciso me ter uma posição de que esse quarto deve ser extinto. Porque eu vou aqui, eu sou madame, sabe eu sou rica, então eu vou lá não sei onde do mundo buscar no Brasil. Vou lá no pior lugar, buscar funcionário. Ela é mais jovem, é mais magra do que eu. A pele dela é melhor do que a minha. (inaudível) mais bonita, mais magrinha. As meninas de lá são puras e não tem esse (inaudível) na cara. Tem outras coisa, o patrão vai olhar. Esse quarto é um lugar, um local longe. O patrão vai estar lá em cima, não dá para ouvir. E a patroa não vai acordar do soninho dela. Não vai ter que passar tudo aquilo (inaudível). Não vai. Esquece. Até o estragos estar feito, e a culpa é dela. Que pendurou a calcinha para fora. Aí ela compra... é dinheiro demais, é dinheiro que eu nem sei contar. Porque a minha mente, de Isaura, vai até uma certa quantidade. A partir dali, eu não tenho noção do que é você ter um helicóptero. E arcar com o helicóptero, arcar com a manutenção, arcar com piloto...

Luísa: Pois.

Isaura: E assim, eu não consigo ter noção.

Luísa: Também não.

Isaura: Eu tenho noção de um limite de dinheiro. Então, assim é que na minha realidade, quando a gente fala assim... a gente fala mais "Ai que vontade ser milionária", só. Você não passa do milhão. Ninguém da minha realidade....

Luísa: É fora da nossa realidade, né?

Isaura: Porque eu não tenho noção disso. "Ai eu queria ser milionária". Todo dia assim: "Ai, eu com um milhão". Hoje... exatamente hoje, eu sei o que que é um milhão. Por quê? Porque eu comecei a estudar de novo. Fiquei.... assim (risos) não é desse jeito, mas é o máximo que algum- todas nós, na verdade, que eu ainda não tenho muita noção, mas sabe. É o máximo que a gente chega. A partir disso, a gente não tem. Mas eu sei que eles

têm muito, tem muito. Morar dentro de um lugar desse aqui, não é bem assim, não é do nada. Então, assim, qual o problema de bairro popular? Qual o problema... qual o problema de você cuidar, sabe, do seu filho? Qual é o problema de tanta coisa? Por que que você tem que ter a dependência de outro ser humano? (interrupção) Ainda mais em Goiânia. Goiânia é um lugar que se procurar aí, dá uma sacudida, vê o tanto de gente, o tanto de abuso que tá saindo daí. Mas um monte, sabe? Então, não que outro lugar não tenha, mas Goiânia tem muito. A gente vê muita coisa.

Luísa: Sim. Olha, Nordeste também viu? Maranhão, eu vou te falar, tem coisas que acontece debaixo do nosso nariz.

Isaura: Você é do Maranhão, né? Pelo que você está falando.

Luísa: É, sou, isso.

Isaura: Vamos ter que falar com elas aí, entendeu? E eu tô falando porque eu já ouvi falar assim: "Maranhense? Cuidado, viu. Cuida, porque maranhense são... Nossa, maranhense são... tem um caso lá na fazenda...", sempre tem um caso que a maranhense que deu de se... foi ela que... entende? A baiana que foram buscar. Sempre, né, falam dessa maneira. Nunca vai ser culpa do... do marido. Que eu não sei o que que acontece com esses homens.

Luísa: Não, são protegidos, né.

Isaura: São, são protegidos. Aí falam: "Ah, é rixa, briga de mulher". Não, não é. Nunca é uma provocação. Às vezes, elas não entedem, sabe. Da Jana... sei lá eu. Quando é uma provocação. Outro dia veio uma ex-patroa, né. Eu amo conversar com essa ex-patroa minha. Ela é muito afrontosa. Eu amo uma afronta dela, porque ela dá uns gatilhos. Ela: "Aí, qualquer dia você vai me bloquear". "Não, não vou, eu quero ouvir você sim. Eu preciso conversar sobre isso. Porque eu também preciso ouvir". Então, a gente tem isso e os papos, né. E ela é completamente abusiva. E ri alto: "Vocês estão querendo demais". Mas eu preciso ir lá e dar moral para esse povo: "Não, não é". É isso, eu fico ouvindo...

Luísa: Não, e é importante para saber no que... Aliás, se a gente não escuta justamente a... esses abusos, a gente não sabe como combater. Então ou a gente conhece muito bem quem é que está do outro lado ou como é que a gente vai lutar se a gente não conhece contra o que a gente está lutando, né. Então, eu tenho que te parabenizar pela força.

Isaura: Já pensou se eu desse sua referência?

Luísa: Pois é.

Isaura: "Você não tinha empregada", eu falava assim: "Você não tinha funcionária". Hoje aconteceu uma coisa engraçada, tava chegando aqui e, quando eu entro, é de cabeça baixa, não sou nem... Aí eu cheguei e uma mulher passou perto de mim (risos), madame, ela pegou e fez assim para mim. Falei: "Ah, não, meu Deus do céu. O que essa mulher quer?". "Oi, bom dia". Eu: "Oi", assim, quase falando "Não, eu não quero trabalhar, eu tenho um emprego". Porque elas não dão "bom dia", elas não cumprimentam. Aí ela, "Só, bom dia". "Ai que susto, sempre que me param querem me tirar de onde eu trabalho ou estão precisando de uma empregada. Então, sabe, eu tô meio cansada hoje". Ela: "Qué isso, relaxa" e continuou indo, achei ela uma figura. Aí eu vou ficar observando ela agora, para escrever dela. Até o andado dela é engraçado.

Luísa: (risos)

Isaura: Mas, assim, ela só queria me cumprimentar. Mas, assim, a maioria não quer. Quer te chamar... "Quanto que te pagam?", tipo assim, "Que que você faz?". Para ver se você é melhor, do que que você trabalha lá. Se você serve. Não basta você limpar. "Ah, é humilhante". Não tem nada de humilhante limpar. Tem o cara de coleta de lixo que é necessário. Todo trabalho é digno e é necessário. Ele só precisa ser respeitado. Ai, essa mulher que eu trabalho, ela não foi ensinada a lavar, ela não foi ensinada a passar, ela trabalha, então, ela precisa de outro braço, de outra mulher. Qual o problema de haver um respeito mútuo?

Luísa: Sim.

Isaura: Dali e do lado de cá. Aí, já enxerga que essa mulher é advogada, médica, né. Ela já te coloca como inferior a ela com o olhar, quando te oferece um quarto, entende? Então, quer dizer que o melhor der para ela, o melhor apoio que eu der, não é visto como um apoio, né. É servir. Não quer uma funcionários, quer uma serva. Então, se você é uma serva, você dorme nesse quarto. Então, o que eu falo (interrupção) é naturalmente que eu me encontre. Então, eu estou estudando para mim saber, falar mais sobre isso. Então, enquanto doméstica for sinônimo de serva, então eu não sou uma funcionária qualquer, não é um emprego qualquer. Enquanto eu for uma serva. Então, enquanto você serve, há um interesse e quando também elas têm o controle. pois

Luísa: Pois.

Isaura: E se ela não tem controle, ela não tem interesse.

Luísa: Pois, é. Existe... existe essas relações dos domínios. (interrupção). Em relação a perguntas e tudo, eu tô super satisfeita. Tô super feliz e agradecida, porque, assim, é isso. E ainda vou usar alguns dos teus relatos do Quadro de Empregada, porque vocês trazem isso. Vocês trazem é... questões que são muito, muito importantes. Eu quero ver a minha sociedade melhor. E eu acredito que pessoas como vocês, mulheres como vocês, é que têm todo o poder e que precisam de mais holofotes para isso. Então, vou citar e se eu conseguir fazer mais alguma coisa para ajudar o projeto, podem contar. Por favor.

Isaura: Eu fico emocionada, porque [eu vou me emocionar] mas é porque quando você fala: "Eu não quero...", nós precisamos de mulheres como você. Nós precisamos de mulheres como você. Quando eu falo, nós precisamos de pessoas como você, que eu vou dar muito o exemplo da Jana. E às vezes outras pessoas vão encher o saco de eu falar, mas é a minha referência atual, como mulher que esteve no mesmo lugar que eu. E o que que acontece: tem muito jovem, né? (inaudível). Não é o lugar que dão espaço para mulheres como a Jana sentar, por exemplo. Então, é um saco realmente para nós é que: quem vai ser ouvida é você. Para alguém nos ouvir, tem você no meio, infelizmente. Eu posso enumerar um monte de porquê que você vai ser ouvida, mas você bem sabe disso, entende. Várias pessoas. Então, quando eu falo assim: "Nós precisamos"

não é orgulho eu não gostar de falar isso, não é, infelizmente. É dolorido eu falar: "Eu preciso". Quando eu falo "dar a mãozinha", eu falo porque é você que tem a cadeirinha. Quando eu falo "a cadeirinha", é o lugar.

Luísa: Agradeço do fundinho do coração, obrigada por tudo.

## **APÊNDICE 2**

**Transcrição da entrevista com Vânia Barbosa**

## **Transcrição da entrevista com Vânia Barbosa**

**Realizada em: 30 de maio de 2023**

**Entrevistada por Luísa Sopas Rocha Brandão**

Luísa: Antes, como fui eu que pedi assim essa reuniãozinha? Eu queria me apresentar para vocês de uma maneira um pouco mais... que vocês devem estar pensando quem é essa pessoa que apareceu do nada, né? E o que acontece é o seguinte: eu estudo...eu sou de formação original, eu sou arquiteta. Eu era professora de arquitetura. Eu sou de São Luís do Maranhão, na realidade. E fui saindo de São Paulo, depois para o Rio Grande do Sul. Trabalhando no final ali como professora. E eu desenvolvo um doutorado que o tema é... que eu acho que sempre achei muito relevante que era o quarto... o quarto de empregada na arquitetura paulistana, né? Porque é um assunto que eu sinto que as pessoas querem invisibilizar. Porque é uma marca na sociedade que dói, né? Falar sobre o grau de exploração das empregadas domésticas. E apesar de eu falar do quarto em si... Aí eu disse: "Não, este trabalho não é sobre o espaço. Esse trabalho é sobre as mulheres que tiveram a experiência nesse espaço, seja morando, seja descansando, seja...". E então eu defini... Então, eu fiz a parte que é mais de duzentos projetos de São Paulo, com características daquelas que a gente já conhece. Que eu vou querer saber mais da Vânia, assim, do que tu viveste. Porque existe muito trabalho por aí que dizem assim: "Ah, será que esse quarto seria ideal para... para as pessoas? É possível naquele quarto fazer com que as pessoas vivam? " ou "Ah, então, patrão ou patroa, vá para o quarto da empregada e veja se é possível morar lá". Nos discursos que eu vejo até "Ah, trabalhar em casa de família", como se a pessoa que trabalhasse naquela casa não tivesse a sua própria família, sua própria individualidade, sua subjetividade. Então, eu falei "não", meu trabalho é também sobre essas mulheres e são essas mulheres que vão contar a experiência delas. E eu agradeço muito, muito, muito esse tempo assim, porque... para mim esse trabalho é importante para dar projeção à voz das mulheres que são, frequentemente, invisibilizadas. Então, dando assim esta introdução, eu queria saber mais, mesmo.

Luísa: Eu estou falando de um trabalho sobre... sobre o quarto e sobre as experiências da empregada doméstica. Eu quero saber como é que a Vânia

se define como pessoa. Com a sua subjetividade, como é que a Vânia se apresenta para mim.

Vânia: Boa noite, meu nome é Vânia. Eu sou a mãe da Vivian. E eu trabalhei, eu aqui...agora eu sou formada de podóloga. Mas antes, né, na minha adolescência mesmo, eu particularmente sempre trabalhei junto com a minha mãe, de empregada doméstica. Então, assim eu estudava, eu saía da escola e eu ia para casa da patroa da minha mãe, porque eu não queria ficar em casa sozinha. E outra que assim: eu via que a minha mãe trabalhava sozinha e ela demorava muito para chegar em casa. Ela demorava e eu não entendia. Eu falava assim: o que acontece que a minha mãe chega tão tarde em casa? Sabe? Eu falei não, eu vou lá uma vez no serviço da minha mãe que eu quero ver o que é que ela faz, porque ela chega muito tarde em casa. E às vezes eu ficava no portão esperando ela chegava nove, dez horas da noite. Aí um dia eu falei: "Não, mamãe! Eu vou para o serviço da senhora. Eu vou sair da escola e vou para o serviço da senhora". E a minha mãe, no começo, ela queria e não queria, né? Ela falava: "Eu não quero que você vá, eu quero que você estude, para você não ter essa vida de empregada doméstica que eu tenho". Eu falei assim "Ah, mãe, mas eu vou ficar em casa sozinha, né?". A minha irmã estudava em outro horário. Aí a gente, aí eu comecei a ir. Eu saía da escola e eu ia para o serviço da minha mãe. Só que chegava lá. A minha mãe, ela era cozinheira, empregada doméstica. Eu chegava e eu ia pro quarto das empregadas, da empregada. Então, lá tinha era só uma cama, um guarda roupa pequeno, não tinha janelas, não tinha janela.... e um banheiro bem pequeno do lado. Então, o banheiro era o que, era só um chuveiro e mais nada, nem uma pia. Então escovava os dentes ali, tomando banho mesmo.

Vânia: Tomava banho (risos), escovava o dente ali mesmo, sabe? Vamos supor se eu quisesse pentear o cabelo, eu tinha que pegar um espelho, colocar ali no tanque da patroa da minha mãe para a gente pentear o cabelo. Às vezes, a gente arrumava um espelho pequenininho no quarto, mas enfim. E assim eu, quando eu chegava lá, chegava na escola, minha mãe deixava um pratinho de...um almoço, um pratinho de comida pronta para mim, né. E eu chegava da escola e eu almoçava lá, no quarto de empregada mesmo. A minha mãe deixava em cima da tábua de passar roupa. Aí eu almoçava, eu terminava de almoçar, eu levava até a cozinha da patroa da minha mãe

e eu começava a passar roupa. Então, eu passava roupa do meio-dia até cinco, seis horas da tarde, ficava o dia inteiro. E nessa de eu ir ajudando a minha mãe, que aí eu comecei ver que minha mãe começou a sair mais cedo do serviço, ou seja, ela precisava de alguém pra ajudar.

Luísa: Sim.

Vânia: Ela fazia tudo sozinha. Ela cozinhava, limpava o apartamento, ela costurava para eles também e passava roupa. Além de lavar roupa, minha mãe também passava e por isso que ela chegava tarde. Aí eu descobri, por conta disso. Quando eu comecei a ir ajudar minha mãe aí, ou seja, né, a gente começou a chegar em casa mais cedo. Então, a gente chegava em casa em vez de chegar dez, a gente chegava às seis e meia, sete horas da noite.

Luísa: Sim.

Vânia: Era duas horas (risos) que nós tava ganhando. E assim foi anos e anos. É claro, que depois, com o tempo, eu me casei, né? Eu trabalhei em firmas, né? Aí depois, conforme o meu divórcio, eu me divorciei também. Aí eu fui obrigada a voltar a trabalhar. Só que eu comecei, voltar a trabalhar como diarista. Eu não trabalhava por mês. Então aí por dia eu ganhava bem mais, bem assim que dava para mim me manter, pagar o aluguel, ajudar a minha filha... na escola que eu pagava perua para ela. E assim a gente foi tocando a vida e eu... assim, muitas dessas patroas que eu trabalhei por dia, elas queria que eu fosse para o apartamento delas, para trabalhar por mês. Aí eu falei assim não, o que eu ganho por dia não ia compensar eu ganhar por mês. E eu sabia que eu ia ter a mesma vida que minha mãe.

Luísa: Sim.

Vânia: Eu não queria. Eu sabia que se eu largasse de trabalhar por dia e eu fosse trabalhar por mês, eu sabia que minha vida ia ficar só ali, dentro da casa delas. Eu ia viver sempre cuidando só daquela família. Então eu não ia estudar nem nada, mas aí não. E aí eu tive um objetivo que eu falei não, eu tô fazendo trabalhos por dia e eu vou fazer um curso. Aí nesse nesse período, que eu estava trabalhando por dia, eu consegui fazer esse curso

de podologia. Aí eu já sou formada de podólogo. Tô trabalhando numa clínica.

Luísa: Sim. Essas conquistas é que fazem esse esforço todo valer a pena, né? Vânia, só por uma questão de formalidade, está tudo bem contigo, se a gente gravar? Eu não pretendo usar nenhuma imagem, são mais os teus relatos, mesmo?

Vânia: Fica à vontade.

Luísa: Porque daí eu fico mais tranquila. Inclusive essas informações todas que tu tá que tu estás me dando são muito importantes, porque até a maneira como...como tu colocas isso...é importante. Repara que tu falas assim: "Ah, a minha mãe precisava de ajuda". E no fundo, hoje o que a gente percebe é que a tua mãe fazia muito, o escopo do trabalho dela não era definido.

Vânia: É.

Luísa: Então, assim, era ela para rigorosamente tudo, né. Era pra lavar como tu falas, passar roupa, costurar, cozinhar.

Vânia: Aham.

Luísa: O que é uma coisa que é impensável em outros trabalhos. Se a gente for pensar esse...em outros trabalhos é considerado um acúmulo de função. Por que pra empregada doméstica não é, né? Quer dizer, como é que não é um acúmulo de função? Como é que uma pessoa que é uma babá, por exemplo, exerce com a mesma maestria e no mesmo período de tempo, algo do tipo cozinhar, né?

Vânia: Sim, é.

Luísa: Então, essa... essas, essas questões assim me atravessam muito. Não sei se tu já paraste para pensar nisso aí, do tipo: "olha, eu ajudei minha mãe" no fundo, porque era uma situação vulnerável, né?

Vânia: Aham.

Luísa: E que ela...ela acumulava tudo nela. Ela acumulava todo o serviço e não ganhava o suficiente pra não poder, pra poder não fazer aquilo. E isso a gente está falando de que... de que tempo? De que ano mais ou menos?

Vânia: Ai, olha, na época... (pensando). Agora eu estou com 56... nossa, eu tinha 15...

Luísa: Nossa

Vânia: Eu tinha catorze, quinze anos na época.

Luísa: E essa família pra quem ela trabalhava morava onde? Era, em São Paulo mesmo? Capital?

Vânia: São Paulo. Morava na Paulista. Avenida Pamplona, número 71, apartamento setenta e... acho que era setenta e dois, se não me engano.

Luísa: Olha! Você lembra de tudo (risos)

Vânia: Era no sétimo andar, no sétimo andar.

Luísa: E eram aqueles... aqueles prédios super modernos, não é? E, com certeza, no centro. Eu morei cinco anos em São Paulo. E era Consolação, para baixo da Consolação, perto do centro, que era pra onde dava pra pagar, né, ali naquele momento. Eu me lembro que o período mais desgastante de São Paulo foi a questão da mobilidade. Assim, né, que às vezes eu passava. Então vocês também devem ter tido essa questão. Como é que era se movimentar para chegar lá, né? Imagina, eu não sei onde é que era tua escola, onde é que tu moravas. Até chegar na Paulista, como era?

Vânia: Eu morava em Osasco. A gente sempre morou em Osasco. Aí eu saía da minha escola e eu pegava o ônibus Vila Yara, aí eu descia no terminal da Vila Yara, aí lá eu pegava o Largo da Pólvora.

Luísa: Sim.

Vânia: Largo da Pólvora ele deixava a gente ali na Paulista.

Luísa: Ah, certo.

Vânia: Para mim, era um passeio.... Eu adorava fazer isso, porque eu achava ali bonito. Eu gostava dali, do Trianon. Sabe, eu gostava de passar por aqueles parques do Trianon. Tinha um monte de caszinho namorando, de senhor de idade, senhora de idade, sentadinha naqueles banco. Então, aquilo pra mim era um passeio, né, até eu chegar lá. Mas eu me lembro que eu descia Pamplona inteirinha deles, até correndo, porque eu sabia que quanto mais cedo eu chegava, dava tempo da gente, até para mim fazer lição antes de começar a passar roupa, né? Eu tinha que fazer a lição rápido e começava a passar roupa. Às vezes eu passava a roupa rápido e enquanto a minha mãe estava tomando banho, fechando a casa da patroa pra gente ir embora, eu ainda tava terminando de fazer a lição.

Luísa: Sim.

Vânia: Porque a minha mãe ainda estava se arrumando. Às vezes, ela estava pondo o jantar na mesa, né, para eles jantar.

Luísa: Ah, então vocês ficavam mesmo até a hora da janta e depois...

Vânia: Sim.

Vânia: A gente chegava lá às sete horas da manhã e já tinha um bilhete na porta, na geladeira. O que era para fazer de almoço.

Luísa: Uhum.

Vânia: Era arroz, feijão, bife, batata frita. Às vezes, era croquete de carne moída, salada de... assim, ela falava: "salada disso, daquilo e daquilo outra. Aí minha mãe tinha que fazer.

Luísa: Sim. E assim, em relação ao espaço, mas não só ao espaço. Eu digo mesmo, porque tu achas uma coisa super interessante, que era o banheiro era tão pequeno que não tinha nem pia, né?

Vânia: Não tinha pia.

Luísa: Chuveiro, ou seja...

Vânia: Era só chuveiro, mesmo. Era o vaso sanitário. Tipo assim, a gente tomava banho, até a água do banho molhava o vaso sanitário. Não tinha, era tudo

ali mesmo. Não tinha pia para você escovar os dentes. A gente escovava os dentes embaixo do chuveiro (risos).

Luísa: E aí, isso dava, esse quartinho dava para área de serviço, era isso?

Vânia: Isso. Porque o quarto, nem o quarto, nem o banheiro não tinha janela. Então, a porta que abria o quarto e o banheiro já era lavanderia.

Luísa: E a lavanderia tinha saída? Tipo... Tinha janela?

Vânia: Isso, da lavanderia a gente aproveitava pra entrar claridade no quarto e no banheiro, a gente tinha que abrir a porta do quarto e abrir a porta do banheiro pra claridade entrar. Se você fechasse a porta do quarto ou do banheiro, você ficava no escuro. Quer dizer, você acendia só a luz. (risos)

Luísa: Sim, e nesse quarto tinha...era depósito de coisa também, ou não? Era mesmo o quarto de descanso de vocês?

Vânia: Era só a cama da empregada, entendeu? E o guarda-roupa

Luísa: Só?

Vânia: O guarda-roupa que, assim, era duas portas só. Era um guarda-roupa pequeno e mais nada.

Luísa: Sim

Vânia: A única dentro do quarto da empregada, a única coisa que ficava mais lá era só a tábua de passar roupa. Que a gente passava, a roupa ali e mais nada.

Luísa: Sim. E aí, ou seja, o tanque era o suporte de pia de vocês, porque se vocês não tinham pia lá, né?

Vânia: Sim.

Luísa: Então. (seguimento de texto inaudível) Desculpa, te interrompi.

Vânia: A gente usava o tanque dela pra escovar os dentes.

Luísa: Sim. Como que... (interrupção)

Vânia: Para fazer alguma coisa...

Luísa: Sim. E aí, a área de serviço dava pra cozinha?

Vânia: Dava para a cozinha dela também.

Luísa: Certo. E a entrada para.... Tinha elevador separado assim, elevador de serviço, elevador social?

Vânia: Tinha elevador de serviço e elevador social. O elevador de serviço dava acesso para a gente entrar para a cozinha, para a lavanderia e pronto. Agora, se a gente pegasse o elevador social, aí saía na sala dela.

Luísa: Ah, ok. Então quer dizer, existem. É possível que... existem lugares nesse edifício que vocês sequer tinham acesso?

Vânia: Não, a gente não tinha acesso. O que eu te passei: a gente não podia entrar pelo elevador social. A gente só tinha que entrar pelo elevador de serviço, porque já caía direto dentro da lavanderia, dentro da cozinha da mulher (risos).

Luísa: E essa, assim, essa determinação. Isso era.... isso foi falado mesmo em algum.... em algum momento ou não? Vocês, tu e a tua mãe fizeram esse pressuposto? "Olha, não, aqui eu tenho que entrar por aqui" ou não? Foi mesmo, de repente, um porteiro ou a patroa ou o patrão que falaram "olha, não pode entrar pelo... pelo social, tem que entrar pelo serviço"?

Vânia: Isso. Assim, toda vez que a gente...nunca foi assim falado direto na cara. "Olha, não, vocês não podem entrar". Mas a gente já sabia da regra.

Vânia: Não tinha nada escrito no papel, mais assim, sabe? "Ah, e trabalha como empregada, tem que entrar no elevador de serviço". Então a gente não podia ter acesso, sabe? Não era pra passar, era para gente respeitar.

Luísa: Era uma segregação mesmo.

Vânia: E quando eu também comecei a trabalhar de... por dia, também era a mesma coisa. A Vivian era pequena e eu já cheguei a fazer faxina em apartamentos aí, até hoje, quando eu vou fazer atendimento residencial, a minha entrada é pelo... pelo elevador de serviço.

Luísa: Que coisa, assim.

Vânia: Algumas....algumas, algumas clientes que eu atendo elas não se incomodam: "não, pode entrar pelo social, eu deixo, fique à vontade".  
Outras não. Outra já acham que não, porque eu sou serviço de podologia, então eu não tenho que entrar pelo social, eu tenho que ir pelo de serviço. Mas eu relevo, sabe, porque (risos)

Luísa: Entendo. Olha, e... a tua mãe se chamava como?

Vânia: Glória.

Luísa: Glória.

Vânia: Maria da Glória

Luísa: Ela se chamava se chama? Ela ainda está viva?

Vânia: Ela já faleceu.

Luísa: Ah, já fez a passagem. Eu sinto muito, mesmo. Eu agradeço muito por teres contado a história de que tu começaste ao mesmo tempo que tu começaste a ter contato com o serviço doméstico, ele foi para estar perto da tua mãe. Assim, me chama a atenção, porque vocês devem ter construído um relacionamento que muitas vezes outras pessoas não têm a oportunidade de ter, né?

Vânia: Sim.

Luísa: Ou porque a mãe veta e diz "Não, eu não quero essa vida para ti", né?

Vânia: Sim.

Vânia: A minha mãe falava muito, assim, para gente: "Olha, eu quero que vocês estude para vocês não passar o que eu estou passando".

Luísa: Ela chegou a morar na casa de alguém?

Vânia: Morou. Chegou a morar sim, na época que ela foi adolescente. Porque os meus...a minha avó, né? Ela...ela tinha o vício da bebida. Aí, como os meus tios eram... eram muito da família, né? Eram cinco homens e cinco mulheres. Então, um dos meus tios batia nas minhas tias e na minha mãe também. Aí, elas foram saindo de casa, por conta de apanhar do irmão. Aí cada uma foi morando em casa de família. Então a primeira foi a tia Isabel e

a tia Luísa, entendeu? Outras depois foi a tia Bárbara. Depois veio a minha mãe. Então, todas as minhas tias trabalharam em casa de família.

Luísa: Uhum.

Vânia: E a minha mãe também. Então, eu assim... o pouco que a minha mãe ganhava em casa de família, ela conseguiu dar o estudo para mim e para minha irmã. Então, a gente estudou em escola boa, né? Nós estudamos no Fernão Dias. A gente se formou, né? E a gente foi... foi estudando dessa forma. Mas eram épocas, assim, que eu ficava muito tempo esperando a minha mãe chegar do serviço. Ela demorava para chegar. Era isso que eu não entendia. Então como eu não podia trabalhar porque eu era de menor, então eu falava assim: "vou ficar em casa fazendo o quê?". Aí eu falei: "não. Então, eu vou pro serviço da minha mãe. Aí pelo menos eu ajudo ela lá. E venho embora". Mas a minha mãe nunca me obrigou: "Olha, eu quero que você vá lá, eu quero que você vá me ajudar" ou disse "não, você tem que me ajudar". A minha mãe nunca fez isso comigo.

Luísa: Uhum.

Vânia: Nem com a minha irmã. Mas eu, sabe, eu ficava preocupada. Que eu falava assim: "Gente, ela trabalha tanto, não é possível". Olha, se eu me conheço por gente, eu nunca vi a minha mãe falar assim para mim: "Olha, hoje...a mamãe esse mês tá de férias".

Luísa: É. Porque a jornada... Aliás, até 2015 existia assim alguns direitos que não estavam muito bem garantidos por lei, né? Não tinha... as férias eram "ah, em teoria, tinha...tinha na lei", mas era na teoria, assim, ninguém conseguia tirar, né?

Vânia: Aham.

Luísa: Por isso que a PEC das Domésticas foi mesmo um marco, muito significativo. Para mim, é um marco importante do Brasil, assim, sabe? O trabalho doméstico que, para mim, são as pessoas que levam o Brasil nas costas. Porque pare para pensar numa coisa: se não fossem as mulheres que...que ficaram na casa, enquanto a galera que tinha mais dinheiro estava saindo para trabalhar, como é que tinha sido para as outras mulheres que tinham mais privilégios? Então, no final do dia, toda a riqueza

que o Brasil gera, no final do dia, quem está levando o Brasil nas costas são essas mulheres. São pessoas como tu, que exerceram o trabalho doméstico e outras que exercem o trabalho doméstico. Para que outras pessoas não tenham que se ocupar disso. Então, para mim, a mulher, sobretudo, a mulher negra, carrega o Brasil nas costas, sabe? Quando eu escuto assim: "trabalhava até oito da noite e tudo", cuidando da família dos outros.

Vânia: É...

Luísa: Então, isso da tua atitude, de ir lá e "não quero ficar com a minha mãe e eu vou ajudar ela, para poder ela ter a chance de cultivar a família dela". E vocês devem ter cultivado um relacionamento incrível.

Vânia: Nossa, muito (risos) Ela sempre foi...foi uma guerreira, minha mãe, sabe. Assim, eu tenho assim muita coisa que eu aprendi foi devido a ela. Eu só tenho que agradecer, sabe? Nossa, ela é fofa demais (risos). Quando eu, imagine, quando eu...eu e a minha irmã, a gente era menor, menor assim, eu me lembro que às vezes ela chegava do serviço, assim, ela trazia sobras, né. Do almoço, da janta, porque eles jogavam fora, né? Então pra não jogar fora, ela trazia. A gente comia aqui no lar nossa, como se fosse um almoço muito bom. Ela trazia bastante coisa de lá, praticamente vestiram a gente, era isso. Eles davam roupa, doavam roupa. Aí minha mãe trazia aquele monte de sacola de roupa. Então, quando eu não servia para mim e para minha irmã, a gente dava para os vizinhos, vestia os vizinhos, né? E assim foi indo. A gente cresceu. Mas, assim, a época que mais me doía muito foi isso que eu era adolescente, tinha meus treze, catorze anos e ela... eu ficava sempre no portão ali esperando a minha mãe chegar. Então quando eu via que minha mãe estava descendo morro ali embaixo. Nossa, eu corria para ajudar ela até carregar sacolas. Porque eu sabia que ela tava trazendo coisas para a gente comer, ela tava carregando peso.

Luísa: Sim.

Vânia: Então, eu ia para lá e assim foi. Até a hora em que eu resolvi: "não, mãe vou começar a ajudar a senhora". Em partes, foi até bom de eu ir para ajudar a minha mãe, porque eu aprendi também, sabe.

Luísa: Uhum.

Vânia: A fazer serviços, assim. Porque eu jamais imaginava que à época que eu me separei do meu ex-marido eu estava desempregada, né? Então eu não tinha para onde começar, né. E eu tava com a Vivian pequena, então eu tive dificuldades para arrumar serviço. Porque quando você procurava serviço e você falava "tem filhos", eles falavam "ah, não dá para trabalhar, né, porque você ficou muito tempo desempregada".

Luísa: Possível...

Vânia: Fiquei três anos... fiquei três anos parada, sem trabalho. Então, quando eu voltei, né, no mercado de trabalho, eu já estava encontrando dificuldades. Porque nessa época em que eu me separei... eu já estava com 35 anos para 36, então.

Luísa: É sério? Então, ainda teve essa, essa barreira, né? Assim... de ter parado para poder ter a tua família, né? E o mercado dizer não, então. "Olha, passou muito tempo parada, então...".

Vânia: Aham

Luísa: Nossa, que difícil deve ter sido.

Vânia: É. Aí eu falei assim, aí uma amiga minha, né, eu perguntei para ela: "Martinha, você conhece alguém que está precisando de faxina, essas coisas?". Ela até falou para mim: "Ai amiga, mas você vai trabalhar de dia-, de fazer faxina". Eu falei assim: "não, eu preciso pra mim, sabe? Dar um direcionamento. Eu não posso deixar faltar as coisas dentro de casa. Depois, se, com o tempo eu vejo e volto a procurar uma empresa, né?". Porque, antes quando eu estava trabalhando, antes de ter a Vivian, eu trabalhava numa indústria farmacêutica né?

Luísa: Sim.

Vânia: Porque mesmo eu ajudando a minha mãe, quando chegou umas épocas, assim, já deu pra mim procurar um emprego numa firma. Então eu trabalhei na Drogasil como operadora de máquina. Só que aí como eu casei, me separei. Então, aí sempre fica aquele marido né "não faz isso porque eu

não quero", ciúmes, "para que é que você vai trabalhar?", não sei o que e "qualquer coisa que você precisar eu te dou".

Vânia: "Você não precisa trabalhar, tudo que... se você precisar de dinheiro, eu te dou". Só que não dava. Ou seja, você vendo seu filho crescer, não tendo nada para comprar. Eu falei "não, vou mudar essa situação" (risos). Aí eu entrei, entrei de cabeça, fazendo faxina por dia, sem tirar nenhum. Eu trabalhava de segunda a segunda. Os finais de semana eu olhava cachorro, papagaio, calopsita.

Luísa: Era muito difícil, né? De segunda a segunda.

Vânia: É, de segunda a segunda. Porque foi a época que eu me separei, então eu fui pagar aluguel.

Luísa: Sim.

Vânia: Nessa que a gente foi pagar aluguel, então eu tinha que ter um dinheiro, sabe. Porque a Vivian ficou recebendo a pensão do meu ex-marido na época. Então, mas foi...foi assim, foi um pulo que eu dei na minha vida, trabalhando por dia. Porque era um serviço forçado, mas eu consegui, eu consegui fazer as coisas.

Luísa: Uhum.

Vânia: Então, eu conseguia pagar aluguel, eu conseguia até passear, conseguia viajar. E a Vivian foi estudando, né. A Vivian foi estudando, também né. Ela se formou.

Luísa: É.

Vânia: Aí as coisas foram melhorando.

Luísa: Depois eu vou querer falar com ela também. Não me esqueci dela, não. Ela deve estar por aí. Depois eu quero conhecê-la melhor também. E a tua mãe começou... saiu, assim, de casa pra ir pra casa de quem ela trabalhava com que idade?

Vânia: Eu acredito que a minha mãe, ela foi... Eu estava até conversando com a minha irmã, eu acho que ela saiu de casa acho que com dezenove, com dezoito para dezenove anos.

Luísa: Sim.

Vânia: Ela começou a trabalhar em casa de família.

Luísa: Sim. Aí deve ter passado por um... por um período ali morando até ter vocês, né. Porque daí...

Vânia: Isso. Aí ela... minha mãe ficou sempre, a adolescência dela todinha, ela sempre morou em casa de família. Sempre morou nos quatinho...

Luísa: Sempre.

Vânia: Nunca teve uma residência. Aí acho que ela foi conhecer o meu pai, né. Aí ela casou, aí ela saiu um pouco da casa de família. Então ela não estava dormindo mais. Mas, ou seja, ela tinha que chegar tipo sete horas da manhã e sair. Trabalhava o dia inteiro.

Luísa: Sim. Mas, assim, quando... quando tu viraste diarista, tu também trabalhava o dia inteiro, ou não?

Vânia: Era.

Luísa: Tipo...tinha definições? Por exemplo, escopo de trabalho, do tipo "Olha, eu vou limpar e eu vou fazer isso. Mas eu não vou fazer isso, nem isso, nem isso", ou não? Tu também...

Vânia: Não.

Luísa: Era o trabalho que eu tinha ali.

Vânia: Praticamente, quase igual da minha mãe. Eu só não cozinhava

Luísa: Sim.

Vânia: Mas, assim, eu chegava, eu lá limpava o apartamento inteirinho, lavava a roupa e passava.

Vânia: Só não cozinhava.

Luísa: Ou seja, tu também trabalhava até sabe-se lá quantas horas do dia.

Vânia: É, às vezes eu entrava... Não, meu horário sempre foi das sete da manhã às cinco da tarde. Mas eu sempre saía de lá às seis, seis e meia, sete horas.

Luísa: Sim. Por que se não colocasse cinco era capaz de ir até oito, né?

Vânia: É, se não colocasse cinco, era capaz de ir até oito mesmo.

Luísa: E em...

Vânia: E eu tinha que sair até as cinco, porque era o horário que eu buscava a Vivian na escola.

Luísa: Eu ia perguntar exatamente isso, assim. Que era também um agenciamento para tu poderes ter a tua família e ter a tua vida, né. Porque, afinal de contas, era de segunda a segunda. Então...

Vânia: Era de segunda a segunda

Luísa: E... Assim, nesses trabalhos, mesmo que seja de diarista, o espaço, os espaços que tu percebias. Teve alguém que te marcou? Que tu disse assim: "Meu Deus do céu, é um quarto, um quarto de empregada. Isto é um banheiro de empregada. É sério?".

Vânia: Teve.

Luísa: Teve algum assim que te lembras, que seja muito marcante assim do tipo "isso aqui é um horror"?

Vânia: Teve. Teve um assim que era um, era assim, era um (risos) era um apartamento pequeno. Tinha um quarto de empregada, só que o quarto da empregada, além de você ter que dormir, você tinha que dormir junto com os mantimentos.

Luísa: Era uma despensa junto.

Vânia: Sim.

Luísa: Que espanto!

Vânia: (risos) Então, tipo assim, se eles quisessem comer um biscoito, qualquer coisa, você sabia que qualquer hora alguém ia entrar lá para pegar alguma coisa.

Vânia: Não dava nem falar nada.

Luísa: E tu já tivesse sendo mensalista ou não, diarista, tivesse que dormir na casa de quem te contratava, por alguma razão qualquer?

Vânia: Se eu precisei dormir?

Luísa: É, algum dia. Não, né?

Vânia: Não, não. Nunca precisei dormir. Mas, assim, já cheguei a ir e ajudar em festa, entendeu?

Luísa: Certo.

Vânia: Cheguei lá para ajudar em festa, entendeu? "Olha, se fica aqui. Não vai embora, porque daqui a pouco vai começar a festa. E depois a gente leva você embora"(risos).

Luísa: E aí, ou seja, aquilo ficou só como um lugar de descanso, né, não ficou...?

Vânia: É, é.

Luísa: E nessa-

Vânia: E quando chegava as coisas que eles tinham pedido, né.

Luísa: Ah, sim. Receber.

Vânia: Isso.

Vânia: E ficar aguardando chegar bolo, chegar guaraná. Guardar e colocar essas coisas, e eu ficava ajudando a organizar.

Luísa: Mas tu tinhas que... que... Isso foi um extra? Do tipo, por exemplo, tu recebeste algum... algum adicional por causa disso ou não?

Vânia: Não, não.

Luísa: Ou seja, trabalhaste à noite mesmo fora de horário.

Vânia: Às vezes, quando essa pessoa que eu trabalhei, às vezes, ela ia lá e tirava uma roupa que não servia mais e "olha toma isso aqui para você", assim.

Luísa: Sim. E, mas isso, como é a tua relação em relação a isso, assim? Por exemplo, das pessoas acharem que aquilo é algum tipo de pagamento, porque tem gente que acha. Como eu não sou obrigada, então eu vou dar aqui essas roupinhas. E isso fica quase como se fosse um pagamento. Como é a tua relação com isso, assim? Como é que tu... Cavalos dados se olham os dentes, não é?

Vânia: Se olha sim.

Luísa: E... e mas eu sou muito focada ali nos apartamentos entre 1930 e 1970. E acabo tentando buscar também alguns relatos e registros das pessoas naquela época. E a vulnerabilidade era tanta que muita gente aceitava aquilo como como pagamento mesmo, né?

Vânia: Como pagamento.

Luísa: E eu queria saber mais umas coisas. Antigamente, o que acontecia, pelo que eu consigo perceber dos relatos, eram pessoas como a tua mãe, por exemplo, que sofreu algum tipo de abuso dentro de casa. Ou então era uma família muito numerosa e que os pais não viam, sobretudo quando a situação econômica do país estava muito complicada. De mesmo, chegar uma família e dizer "Olha, tu não queres que tua filha estude? Tu não queres que sua filha seja alguém na vida? Deixa ela vir trabalhar para mim que eu vou dar tudo". Chegava lá, a primeira coisa que se tirava era o estudo, né. Justamente para a pessoa não visualizar, não vislumbrar um futuro diferente daquele, né? E o que eu queria saber de ti era: eu não sei se tua mãe como é que foi... como é que foi a questão de estudo da tua mãe. Mas tu quando decidiste... quando te decidiste que "olha, eu vou estudar e eu vou ter outra formação, eu vou trabalhar com outra coisa", como é que foi, assim, a reação em geral das pessoas que te contratavam?

Vânia: Olha, as patroas, quando eu comecei a estudar... Na verdade, eu nem... eu nem falei nada para ninguém, sabe? Eu fui estudando, fui estudando, fui estudando. Quando eu me formei, que eu aí eu comecei a fazer atendimento residencial. Então, como eu trabalhava como diarista, o que eu

fui fazendo: conforme foi entrando os cliente de podologia, eu fui saindo das faxinas. Então, eu fui saindo das piores casas primeiro (risos).

Luísa: E quais eram as piores casas e por que que eram as piores casas? Isso é importante de saber.

Vânia: As piores, as piores casa eram as casas que eram mais sujas e eram mais bagunçadas. Então, eram as casas que mais eu me desgastava limpando.

Luísa: Sim.

Vânia: Ou seja, eram casas que eu chegava em casa e eu tava morta de tanto trabalhar.

Luísa: Esgotada.

Vânia: Esgotada. Eu não tinha coragem de fazer nada para mim. Nem para Vivian, porque tava cansada.

Luísa: Sim, sim.

Vânia: (suspiro) Então eu fui. Conforme fui entrando na podologia, eu fui saindo dessas casas. E no momento, assim, quando eu falava para elas: "olha, não vou continuar mais. Eu estudei, eu fiz um curso de podologia e agora eu vou trabalhar nisso", muitas não gostaram né? Muitas viraram a cara pra mim. Não falam comigo até hoje.

Luísa: Ah, sério?

Vânia: Sério.

Vânia: É, não falam mais comigo.

Luísa: E... e...

Vânia: E cortou... cortou totalmente a-

Luísa: A relação

Vânia: A relação. Tipo assim: "ah, você resolveu fazer o curso, você estudou, tudo...". Falei "Sim, senhoras. Eu não podia ficar trabalhando na casa de vocês para vida toda".

Luísa: Mas é uma...é uma relação muito diferente, né. Porque assim, tu sentes como que se sentissem abandonadas? Quando é um contrato de trabalho, não é? Por que que é diferente?

Vânia: Eu acho assim... Sabe uma coisa que eu parei para analisar. A partir do momento que você deixa de servir (pausa) você não significa mais nada para as pessoas. Você deixa de... eles não importam mais, eles não querem mais saber. Porque enquanto você estiver lá servindo, eles fazendo, né, lavando, passando, cozinhando, você é boa. Aí quando você fala: "Não, eu não vou fazer mais para você, porque agora eu vou trabalhar nisso e aquilo", nossa, eles não aceitam, né?

Luísa: E isso que tu falaste me chama muito a atenção, no sentido de que, assim parece que eles, né, patrões, lógico que não são todos, isso é uma generalização, mas, as pessoas objetificam a empregada doméstica, quando tu usas o termo "servir". É como se ela fosse uma.... uma coisa, um robô?

Vânia: Aham.

Luísa: Porque é isso, parece assim que a empregada doméstica é uma coisa, é como se fosse um eletrodoméstico. Inclusive, eu te falo isso, porque uma das coisas que mais me chamou a atenção aqui, foi uma das coisas que me fez rever, voltar a estudar o tema. É um trabalho prolongado e exaustivo, não é?

Vânia: Uhum.

Vânia: É. E além... além das patroas virarem a cara para mim, elas ficaram mais irritadas ainda quando descobriram que a Vivian entrou em uma faculdade, sendo que ela conseguiu bolsa. Aí foi de matar.

Luísa: É. Mas a relação foi com a Vivian, por que ela conseguiu bolsa?

Vânia: É assim, porque como eu... eu tava estudando e eu tava trabalhando em casa de família, né? Eu tava trabalhando para elas e a Vivian tava estudando normal numa escola, entendeu? Só que tanto eu tava estudando como a Vivian também. Então, teve algumas patroas minhas que quando eu falei que estava saindo, porque tinha terminado o curso tudo e a Vivian

também, nessa época a Vivian também já tinha terminado o ginásio, ela já estava entrando numa faculdade-

Luísa: Sim.

Vânia: Então, elas queriam saber... qual era o curso que a Vivian ia prestar. E a gente falava: "Não, ela vai trabalhar com banco de dados, essas coisas". "Não, mas que faculdade que ela vai estudar?". "A faculdade tal". "Ah, mas como que ela conseguiu entrar lá?". "Ela ganhou uma bolsa, ela tem a bolsa. Ela estudou e ela conseguiu a bolsa integral". Nossa.

Vânia: Dá raiva (risos).

Luísa: E a Vivian é formada em que faculdade?

Vânia: Na BandTec.

Luísa: Ah, tá! Super parabéns para Vivian, é um orgulho! Muito sucesso merecido. Agora, outras... eu tô aqui com umas... umas perguntinhas para não me esquecer. Em relação a essa casa que... que tu ias quando... tu ias quando tu eras mais nova com a tua mãe. Existia uma distinção clara do tipo "Ah, olha, você não pode entrar na sala quando tal, tal e tal"?

Vânia: Tinha.

Luísa: Ambientes que não podiam entrar ou os limites, assim, da casa mesmo que eram bem estabelecidos para ti e para tua mãe.

Vânia: Sim. É, assim, tipo assim, a minha mãe só podia entrar na sala quando, vamos supor, não tivesse ninguém, aí entrava para limpar. A gente entrava para limpar quando não tivesse ninguém. Mas, ou seja, se tivesse alguém sentada no sofá ou almoço, era tipo assim estão almoçando, não podia entrar. Se entrasse era só para ou você tava levando algum prato para pôr na mesa pra eles comerem, mais nada. Tinha que voltar para trás. Nos quarto, também só entrava depois que eles se levantassem e depois que eles tivessem já tomado banho, já tivessem saído. Mas enquanto eles estivesse lá, se trocando, se arrumando lá no quarto, não era para entrar, não podia entrar.

Luísa: E era uma família, era só um casal ou tinha filhos também?

Vânia: Era um casal com três filhas: a Vânia, a Andréia e a Sônia.

Luísa: E tu tinhas contato com essas meninas ou não?

Vânia: Tinha, às vezes elas queriam dar aula pra gente, sabe? Elas queriam... às vezes elas chamavam, sabe, para... para brincar. Mas a brincadeira era assim: elas queriam fazer a gente como alunas. E elas eram professoras. Entende?

Luísa: Sim, sim.

Vânia: Então a gente... Então elas davam lápis na nossa mão pra gente fazer um desenho, para pintar. E claro, a gente não tinha aquilo lá. A gente achava lindo, maravilhoso, a gente queria uma canetinha igual aquela. (risos)

Luísa: Sim.

Vânia: Eram essas coisas assim. Mas aí era só um pouco, só, sabe. Depois elas já viraram as costas. Aí a gente já voltava lá pro quarto de empregada, ficava lá sentada, quietinha, esperando a minha mãe terminar o serviço para a gente vim embora.

Luísa: E a tua irmã também ia com contigo ou não?

Vânia: A minha irmã, a minha irmã ia. Mas a minha irmã nunca foi muito fã em ajudar. A minha irmã nunca gostou muito de serviço doméstico.

Luísa: Sim.

Vânia: Até hoje, ela não é muito fã nisso.

Luísa: Entendo.

Vânia: Então minha irmã foi, mas é...mas não foi tanto quanto eu. Eu ia mais junto com a minha mãe. Eu ia tanto que teve umas épocas assim que eu até falei a minha mãe: "ah mãe, arruma um apartamento aí para mim limpar, porque aí vai ter uma renda maior". E ela até realmente conseguiu. Aí eu trabalhava no nono andar e a minha mãe trabalhava no sétimo. Então, a gente se comunicava pelo (procurando a palavra)

Luísa: Interfone.

Vânia: Interfone, né. Pelo interfone. "Olha, eu já estou terminando, já estou descendo. A gente se encontra lá embaixo".

Luísa: Ah.

Vânia: E eu fui. Eu terminava primeiro que a minha mãe e eu descia para ajudar a minha mãe terminar o dela. Porque como eu era mais nova, então a gente tem mais agilidade.

Luísa: Era mais rápido, pois é. Ia te perguntar. Porque daí acabava mais cedo e ajudava tua mãe para sair mais cedo. E também talvez tivesse uma... Quanto tempo tua mãe trabalhou lá?

Vânia: Ai, essa casa aí, olha... que minha mãe trabalhou lá. Eu acho que ela trabalhou lá mais de vinte anos.

Luísa: Pois, porque ainda tem essa questão da... da relação, do relacionamento que se cria ali, que já é para além da questão do trabalho doméstico...

Vânia: Mas mais de vinte anos, porque quando a minha mãe começou a trabalhar lá, essas meninas eram praticamente quase bebê. Minha mãe saiu de lá, elas eram adultas.

Luísa: Sim.

Vânia: Tinha muitos anos.

Luísa: Elas, as três... as três filhas, né. Então foi muito tempo mesmo. E aí, às vezes, acaba isso criando algum tipo de relação de afeto, mesmo. Porque tá ali na casa dos outros, né? Um trabalho que era para ser igual aos outros, mas que pela permanência grande, né, e tudo acaba criando ali, eventualmente, laços para além do trabalho. O que é uma via de mão dupla.

Vânia: É.

Luísa: E nesse sentido, eu ia perguntar, era também se tu já... já sentiu algum tipo de discriminação ou assédio?

Vânia: Com a minha mãe?

Luísa: Contigo. Tipo algum tipo de discriminação, coisas separadas ou alguma... alguma frase mesmo que seja racista ou relacionada a mulher ou relacionada a ti, tua família, teu bairro ou algum tipo de assédio. Porque as pessoas, antigamente existia muito, muito, muito caso de assédio com empregada doméstica.

Vânia: É, assédio não. Mas assim, era... era coisas assim separadas. Vamos supor: tinha alguns talheres, alguns copos, assim, que a gente não podia tomar água ali.

Luísa: Eram copos reservados.

Vânia: Isso, a gente tinha que tomar café num copo de requeijão. E eles xícara. (risos)

Luísa: E vocês já chegaram a passar em algum momento [isso agora que eu estou pensando, assim] daquele.... daquele banheiro, tá quebrado de alguma forma. E vocês tiveram um aval... Eu não sei se sim, se isso aconteceu, isso é só uma, porque eu fico pensando, era um banheiro mínimo, não é?

Vânia: Um micro banheiro.

Luísa: Imagino que quebrava, e quando quebrava, como é que faziam?

Vânia: Sim, sim. Já, acontecia. Já aconteceu. A gente tinha que esperar eles sair para trabalhar, a gente tomava banho correndo, se enxugava, limpava o banheiro inteirinho.

Luísa: Para poder usar o banheiro deles sem eles perceberem.

Vânia: Sim.

Luísa: E vocês chegavam a dizer: "olha o banheiro quebrado" ou não?

Vânia: Não, a gente falava e esperava, né, eles arrumarem. Mas para usar o deles, a gente não podia usar enquanto eles estavam lá, a gente tinha que esperar.

Luísa: Então, já tem 50 minutos aqui que a gente está conversando. Eu quero te pedir desculpa, porque é isso... Então, eu quero te agradecer imensamente, mesmo, mesmo, mesmo.

Vânia: Imagine, imagine (risos).

Luísa: Obrigada demais pelo teu relato e teu tempo, e nesse sentido, eu ia te dizer que se tiver algum tempo pra escutar um podcast da Janaína e da Isa, se chama Quadro de Empregada e eu acho um trabalho... E tem no Spotify, acho que tem em outras plataformas, são incríveis esses relatos e o quanto esses relatos são potentes. E pode ter certeza que o meu trabalho hoje ganhou sentido por causa do teu... do teu relato e da tua experiência. Agradeço mesmo, imensamente, mesmo do fundo coração.

Vânia: Obrigada, viu.

Luísa: Eu que agradeço, Imagina.

### **APÊNDICE 3**

**Tabela de análise preliminar dos duzentos e vinte e sete edifícios residenciais**

N.º	ANÁLISE	ANO	MÊS	NÚMERO	PÁGINA	NOME
1	ILEGÍVEL	1938	MAIO	1	54	EDIFÍCIO ESTHER - NÃO TEM PLANTA - ILEGÍVEL
2	REDESENHADO	1938	SETEMBRO	5	37	APARTAMENTOS
3	NÃO POSSUI	1939	MARÇO	11	19	PRÉDIO LIVIA MARIA
4	NÃO POSSUI	1939	MARÇO	11	30	PROJETO DE APARTAMENTOS
5	NÃO POSSUI	1939	ABRIL	12	51	EDIFÍCIO GONÇALVES BIAR
6	ILEGÍVEL	1939	JULHO	15	33	EDIFÍCIO SÃO MANOEL - NÃO TEM PLANTA
7	NÃO POSSUI	1939	AGOSTO	16	15	EDIFÍCIO IRAMAYA
8	NÃO POSSUI	1939	AGOSTO	16	15	EDIFÍCIO EDIFÍCIO IMPERADOR
9	NÃO POSSUI	1940	FEVEREIRO	22	41	EDIFÍCIO AMALIA
10	NÃO POSSUI	1940	MARÇO	23	33	PRÉDIO ZENA
11	NÃO POSSUI	1940	ABRIL	24	42	PRÉDIO ALTERMIRA DE BARROS
12	NÃO POSSUI	1940	MAIO	25	49	EDIFÍCIO MARTINHO
13	NÃO POSSUI	1940	JUNHO	26	61	PRÉDIO AVANHANDAVA
14	REDESENHADO	1940	JUNHO	26	79	EDIFÍCIO REGÊNCIA
15	REDESENHADO	1940	JULHO	27	107	PRÉDIO HYGIENOPOLIS
16	NÃO POSSUI	1940	AGOSTO	28	146	EDIFÍCIO SANTA MARINA
17	NÃO POSSUI	1940	NOVEMBRO	31	249	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
18	NÃO POSSUI	1940	NOVEMBRO	31	255	PREDIO "VIADUCTO"
19	ILEGÍVEL	1941	JANEIRO	33	342	NOVO EDIFÍCIO MESBLA - NÃO IDENTIFICADO
20	ILEGÍVEL	1941	FEVEREIRO	34	359	EDIFÍCIO ANHUMAS - NÃO APRESENTA PLANTA
21	WC	1941	FEVEREIRO	34	368	EDIFÍCIO MARILIA
22	NÃO POSSUI	1941	FEVEREIRO	34	371	EDIFÍCIO DAMIÃO BARRETTI
23	NÃO POSSUI	1941	MARÇO	35	387	PREDIO DE APARTAMENTOS
24	NÃO POSSUI	1941	MARÇO	35	401	EDIFÍCIOS "JEAS" E "SANTA LUCIA"
25	NÃO POSSUI	1941	ABRIL	36	427	EDIFÍCIO BRASILIANA
26	NÃO POSSUI	1941	JUNHO	38	78	EDIFÍCIO "ANCHIETA"
27	NÃO POSSUI	1941	AGOSTO	40	161	EDIFÍCIO "SÃO JOSÉ"
28	NÃO POSSUI	1941	SETEMBRO	41	202	EDIFÍCIO-SANTA-CRUZ
29	NÃO POSSUI	1941	NOVEMBRO	43	271/297	PRÉDIO Dª VERIDIANA
30	NÃO POSSUI	1941	NOVEMBRO	43	284	PRÉDIO "SOLAR"
31	NÃO POSSUI	1941	DEZEMBRO	44	338	EDIFÍCIO SÃO BARTOLOMEU
32	NÃO POSSUI	1942	JUNHO	50	87	EDIFÍCIO MACEDO SELLER
33	NÃO POSSUI	1942	AGOSTO	52	153	EDIFÍCIO DO BANCO HIPOTECARIO LAR BRASILEIRO
34	NÃO POSSUI	1942	SETEMBRO	53	173	EDIFÍCIO "JOÃO ALFREDO"
35	NÃO POSSUI	1942	SETEMBRO	53	190	EDIFÍCIO "BUENOS-AIRES"

36	WC	1943	ABRIL	60	433	EDIFÍCIO ELZA
37	NÃO POSSUI	1943	JUNHO	62	10	EDIFÍCIO "RAFAEL MUNETTI"
38	NÃO POSSUI	1943	JULHO	63	57	EDIFÍCIO "ALBION"
39	REDESENHADO	1943	AGOSTO	64	93	EDIFÍCIO AMALIA
40	NÃO POSSUI	1943	NOVEMBRO	67	198	PRÉDIO MARIA TEREZA
41	NÃO POSSUI	1944	JUNHO	74	64	EDIFÍCIO JAÇATUBA
42	REDESENHADO	1944	DEZEMBRO	80	260	ESTUDO DE APARTAMENTOS
43	NÃO POSSUI	1945	JAN/FEV	81-82	281	EDIFÍCIO MARA
44	NÃO POSSUI	1945	JAN/FEV	81-82	287	PRÉDIO DE APARTAMENTOS À AV. HIGIENOPOLIS
45	NÃO POSSUI	1945	JAN/FEV	81-82	288	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
46	REDESENHADO	1945	JAN/FEV	81-82	290	EDIFÍCIO SÃO LUIZ
47	ILEGÍVEL	1945	AGOSTO	88	98	EDIFÍCIO NOVO MUNDO - NÃO TEM PLANTAS
48	NÃO POSSUI	1946	FEVEREIRO	94	268	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
49	ILEGÍVEL	1946	ABRIL	96	333	EDIFÍCIO RIAN - NÃO TEM PLANTAS
50	ILEGÍVEL	1946	MAIO	97	1	EDIFÍCIO AZEVEDO-VILLARES - NÃO TEM PLANTAS
51	ILEGÍVEL	1946	JUNHO	98	50	EDIFÍCIO CIA PRADO CHAVES EXPORTADORES - NÃO TEM PLANTAS
52	NÃO POSSUI	1946	JUNHO	98	65	EDIFÍCIO ITATIAIA
53	ILEGÍVEL	1946	JULHO	99	104	EDIFÍCIO "BRASILAR" - NÃO TEM PLANTAS
54	REDESENHADO	1946	SETEMBRO	101	146	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
55	NÃO POSSUI	1946	OUTUBRO	102	177	EDIFÍCIO MARINGÁ
56	REDESENHADO	1947	JANEIRO	105	236	EDIFÍCIO SÃO CARLOS
57	REDESENHADO	1947	JANEIRO	105	242	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
58	NÃO POSSUI	1947	FEVEREIRO	106	259	EDIFÍCIO URUPÊS
59	REDESENHADO	1947	MARÇO	107	292	EDIFÍCIO HIGIENOPOLIS
60	NÃO POSSUI	1947	MARÇO	107	295	EDIFÍCIO SÃO CARLOS
61	ILEGÍVEL	1947	ABRIL	108	309	EDIFÍCIO J.B. - NÃO TEM PLANTAS
62	NÃO POSSUI	1947	AGOSTO	112	114	EDIFÍCIO GENEBRA
63	WC	1947	SETEMBRO	113	134	EDIFÍCIO SANTO ANTONIO
64	REDESENHADO	1947	OUTUBRO	114	152	ANTE-PROJETO DE UM PRÉDIO DE APARTAMENTOS
65	NÃO POSSUI	1947	OUTUBRO	114	165	PROJETO DE UM PRÉDIO DE APARTAMENTOS
66	NÃO POSSUI	1947	NOVEMBRO	115	182	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
67	NÃO POSSUI	1947	NOVEMBRO	115	192	PRÉDIOS PARA RENDA À RUA ANA NERY
68	REDESENHADO	1947	DEZEMBRO	116	207	PALACETE SUZANNE

69	NÃO POSSUI	1948	JANEIRO	117	235	PREDIO DE APARTAMENTOS À RUA SÃO VICENTE DE PAULA SÃO PAULO
70	NÃO POSSUI	1948	MARÇO	119	281	APARTAMENTOS PARA INDUSTRIARIOS
71	NÃO POSSUI	1948	MARÇO	119	288	PRÉDIO À RUA DA GRACA N.º 87 - SÃO PAULO
72	REDESENHADO	1948	ABRIL	120	321	EDIFÍCIO HECILDA
73	NÃO POSSUI	1948	ABRIL	120	324	EDIFÍCIO PETRACCO
74	SUSPEITO	1948	MAIO	121	8	EDIFÍCIO LIANA
75	REDESENHADO	1948	JUNHO	122	61	EDIFÍCIO PAULISTA
76	NÃO POSSUI	1948	JUNHO	122	64	EDIFÍCIO LORENA
77	NÃO POSSUI	1948	JUNHO	122	64	EDIFÍCIO ANCHIETA
78	ILEGÍVEL	1948	JULHO	123	111	EDIFÍCIO DOS ANDRADAS - NÃO TEM PLANTAS
79	NÃO POSSUI	1948	AGOSTO	124	136	EDIFÍCIO VITÓRIA RÉGIA
80	REDESENHADO	1948	AGOSTO	124	138	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
81	REDESENHADO	1948	OUTUBRO	126	180	EDIFÍCIO "PILOTIS"
82	WC	1948	OUTUBRO	126	185	EDIFÍCIO CONCEIÇÃO
83	WC	1948	DEZEMBRO	128	246	EDIFÍCIO LEALDADE
84	NÃO POSSUI	1949	JANEIRO	129	275	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
85	NÃO POSSUI	1949	FEVEREIRO	130	291	EDIFÍCIO TRIANON
86	NÃO POSSUI	1949	MARÇO	131	333	EDIFÍCIO "NEIDE-NILTON"
87	NÃO POSSUI	1949	MARÇO	131	334	EDIFÍCIO IRIS
88	NÃO POSSUI	1949	ABRIL	132	354	PROJETO D EUM RESIDÊNCIA PRÉDIO DE APARTAMENTOS
89	NÃO POSSUI	1949	MAIO	133	41	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
90	NÃO POSSUI	1949	JULHO	135	79	PRÉDIO ROSA
91	WC	1949	SETEMBRO	137	144	EDIFÍCIO EMILIA E MARCIA
92	REDESENHADO	1949	SETEMBRO	137	148	EDIFÍCIO JOVIRA SODRÉ
93	SUSPEITO	1949	SETEMBRO	137	152	EDIFÍCIO HUBERT
94	NÃO POSSUI	1949	OUTUBRO	138	166	EDIFÍCIO "VIRGINIO PASINI"
95	NÃO POSSUI	1949	OUTUBRO	138	170	EDIFÍCIO SOUTO DE OLIVEIRA
96	REDESENHADO	1949	OUTUBRO	138	176	PROJETO DE PRÉDIO DE APARTAMENTOS
97	NÃO POSSUI	1949	DEZEMBRO	140	212	EDIFÍCIO SANTA GENOVEVA
98	NÃO POSSUI	1950	JANEIRO	141	232	EDIFÍCIO SANTA TEREZA
99	NÃO POSSUI	1950	MARÇO	143	284	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
100	NÃO POSSUI	1950	MARÇO	143	286	PRÉDIO "CACCURI"
101	NÃO POSSUI	1950	JULHO	147	6	CONDOMÍNIO "SANTA VIRGÍLIA"
102	NÃO POSSUI	1950	JULHO	147	6	CONDOMÍNIO "SANTA RITA"

103	NÃO POSSUI	1950	JULHO	147	6	CONDOMÍNIO "SÃO TOMAZ"
104	NÃO POSSUI	1950	NOVEMBRO	151	200	CONDOMÍNIOS VIADUTOS
105	NÃO POSSUI	1950	NOVEMBRO	151	207	EDIFÍCIO DUQUE DE CAXIAS
106	NÃO POSSUI	1950	NOVEMBRO	151	201	EDIFÍCIO PIAUÍ
107	NÃO POSSUI	1950	NOVEMBRO	151	208	EDIFÍCIO PACAEMBÚ
108	NÃO POSSUI	1951	FEVEREIRO	154	257	EDIFÍCIO VIRGINIA
109	NÃO POSSUI	1951	FEVEREIRO	154	259	APARTAMENTOS PRUDÊNCIA
110	NÃO POSSUI	1951	MAIO	157	14	PRÉDIO "CARLOS EKMAN"
111	REDESENHADO	1951	JUNHO	158	58	JARDIM ANA ROSA - GRUPO DE APARTAMENTOS
112	REDESENHADO	1951	JUNHO	158	68	JARDIM ANA ROSA - APARTAMENTOS
113	NÃO POSSUI	1951	JUNHO	158	80	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
114	REDESENHADO	1951	JULHO	159	99	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
115	NÃO POSSUI	1952	FEVEREIRO	166	356	EDIFÍCIO EUMAR
116	REDESENHADO	1952	JUNHO	170	59	EDIFÍCIO PAQUITA
117	NÃO POSSUI	1952	JUNHO	170	62	EDIFÍCIO LEON KASINSKY
118	NÃO POSSUI	1952	JUNHO	170	78	PRÉDIO PARA RENDA À RUA ANA NERY
119	NÃO POSSUI	1952	JUNHO	170	83	JARDIM ANA ROSA - APARTAMENTOS DUPLEX POPULARES
120	NÃO POSSUI	1952	NOVEMBRO	175	257	EDIFÍCIO "DINO BUENO"
121	REDESENHADO	1952	DEZEMBRO	176	276	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
122	NÃO POSSUI	1952	DEZEMBRO	176	289	EDIFÍCIO NOTRE DAME
123	NÃO POSSUI	1953	JANEIRO	177	318	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS E ESCRITÓRIOS
124	REDESENHADO	1953	JANEIRO	177	326	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
125	NÃO POSSUI	1953	ABRIL	180	457	EDIFÍCIO ITAMARATI
126	REDESENHADO	1953	JUNHO	182	70	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
127	REDESENHADO	1953	JUNHO	182	74	CONJUNTO RESIDENCIAL "JARDIM ANA ROSA"
128	NÃO POSSUI	1953	JUNHO	182	77	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
129	REDESENHADO	1953	NOVEMBRO	187	305	EDIFÍCIO SÃO VICENTE DE PAULA
130	SUSPEITO	1953	NOVEMBRO	187	322	EDIFÍCIO "IMPERATOR"
131	SUSPEITO	1953	NOVEMBRO	187	322	EDIFÍCIO "SANTA FÉ"
132	REDESENHADO	1953	DEZEMBRO	188	351	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
133	NÃO POSSUI	1954	JANEIRO	189	402	EDIFÍCIO "PALMELA"
134	NÃO POSSUI	1954	JANEIRO	189	414	EDIFÍCIO "PEROLA"
135	REDESENHADO	1954	OUTUBRO	193	6	EDIFÍCIO "INAJÁ"

136	NÃO POSSUI	1954	OUTUBRO	193	25	PROJETO DE UM EDIFÍCIO
137	REDESENHADO	1954	NOVEMBRO	194	94	PROJETO PARA EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
138	REDESENHADO	1955	JANEIRO	196	172	PROJETO PARA EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
139	NÃO POSSUI	1955	JANEIRO	196	190	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
140	REDESENHADO	1955	FEVEREIRO	197	226	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
141	SUSPEITO	1955	MARÇO	198	265	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
142	NÃO POSSUI	1955	MARÇO	198	268	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
143	WC	1955	MAIO	200	366	EDIFÍCIOS "FRANCO DA ROCHA" E "MINISTRO GODOY"
144	WC	1955	JUNHO	201	408	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
145	SUSPEITO	1955	AGOSTO	202	456	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
146	SUSPEITO	1956	JANEIRO	207	110	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
147	ILEGÍVEL	1956	FEVEREIRO	208	134	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS EM DUPLEX - EDIFÍCIO EIFFEL
148	NÃO POSSUI	1956	ABRIL	210	234	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
149	NÃO POSSUI	1956	MAIO	211	266	EDIFÍCIO GUARABIRA
150	NÃO POSSUI	1956	MAIO	211	272	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
151	REDESENHADO	1956	JUNHO	212	305	APARTAMENTOS EM HIGIENÓPOLIS
152	NÃO POSSUI	1956	JUNHO	212	318	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
153	REDESENHADO	1956	JULHO	213	365	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
154	NÃO POSSUI	1956	AGOSTO	214	392	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
155	WC	1956	OUTUBRO	216	480	PRÉDIO DE APARTAMENTOS
156	NÃO POSSUI	1957	JANEIRO	219	95	EDIFÍCIO NORMANDIE
157	ILEGÍVEL	1957	ABRIL	222	208	CONJUNTO NACIONAL
158	REDESENHADO	1957	MAIO	223	247	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
159	ILEGÍVEL	1957	MAIO	223	250	CONJUNTOS DE APARTAMENTOS
160	SUSPEITO	1957	JUNHO	224	294	CONJUNTO RESIDENCIAL
161	NÃO POSSUI	1957	AGOSTO	226	370	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
162	REDESENHADO	1957	AGOSTO	226	378	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
163	NÃO POSSUI	1957	SETEMBRO	227	407	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
164	REDESENHADO	1957	SETEMBRO	227	410	EDIFÍCIO "BUENOS AIRES"
165	REDESENHADO	1957	OUTUBRO	228	443	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS

166	REDESENHADO	1957	NOVEMBRO	229	22	PROJETOS PARA EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS
167	REDESENHADO	1958	JANEIRO	231	92	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NO HIGIENÓPOLIS
168	NÃO POSSUI	1958	JANEIRO	231	112	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
169	SUSPEITO	1958	FEVEREIRO	232	136	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NO HIGIENÓPOLIS
170	WC	1958	FEVEREIRO	232	140	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NA ACLIMAÇÃO
171	REDESENHADO	1958	FEVEREIRO	232	146	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
172	NÃO POSSUI	1958	MARÇO	233	174	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
173	NÃO POSSUI	1958	ABRIL	234	212	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
174	REDESENHADO	1958	ABRIL	234	230	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
175	REDESENHADO	1958	MAIO	235	361	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
176	NÃO POSSUI	1958	JULHO	237	441	CONJUNTO RESIDENCIAL
177	REDESENHADO	1958	SETEMBRO	239	504	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NO HIGIENÓPOLIS
178	REDESENHADO	1958	OUTUBRO	240	544	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
179	REDESENHADO	1958	OUTUBRO	240	554	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
180	SUSPEITO	1958	DEZEMBRO	242	55	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
181	SUSPEITO	1959	FEVEREIRO	244	140	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
182	REDESENHADO	1959	MARÇO	245	188	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
183	REDESENHADO	1959	ABRIL	246	205	COJUNTO RESIDENCIAL À AV. PAULISTA
184	NÃO POSSUI	1959	ABRIL	246	226	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
185	REDESENHADO	1959	DEZEMBRO	254	62	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
186	NÃO POSSUI	1960	JANEIRO	255	94	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
187	REDESENHADO	1960	MARÇO	258	134	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
188	REDESENHADO	1960	MAIO	260	212	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
189	REDESENHADO	1960	AGOSTO	262	284	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
190	REDESENHADO	1960	OUTUBRO	264	360	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
191	REDESENHADO	1960	DEZEMBRO	266	62	EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS
192	REDESENHADO	1961	JUNHO	271	256	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS

193	REDESENHADO	1961	JULHO	272	286	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
194	WC	1961	SETEMBRO	274	354	CONJUNTO RESIDENCIAL NO ITAIM
195	SUSPEITO	1961	DEZEMBRO	277	18	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
196	REDESENHADO	1962	ABRIL	281	153	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
197	SUSPEITO	1962	MAIO	282	188	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
198	REDESENHADO	1962	MAIO	282	200/203	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
199	REDESENHADO	1962	JULHO	284	253	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
200	NÃO POSSUI	1962	JULHO	284	262	EDIFÍCIO ARCO DE TELES
201	REDESENHADO	1962	JULHO	284	270	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
202	REDESENHADO	1962	AGOSTO	285	306	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NO HIGIENÓPOLIS
203	WC	1962	OUTUBRO	287	347	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NO HIGIENÓPOLIS
204	REDESENHADO	1962	OUTUBRO	287	360	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS NO PACAEMBU
205	SUSPEITO	1962	OUTUBRO	287	365	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
206	REDESENHADO	1962	OUTUBRO	287	368	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
207	REDESENHADO	1963	FEVEREIRO	291	90	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
208	REDESENHADO	1963	MARÇO	292	116	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
209	REDESENHADO	1963	MARÇO	292	119	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
210	REDESENHADO	1963	JULHO	297	256	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
211	REDESENHADO	1963	JULHO	297	258	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
212	REDESENHADO	1963	JULHO	297	266	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
213	REDESENHADO	1964	JANEIRO	302	54	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
214	REDESENHADO	1964	MARÇO	304	42	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS E ESCRITÓRIOS
215	SUSPEITO	1964	JUNHO	307	30	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
216	REDESENHADO	1964	AGOSTO	309	46	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
217	NÃO POSSUI	1964	SETEMBRO	310	40	CONJUNTO DE APARTAMENTOS
218	REDESENHADO	1964	SETEMBRO	310	42	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
219	NÃO POSSUI	1965	ABRIL	316	42	PROJETO PARA EDIFÍCIO
220	REDESENHADO	1965	JUNHO	318	24	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS

221	NÃO POSSUI	1965	DEZEMBRO	324	28	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
222	REDESENHADO	1966	JAN/FEV	325	32	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
223	NÃO POSSUI	1966	OUTUBRO	333	43	ANTEPROJETO PARA EDIFÍCIO RESIDENCIAL
224	WC	1967	MARÇO	337	22	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS
225	REDESENHADO	1967	SETEMBRO	343	29	EDIFÍCIO RESIDENCIAL
226	NÃO POSSUI	1968	MAIO	350	16	NÚCLEO HABITACIONAL DA LAPA
227	REDESENHADO	1971	JAN/FEV	381	33	EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS

## **APÊNDICE 4**

**Tabela de análise dos setenta e sete projetos que apresentam quartos de empregada, com enfoque no primeiro grupo de análise**

NOME DO EDIFÍCIO	N.DE PLANTAS POR EDIFÍCIO	APTOS POR ANDAR	QUANTIDADE DE DORMITÓRIOS	QUANTIDADE DE QUARTOS DE EMPREGADA	ÁREA DO QUARTO DE EMPREGADA 1	ÁREA DO QUARTO DE EMPREGADA 2	ÁREA TOTAL DO APTO
Augusto Barretto	1 de 1	1	4	1	10,58	XXX	223,24
Predio Hygienopolis	1 de 1	2	3	1	5,14	XXX	107,68
	1 de 1		3	1	5,14	XXX	107,68
Ed. Santa Amalia	1 de 2	2	2	1	7,99	XXX	182,08
	2 de 2		3	1	8,51	XXX	211,75
Ed. Santa Amalia	2 de 2	1	4	1	7,84	XXX	287,27
Prédio Adolfo Finn	1 de 1	2	2	1	8,71	XXX	84,96
	2 de 1		2	1	9,08	XXX	101,07
Ed. São Luiz	1 de 2	2	4	1	4,94	XXX	141,4
	1 de 2		2	1	4,41	XXX	85,87
Ed. São Luiz	2 de 2	1	7	1	10,37	XXX	299,47
Prédio de Apartamentos para o Snr. Raul Jacob Cury	1 de 1	2	3	1	3,17	XXX	215,54
	1 de 1		3	1	3,17	XXX	215,54
Prédio de Apartamentos à Rua Piauí	1 de 1	2	3	1	5,37	XXX	121,25
	1 de 1		3	1	5,25	XXX	126,46
Ed. São Carlos	1 de 1	2	3	1	5,2	XXX	243,48
	1 de 1	2	3	1	5,2	XXX	220,21
Ed. Higienópolis	1 de 1	4 (ap. 4)	3	1	8,74	XXX	199,44
	1 de 1	(ap. 3)	2	1	8,74	XXX	210,91
	1 de 1	(ap. 2)	2	1	7,53	XXX	170,33
	1 de 1	(ap. 1)	3	1	6,1	XXX	224,22
Prédio de Apartamentos à Rua Marquês de Itú	1 de 1	4 (ap. 4)	2	2	7,9	4,5	270,23
			2	2	6,19	3,8	258,5
Palacete Suzanne	1 de 1	1	3	1	8,92	XXX	137,61
Edifício Hecilda	1 de 3	3 (ap 1)	2	1	4,28	XXX	97,24
		(ap 2)	2	1	3,5	XXX	87,4
		(ap 3)	3	1	3,15	XXX	129,9

Edifício Hecilda	2 de 3	3 (ap 1)	2	1	4,28	XXX	88,94
		(ap 2)	1	1	4,85	XXX	86,73
		(ap 3)	3	1	3,15	XXX	124,49
Edifício Hecilda	3 de 3	2 (ap 1)	1	1	2,55	XXX	69,01
		(ap 2)	2	1	3,02	XXX	81,14
Edifício Paulista	1 de 1	1	3	1	5,35	XXX	135,21
Prédio de Apartamento à Av. Angélica	1 de 1	2 (ap 1)	2	1	7	XXX	138,57
		(ap 2)	3	1	8,1	XXX	159,82
Edifício Pilotis	1 de 2	1	3	1	12,77	XXX	357,78
Edifício Pilotis	2 de 2	2(ap 1)	3	1	5,18	XXX	161,12
		(ap 2)	2	1	5,18	XXX	111,24
Ed. Jovida Sodré	1 de 1	2(ap 1)	3	1	12,41	XXX	254,64
		(ap 2)	3	1	12,41	XXX	273,7
Predio de Apartamentos à Praça Santos Dumont	1 de 1	2(ap 1)	2	1	10,12	XXX	131,19
		(ap 2)	2	1	10,12	XXX	134,15
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	1 de 2	5(ap 1)	2	1	9,03	XXX	94,71
		(ap 2)	2	1	10,25	XXX	92,04
		(ap 3)	2	1	10,63	XXX	96,01
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	2 de 2	4(ap 1)	2	1	5,28	XXX	150
		(ap 2)	2	1	5,28	XXX	150
		(ap 3)	2	1	5,28	XXX	150
		(ap 4)	2	1	5,28	XXX	150
Prédio de Apartamentos e Lojas à Rua Teodoro Sampaio	1 de 1	4(ap 1)	1	1	5,89	XXX	92,8
		(ap 2)	2	1	5,77	XXX	126,22
		(ap 3)	2	1	4,52	XXX	108,5
		(ap 4)	1	1	5,33	XXX	87,9
Edifício Paqueta	1 de 1	4(ap 1)	3	1	8,1	XXX	201,3

		(ap 2)	2	1	6,35	XXX	141,5
		(ap 3)	2	1	6,35	XXX	141,9
		(ap 4)	2	1	7,1	XXX	130,2
Prédio de Apartamentos Segurado Brasileira	1 de 1	4(ap 1)	3	1	6	XXX	109
		(ap 2)	3	1	6	XXX	109
		(ap 3)	3	1	6	XXX	109
		(ap 4)	3	1	6	XXX	109
Prédio de apartamentos - Av. Angélica	1 de 2	2	2	1	5	XXX	105,7
Prédio de Apartamentos - Av. Angélica	2 de 2	5(ap 1)	3	1	3,5	XXX	75
		(ap 3)	3	1	3,55	XXX	73,44
		(ap 4)	2	1	2,95	XXX	41,4
		(ap 5)	2	1	2,25	XXX	49,45
Prédio de Apartamentos A.C.	1 de 1	2(ap 1)	3	1	5,96	XXX	130,36
		(ap 2)	2	1	5,05	XXX	100,63
N/A	1 de 1	2(ap 1)	2	1	10,92	XXX	99,63
		(ap 2)	2	1	10,92	XXX	100,26
Condomínio Ed. São Vicente de Paula	1 de 1	10(ap 1)	3	1	5,8	XXX	95,21
		(ap 2)	3	1	6,2	XXX	102,74
		(ap 3)	3	1	6,5	XXX	106,23
		(ap 4)	2	1	6,3	XXX	95,6
		(ap 5)	2	1	7	XXX	100,3
		(ap 6)	1	1	7,8	XXX	82
		(ap 7)	2	1	9,95	XXX	95
		(ap 8)	3	1	7	XXX	96,1
		(ap 9)	3	1	6,3	XXX	103
		(ap 10)	3	1	7	XXX	95,6
Conjunto Residencial no Largo Ana Rosa	1 de 1	4(ap 1)	2	1	8,11	XXX	79,5
		(ap 2)	2	1	8,32	XXX	79,5
		(ap 3)	2	1	8,11	XXX	79,5
		(ap 4)	2	1	7,94	XXX	79,5

Edifício Inajá	1 de 1	???	???	1	8,75	XXX	???
Projeto para Edifício de Apartamentos	1 de 1	4(ap 1)	2	1	6,32	XXX	97,54
		(ap 2)	2	1	6,15	XXX	91,32
		(ap 3)	2	1	5,63	XXX	86,91
		(ap 4)	2	1	6,39	XXX	87,88
Projeto para Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	3,47	XXX	105,67
		(ap 2)	3	1	3,4	XXX	99,02
Condomínio UMARX	1 de 1	3(ap 1)	2	1	9,15	XXX	94,83
		(ap 2)	2	1	9,03	XXX	95,94
		(ap 3)	2	1	9,44	XXX	116,93
Edifício Michel	1 de 1	2(ap 1)	3	1	4,43	XXX	131,55
		(ap 2)	3	1	4,43	XXX	132,3
Edifício Solrisole	1 de 1	1	3	1	4,26	XXX	183,08
Edifício de apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	2	1	4,44	XXX	277,8
		(ap 2)	2	1	4,44	XXX	277,8
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	4,8	XXX	355,55
		(ap 2)	3	1	4,8	XXX	355,55
Edifício Buenos Aires	1 de 1	3(ap 2)	3	1	6,2	XXX	147,1
		(ap 3)	3	1	6,41	XXX	145,16
Edifício Ibirapuera	1 de 1	3(ap 1)	2	1	7,96	XXX	72,82
		(ap 2)	2	1	7,38	XXX	90,1
		(ap 3)	2	1	6,45	XXX	92,54
Projeto para Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	1	8,38	XXX	264,25
Edifício Diana	1 de 2	1	4	1	8,96	XXX	250,25
Edifício Diana	2 de 2	2(ap 1)	2	1	3,78	XXX	114,41
		(ap 2)	2	1	3,78	XXX	114,41
Edifício de Apartamentos	1 de 1	4(ap 1)	3	1	7,97	XXX	100,55
		(ap 2)	3	1	8,36	XXX	101,78
		(ap 3)	3	1	8,2	XXX	109,04
		(ap 4)	3	1	8,51	XXX	109,68

Edifício de Apartamentos - Vila Mariana	1 de 1	3 (ap 1)	3	1	6,9	XXX	150,91
		(ap 2)	3	1	10,65	XXX	172,38
		(ap 3)	3	1	6,71	XXX	150,23
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	8,32	XXX	256,63
		(ap 2)	3	1	7,6	XXX	187,49
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	1 de 1	4(ap 1)	3	1	4,59	XXX	277,8
		(ap 2)	3	1	6,3	XXX	277,8
		(ap 3)	3	1	6,5	XXX	277,8
		(ap 4)	3	1	4,57	XXX	277,8
Edifício de Apartamentos	1 de 2	2(ap 1)	3	1	6,68	XXX	185,98
		(ap 2)	3	1	6,83	XXX	181,56
Edifício de Apartamentos	2 de 2	2(ap 1)	2	1	4,91	XXX	115,39
		(ap 2)	2	1	5,33	XXX	127,68
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	4,9	XXX	187,48
		(ap 2)	3	1	4,9	XXX	187,48
Conjunto Residencial à Avenida Paulista	1 de 1	6(ap 1)	2	1	6,87	XXX	112
		(ap 2)	2	1	6,87	XXX	112
		(ap 5)	2	1	6,87	XXX	112
		(ap 6)	2	1	6,87	XXX	112
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	2	1	6	XXX	166,82
		(ap 2)	2	1	6	XXX	167,13
Edifício de Apartamentos	1 de 1	4(ap 1)	2	1	5,19	XXX	112,37
		(ap 2)	2	1	5,19	XXX	112,37
		(ap 3)	2	1	5,19	XXX	112,37
		(ap 4)	2	1	5,19	XXX	112,37
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	6,84	XXX	145,41
		(ap 2)	3	1	6,84	XXX	145,41

Edifício de Apartamentos	1 de 2	2(ap 1)	3	1	4,96	XXX	90,36
		(ap 2)	3	1	3,34	XXX	81,9
Edifício de Apartamentos	2 de 2	3(ap 1)	3	1	5,32	XXX	117,39
		(ap 2)	3	1	4,96	XXX	133,19
		(ap 3)	3	1	3,34	XXX	107,4
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	4,16	XXX	104,43
		(ap 2)	3	1	4,16	XXX	104,43
Edifício de Apartamentos no Itaim	1 de 1	4(ap 1)	2	1	4,8	XXX	61,6
		(ap 2)	2	1	4,8	XXX	61,6
		(ap 3)	2	1	4,8	XXX	61,6
		(ap 4)	2	1	4,8	XXX	61,6
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	1	4,16	XXX	191,58
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	2	4,38	4,75	187,49
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	1	6,84	XXX	101,17
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	2	1	4,6	XXX	163,77
		(ap 2)	3	1	6	XXX	292,56
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	2	1	6,3	XXX	167,4
		(ap 2)	2	1	6,3	XXX	167,4
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	1 de 1	4(ap 1)	3	1	4,2	XXX	127,23
		(ap 2)	2	1	4,2	XXX	89,3
		(ap 3)	2	1	4,2	XXX	89,3
		(ap 4)	3	1	4,2	XXX	127,23
Edifício de Apartamentos no Pacaembú	1 de 2	1	2	1	4,84	XXX	130,95
Edifício de Apartamentos no Pacaembú	2 de 2	2(ap 1)	3	1	6,1	XXX	171,4
		(ap 2)	3	1	6	XXX	161,05

Edifício de Apartamentos	1 de 1	3(ap 1)	5	2	5,27	5,27	288
		(ap 2)	3	1	5,75	XXX	140
		(ap 3)	3	1	5,75	XXX	140
Edifício de Apartamentos	1 de 2	2(ap 1)	2	1	6,1	XXX	75,5
		(ap 2)	2	1	6,1	XXX	75,5
Edifício de Apartamentos	2 de 2	3(ap 1)	3	1	4	XXX	137,82
		(ap 2)	2	1	4	XXX	97,8
		(ap 3)	2	1	4	XXX	97,8
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	1	7,25	XXX	271,56
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	4	1	11,2	XXX	337,1
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	4,36	XXX	151,55
		(ap 2)	3	1	4,36	XXX	151,55
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	1	8,2	XXX	373,15
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	3	1	6,7	XXX	206,88
Edifício de Apartamentos e Escritórios	1 de 1	3(ap 1)	3	1	6,62	XXX	60,1
		(ap 2)	3	1	6,07	XXX	60,1
		(ap 3)	2	1	6,85	XXX	100
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	2	7,6	6,15	264,33
		(ap 2)	3	2	7,6	6,15	264,33
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	5,8	XXX	228,72
		(ap 2)	3	1	5,8	XXX	228,72
Edifício de Apartamentos	1 de 1	1	4	2	6,05	6,05	318,15
Edifício Residencial	1 de 1	1	3	1	8,42	XXX	308,4
Edifício de Apartamentos	1 de 1	6(ap 5)	3	1	5,06	XXX	132,51
		(ap 6)	3	1	5,06	XXX	132,68

Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	6,67	XXX	135,2
		(ap 2)	3	1	5,18	XXX	131,45
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	7,96	XXX	159,13
		(ap 2)	3	1	7,96	XXX	159,13
Edifício de Apartamentos	1 de 1	2(ap 1)	3	1	8,77	XXX	188,18
		(ap 2)	3	1	8,77	XXX	188,18
<b>CASO SINGULAR: Ed. Regência - quartos de empregada concentrados no mesmo andar</b>							
Edifício Regência				11	Áreas entre 8.66 e 12.84 m <sup>2</sup>		

## **APÊNDICE 5**

**Tabela de análise dos setenta e sete projetos que apresentam quartos de empregada, com enfoque no segundo grupo de análise**

<b>NOME</b>	<b>JANELA PARA EXTERIOR</b>	<b>ELEVADOR SEPARADO</b>	<b>AMBIENTE DE ACESSO</b>	<b>REGULAR</b>	<b>DENOMINAÇÃO</b>
Augusto Barretto	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Predio Hygienopolis	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO SERVIÇO
Predio Hygienopolis	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO SERVIÇO
Ed. Santa Amalia	SIM	SIM	LAVANDERIA	SIM	Q EMPREGADA
Ed. Santa Amalia	SIM	SIM	LAVANDERIA	SIM	Q EMPREGADA
Ed. Santa Amalia	SIM	SIM	LAVANDERIA	SIM	Q EMPREGADA
Prédio Adolfo Finn	SIM	NÃO	HALL	SIM	CRIADO
Prédio Adolfo Finn	SIM	NÃO	HALL	SIM	CRIADO
Ed. São Luiz	NÃO	SIM	COZINHA	NÃO	EMPREG.
Ed. São Luiz	NÃO	SIM	COZINHA	SIM	EMPREG.
Ed. São Luiz	SIM	NÃO	ROUPARIA	SIM	EMPREG.
Prédio de Apartamentos para o Snr. Raul Jacob Cury	NÃO	NÃO	COZINHA	SIM	Q. CRIADA
Prédio de Apartamentos para o Snr. Raul Jacob Cury	NÃO	NÃO	COZINHA	SIM	Q. CRIADA
Prédio de Apartamentos à Rua Piauí	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.
Prédio de Apartamentos à Rua Piauí	SIM	SIM	COZINHA	SIM	EMPR.
Ed. São Carlos	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREG.
Ed. São Carlos	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREG.
Ed. Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Ed. Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Ed. Higienópolis	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.

Ed. Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Prédio de Apartamentos à Rua Marqués de Itú	NÃO	NÃO	HALL	SIM	CREADA
Prédio de Apartamentos à Rua Marqués de Itú	SIM E NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CREADA
Palacete Suzanne	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Hecilda	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. CREADA
	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Edifício Paulista	NÃO	CASO NOTÁVEL: ELEV ABRE PARA Q. EMPREGADA	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CREADA
Prédio de Apartamento à Av. Angélica	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO P/ EMPREGADA
Prédio de Apartamento à Av. Angélica	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO P/ EMPREGADA
Edifício Pilotis	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	NÃO	Q. EMPREGADA
Edifício Pilotis	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPREGADA
Edifício Pilotis	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPREGADA
Ed. Jovida Sodré	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO DE EMP.da
Ed. Jovida Sodré	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO DE EMP.da
Prédio de Apartamentos à Praça Santos Dumont	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. EMPREG

Predio de Apartamentos à Praça Santos Dumont	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. EMPREG
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPR
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPR
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPR
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Grupo de Apartamentos Jardim Ana Rosa	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Prédio de Apartamentos e Lojas à Rua Teodoro Sampaio	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.
Prédio de Apartamentos e Lojas à Rua Teodoro Sampaio	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.
Prédio de Apartamentos e Lojas à Rua Teodoro Sampaio	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.
Prédio de Apartamentos e Lojas à Rua Teodoro Sampaio	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.

Edifício Paqueta	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPREG.
Edifício Paqueta	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPREG.
Edifício Paqueta	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPREG.
Edifício Paqueta	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPREG.
Prédio de Apartamentos Segurado Brasileira	NÃO	NÃO	CORREDOR INTERNO	NÃO	SERVIÇO
Prédio de Apartamentos Segurado Brasileira	NÃO	NÃO	CORREDOR INTERNO	NÃO	SERVIÇO
Prédio de Apartamentos Segurado Brasileira	NÃO	NÃO	CORREDOR INTERNO	NÃO	SERVIÇO
Prédio de Apartamentos Segurado Brasileira	NÃO	NÃO	CORREDOR INTERNO	NÃO	SERVIÇO
Prédio de apartamentos - Av. Angélica	NÃO	NÃO	HALL	SIM	Q.E.
Prédio de Apartamentos - Av. Angélica	NÃO	NÃO	HALL	SIM	Q.E.
Prédio de Apartamentos - Av. Angélica	NÃO	NÃO	HALL	SIM	Q.E.
Prédio de Apartamentos - Av. Angélica	NÃO	NÃO	HALL	SIM	Q.E.
Prédio de Apartamentos - Av. Angélica	NÃO	NÃO	HALL	SIM	Q.E.
Prédio de Apartamentos A.C.	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO CREADA
Prédio de Apartamentos A.C.	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO CREADA
Sem identificação	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPREGADA
Sem identificação	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPREGADA
Condomínio Ed. São Vicente de Paula	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CRIADA



Edifício Inajá	SIM	NÃO	HALL ESCADAS	SIM	QUARTO EMPREGADA
Projeto para Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	LAVANDERIA	SIM	CREADA
Projeto para Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	LAVANDERIA	SIM	CREADA
Projeto para Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	LAVANDERIA	SIM	CREADA
Projeto para Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	LAVANDERIA	SIM	CREADA
Projeto para Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CREADA
Projeto para Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CREADA
Condomínio UMARX	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CRIADA
Condomínio UMARX	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CRIADA
Condomínio UMARX	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CRIADA
Edifício Michel	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	NÃO	Q. EMPR.
Edifício Michel	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	NÃO	Q. EMPR.
Edifício Solrisole	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Edifício de apartamentos	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CRIADA
Edifício de apartamentos	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CRIADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO DE EMPREGADA
Edifício Buenos Aires	SIM	SIM	HALL	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício Buenos Aires	SIM	SIM	HALL	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício Ibirapuera	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	NÃO	Q. CRIADA
Edifício Ibirapuera	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CRIADA
Edifício Ibirapuera	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. CRIADA

Projeto para Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício Diana	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício Diana	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício Diana	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	COZINHA	SIM	SERVIÇO
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	COZINHA	SIM	SERVIÇO
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	COZINHA	SIM	SERVIÇO
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	COZINHA	SIM	SERVIÇO
Edifício de Apartamentos - Vila Mariana	SIM	NÃO	HALL	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos - Vila Mariana	SIM	NÃO	HALL	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos - Vila Mariana	SIM	NÃO	HALL	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	ALOJAMENTOS PARA EMPREGADA

Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	ALOJAMENTOS PARA EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	ALOJAMENTOS PARA EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	ALOJAMENTOS PARA EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	EMPR.
Conjunto Residencial à Avenida Paulista	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Conjunto Residencial à Avenida Paulista	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Conjunto Residencial à Avenida Paulista	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Conjunto Residencial à Avenida Paulista	NÃO	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	LAVANDERIA	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	LAVANDERIA	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	NÃO	DEPENDÊNCIA
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	NÃO	DEPENDÊNCIA
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	NÃO	DEPENDÊNCIA
Edifício de Apartamentos	SIM	NÃO	TERRAÇO/LAVAND	NÃO	DEPENDÊNCIA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CREADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	CREADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA

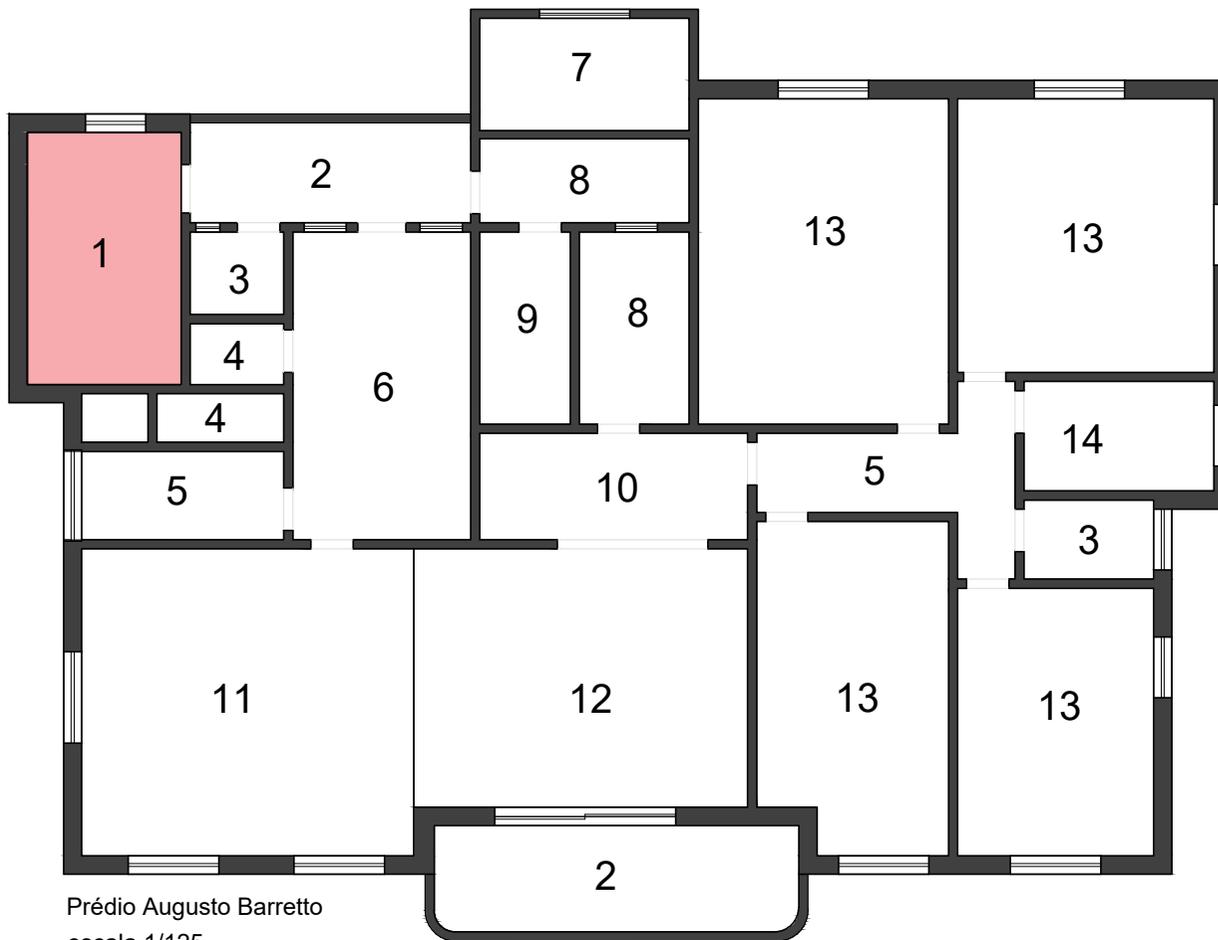
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Itaim	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. CREADA
Edifício de Apartamentos no Itaim	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. CREADA
Edifício de Apartamentos no Itaim	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. CREADA
Edifício de Apartamentos no Itaim	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. CREADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	DORMITÓRIO DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	HALL	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	CIRCULAÇÃO SERVIÇO	SIM	QUARTO CREADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
	SIM	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA

Edifício de Apartamentos no Higienópolis	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Higienópolis	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos no Pacaembú	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. EMPR.
Edifício de Apartamentos no Pacaembú	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. EMP.
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. EMP.
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	Q. EMP.
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	DORMITÓRIO DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	CIRCULAÇÃO DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	DORMITÓRIO DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	DORMITÓRIO DE EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	Q. EMPR.
Edifício de Apartamentos e Escritórios	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	CREADA

Edifício de Apartamentos e Escritórios	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	CREADA
Edifício de Apartamentos e Escritórios	NÃO	NÃO	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	CREADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO CREADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	NÃO	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO CREADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	TERRAÇO SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício Residencial	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	NÃO	EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	TERRAÇO/LAVAND	SIM	Q. EMPR.
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	LAVANDERIA	SIM	DEPENDÊNCIA DE EMPR.
Edifício de Apartamentos	NÃO	SIM	LAVANDERIA	SIM	DEPENDÊNCIA DE EMPR.
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício de Apartamentos	SIM	SIM	ÁREA DE SERVIÇO	SIM	QUARTO EMPREGADA
Edifício Regência	SIM	NÃO	CIRCULAÇÃO INTERNA	SIM	QUARTO EMPREGADA

## **APÊNDICE 6**

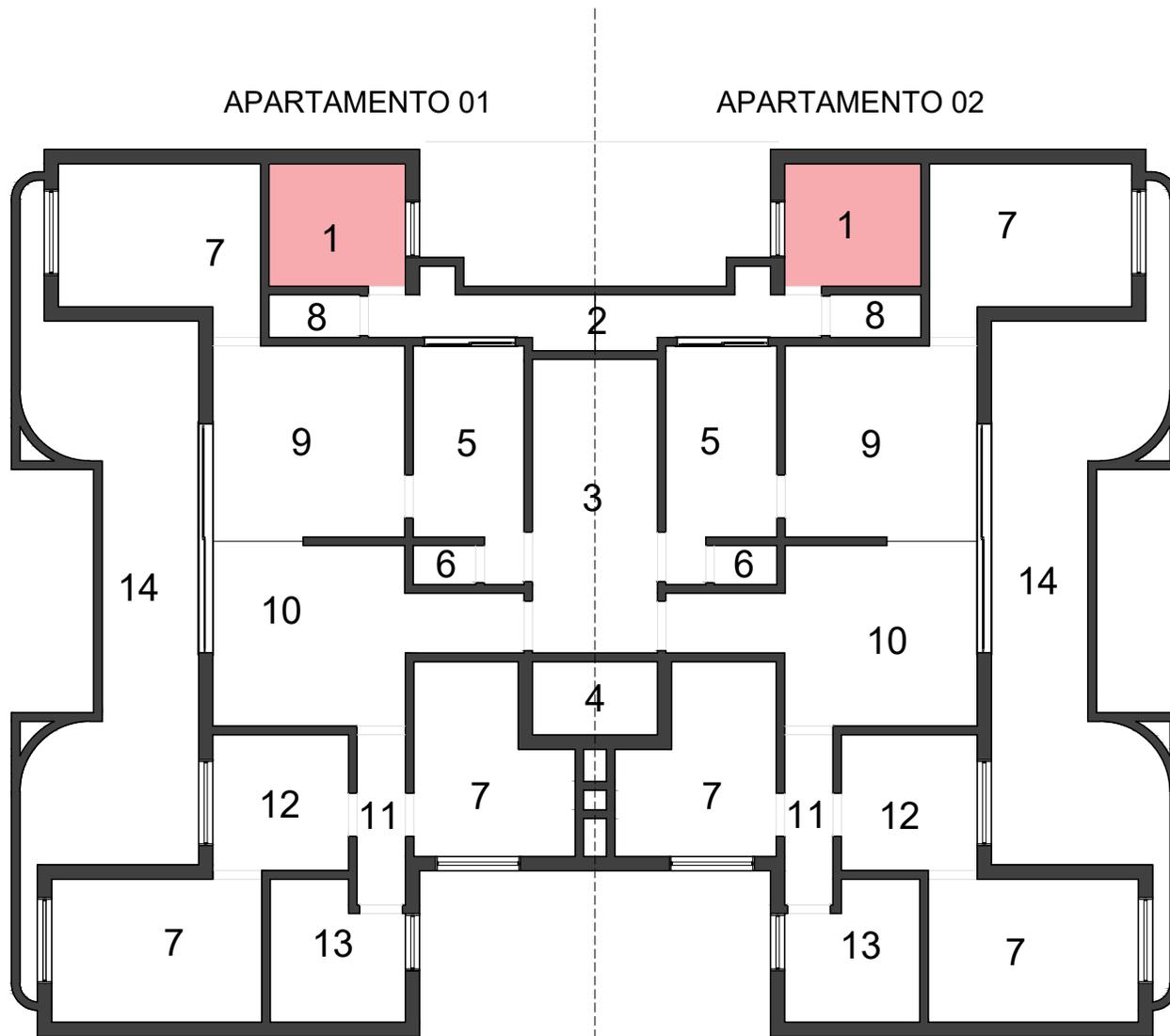
**Plantas redesenhadas dos empreendimentos analisados**



Área Útil Total = 223,24 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto "creada" = 10,58 m<sup>2</sup>
- 2 Terraço
- 3 WC
- 4 Armário
- 5 Passagem
- 6 Cozinha
- 7 Escadas
- 8 Hall
- 9 Elevadores
- 10 Vestibulo
- 11 Sala de Jantar
- 12 Sala de Estar
- 13 Dormitório
- 14 Banheiro

Prédio Augusto Barretto  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.5, set.1938



APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 107,68 m<sup>2</sup>  
Cada apartamento\*

- 1 Quarto de Serviço = 5,14 m<sup>2</sup>
- 2 Terraço Serviço
- 3 Escada/Átrio
- 4 Elevadores
- 5 Cozinha
- 6 Armário
- 7 Dormitório
- 8 WC Serviço
- 9 Sala de Estar
- 10 Sala de Jantar
- 11 Hall
- 12 Vestiário
- 13 Banheiro
- 14 Terraço

Prédio Hygienopolis  
escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.27, jul.1940



APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02

APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 211,75 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 182,08 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 8,51 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 7,99 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Dormitório
- 5 Banheiro
- 6 Circulação
- 7 Lavanderia
- 8 Sala de Jantar
- 9 Cozinha
- 10 Despensa
- 11 Hall
- 12 Sala de Estar
- 13 Terraço
- 14 Hall escadas
- 15 Elevadores
- 16 Hall Elevadores

Ed. Santa Amália  
escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.64, jul.1943



## APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 211,75 m<sup>2</sup>

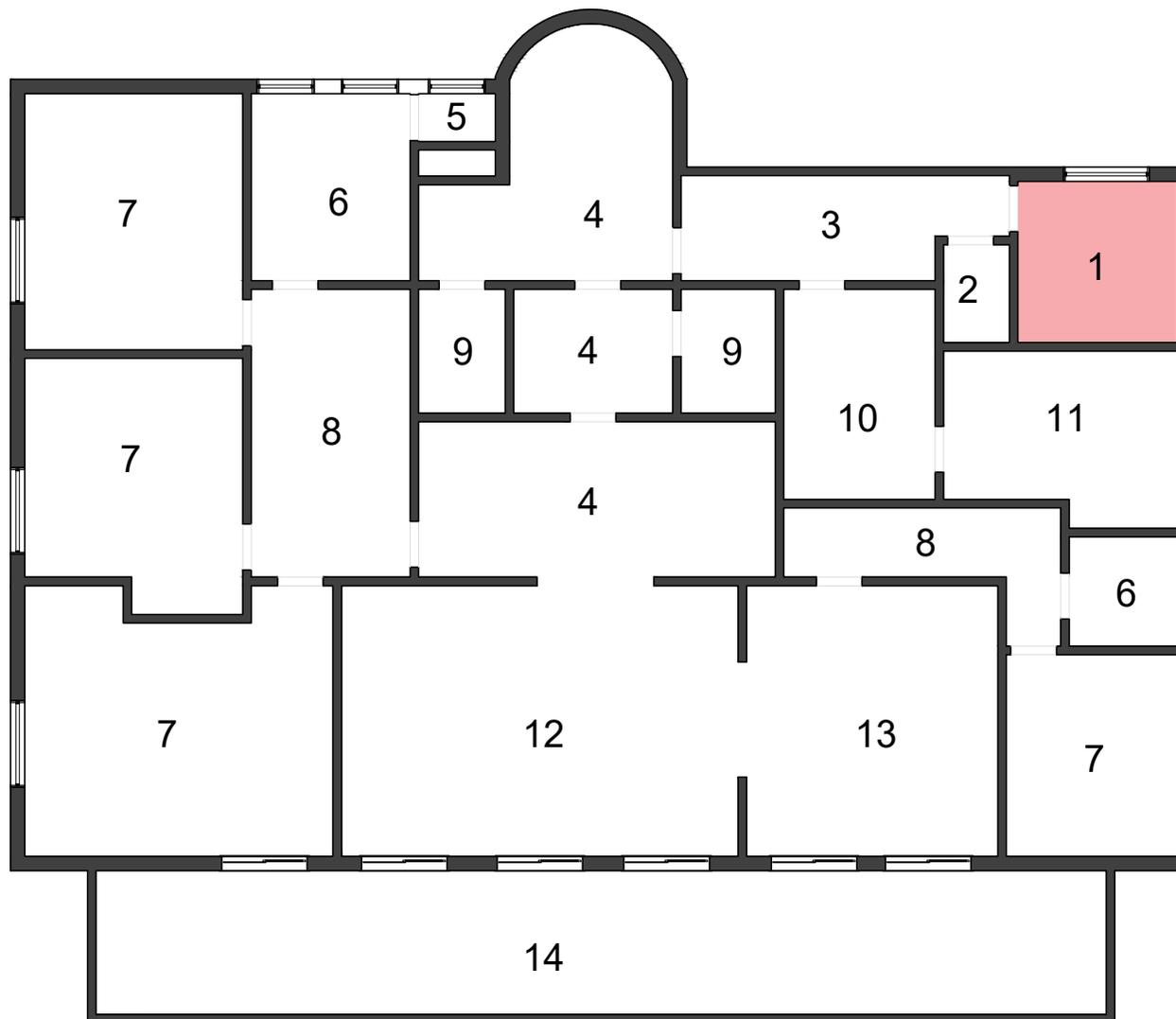
## APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 182,08 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,51 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 7,99 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Dormitório
5	Banheiro
6	Circulação
7	Lavanderia
8	Sala de Jantar
9	Cozinha
10	Despensa
11	Hall
12	Sala de Estar
13	Terraço
14	Hall escadas
15	Elevadores
16	Hall Elevadores

Ed. Santa Amália  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.64, jul.1943



Área Útil Total = 287,27 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregados = 7,84 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Despensa
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Circulação
- 9 Elevador
- 10 Lavanderia
- 11 Cozinha
- 12 Sala de Estar
- 13 Sala de Jantar
- 14 Terraço

Ed. Santa Amália

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.64, jul.1943



APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02

APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 84,96 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

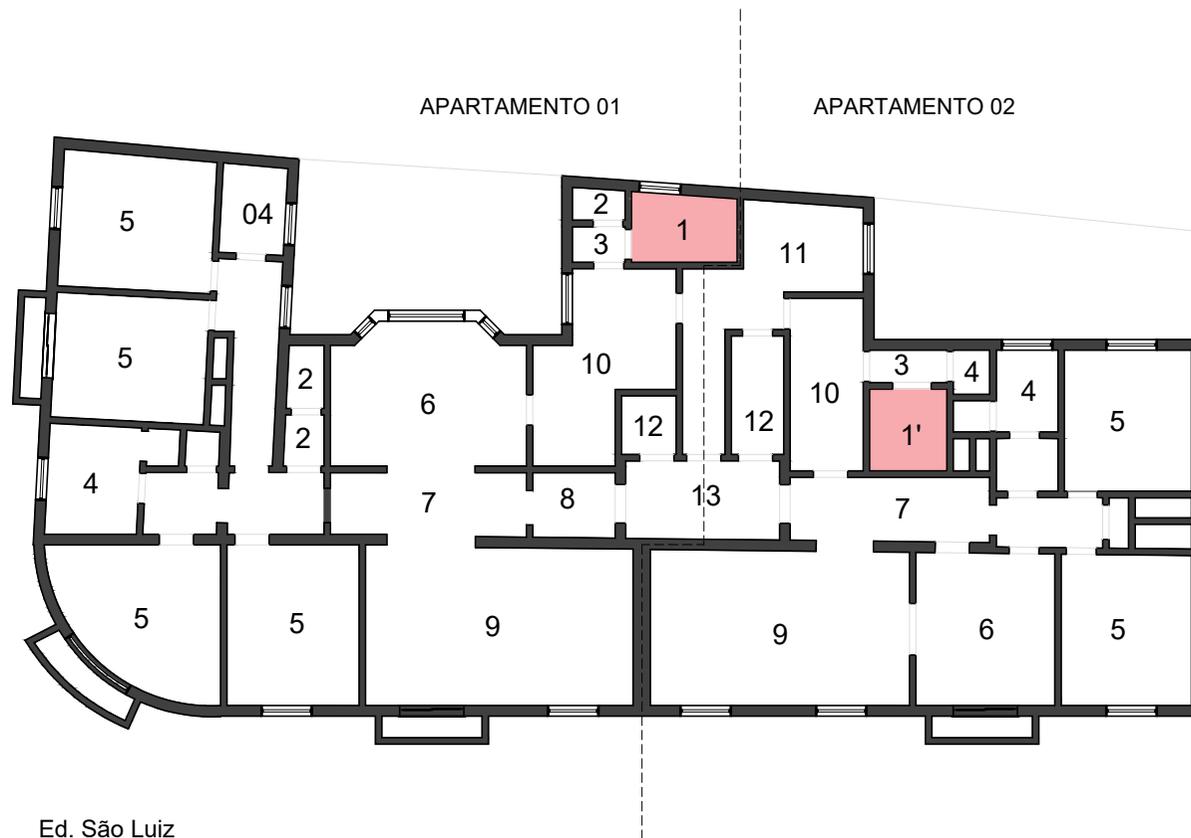
Área Útil Total = 101,07 m<sup>2</sup>

- 1 Criado = 8,71 m<sup>2</sup>
- 1' Criado = 9,08 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Dormitório
- 4 Balcão
- 5 Terraço
- 6 Banho WC
- 7 Hall
- 8 Cozinha
- 9 Sala
- 10 Balcão

Circulação Geral = 16,80 m<sup>2</sup>

- 11 Corredor/Escadas
- 12 Elevador

Prédio Adolfo Finn  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.80, dez.1944



Ed. São Luiz  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.81-82, jan-fev.1945

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 141,40 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 85,87 m<sup>2</sup>

- 1 Empregada = 4,94 m<sup>2</sup>
- 1' Empregada = 4,41 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Serviço
- 4 Banheiro
- 5 Dormitório
- 6 Sala de Jantar
- 7 Circulação
- 8 Hall de entrada
- 9 Sala de Estar
- 10 Cozinha

Circulação Geral = 23,71 m<sup>2</sup>

- 11 Corredor/Escadas
- 12 Elevadores
- 13 Hall



Área Útil Total = 299,47 m<sup>2</sup>

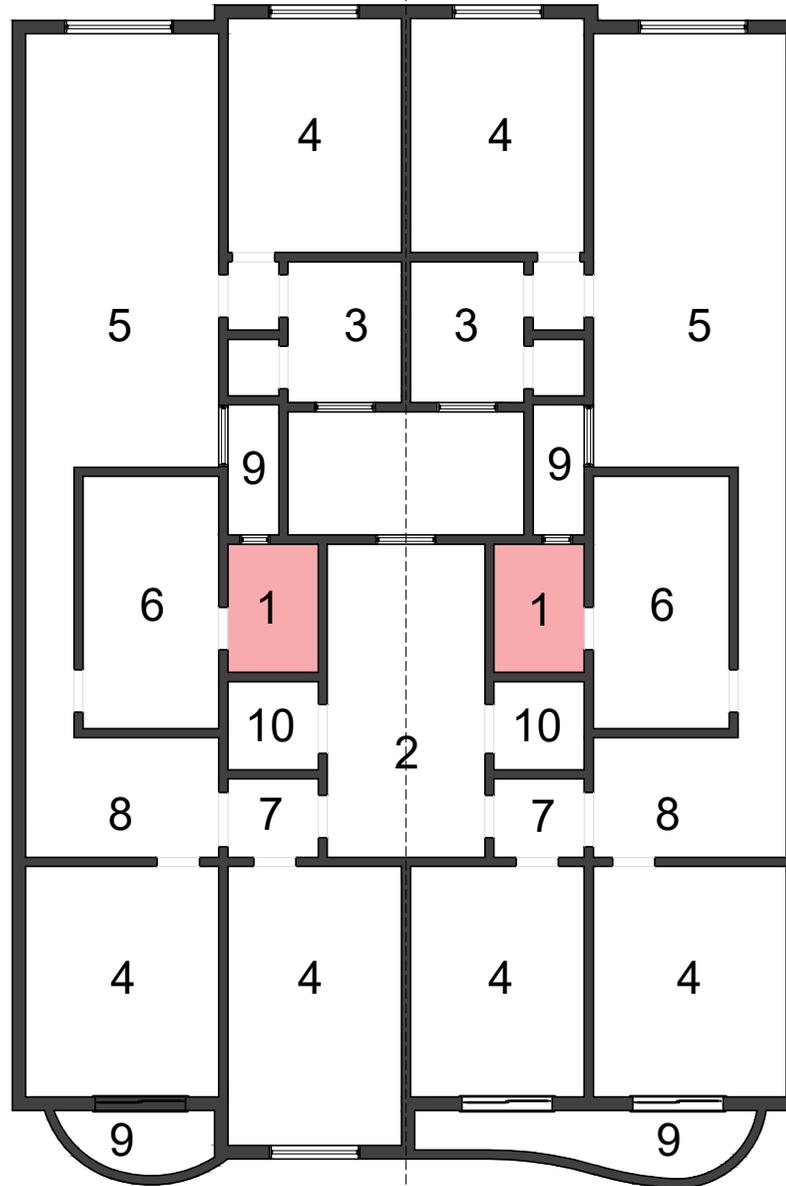
1	Quarto Empregados = 10,37 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Passagem
4	Dormitório
5	Banheiro
6	Vestuário
7	Malas
8	Hall Escadas
9	Vestuário
10	Costura
11	Rouparia
12	Elevadores
13	Hall Escadas

Ed. São Luiz  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.81-82, jan-fev.1945

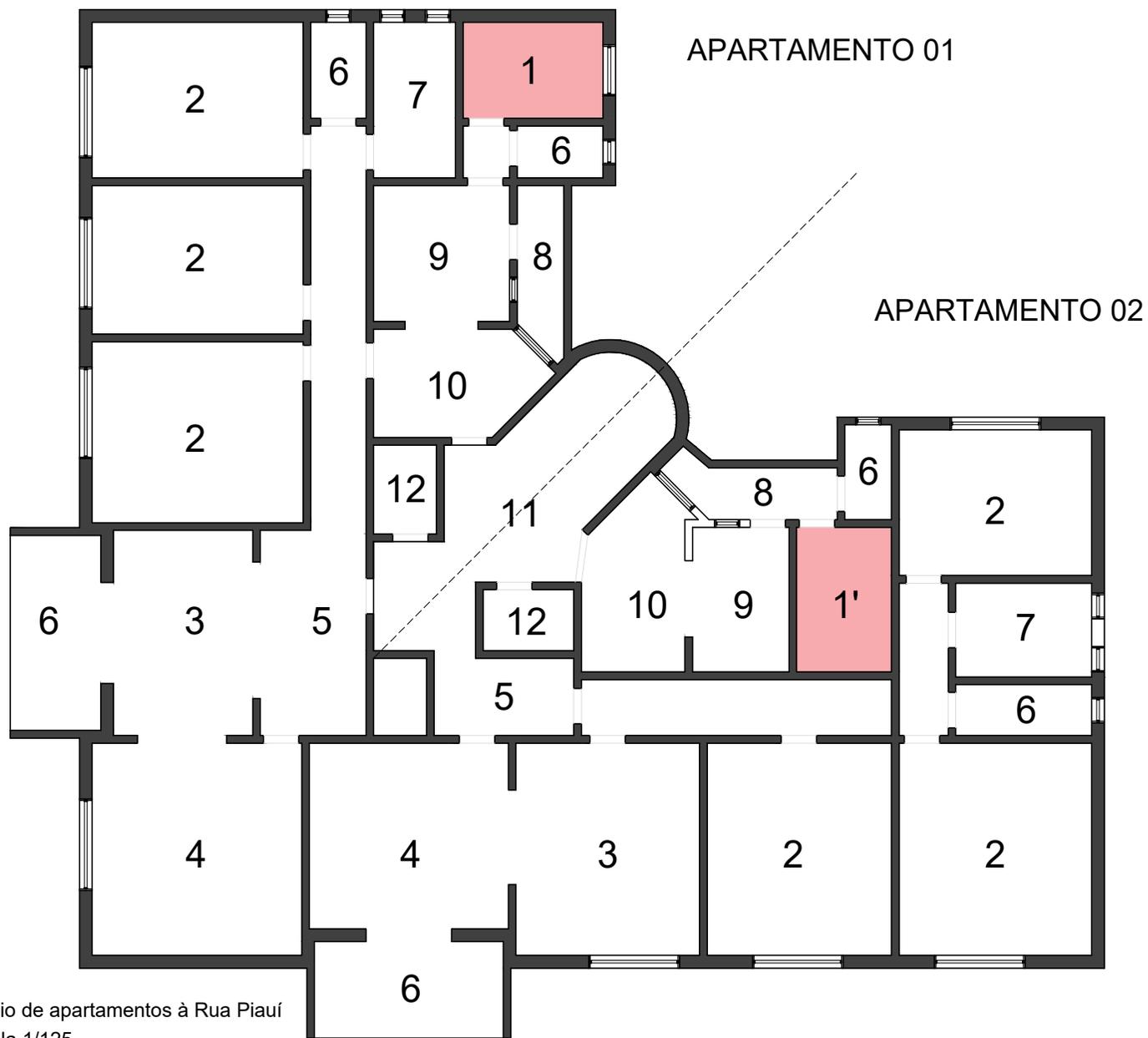
APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02



Área Útil Total = 215,54 m <sup>2</sup> Cada apartamento*
1 Quarto Criada = 3,17 m <sup>2</sup>
2 Hall
3 WC e Banheiros
4 Dormitório
5 Sala
6 Cozinha
7 Hall Entrada
8 Vestíbulo
9 Terraço
10 Elevadores

Prédio de apartamentos para o Snr. Raul Jacob Cury  
escala 1/125  
Fonte: Acrópole, n.101, set.1946



APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02

APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 126,46 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 121,25 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 5,25 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 5,37 m<sup>2</sup>
- 2 Quarto
- 3 Sala de Jantar
- 4 Sala de Estar
- 5 Vestíbulo
- 6 WC
- 7 Banheiro
- 8 Terraço
- 9 Cozinha
- 10 Copa
- 11 Hall Escadas
- 12 Elevadores

Prédio de apartamentos à Rua Piauí  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.105, jan.1947



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 220,21 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 243,48 m<sup>2</sup>

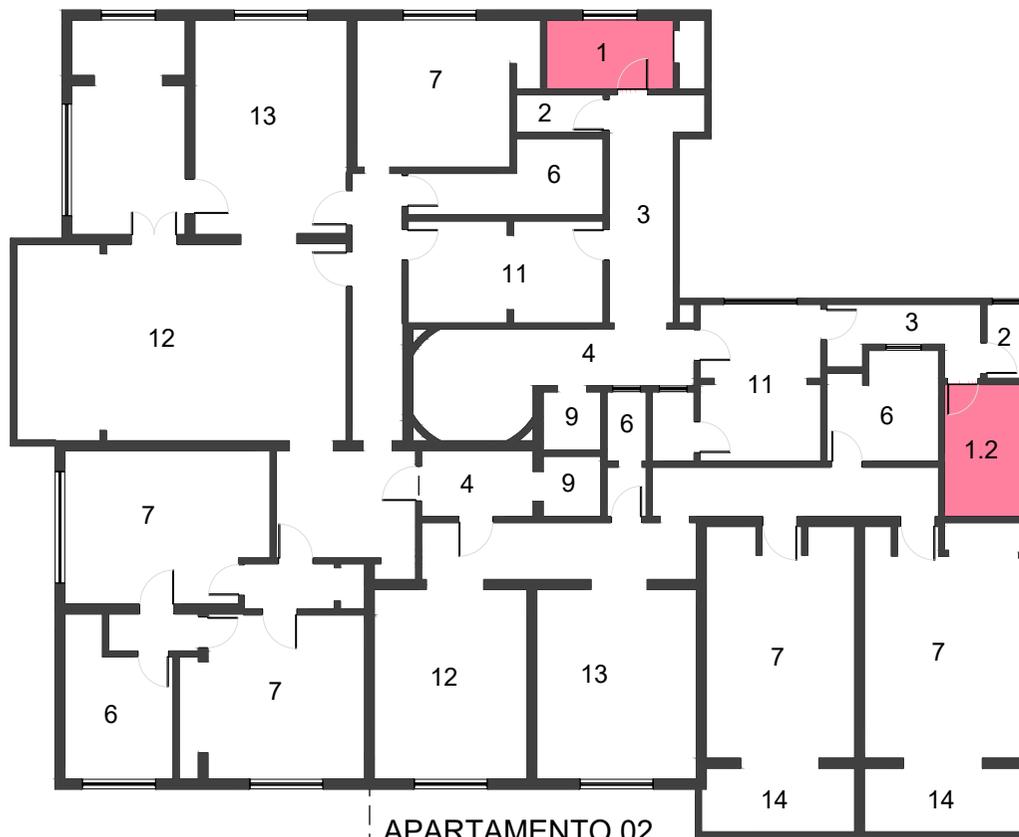
- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 5,20 m <sup>2</sup> |
| 1' | Quarto Empregada = 5,20 m <sup>2</sup> |
| 2  | Quarto                                 |
| 3  | Sala de Jantar                         |
| 4  | Sala de Estar                          |
| 5  | Vestíbulo                              |
| 6  | WC                                     |
| 7  | Banheiro                               |
| 8  | Terraço                                |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Elevadores                             |
| 12 | Hall Escadas                           |

Ed. São Carlos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.105, jan.1947

### APARTAMENTO 01



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 224,22 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 170,33 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregados = 6,10 m<sup>2</sup>
- 1.2 Quarto Empregados = 7,53 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Despensa
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Circulação
- 9 Elevador
- 10 Lavanderia
- 11 Cozinha
- 12 Sala de Estar
- 13 Sala de Jantar
- 14 Terraço

Edifício Hygienopolis - aptos 1 e 2  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.107, mar.1947



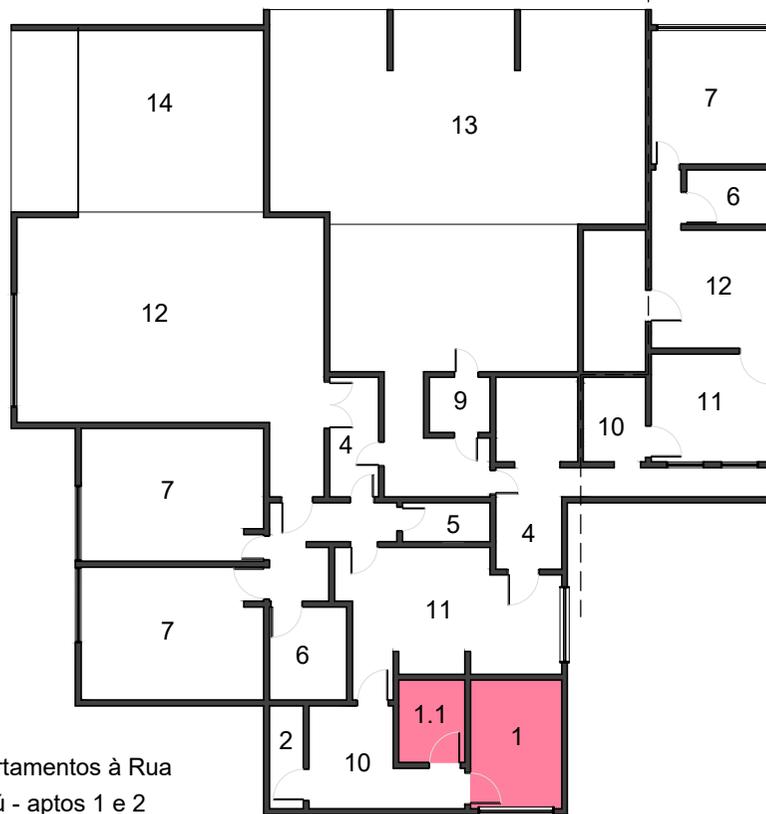
APARTAMENTO 03  
 Área Útil Total = 210,91 m<sup>2</sup>  
 APARTAMENTO 04  
 Área Útil Total = 199,44 m<sup>2</sup>

- 1.3 Quarto Empregados = 8,74 m<sup>2</sup>
- 1.4 Quarto Empregados = 8,89 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Despensa
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Circulação
- 9 Elevador
- 10 Lavanderia
- 11 Cozinha
- 12 Sala de Estar
- 13 Sala de Jantar
- 14 Terraço

Edifício Hygienopolis - aptos 3 e 4  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.107, mar.1947

APARTAMENTO 01

AP. 02



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 258,50 m<sup>2</sup>

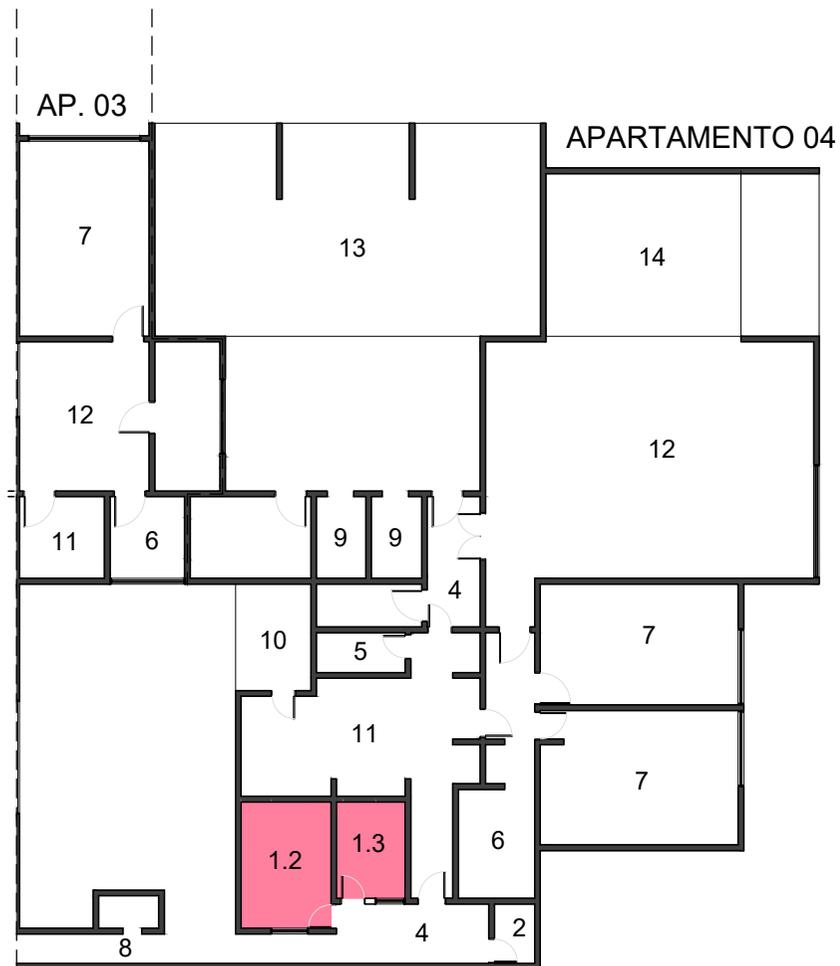
APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 41,88 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 8,19 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 3,80 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Despensa
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Circulação
9	Elevador
10	Lavanderia
11	Cozinha
12	Sala de Estar
13	Vestíbulo
14	Terraço

Prédio de apartamentos à Rua  
Marquês de Itú - aptos 1 e 2  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.114 out.1947



APARTAMENTO 03

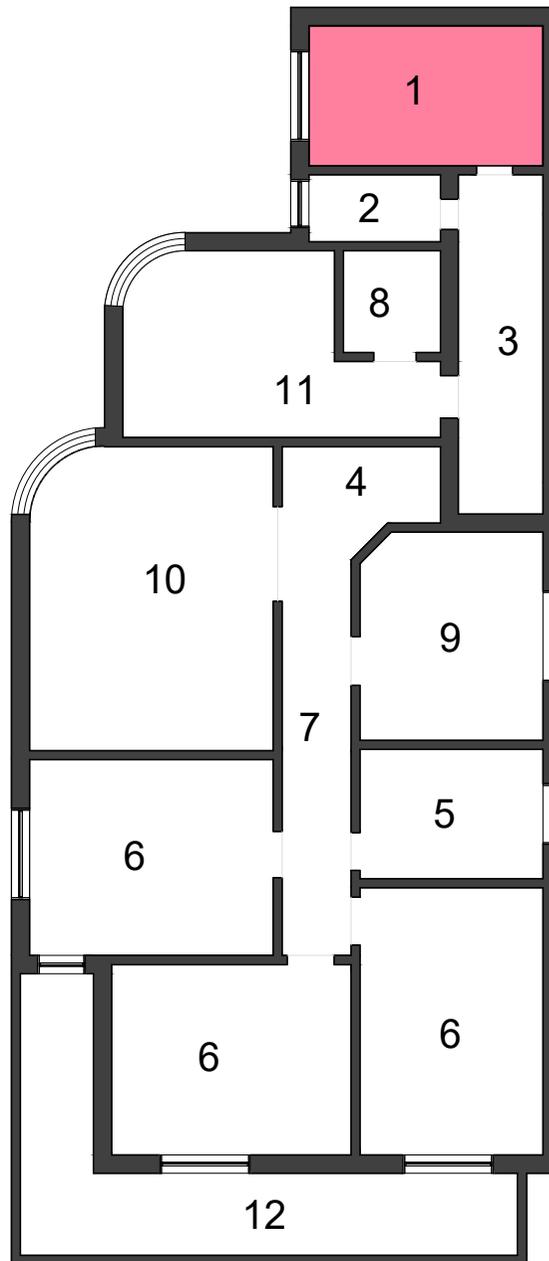
Área Útil Total = 46,95 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 270,23 m<sup>2</sup>

- 1.2 Quarto Empregados = 7,90 m<sup>2</sup>
- 1.3 Quarto Empregados = 4,60 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Despensa
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Circulação
- 9 Elevador
- 10 Lavanderia
- 11 Cozinha
- 12 Sala de Estar
- 13 Vestíbulo
- 14 Terraço

Prédio de apartamentos à Rua  
 Marquês de Itú - aptos 3 e 4  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.114 out.1947



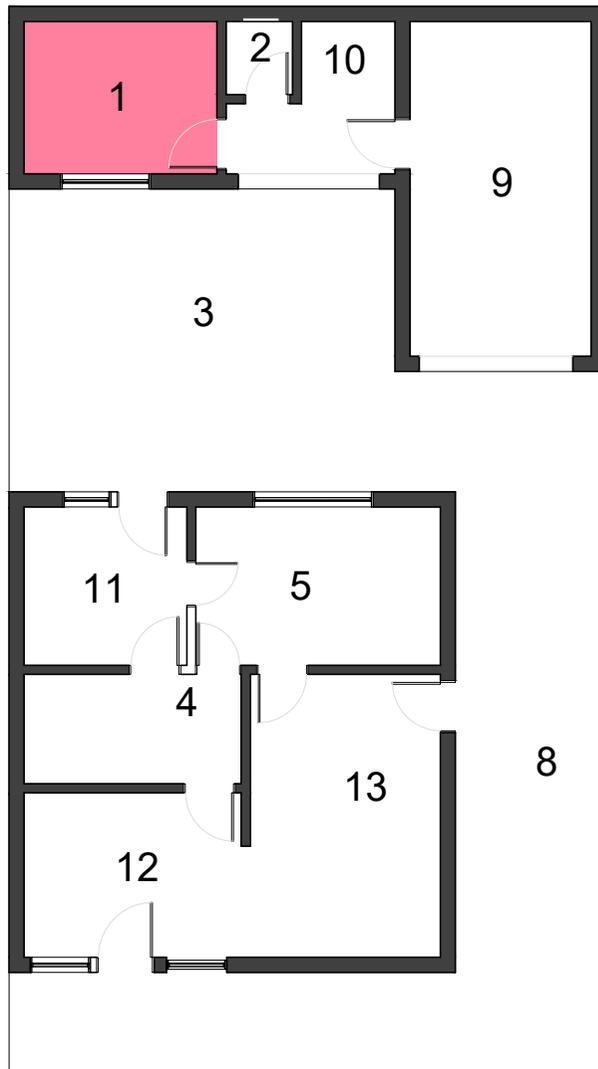
Área Útil Total = 137,61 m<sup>2</sup>

- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregados = 8,92 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Banheiro                                |
| 6  | Dormitório                              |
| 7  | Circulação                              |
| 8  | Elevador                                |
| 9  | Cozinha                                 |
| 10 | Sala de Estar                           |
| 11 | Vestíbulo                               |
| 12 | Terraço                                 |

Palacete Suzanne

escala 1/125

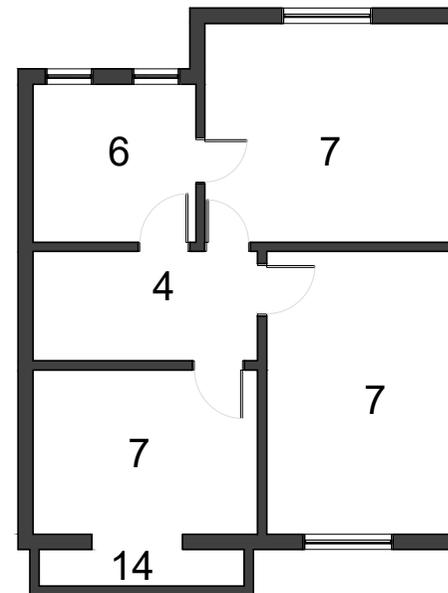
Fonte: Acrópole, n.116 dez.1947



TÉRREO

Ed. Hecilda  
 escala 1/125

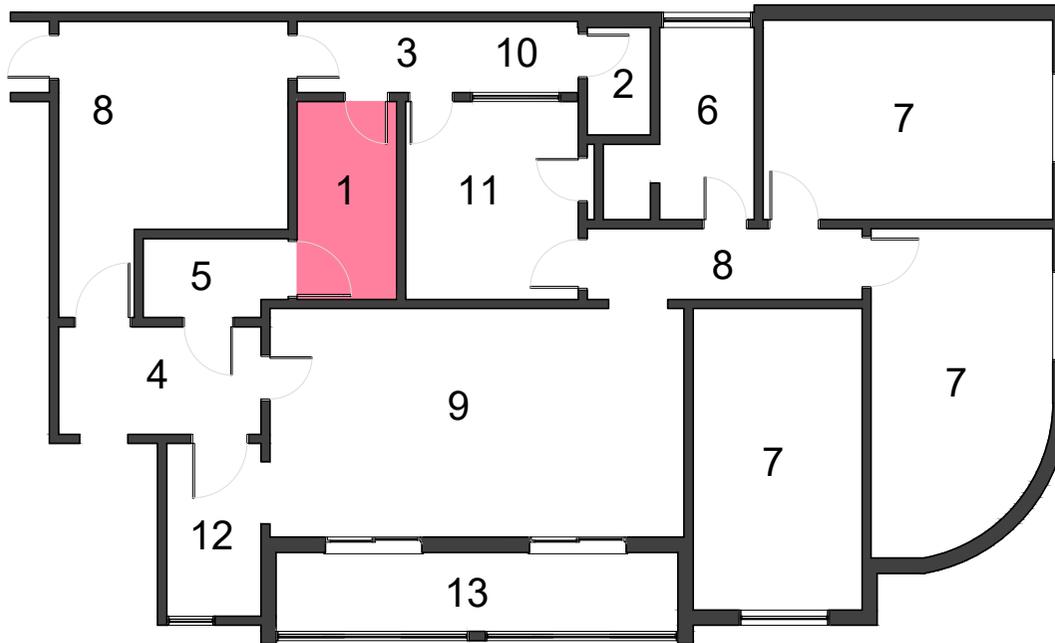
Fonte: Acrópole, n.120 abr.1948



SUPERIOR

Área Útil Total = 232,21 m<sup>2</sup>

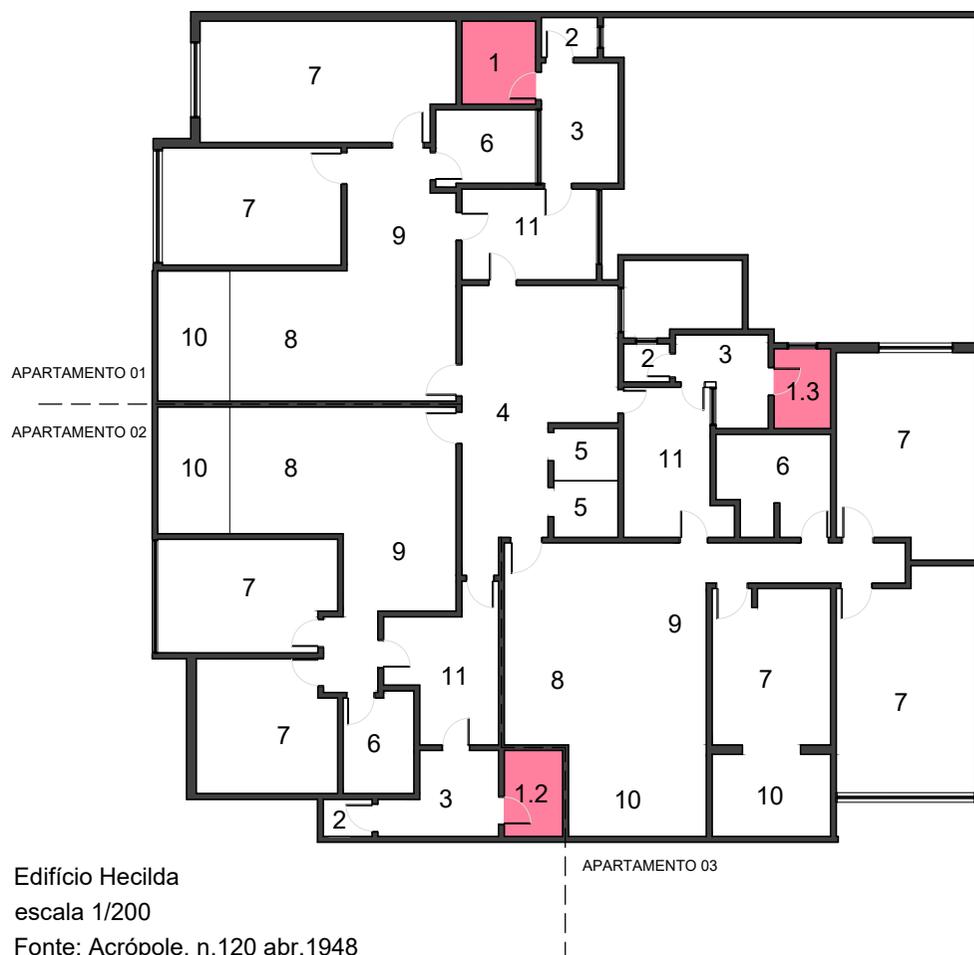
- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregados = 8,00 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Copa                                    |
| 6  | Banheiro                                |
| 7  | Dormitório                              |
| 8  | Área Livre                              |
| 9  | Garagem                                 |
| 10 | Lavanderia                              |
| 11 | Cozinha                                 |
| 12 | Sala de Estar                           |
| 13 | Sala de Jantar                          |
| 14 | Balcão                                  |



Área Útil Total = 135,21 m<sup>2</sup>

- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregados = 5,36 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Elevador                                |
| 6  | Banheiro                                |
| 7  | Dormitório                              |
| 8  | Circulação                              |
| 9  | Sala                                    |
| 10 | Lavanderia                              |
| 11 | Cozinha                                 |
| 12 | Vestíbulo                               |
| 13 | Terraço                                 |

Edifício Paulista  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.122 jun.1948



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 97,24 m<sup>2</sup>

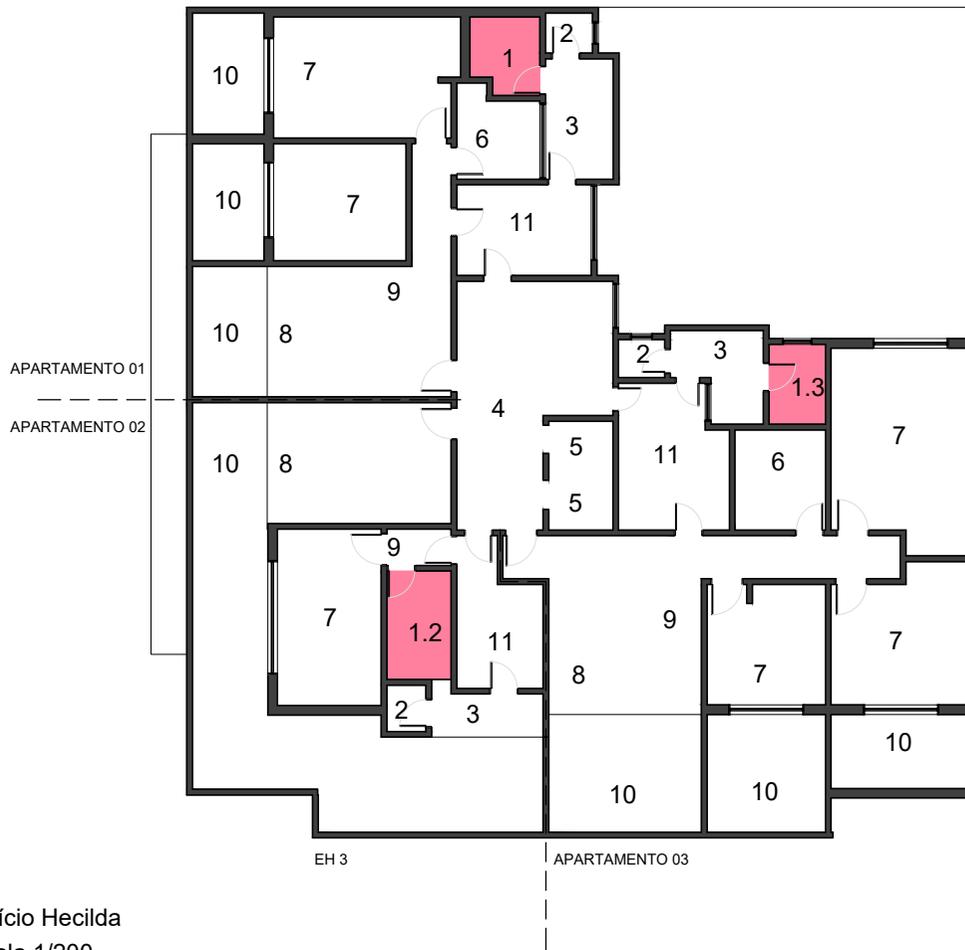
APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 87,40 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 129,29 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 4,28 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 3,50 m <sup>2</sup>
1.2	Quarto Empregados = 3,15 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Elevador
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Terraço
11	Cozinha



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 88,94 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 86,73 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 124,49 m<sup>2</sup>

- |     |   |
|-----|---|
| 1   | Quarto Empregados = 4,28 m <sup>2</sup> |
|     | Quarto Empregados = 4,85 m <sup>2</sup> |
| 1.2 | Quarto Empregados = 3,15 m <sup>2</sup> |
| 2   | WC Serviço                              |
| 3   | Terraço serviço                         |
| 4   | Hall                                    |
| 5   | Elevador                                |
| 6   | Banheiro                                |
| 7   | Dormitório                              |
| 8   | Sala de Estar                           |
| 9   | Sala de Jantar                          |
| 10  | Terraço                                 |
| 11  | Cozinha                                 |

Edifício Hecilda  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.120 abr.1948



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 69,01 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

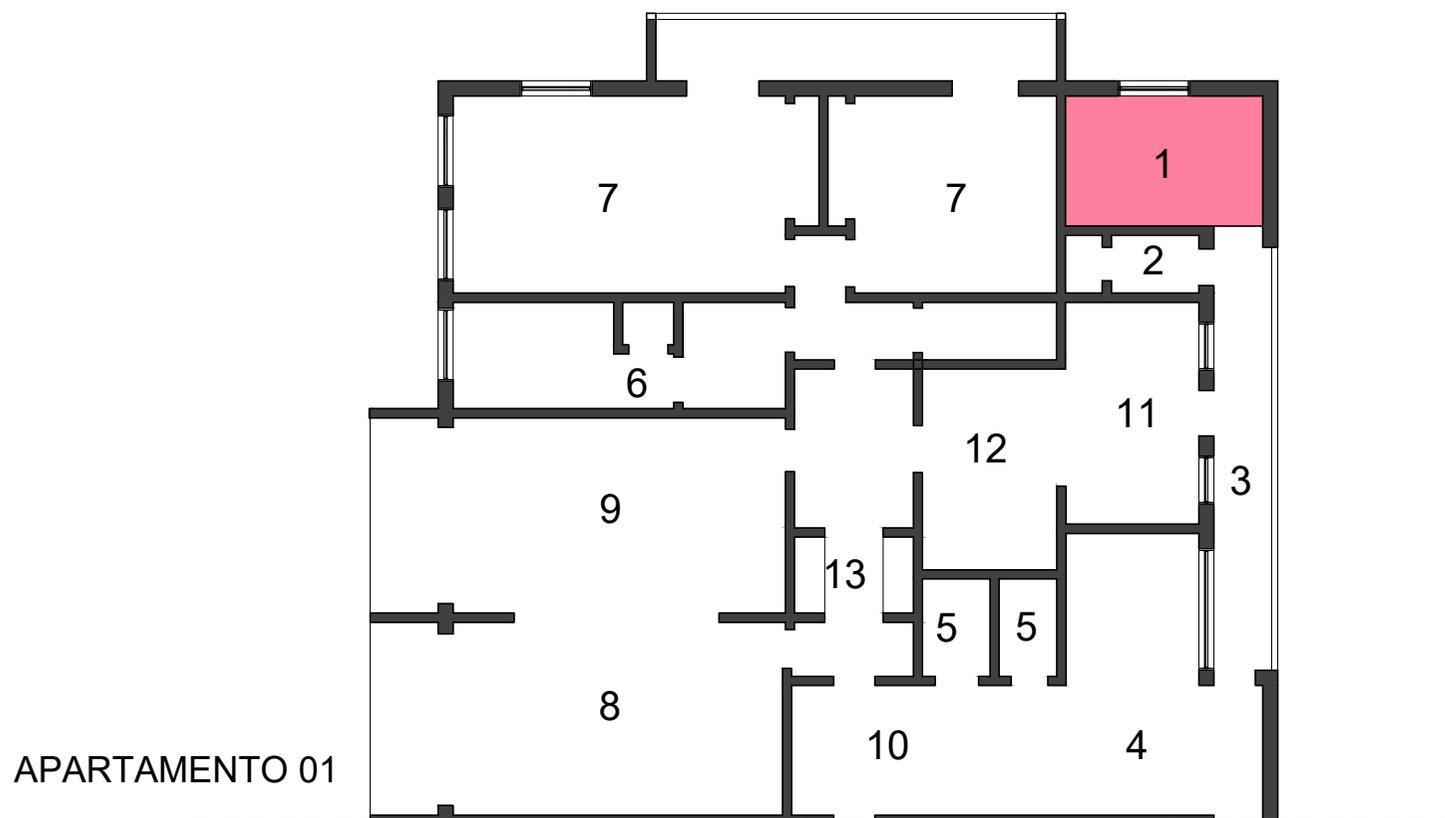
Área Útil Total = 81,14 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 2,55 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 3,02 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Elevador
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Terraço
11	Cozinha

Edifício Hecilda

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.120 abr.1948



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 138,57 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 159,82 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregados = 7,00 m<sup>2</sup>
- 1.1 Quarto Empregados = 8,10 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall de Serviço
- 5 Elevador
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Living
- 9 Sala de Jantar
- 10 Hall
- 11 Cozinha
- 12 Copa
- 13 Vestíbulo
- 14 Balcão

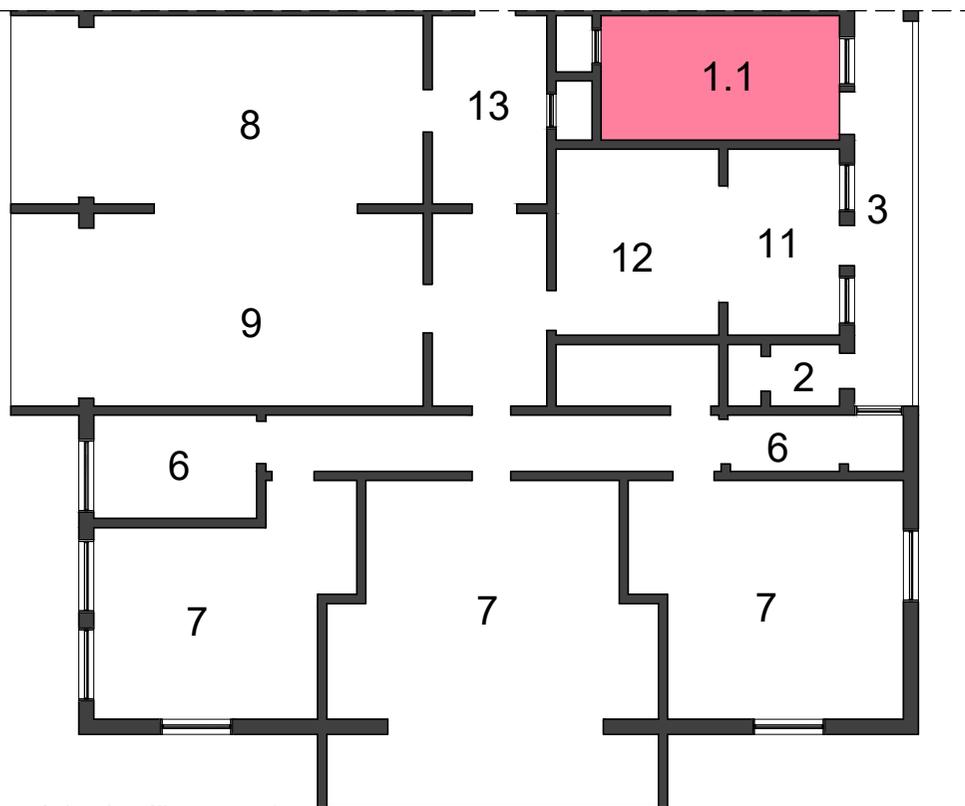
APARTAMENTO 01

Prédio de apartamentos à Av. Angélica - apto 1

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.124 ago.1948

APARTAMENTO 02



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 138,57 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

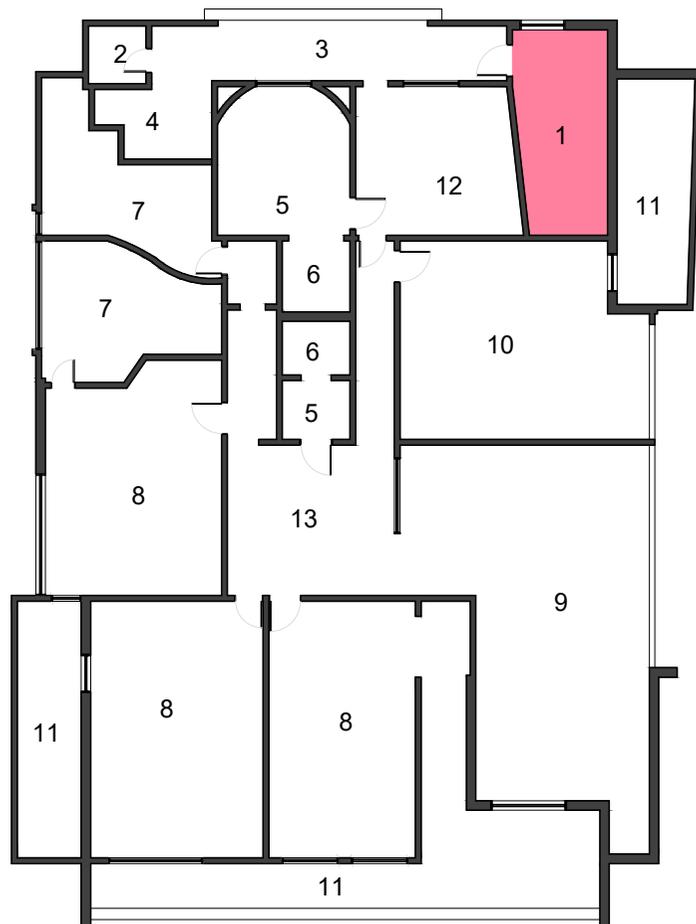
Área Útil Total = 159,82 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregados = 7,00 m<sup>2</sup>
- 1.1 Quarto Empregados = 8,10 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall de Serviço
- 5 Elevador
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Living
- 9 Sala de Jantar
- 10 Hall
- 11 Cozinha
- 12 Copa
- 13 Vestíbulo
- 14 Balcão

Prédio de apartamentos à Av. Angélica - apto 2

escala 1/125

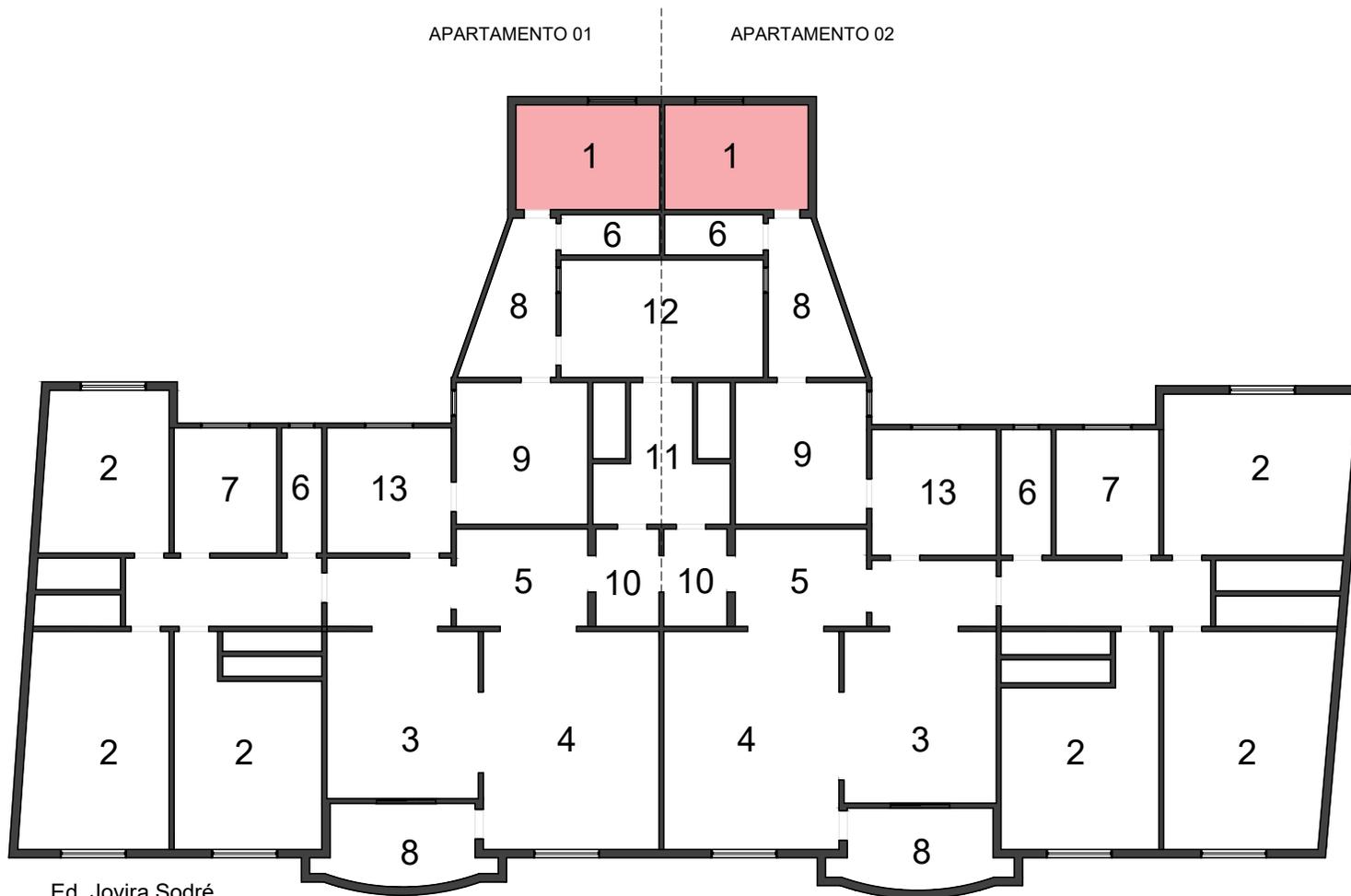
Fonte: Acrópole, n.124 ago.1948



Área Útil Total = 357,78 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 12,77 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Lavanderia
5	Hall
6	Elevador
7	Banheiro
8	Dormitório
9	Living
10	Sala de Jantar
11	Terraço
12	Cozinha
13	Vestíbulo

Ed. Pilotis  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.126 out.1948



APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 254,64 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 273,70 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 12,41 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 12,41 m<sup>2</sup>
- 2 Dormitório
- 3 Sala de Jantar
- 4 Sala de Estar
- 5 Vestíbulo
- 6 WC
- 7 Banheiro
- 8 Terraço
- 9 Cozinha
- 10 Hall
- 11 Elevadores
- 12 Hall Escadas
- 13 Copa

Ed. Jovira Sodré

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.137, set.1949



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 131,19 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 134,15 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregados = 10,12 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                               |
| 3  | Terraço serviço                          |
| 4  | Hall                                     |
| 5  | Banheiro                                 |
| 6  | Dormitório                               |
| 7  | Elevador                                 |
| 8  | Hall Escadas                             |
| 9  | Cozinha                                  |
| 10 | Sala de Estar                            |
| 11 | Sala de Jantar                           |
| 12 | Terraço                                  |

Prédio de apartamentos à Praça Santos Dumont

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.138, out.1949



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 94,71 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 92,04 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 98,26 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 102,09 m<sup>2</sup>

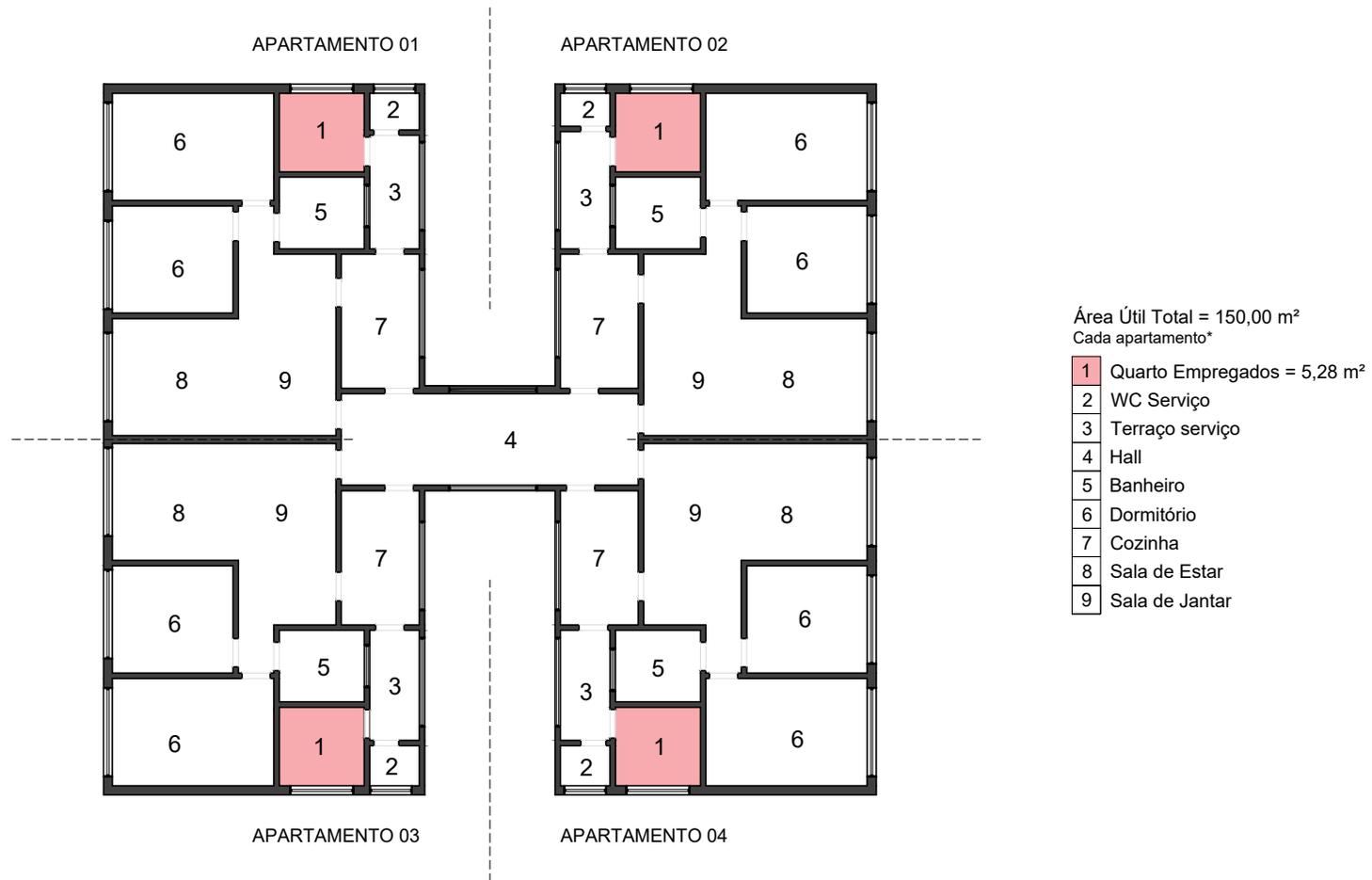
### APARTAMENTO 05

Área Útil Total = 96,01 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 10,25 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregados = 9,03 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregados = 10,63 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall Escadas
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Depósito
9	Sala
10	Terraço
11	
12	

APE 01  
APE 02  
APE 03  
APE 04  
APE 05

Grupo de apartamentos Jardim Ana Rosa  
escala 1/200  
Fonte: Acrópole, n.158, jun.1951



Grupo de apartamentos Jardim Ana Rosa  
escala 1/200  
Fonte: Acrópole, n.158, jun.1951



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 92,80 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 126,22 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

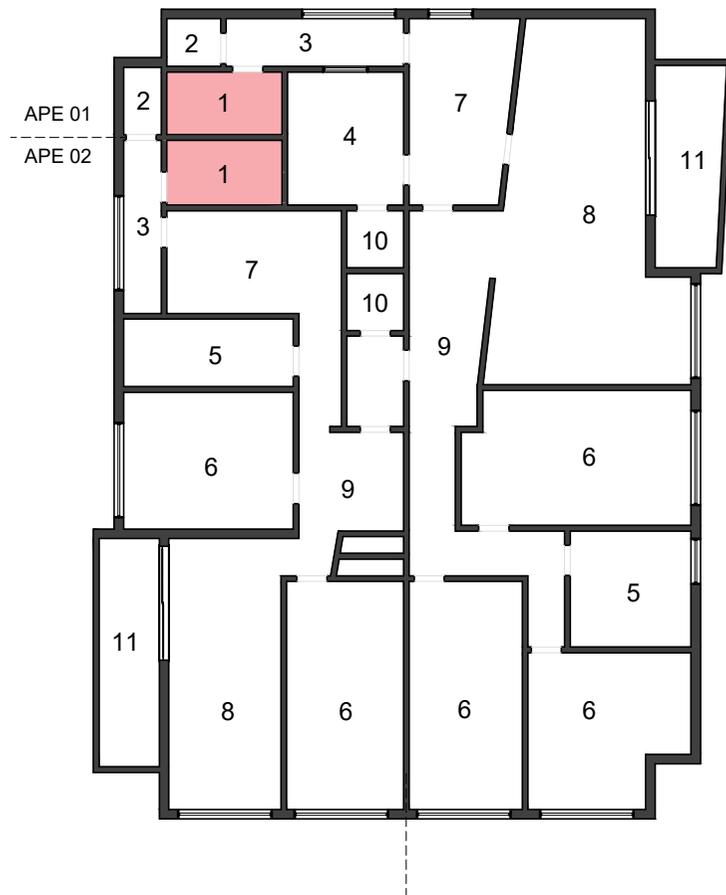
Área Útil Total = 108,50 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 87,90 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 5,89 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregados = 5,77 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregados = 4,52 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregados = 5,33 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Sala

Prédio de apartamentos à Rua Teodoro Sampaio  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.159, jul.1951



## APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 161,12 m<sup>2</sup>

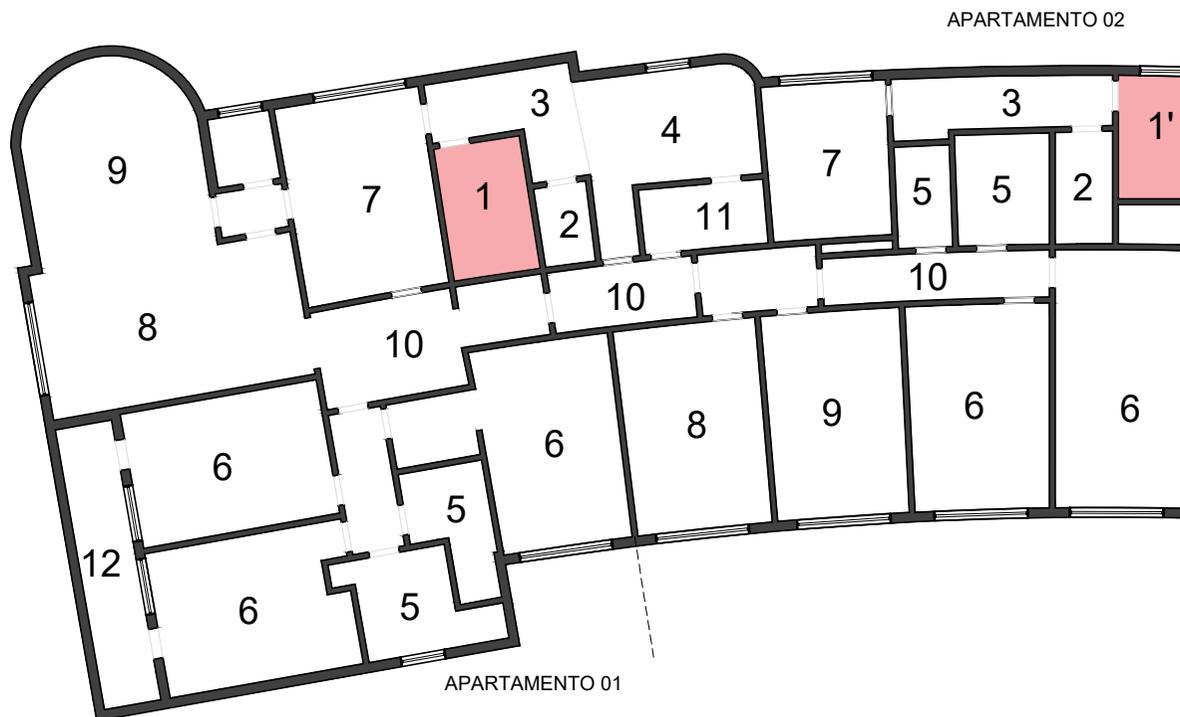
## APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 111,24 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 5,18 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall Escadas
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Sala
9	Hall
10	Elevadores
11	Terraço

Ed. Pilotis  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.160, ago.1951



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 201,30 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 141,50 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,10 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,35 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 7,10 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall Escadas
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Hall
11	Elevadores
12	Terraço

Ed. Paqueta - aptos 01 e 02  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.170, jun.1952



**APARTAMENTO 03**

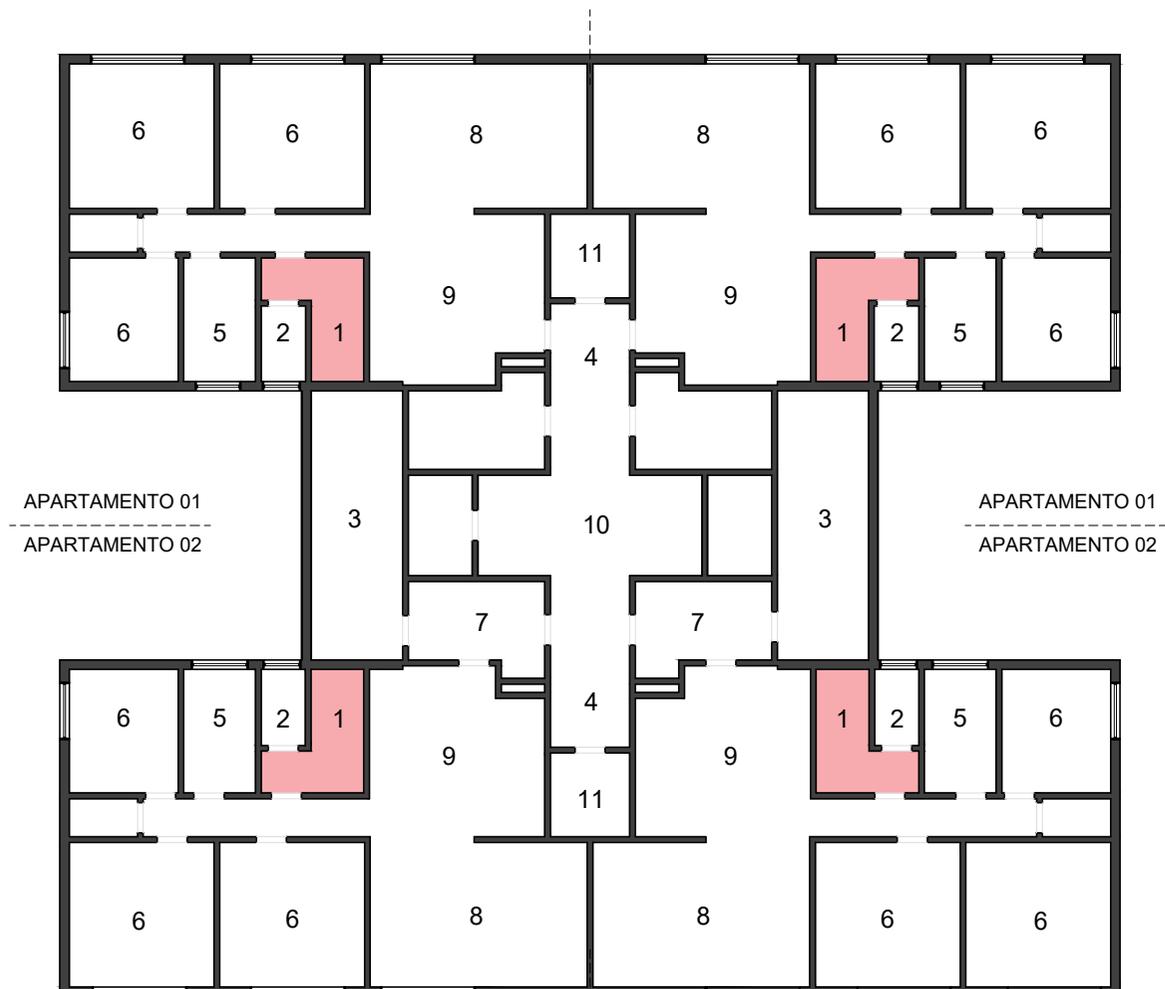
Área Útil Total = 141,90 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 04**

Área Útil Total = 130,20 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,10 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,35 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 7,10 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall Escadas
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Hall
11	Elevadores
12	Terraço

Ed. Paqueta - aptos 03 e 04  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.170, jun.1952

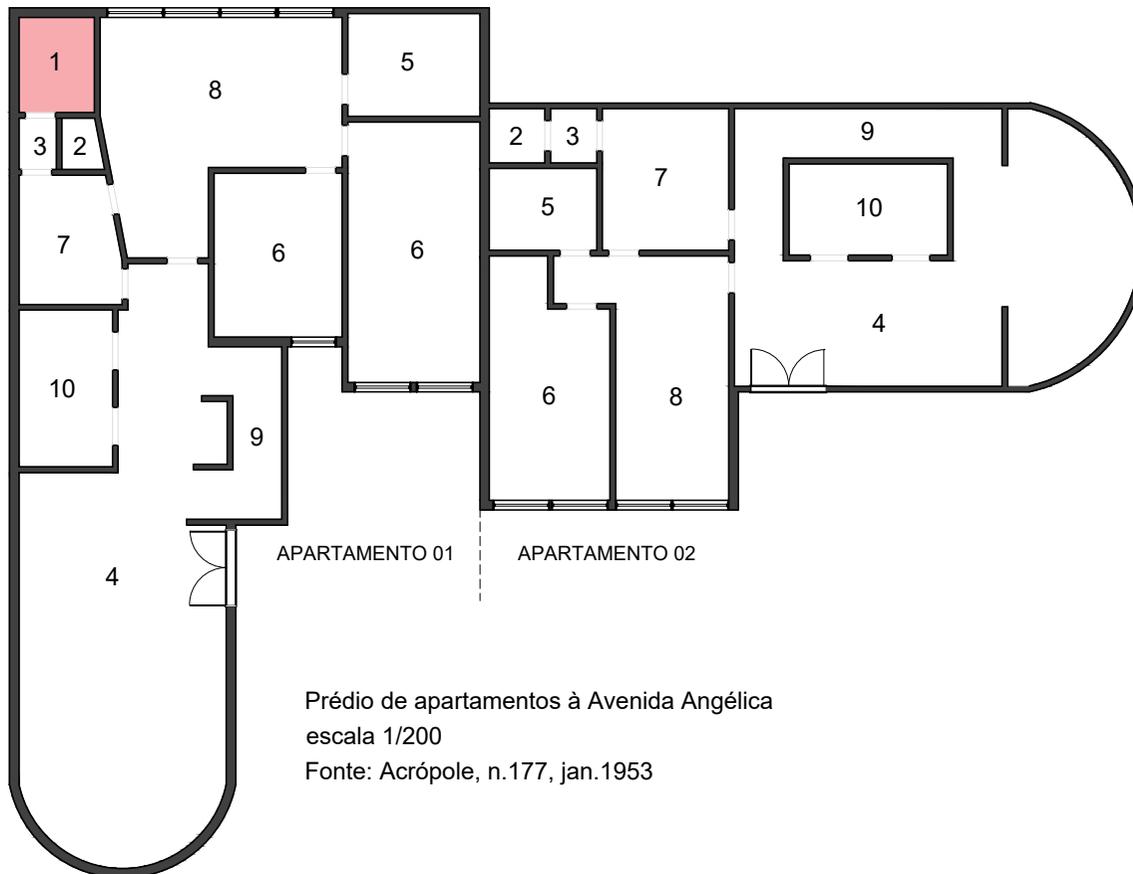


Área Útil Total = 109,00 m<sup>2</sup>  
Cada apartamento\*

- 1 Quarto Empregados = 6,00 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Cozinha
- 8 Sala de Estar
- 9 Sala de Jantar
- 10 Hall Escadas
- 11 Elevadores

Prédio de apartamentos Seguradora Brasileira  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.176, dez.1952



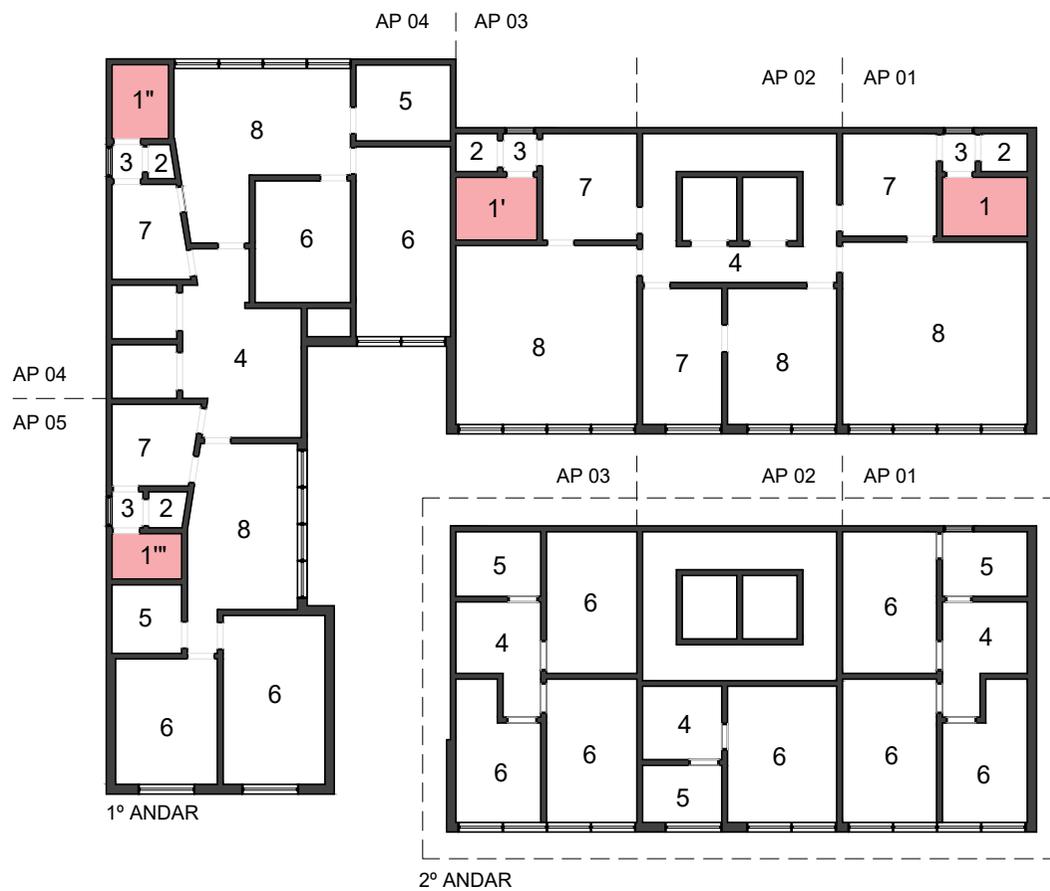
## APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 105,70 m<sup>2</sup>

## APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 62,10 m<sup>2</sup>

- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregados = 5,00 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Banheiro                                |
| 6  | Dormitório                              |
| 7  | Cozinha                                 |
| 8  | Sala                                    |
| 9  | Hall Escadas                            |
| 10 | Elevadores                              |



Prédio de apartamentos à Avenida Angélica  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.177, jan.1953

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 75,00 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 57,84 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 73,44 m<sup>2</sup>

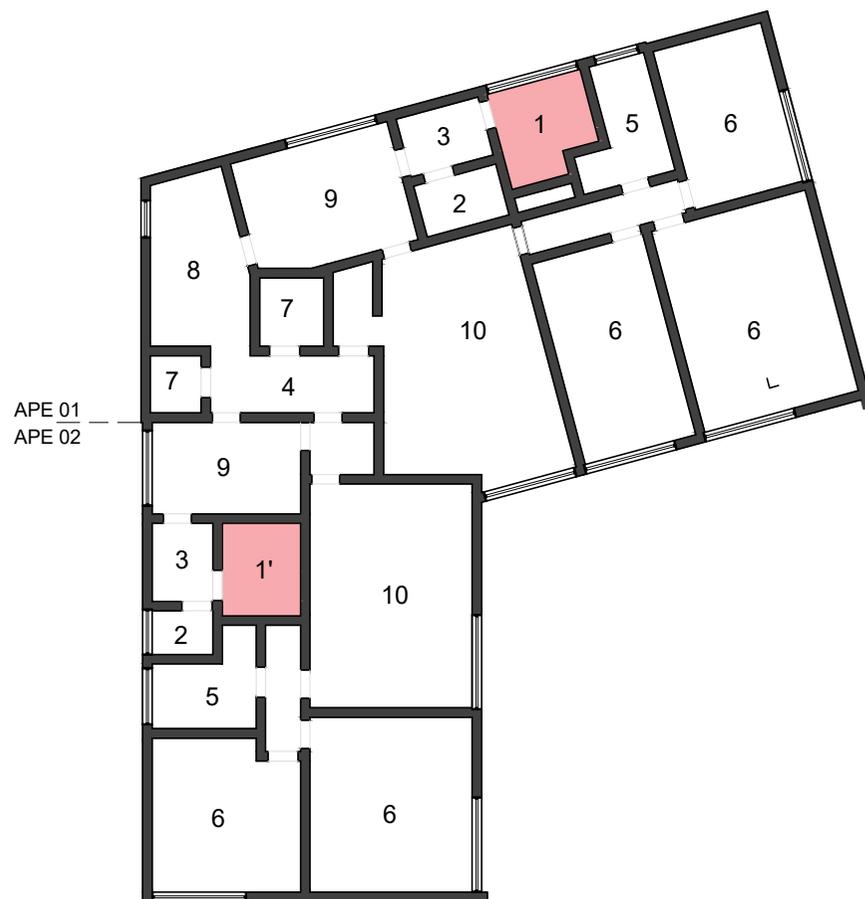
### APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 41,40 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 05

Área Útil Total = 49,45 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 3,50 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregados = 3,55 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregados = 2,95 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregados = 2,25 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Sala



### APARTAMENTO 01

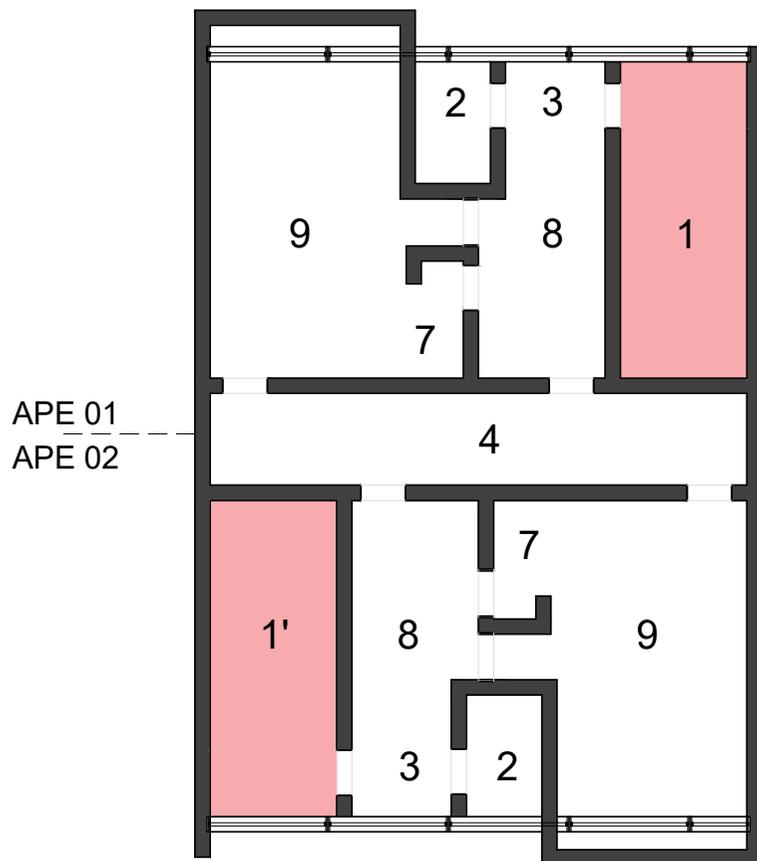
Área Útil Total = 130,36 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

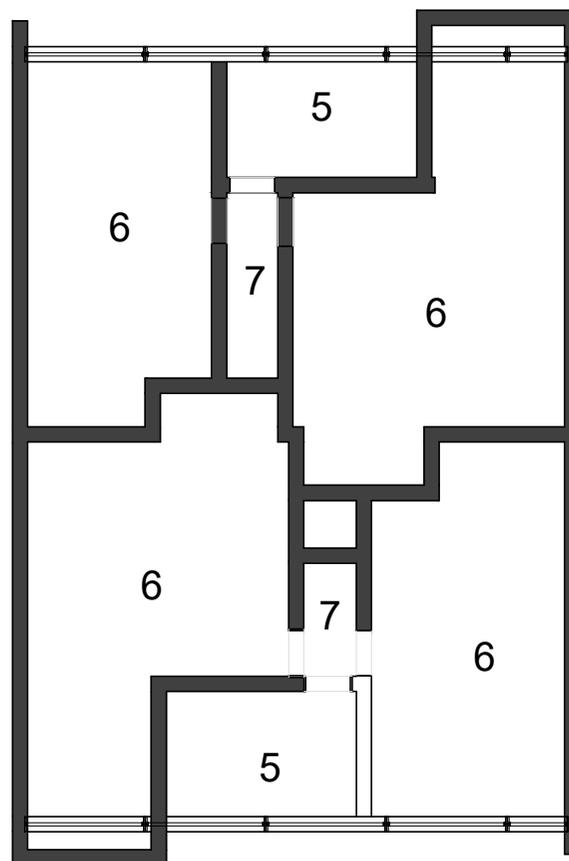
Área Útil Total = 100,63 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 5,96 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 5,05 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Prédio de apartamentos A.C.  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.182, jun.1953



1º pav.



2º pav.

APE 01  
APE 02

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 99,63 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 100,26 m<sup>2</sup>

- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregada = 10,92 m <sup>2</sup> |
| 1' | Quarto Empregada = 10,92 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Banheiro                                |
| 6  | Dormitório                              |
| 7  | Hall Escadas                            |
| 8  | Cozinha                                 |
| 9  | Sala                                    |

Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa  
escala 1/125  
Fonte: Acrópole, n.182, jun.1953



**APARTAMENTO 01**

Área Útil Total = 95,21 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 02**

Área Útil Total = 102,74 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 03**

Área Útil Total = 106,23 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 04**

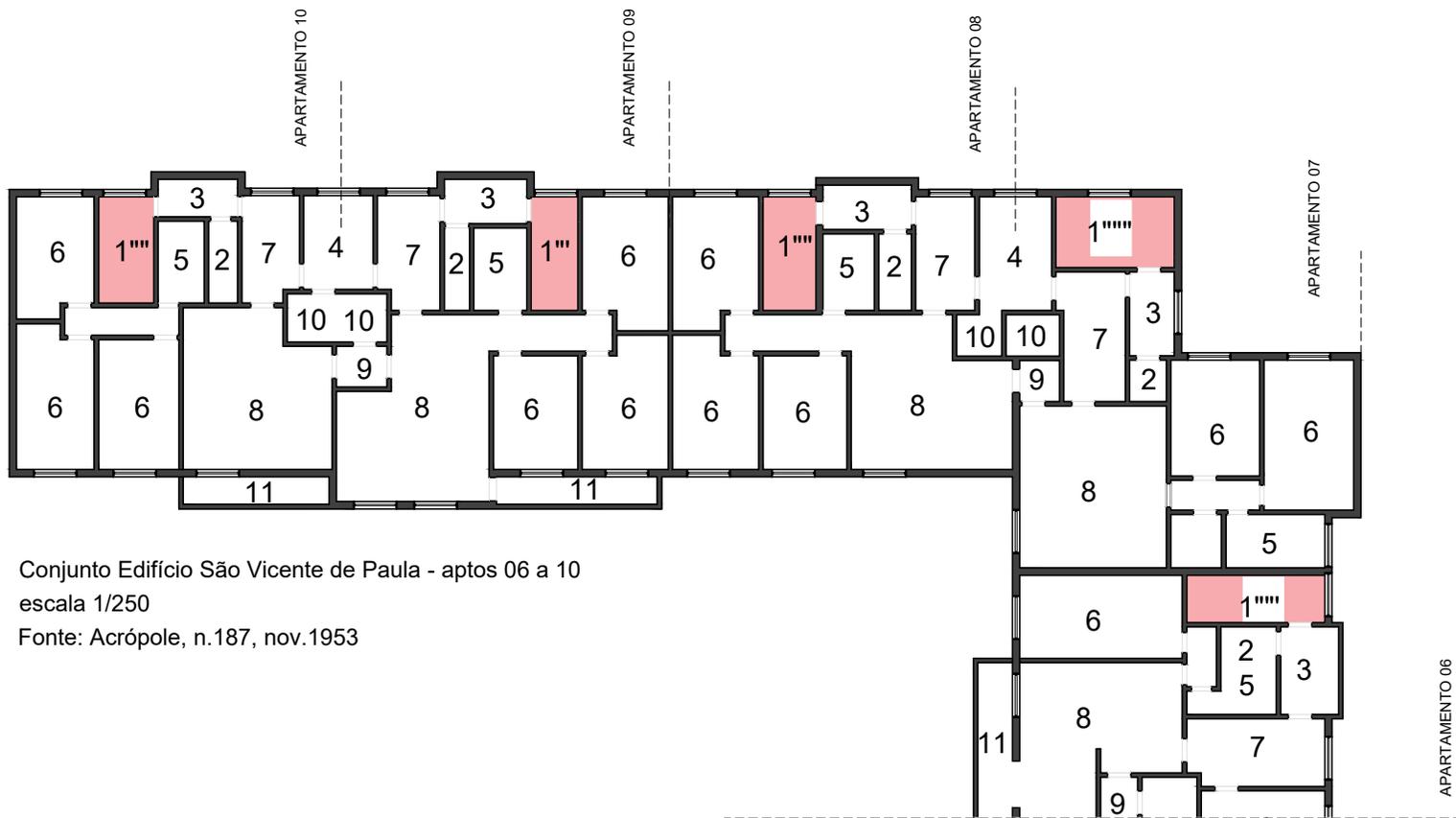
Área Útil Total = 95,60 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 05**

Área Útil Total = 100,30 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 5,80 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 6,20 m<sup>2</sup>
- 1'' Quarto Empregada = 6,50 m<sup>2</sup>
- 1''' Quarto Empregada = 6,30 m<sup>2</sup>
- 1'''' Quarto Empregada = 7,00 m<sup>2</sup>
- 1''''' Quarto Empregada = 7,80 m<sup>2</sup>
- 1'''''' Quarto Empregada = 9,95 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall Escadas
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Cozinha
- 8 Sala
- 9 Hall
- 10 Elevadores
- 11 Terraço

Conjunto Edifício São Vicente de Paula - aptos 01 a 05  
 escala 1/250  
 Fonte: Acrópole, n.187, nov.1953



Conjunto Edifício São Vicente de Paula - aptos 06 a 10  
 escala 1/250  
 Fonte: Acrópole, n.187, nov.1953

### APARTAMENTO 06

Área Útil Total = 82,00 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 07

Área Útil Total = 95,00 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 08

Área Útil Total = 96,10 m<sup>2</sup>

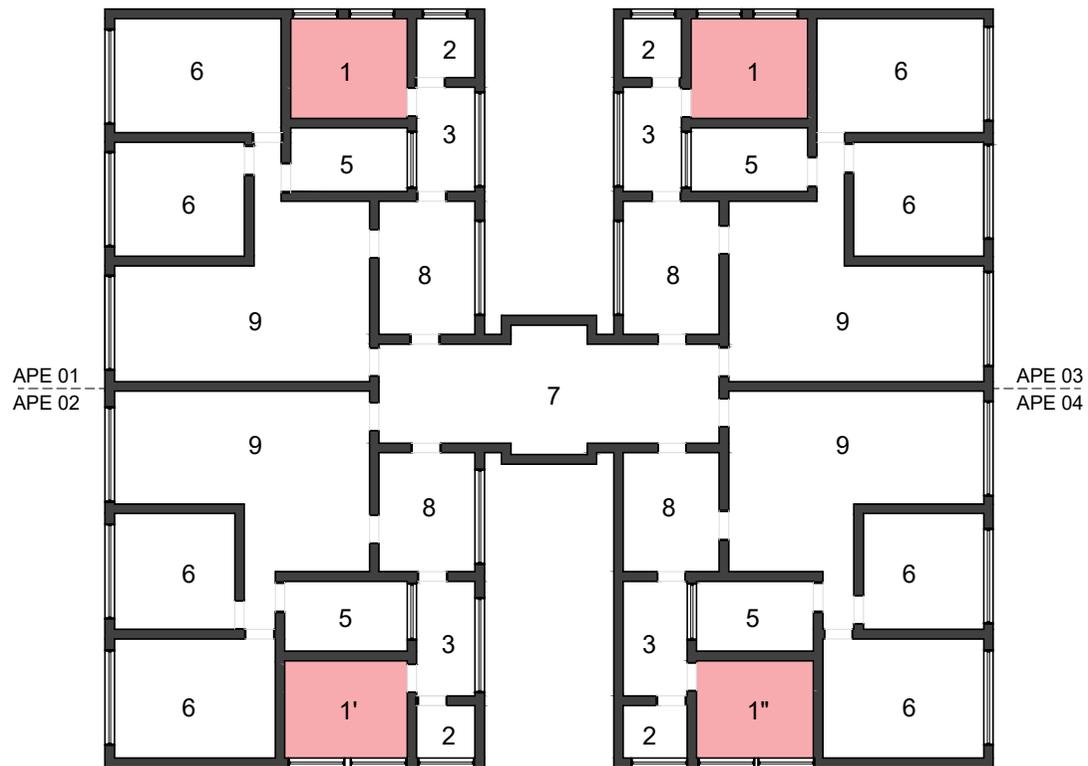
### APARTAMENTO 09

Área Útil Total = 103,00 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 10

Área Útil Total = 95,60 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 5,80 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,20 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 6,50 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregada = 6,30 m <sup>2</sup>
1''''	Quarto Empregada = 7,00 m <sup>2</sup>
1'''''	Quarto Empregada = 7,80 m <sup>2</sup>
1''''''	Quarto Empregada = 9,95 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall Escadas
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Cozinha
8	Sala
9	Hall
10	Elevadores
11	Terraço



## APARTAMENTOS

Área Útil Total = 79,50 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,11m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 8,32 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 7,94 m <sup>2</sup>
2	WC serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Hall Escadas
8	Cozinha
9	Sala

Conjunto Residencial no Largo Ana Rosa

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.188, dez.1953



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 108,59 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 105,36 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 108,26 m<sup>2</sup>

- |    |                                       |
|----|---------------------------------------|
| 1  | Quarto Empregada = 8,75m <sup>2</sup> |
| 2  | WC serviço                            |
| 3  | Terraço serviço                       |
| 4  | Hall                                  |
| 5  | Banheiro                              |
| 6  | Dormitório                            |
| 7  | Hall Escadas                          |
| 8  | Cozinha                               |
| 9  | Sala                                  |
| 10 | Elevador                              |

Edifício Inajá  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.193, out.1954



## APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 97,54 m<sup>2</sup>

## APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 91,34 m<sup>2</sup>

## APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 86,91 m<sup>2</sup>

## APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 87,88 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,32m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,15 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 5,63 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregada = 6,39 m <sup>2</sup>
2	WC serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Hall Escadas
8	Cozinha
9	Sala

Projeto para edifício de apartamentos  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.194, nov.1954



## APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 105,67 m<sup>2</sup>

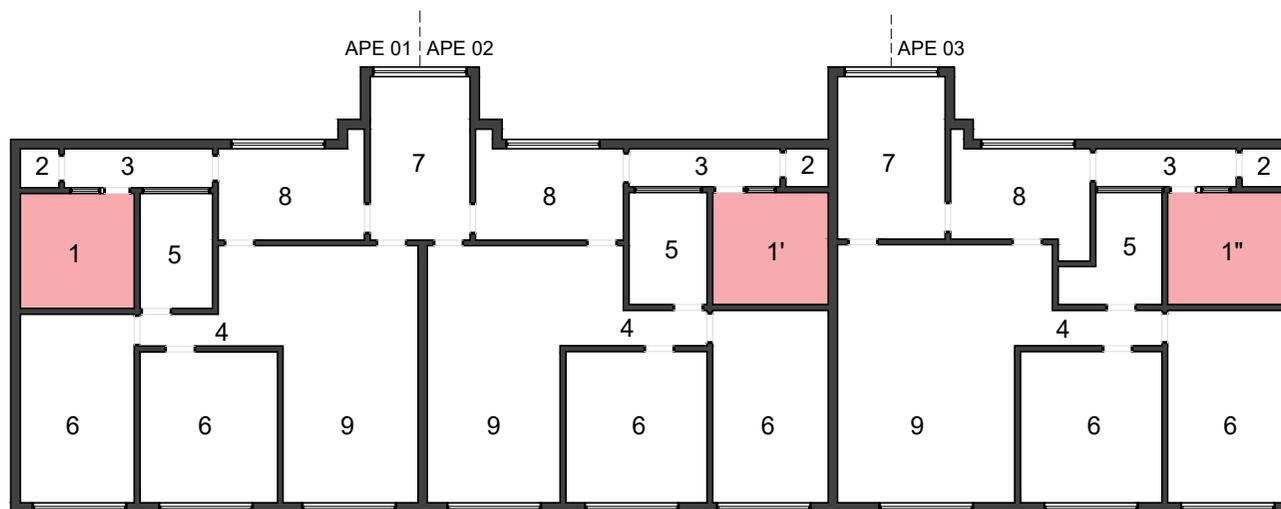
## APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 99,02 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 3,47 m <sup>2</sup> |
| 1' | Quarto Empregada = 3,40 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC serviço                             |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Hall Escadas                           |
| 8  | Cozinha                                |
| 9  | Sala                                   |

Projeto para edifício de apartamentos  
escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.196, jan.1955



Condomínio UMARX  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.197, fev.1955

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 94,83 m<sup>2</sup>

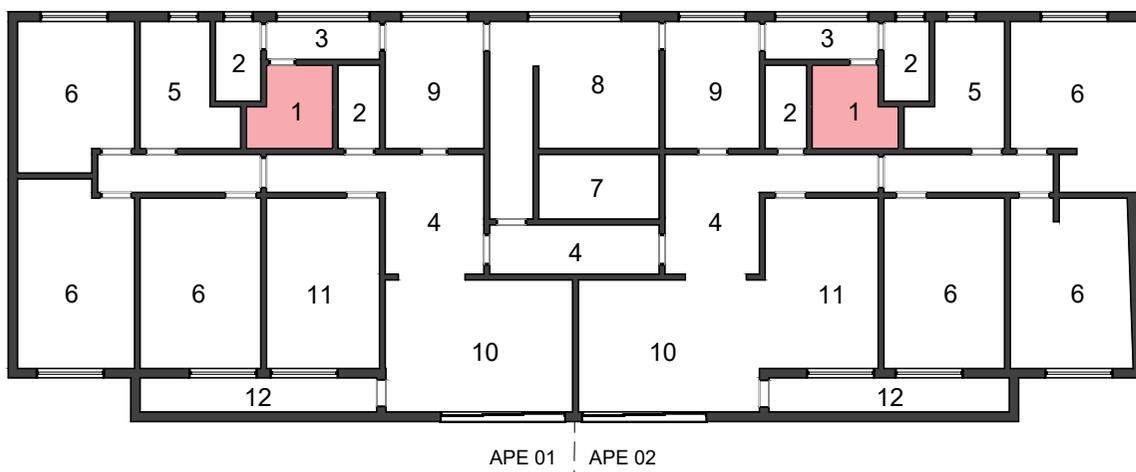
### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 95,94 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 116,93 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 9,15 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 9,03 m<sup>2</sup>
- 1'' Quarto Empregada = 9,44 m<sup>2</sup>
- 2 WC serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Hall Escadas
- 8 Cozinha
- 9 Sala



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 131,55 m<sup>2</sup>

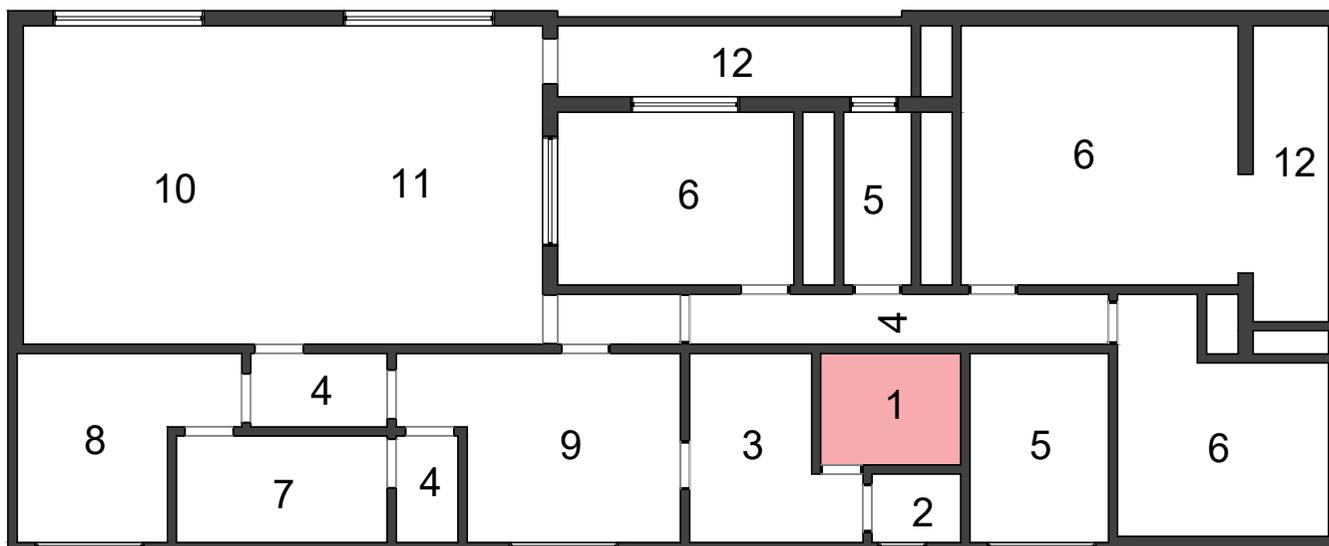
### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 132,30 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 4,43 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Jantar                                 |
| 12 | Terraço                                |

Edifício Michel  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.212, ,mai.1956



## APARTAMENTO

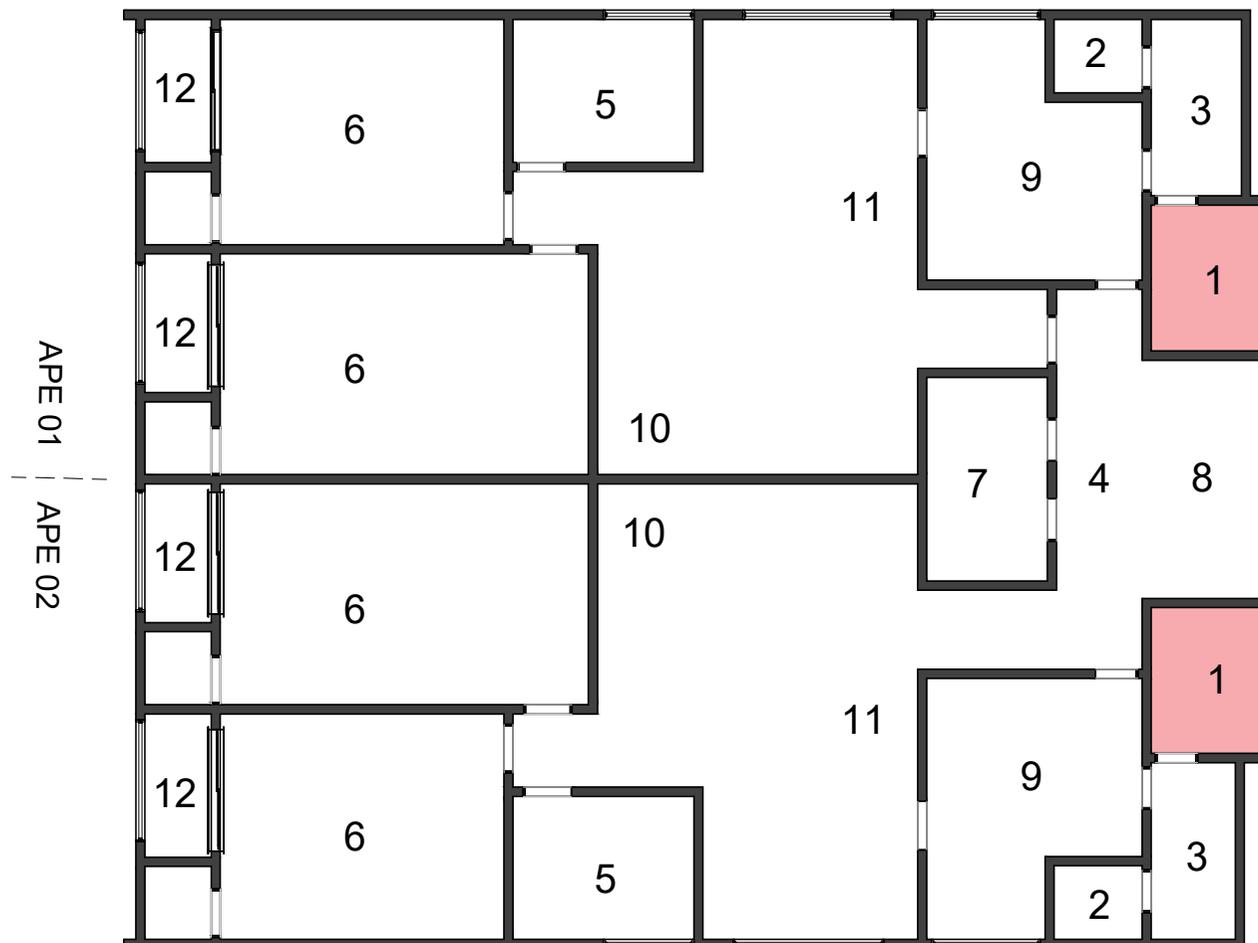
Área Útil Total = 183,08 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,26 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Edifício Solrisole

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.213, jun.1956

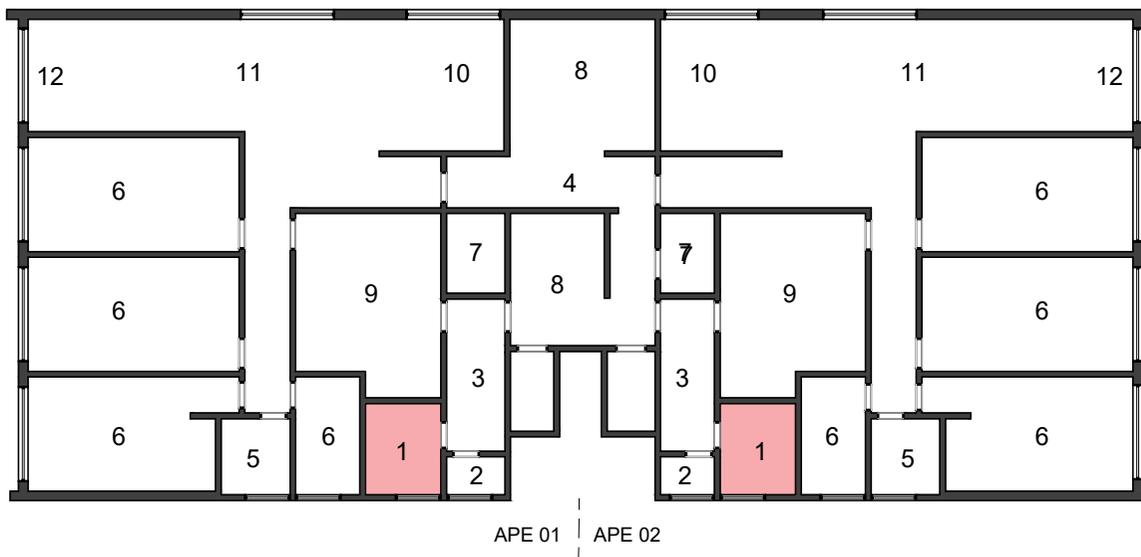


## APARTAMENTO

Área Útil Total = 277,80 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 4,44 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Jantar                                 |
| 12 | Terraço                                |

Edifício de apartamentos  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.223, ,mai.1957



## APARTAMENTO

Área Útil Total = 355,55 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 4,80 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Jantar                                 |
| 12 | Terraço                                |

Edifício de apartamentos  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.226, ago.1957



Edifício Buenos Aires  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.227, set.1957

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 140,95 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 147,10 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 145,16 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 6,20 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 6,41 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Elevador
- 8 Hall Escadas
- 9 Cozinha
- 10 Sala
- 11 Jantar
- 12 Terraço



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 72,82 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

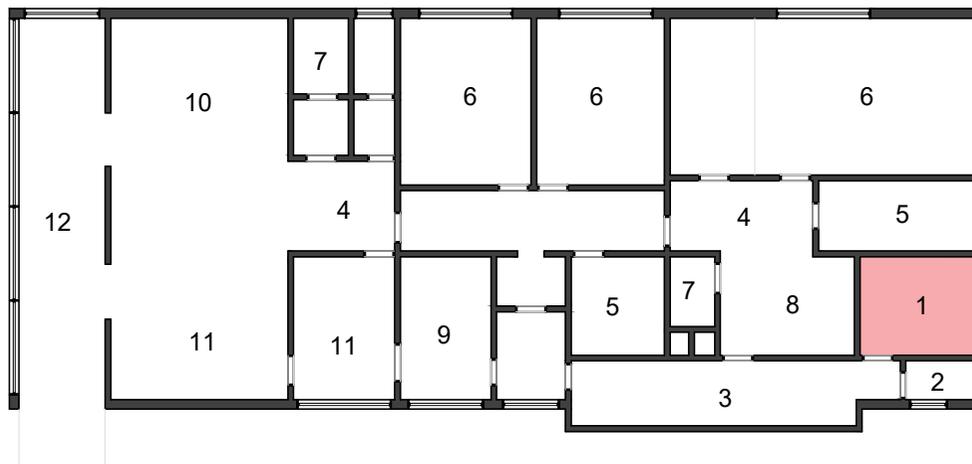
Área Útil Total = 90,10 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 92,54 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 7,96m <sup>2</sup>
1	Quarto Empregada = 7,38m <sup>2</sup>
1	Quarto Empregada = 6,45m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Edifício Ibirapuera  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.228, out.1957

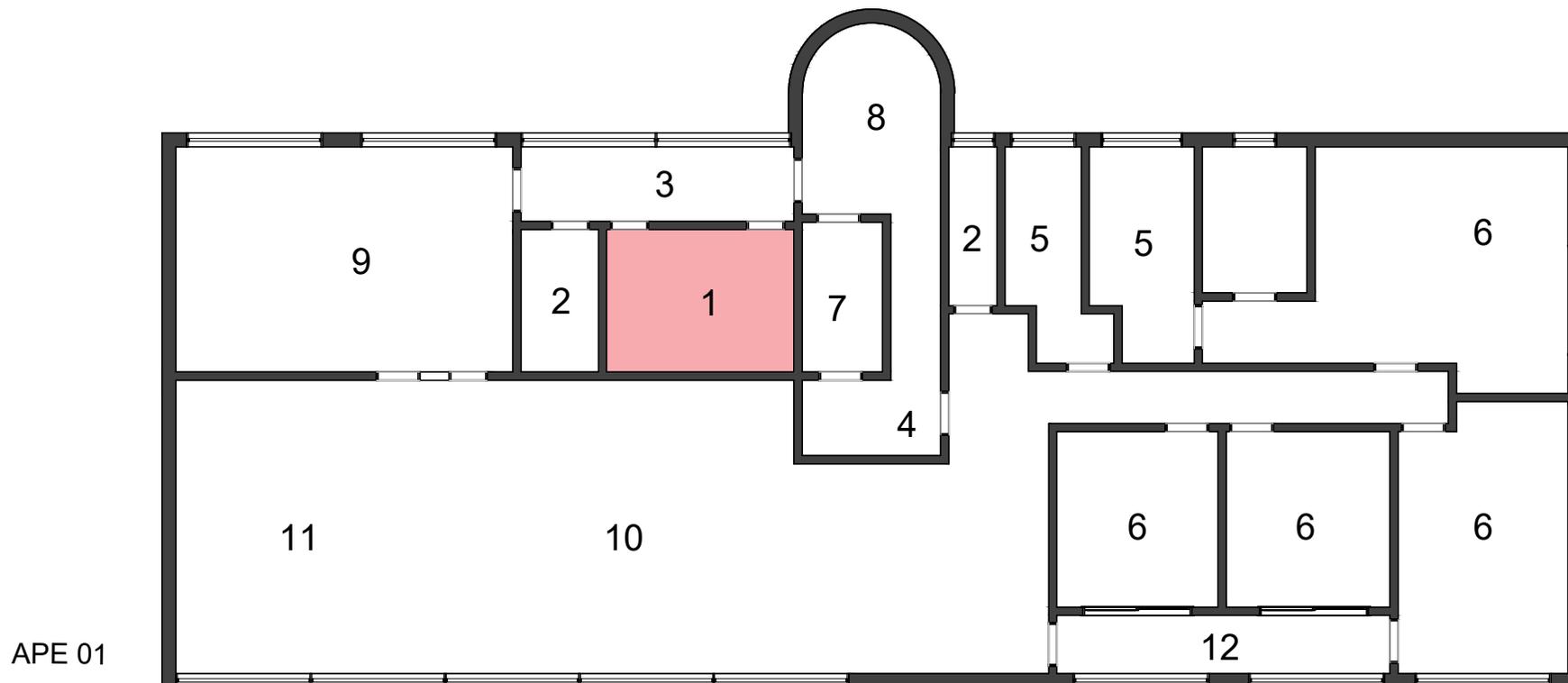


## APARTAMENTO

Área Útil Total = 264,25 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,380 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Projeto para edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.229, nov.1957



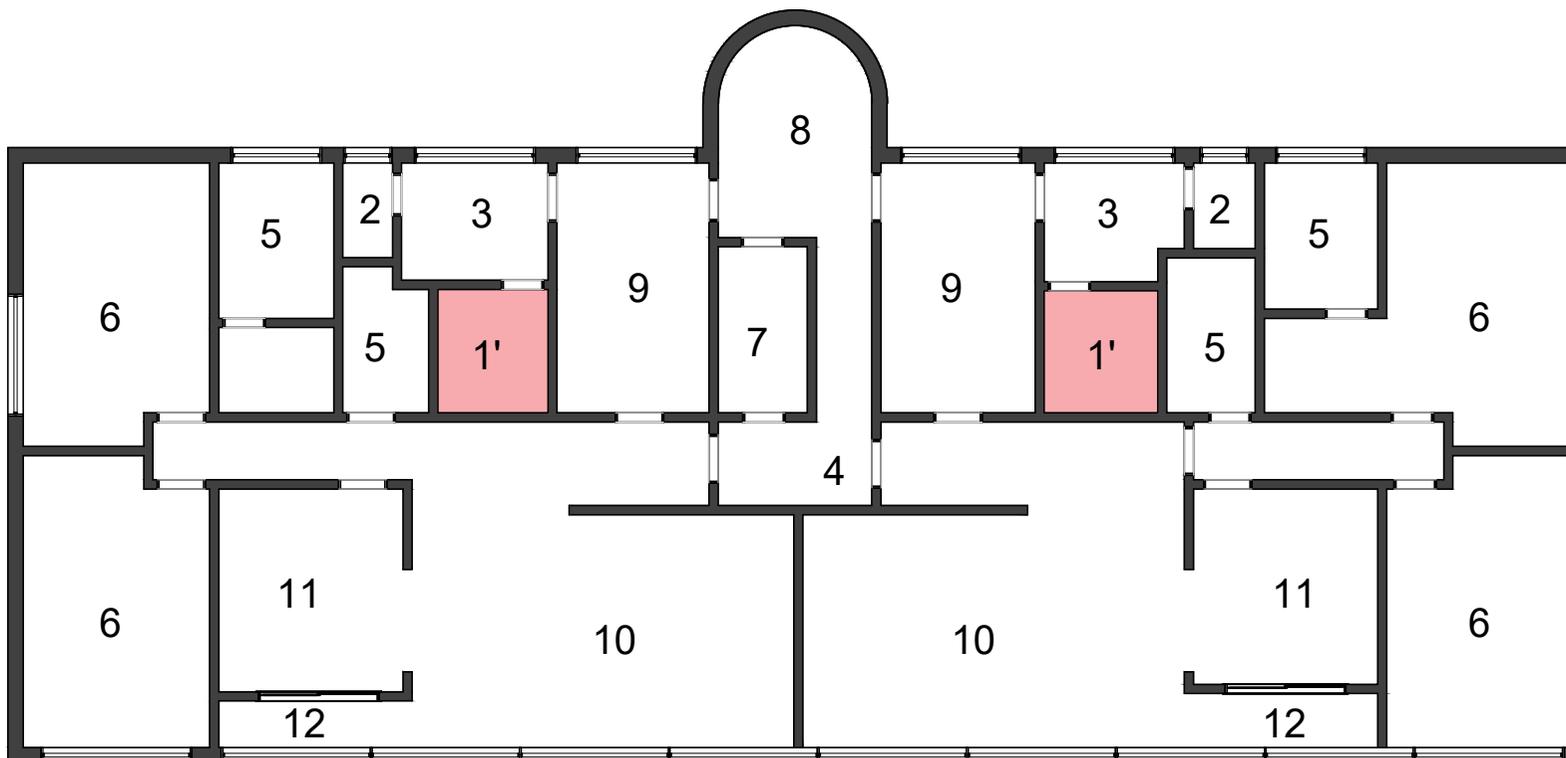
APE 01

Edifício Diana - apto 01  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.231, jan.1958

### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 250,25 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,96 m <sup>2</sup>	7	Elevador
1'	Quarto Empregada = 3,78 m <sup>2</sup>	8	Hall Escadas
2	WC	9	Cozinha
3	Terraço serviço	10	Sala
4	Hall	11	Jantar
5	Banheiro	12	Terraço
6	Dormitório		



Edifício Diana - aptos 02 e 03  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.231, jan.1958

APE 02 | APE 03

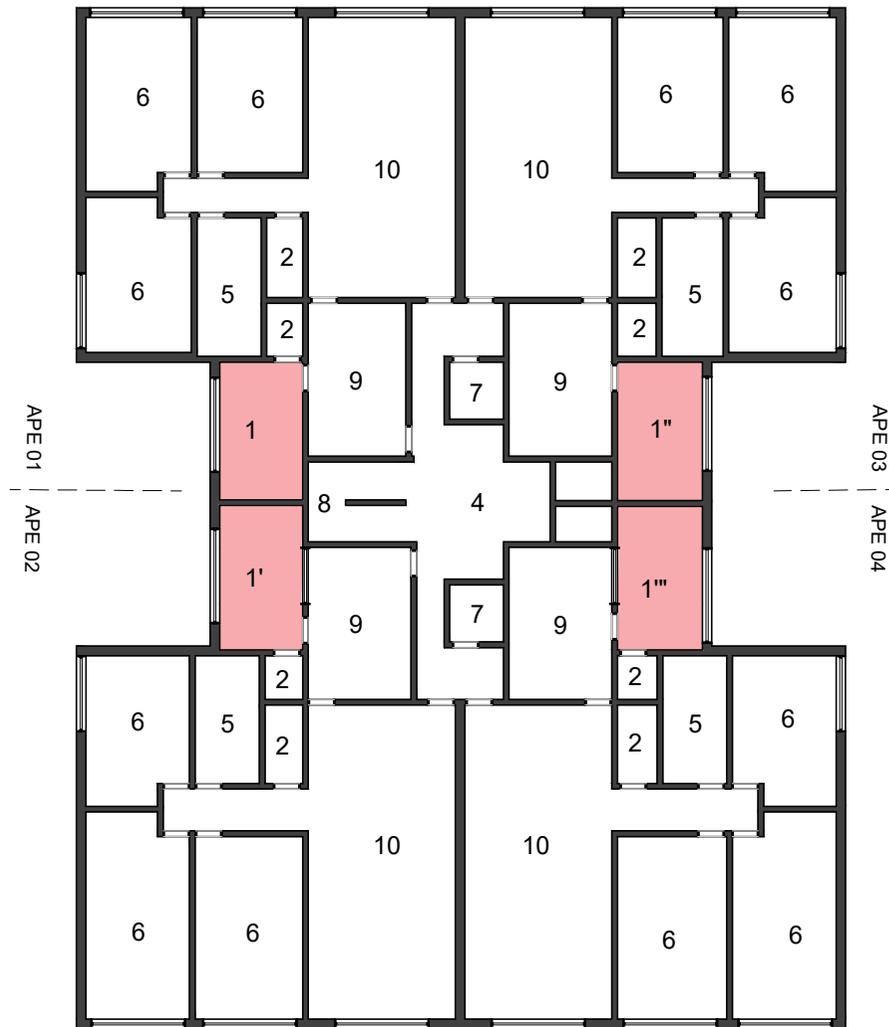
**APARTAMENTO 02**

Área Útil Total = 114,41 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 03**

Área Útil Total = 114,41 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,96 m <sup>2</sup>	6	Dormitório
1'	Quarto Empregada = 3,78 m <sup>2</sup>	7	Elevador
2	WC	8	Hall Escadas
3	Terraço serviço	9	Cozinha
4	Hall	10	Sala
5	Banheiro	11	Jantar
		12	Terraço



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 100,55 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 101,78 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 109,04 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 109,68 m<sup>2</sup>

1	Serviço = 7,97 m <sup>2</sup>
1'	Serviço = 8,36 m <sup>2</sup>
1''	Serviço = 8,20 m <sup>2</sup>
1'''	Serviço = 8,51 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.232, fev.1958





### APARTAMENTO 01

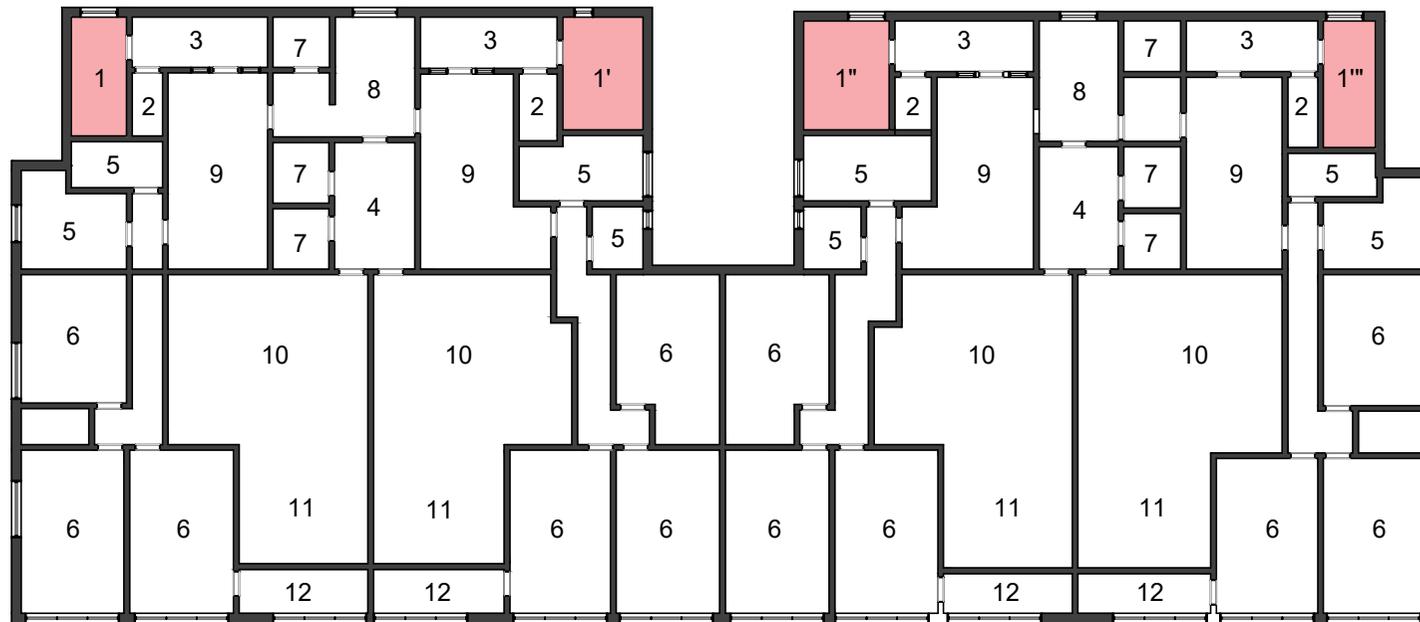
Área Total = 256,63 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Total = 187,48 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 8,32 m <sup>2</sup> |
| 1' | Quarto Empregada = 7,60 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  |  |
| 10 | Sala                                   |
| 11 |  |

Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.235, mai.1958



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 277,80 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 277,80 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

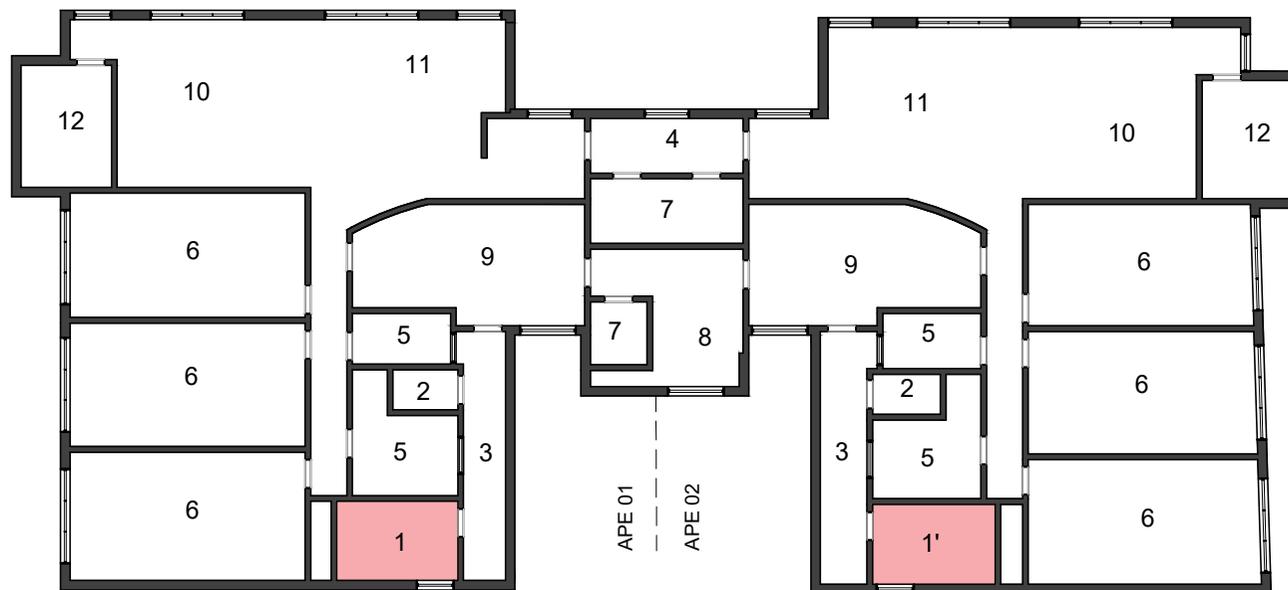
Área Útil Total = 277,80 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 277,80 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,59 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,30 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 6,50 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregada = 4,57 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.239, set.1958



### APARTAMENTO 01

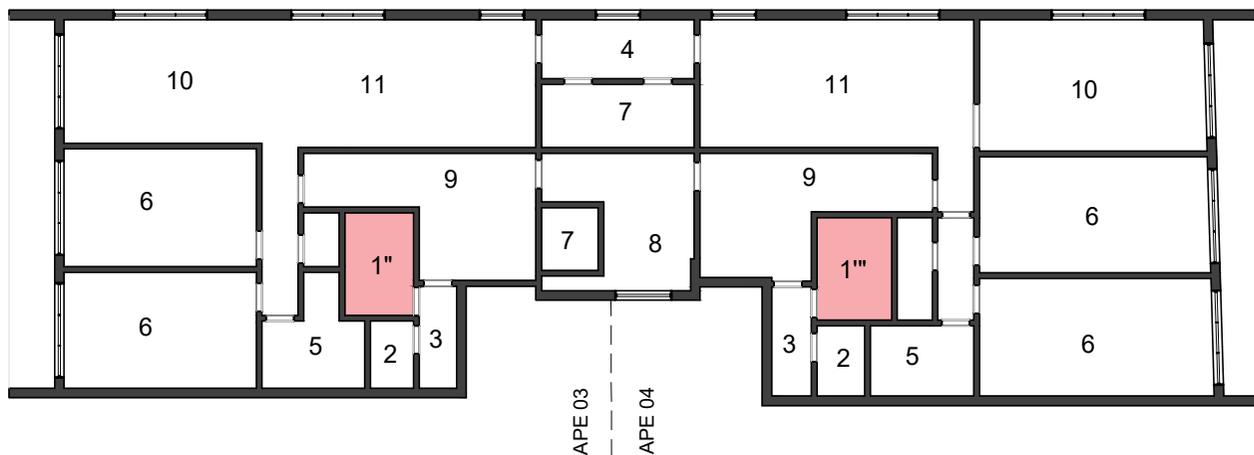
Área Útil Total = 185,98 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 181,56 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,68 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,83 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 4,91 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregada = 5,33 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Edifício de apartamentos - aptos 01 e 02  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.240, out.1958



### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 115,38 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 04

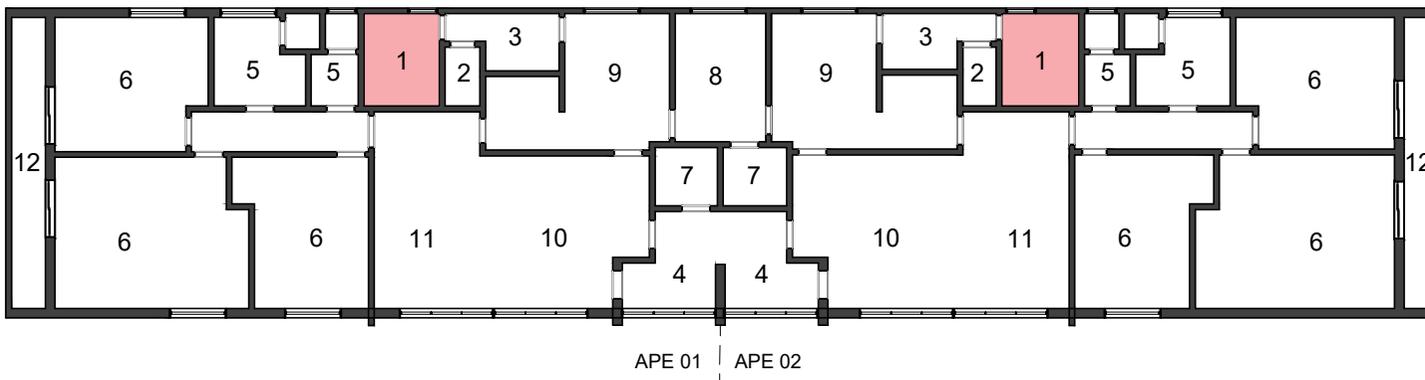
Área Útil Total = 127,68 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,68 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,83 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 4,91 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregada = 5,33 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Edifício de apartamentos - aptos 03 e 04

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.240, out.1958



Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.245, mar.1959

### APARTAMENTO 01

Área Total = 256,63 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Total = 187,48 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,90 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço



Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.246, abr.1959

**APARTAMENTO 01**

Área Total = 112,00 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 02**

Área Total = 112,00 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 03**

Área Total = 75,60 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 04**

Área Total = 75,60 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 05**

Área Total = 112,00 m<sup>2</sup>

**APARTAMENTO 06**

Área Total = 112,00 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,87 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala



### APARTAMENTO 01

Área Total = 166,82 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

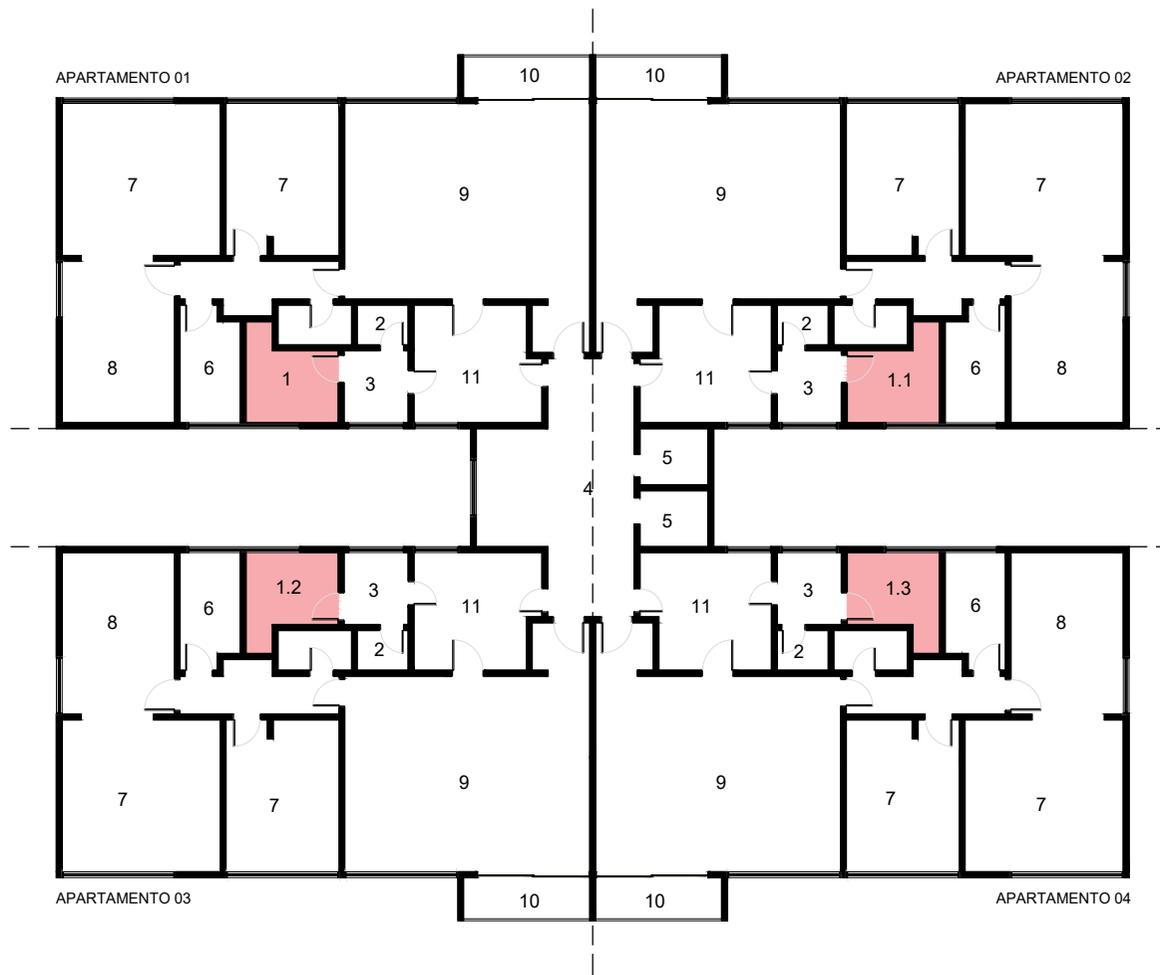
Área Total = 167,13 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,00 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar
12	Terraço

Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.254, dez.1959



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 112,37 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 112,37 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 112,37 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 04

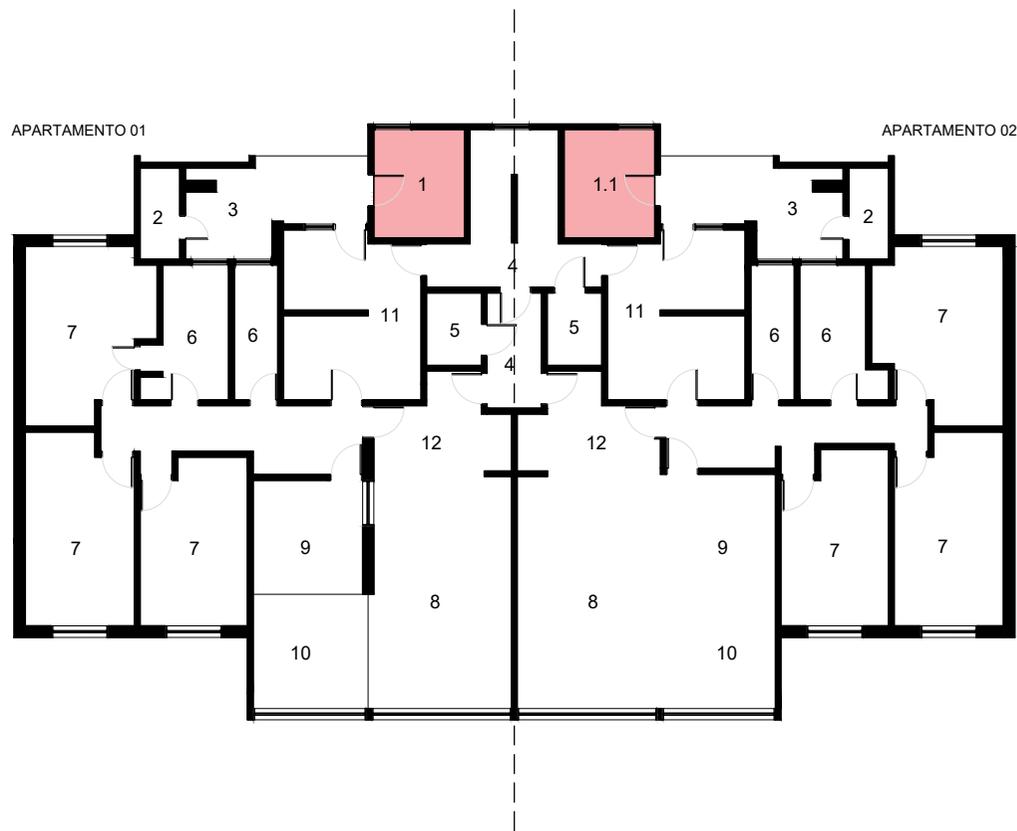
Área Útil Total = 112,37 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 5,19 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 5,19 m <sup>2</sup>
1.2	Quarto Empregados = 5,19 m <sup>2</sup>
1.3	Quarto Empregados = 5,19 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Elevador
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Vestíbulo
9	Living
10	Terraço
11	Cozinha

Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.258, mar.1960



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 145,41 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 145,41 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 6,84 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 6,84 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Elevador
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Terraço
11	Cozinha
12	Vestíbulo

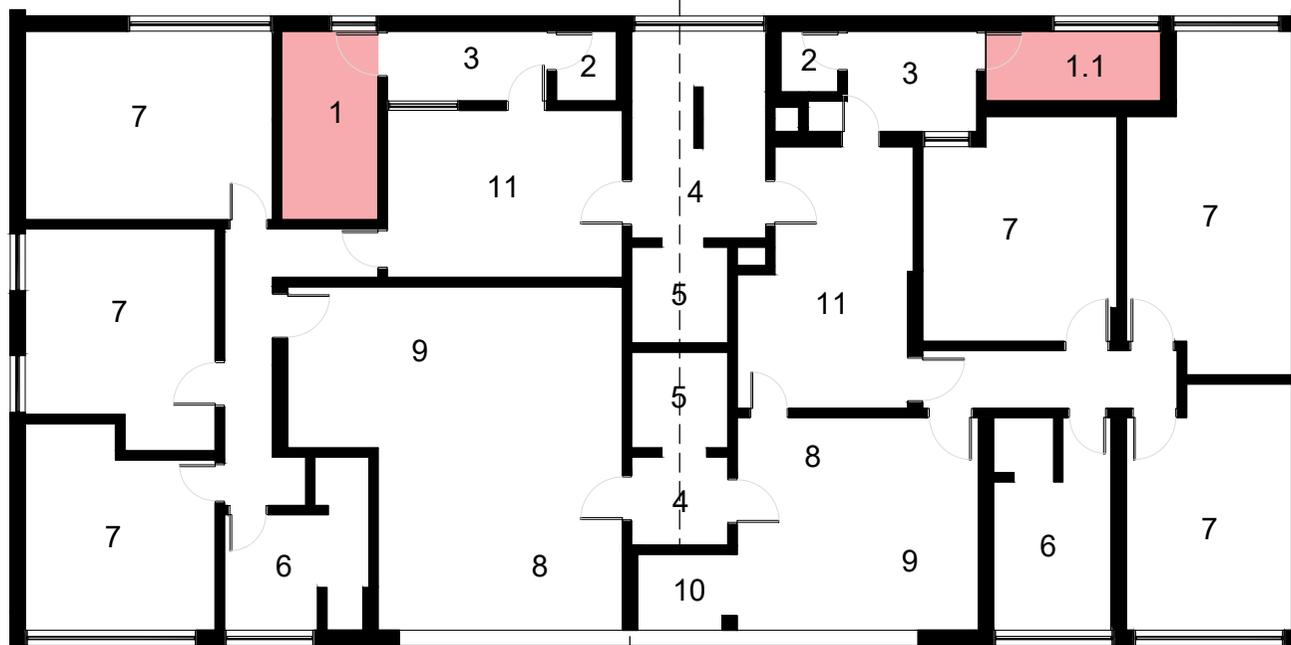
Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.260, mai.1960

APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 90,36 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

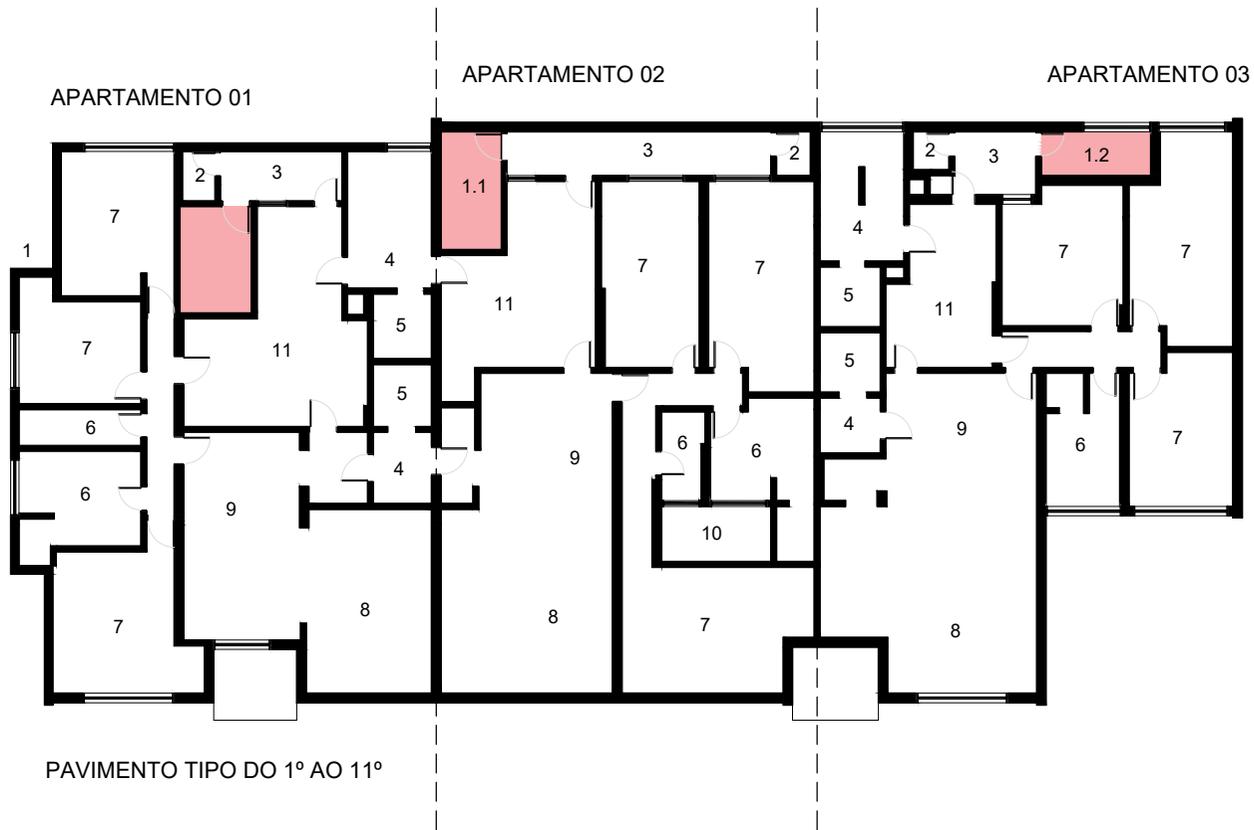
Área Útil Total = 81,90 m<sup>2</sup>

- |     |   |
|-----|---|
| 1   | Quarto Empregados = 4,96 m <sup>2</sup> |
| 1.1 | Quarto Empregados = 3,34 m <sup>2</sup> |
| 2   | WC Serviço                              |
| 3   | Terraço serviço                         |
| 4   | Hall                                    |
| 5   | Elevador                                |
| 6   | Banheiro                                |
| 7   | Dormitório                              |
| 8   | Sala de Estar                           |
| 9   | Sala de Jantar                          |
| 10  | Terraço                                 |
| 11  | Cozinha                                 |

PAVIMENTO TIPO DO 12º AO 16º

Edifício de apartamentos  
escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.262, ago.1960



APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 117,39 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 133,19 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 03

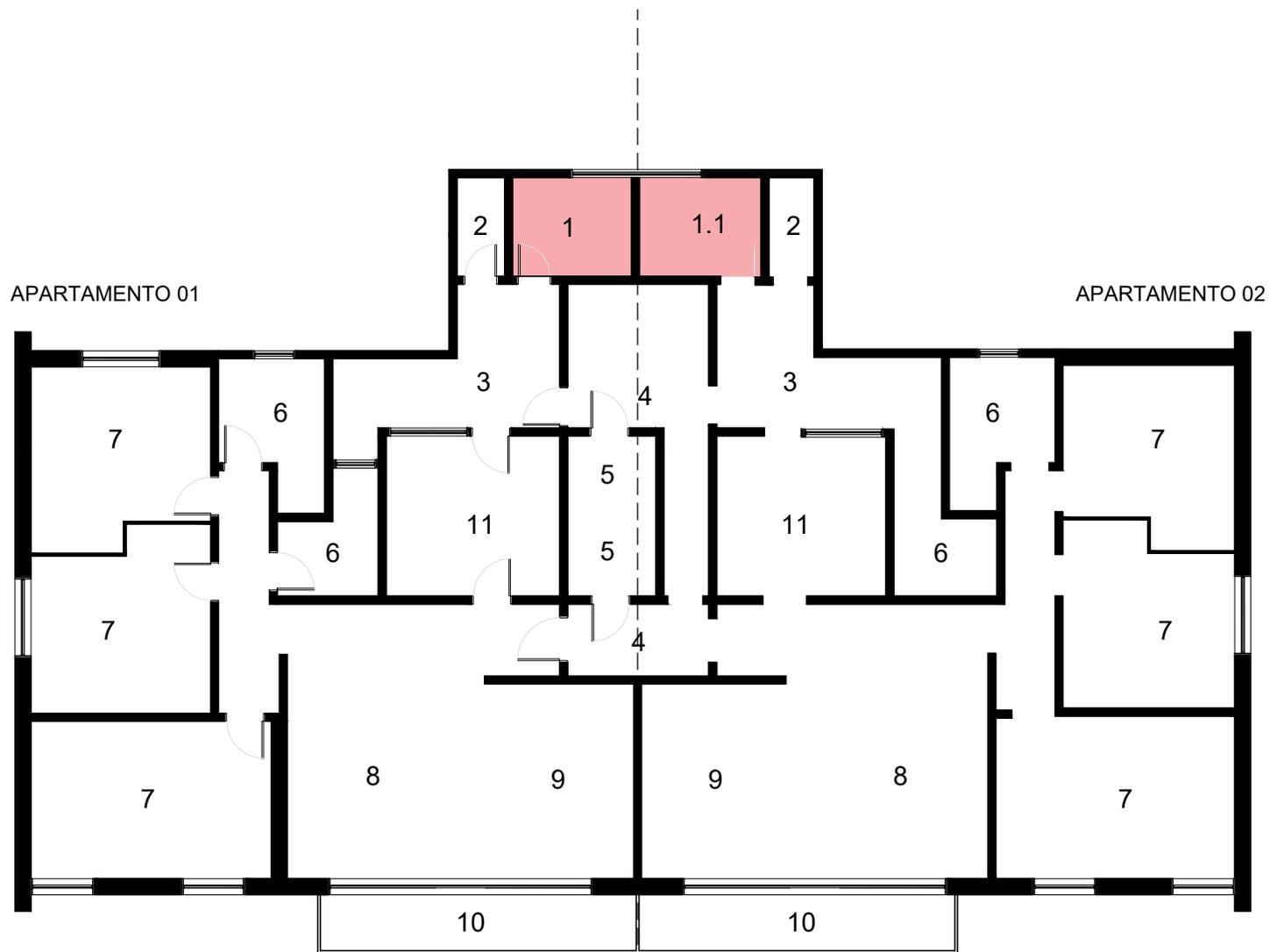
Área Útil Total = 107,40 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregados = 5,32 m<sup>2</sup>
- 1.1 Quarto Empregados = 4,96 m<sup>2</sup>
- 1.1 Quarto Empregados = 3,34 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Poço
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Living
- 9 Cozinha

Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.262, ago.1960



APARTAMENTO 01  
 Área Útil Total = 104,43 m<sup>2</sup>  
 APARTAMENTO 02  
 Área Útil Total = 104,43 m<sup>2</sup>

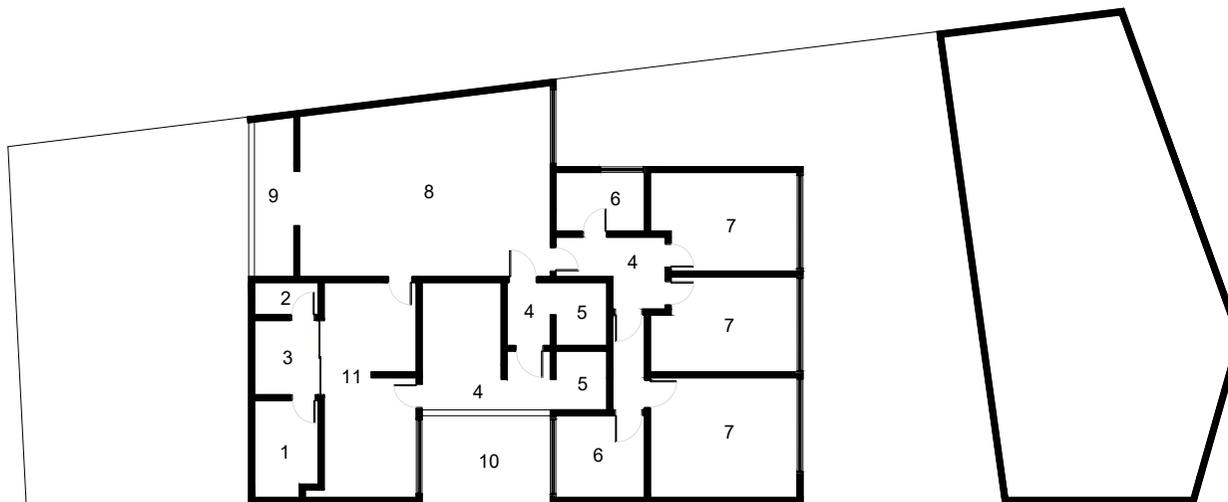
- 1 Quarto Empregados = 4,16 m<sup>2</sup>
- 1.1 Quarto Empregados = 4,16 m<sup>2</sup>
- 2 WC Serviço
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Elevador
- 6 Banheiro
- 7 Dormitório
- 8 Sala de Estar
- 9 Sala de Jantar
- 10 Terraço
- 11 Cozinha

Edifício de apartamentos  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.264, out.1960



1	Quarto Empregados = 4,80 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 4,80 m <sup>2</sup>
1.2	Quarto Empregados = 4,80 m <sup>2</sup>
1.3	Quarto Empregados = 4,80 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Elevador
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Terraço
11	Cozinha

Edifício de apartamentos no Itaim  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.266, dez.1960



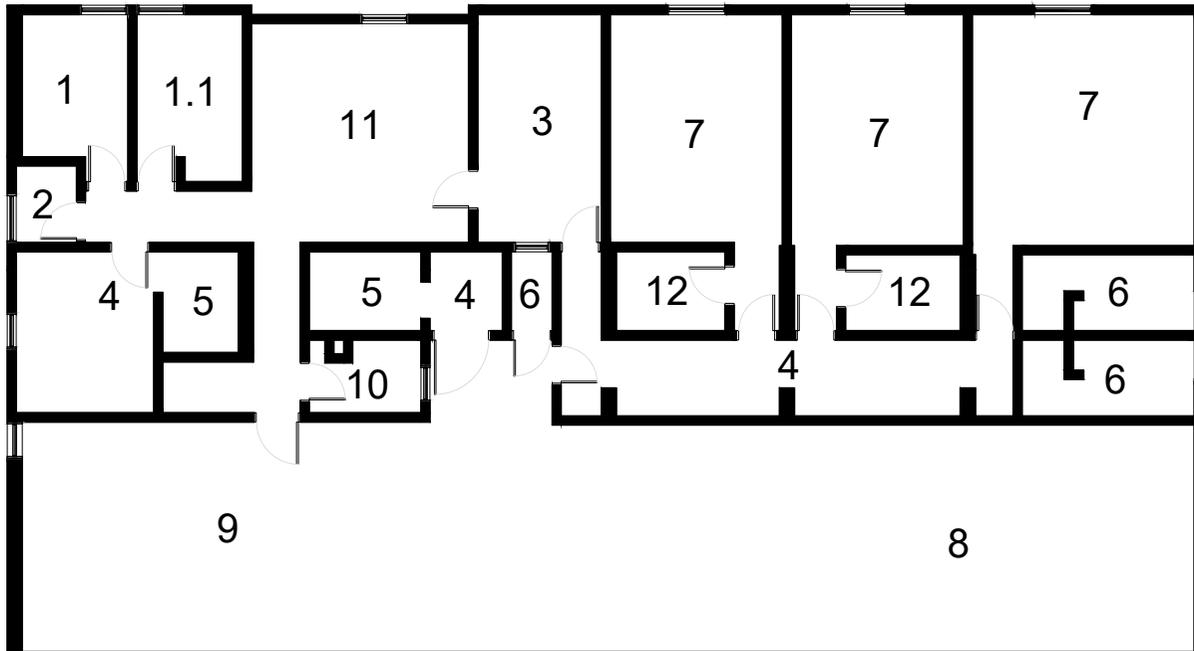
Área Útil Total = 191,58 m<sup>2</sup>

- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregados = 4,16 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Elevador                                |
| 6  | Banheiro                                |
| 7  | Dormitório                              |
| 8  | Sala de Estar                           |
| 9  | Varanda                                 |
| 10 | Poço                                    |
| 11 | Cozinha                                 |

Edifício de apartamentos

escala 1/200

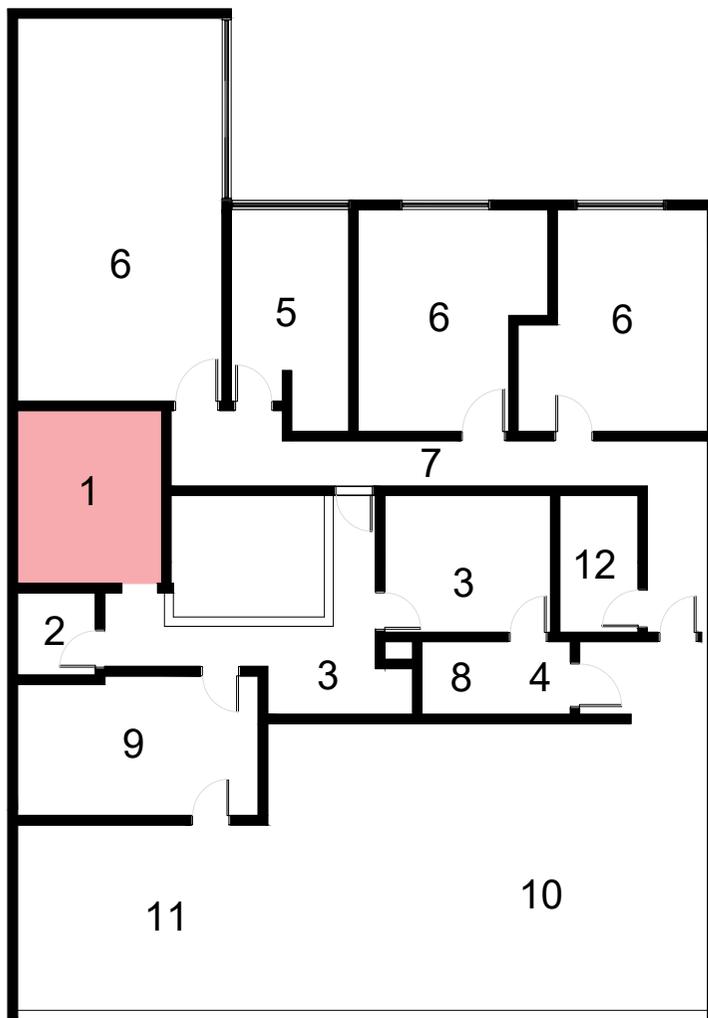
Fonte: Acrópole, n.271, jun.1961



Área Útil Total = 187,49 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregados = 4,38 m <sup>2</sup>
1.1	Quarto Empregados = 4,75 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Elevador
6	Banheiro
7	Dormitório
8	Sala de Estar
9	Sala de Jantar
10	Depósito
11	Cozinha
12	Vestiário

Edifício de apartamentos  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.272, jul.1961



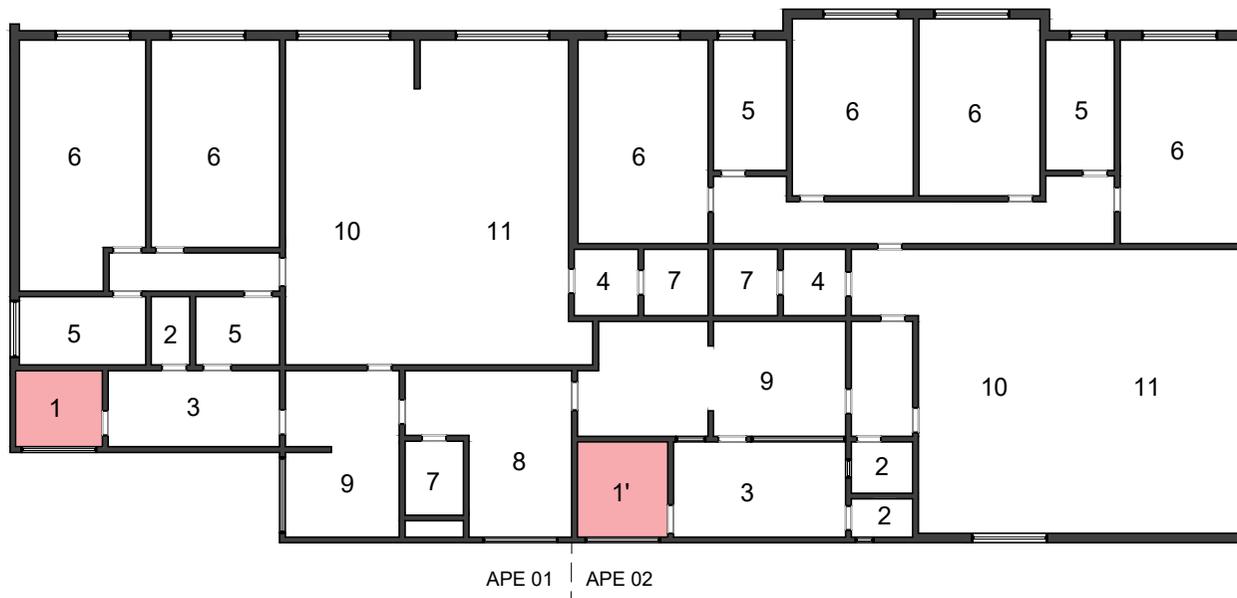
Área Útil Total = 101,17 m<sup>2</sup>

- |    |   |
|----|---|
| 1  | Quarto Empregados = 6,84 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                              |
| 3  | Terraço serviço                         |
| 4  | Hall                                    |
| 5  | Banheiro                                |
| 6  | Dormitório                              |
| 7  | Circulação                              |
| 8  | Elevador                                |
| 9  | Cozinha                                 |
| 10 | Sala de Estar                           |
| 11 | Sala de Jantar                          |
| 12 | Vestíbulo                               |

Edifício de apartamentos

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.281, abr.1962



### APARTAMENTO 01

Área Total = 163,77 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Total = 292,56 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,6 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,00 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício de apartamentos  
escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.282, mai.1962

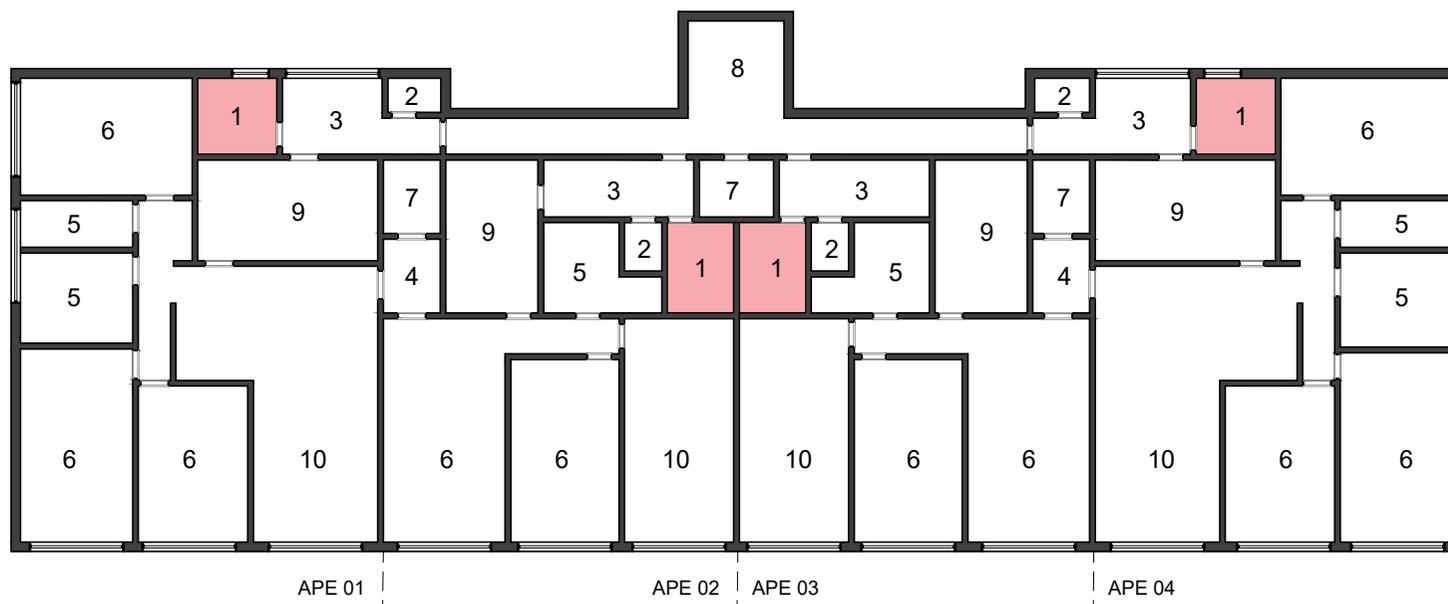


## APARTAMENTOS

Área Total = 167,40 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,30 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.284, jul.1962



Edifício de apartamentos no Higienópolis  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.285, ago.1962

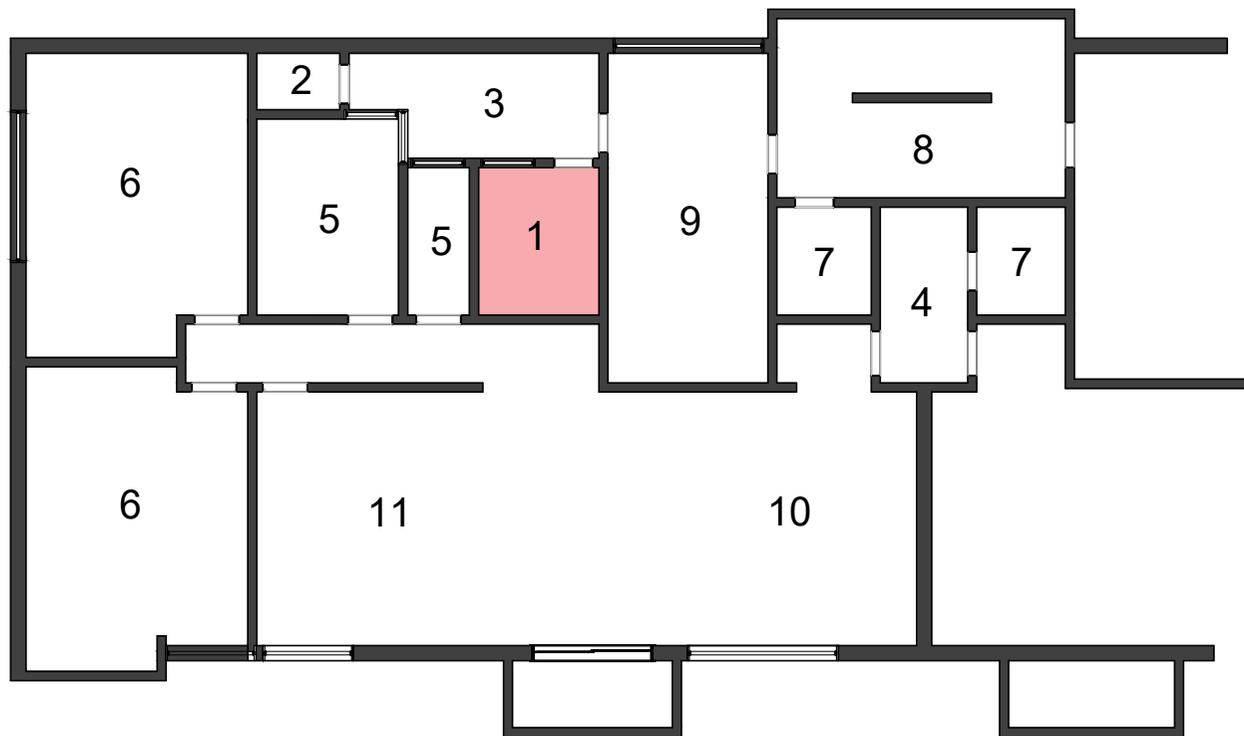
### APARTAMENTO 01 e 04

Área Total = 127,23 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02 e 03

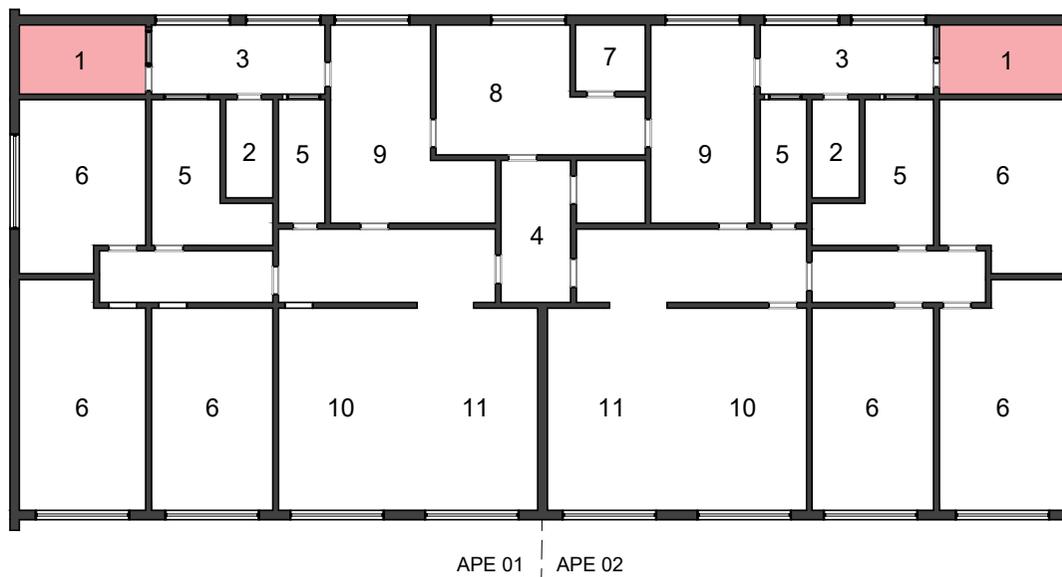
Área Total = 89,30 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,20 m <sup>2</sup>	6	Dormitório
2	WC	7	Elevador
3	Terraço serviço	8	Hall Escadas
4	Hall	9	Cozinha
5	Banheiro	10	Sala



- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 4,80 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Jantar                                 |

Edifício de apartamentos no Pacaembú  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.287, out.1962

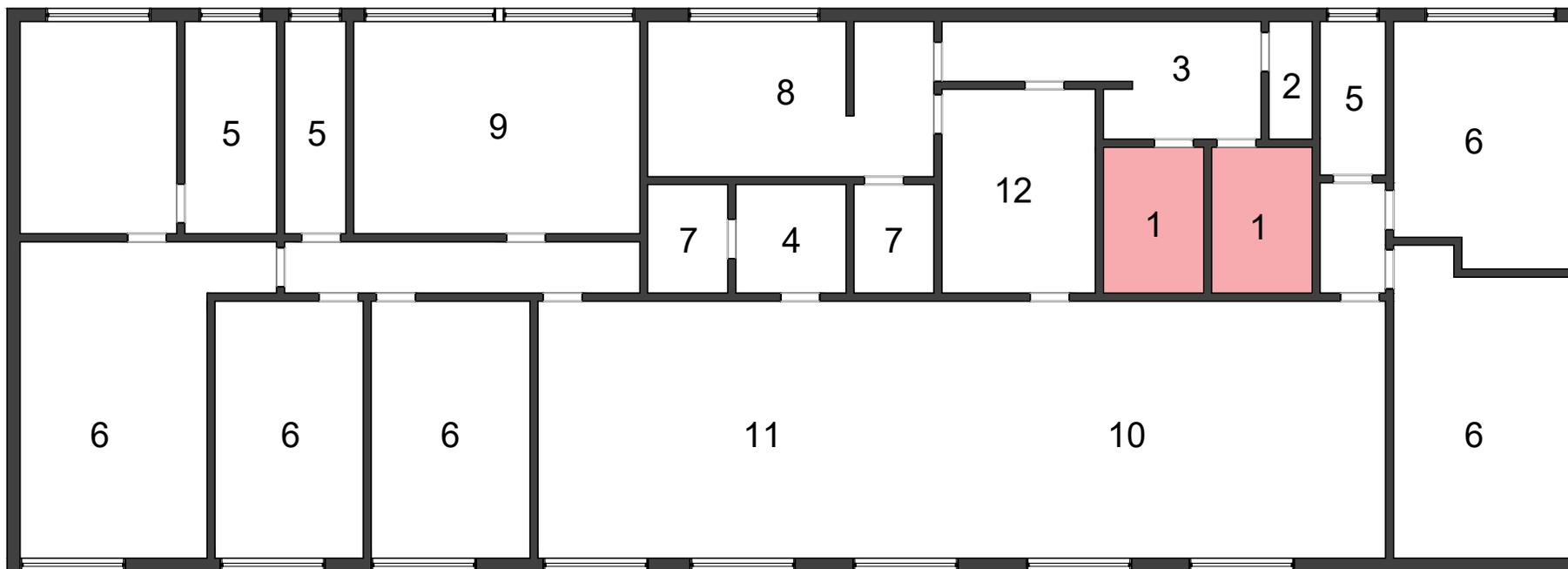


## APARTAMENTOS

Área Total = 171,40 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,10 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício de apartamentos no Pacaembú  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.287, out.1962



Edifício de apartamentos no Pacaembú - apto 01  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.291, fev.1963

### APARTAMENTO 01

Área Total = 288,00 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 5,27 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 5,75 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Elevador
- 8 Hall Escadas
- 9 Cozinha
- 10 Sala



APE 02

APE 03

APARTAMENTO 02 e 03

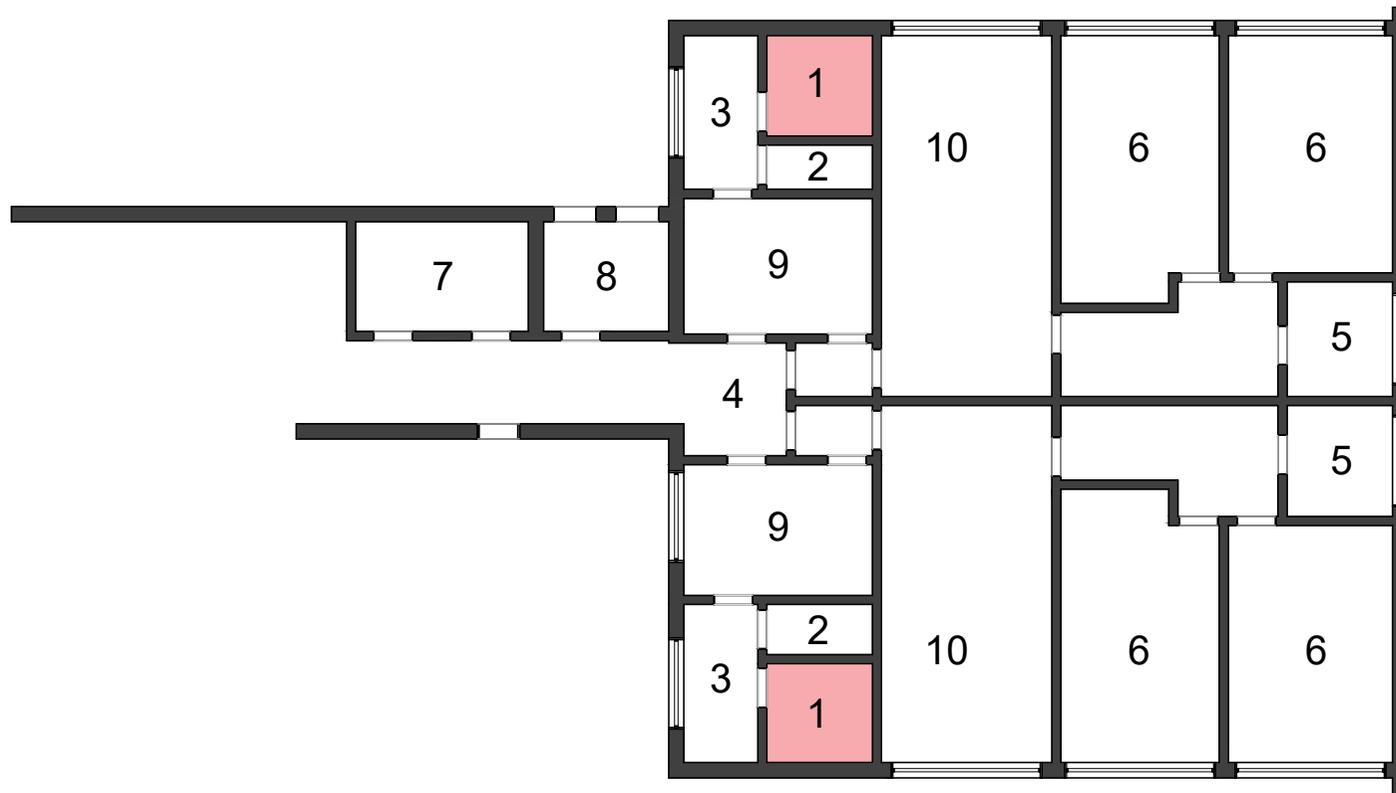
Área Total = 140,00 m<sup>2</sup>

Edifício de apartamentos no Pacaembú - aptos 02 e 03

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.291, fev.1963

- 1 Quarto Empregada = 5,27 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 5,75 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Elevador
- 8 Hall Escadas
- 9 Cozinha
- 10 Sala

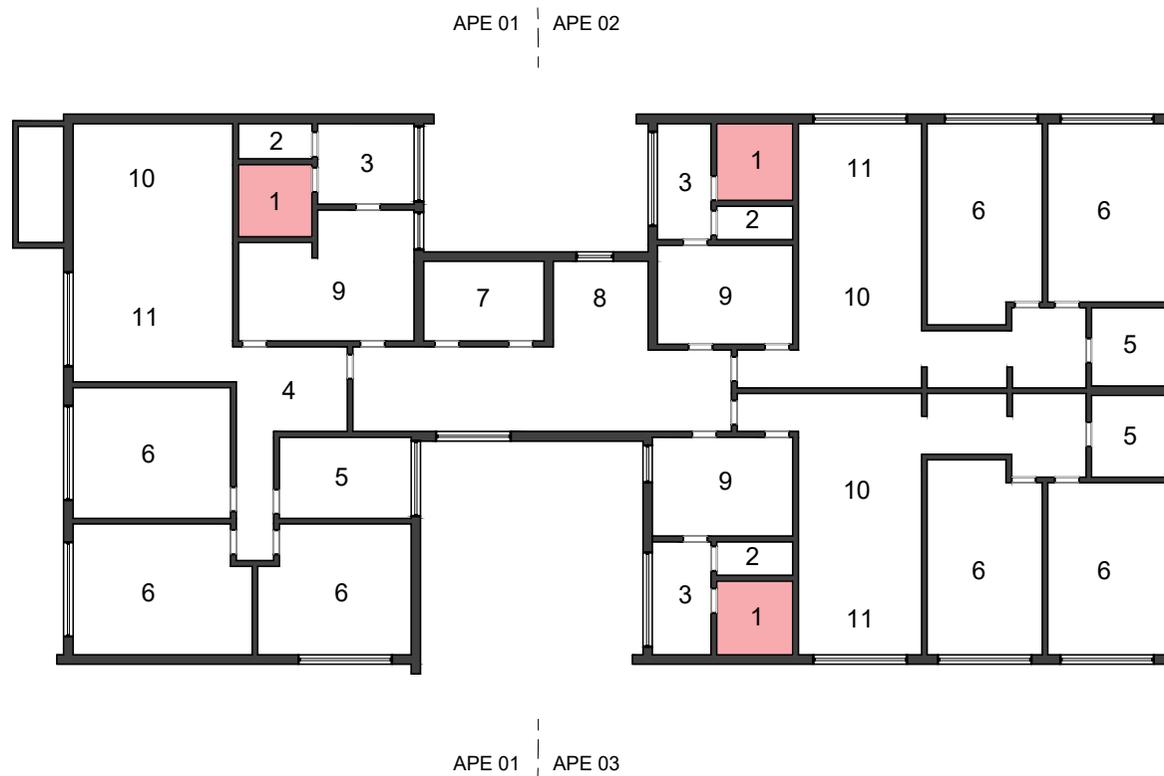


## APARTAMENTOS

Área Total = 75,50 m²

1	Quarto Empregada = 6,10 m²
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.292, mar.1963



### APARTAMENTO 01

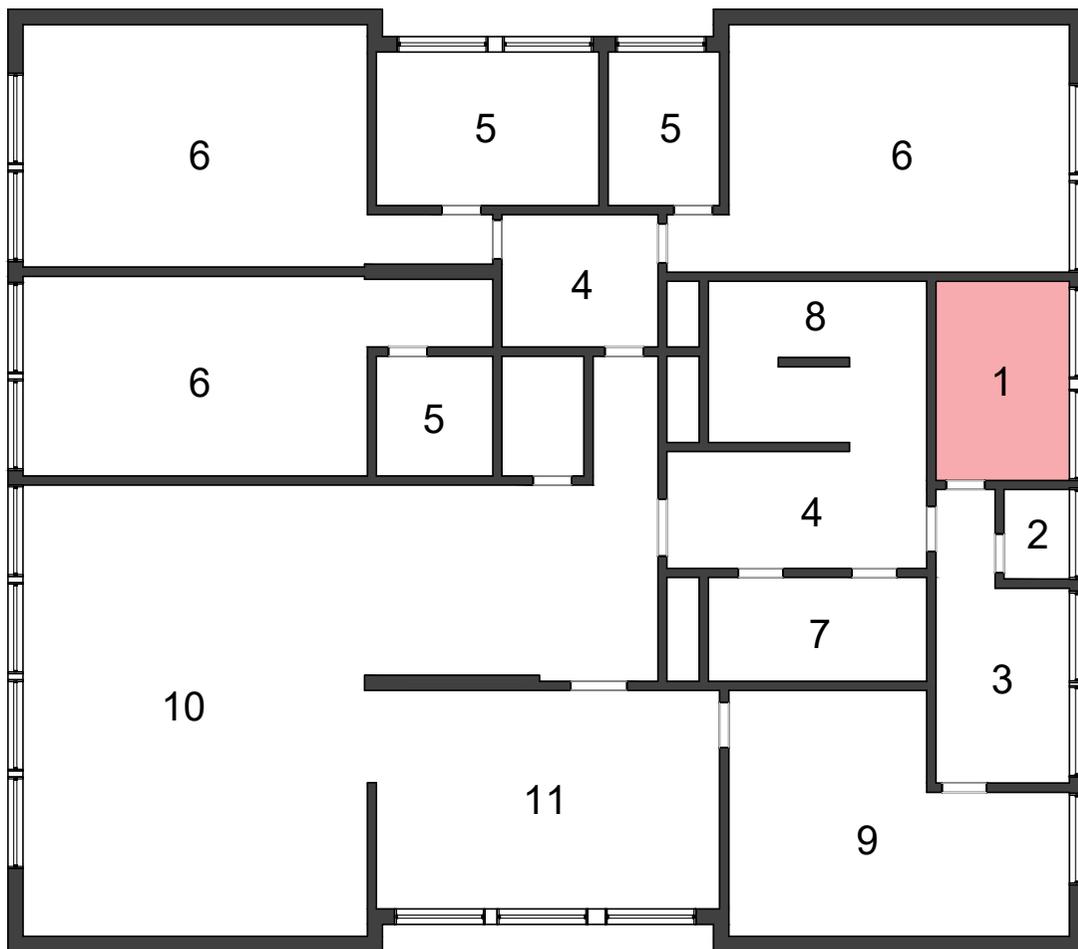
Área Total = 137,82 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02 e 03

Área Total = 97,80 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,00 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.292, mar.1963



## APARTAMENTOS

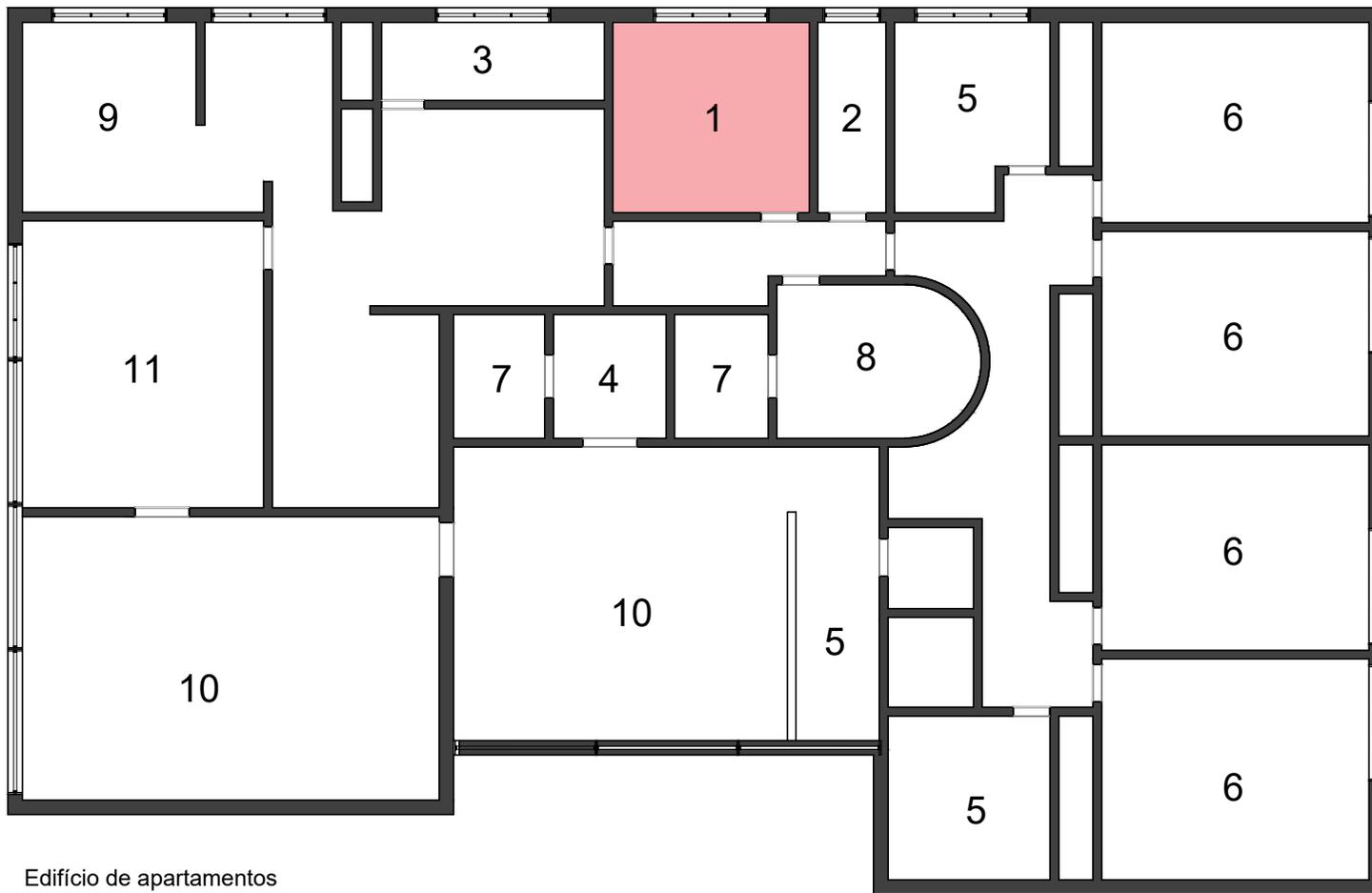
Área Total = 271,56 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 7,25 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.292, mar.1963



### APARTAMENTO

Área Total = 337,70 m<sup>2</sup>

- 1' Quarto Empregada = 11,20 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Elevador
- 8 Hall Escadas
- 9 Cozinha
- 10 Sala
- 11 Jantar

Edifício de apartamentos  
 escala 1/125  
 Fonte: Acrópole, n.297, jul.1963



## APARTAMENTOS

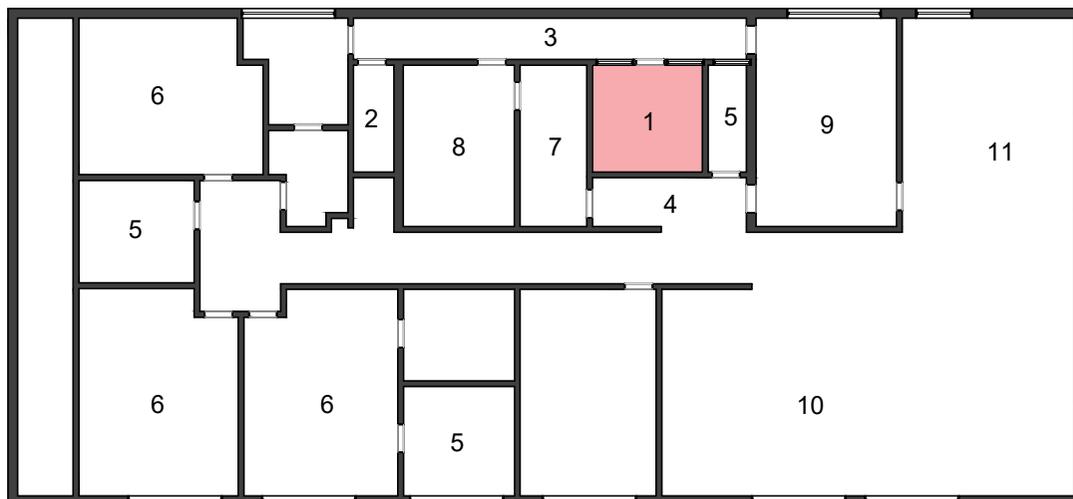
Área Total = 151,55 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 4,35 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.297, jul.1963



## APARTAMENTO

Área Total = 373,15 m<sup>2</sup>

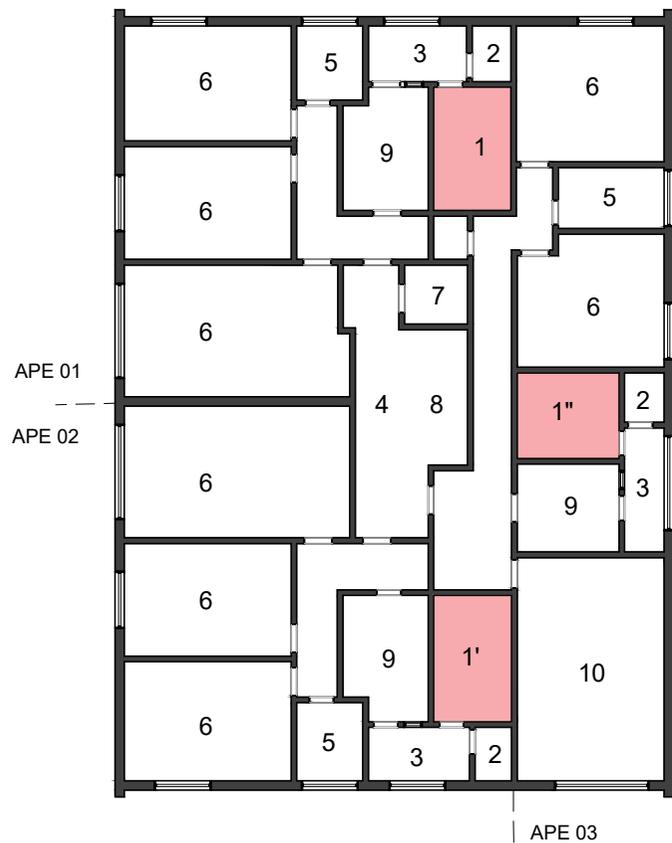
1	Quarto Empregada = 8,20 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.297, jul.1963





### APARTAMENTO 01 e 02

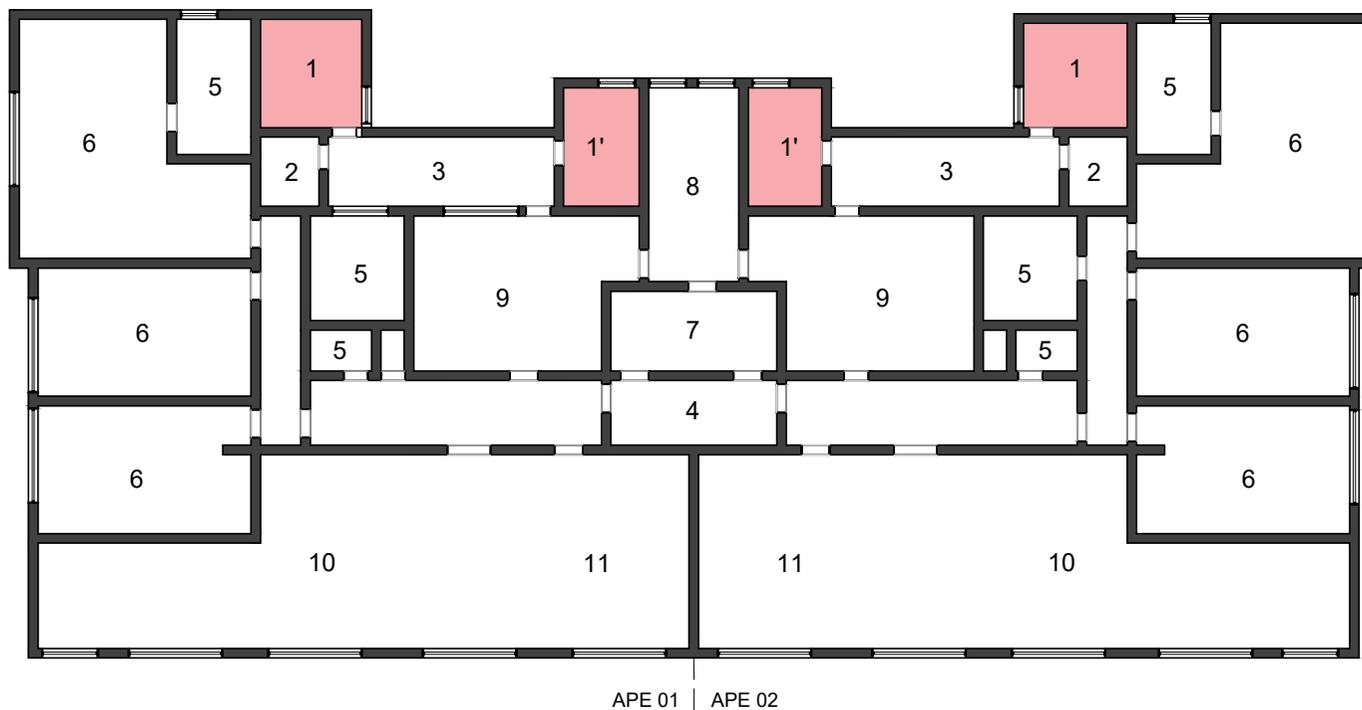
Área Total = 60,10 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Total = 100,00 m<sup>2</sup>

- 1 Quarto Empregada = 6,62 m<sup>2</sup>
- 1' Quarto Empregada = 6,07 m<sup>2</sup>
- 1'' Quarto Empregada = 6,85 m<sup>2</sup>
- 2 WC
- 3 Terraço serviço
- 4 Hall
- 5 Banheiro
- 6 Dormitório
- 7 Elevador
- 8 Hall Escadas
- 9 Cozinha
- 10 Sala
- 11 Jantar

Edifício de apartamentos e escritórios  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.304, mar.1964



## APARTAMENTO

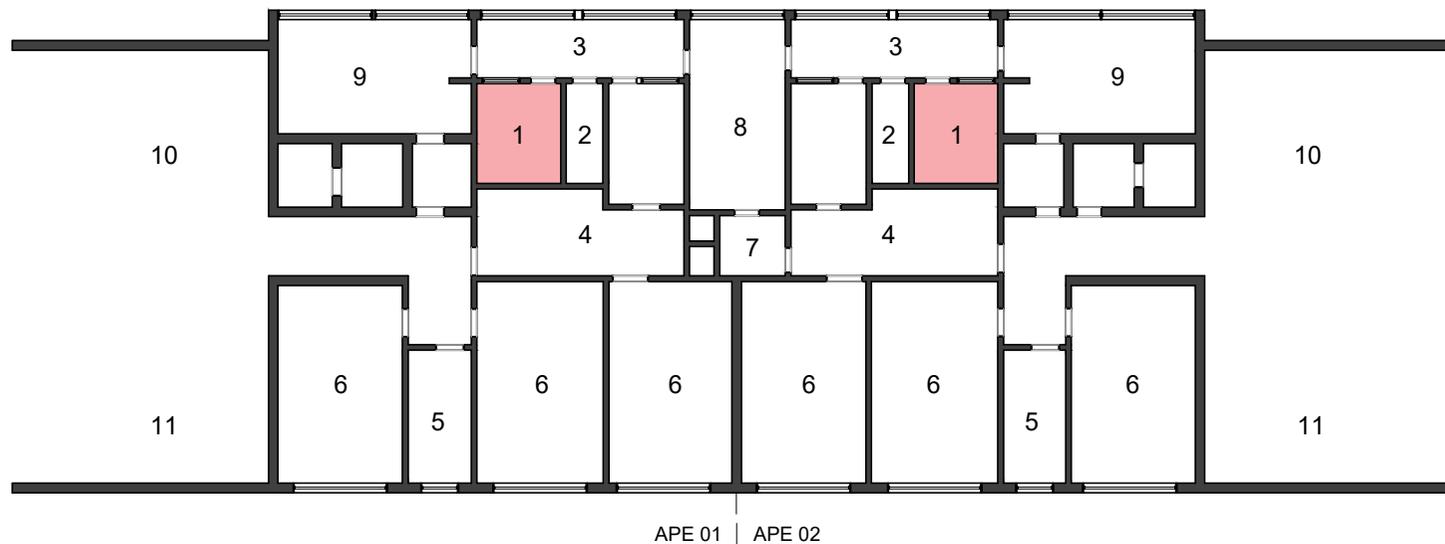
Área Total = 264,33 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 7,60 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 6,15 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício de apartamentos e escritórios

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.309, ago.1964



## APARTAMENTO

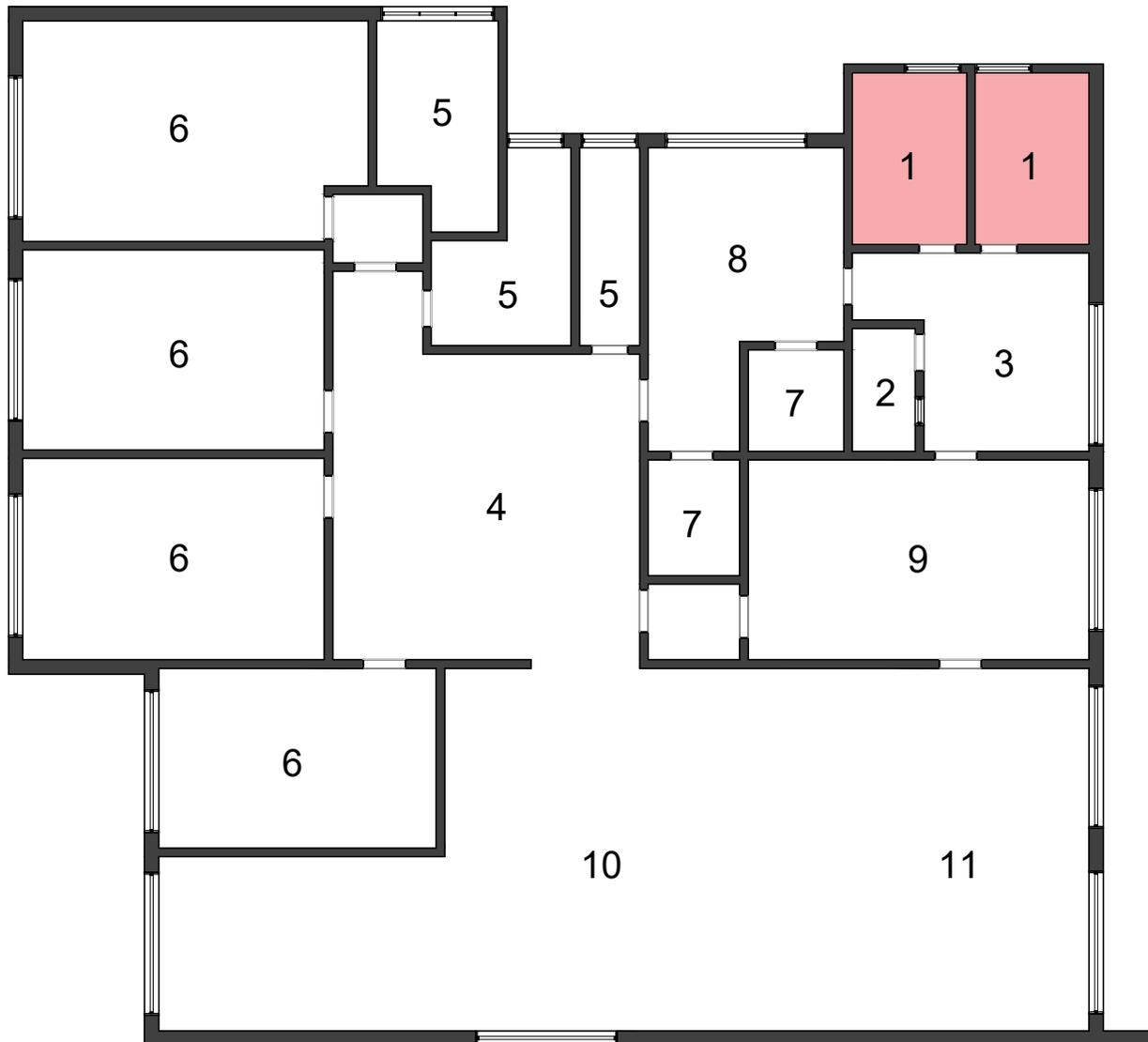
Área Total = 228,72 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 5,80 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Jantar                                 |

Edifício de apartamentos e escritórios

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.310, set.1964



## APARTAMENTO

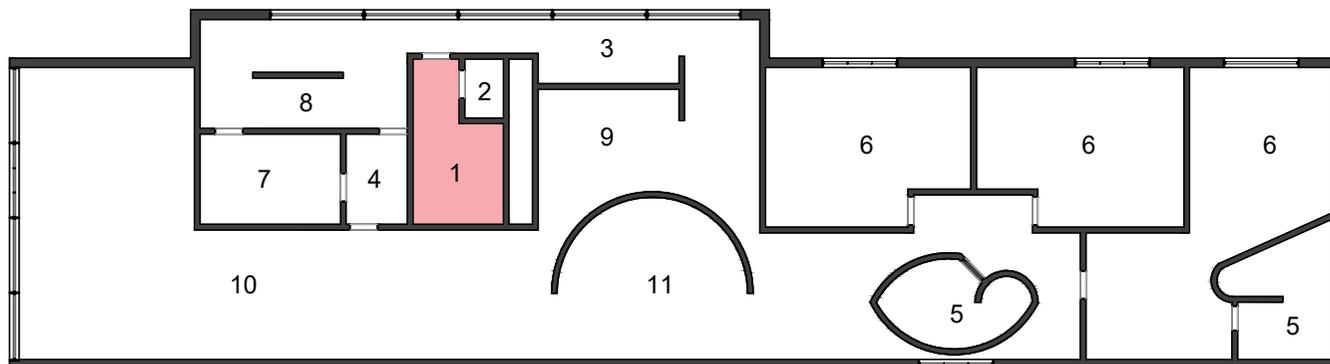
Área Total = 318,15 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 6,05 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC                                     |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall                                   |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Elevador                               |
| 8  | Hall Escadas                           |
| 9  | Cozinha                                |
| 10 | Sala                                   |
| 11 | Jantar                                 |

Edifício de apartamentos e escritórios

escala 1/125

Fonte: Acrópole, n.318, jun.1965

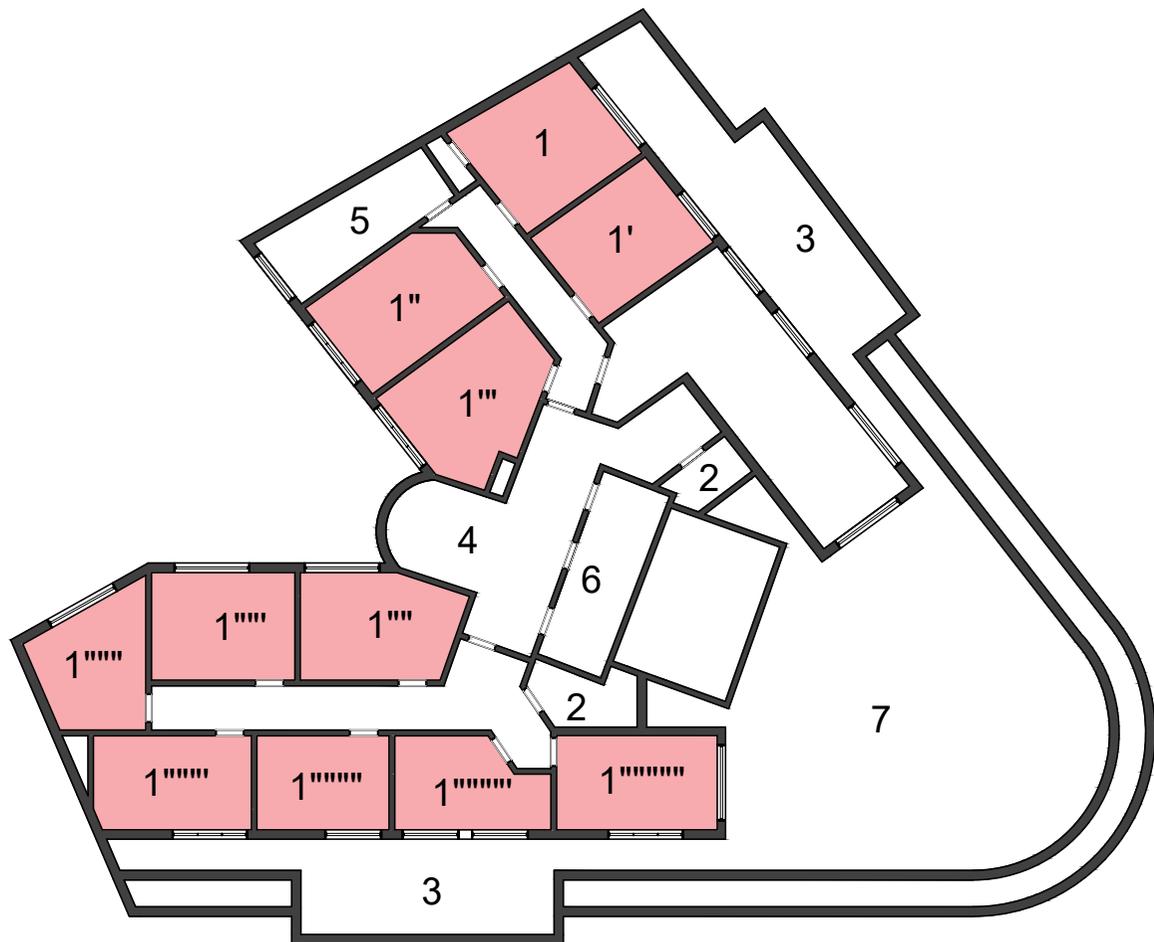


## APARTAMENTO

Área Total = 308,40 m<sup>2</sup>

1'	Quarto Empregada = 8,42 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala
11	Jantar

Edifício residencial  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.321, jun.1965



1	Quarto Empregada = 12,00 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 10,65 m <sup>2</sup>
1''	Quarto Empregada = 12,04 m <sup>2</sup>
1'''	Quarto Empregada = 12,84 m <sup>2</sup>
1''''	Quarto Empregada = 11,22 m <sup>2</sup>
1'''''	Quarto Empregada = 10,75 m <sup>2</sup>
1''''''	Quarto Empregada = 9,22 m <sup>2</sup>
1'''''''	Quarto Empregada = 10,27 m <sup>2</sup>
1''''''''	Quarto Empregada = 8,66 m <sup>2</sup>
1'''''''''	Quarto Empregada = 8,89 m <sup>2</sup>
1''''''''''	Quarto Empregada = 10,55 m <sup>2</sup>
2	WC Serviço
3	Terraço serviço
4	Hall Escadas
5	Banheiro
6	Elevadores
7	Jardim

Edifício Regência  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.26, jun.1940

APARTAMENTO 01

APARTAMENTO 02



APARTAMENTO 01

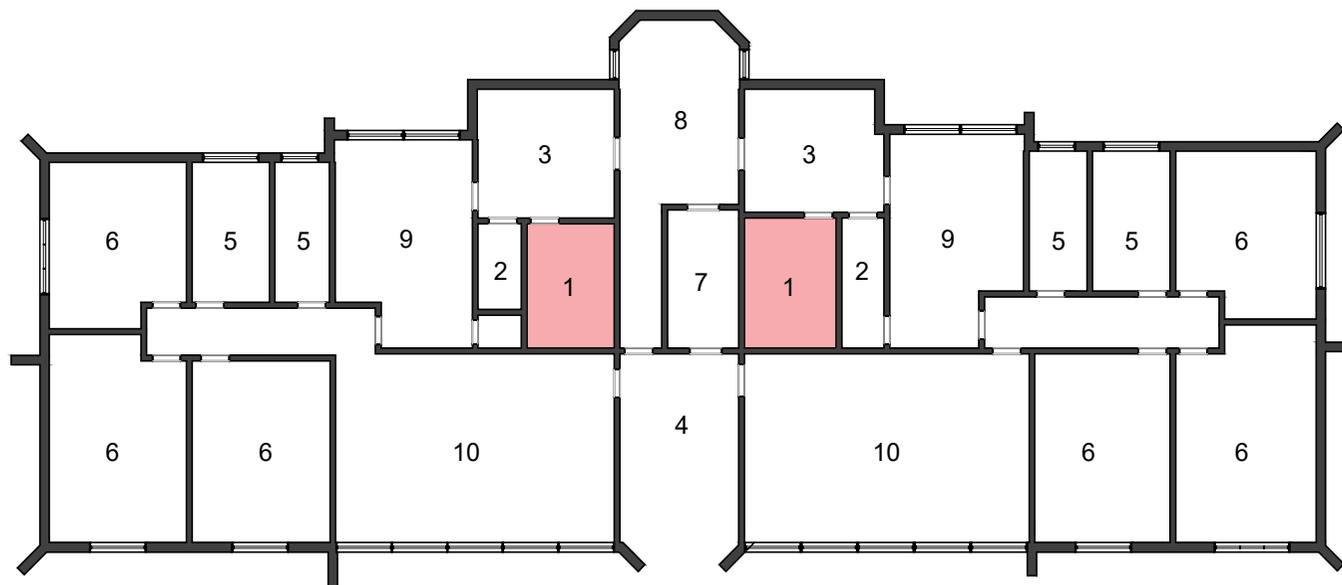
Área Total = 135,20 m<sup>2</sup>

APARTAMENTO 02

Área Total = 131,45 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 6,67 m <sup>2</sup>
1'	Quarto Empregada = 5,18 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos  
escala 1/125  
Fonte: Acrópole, n.284, jul.1962

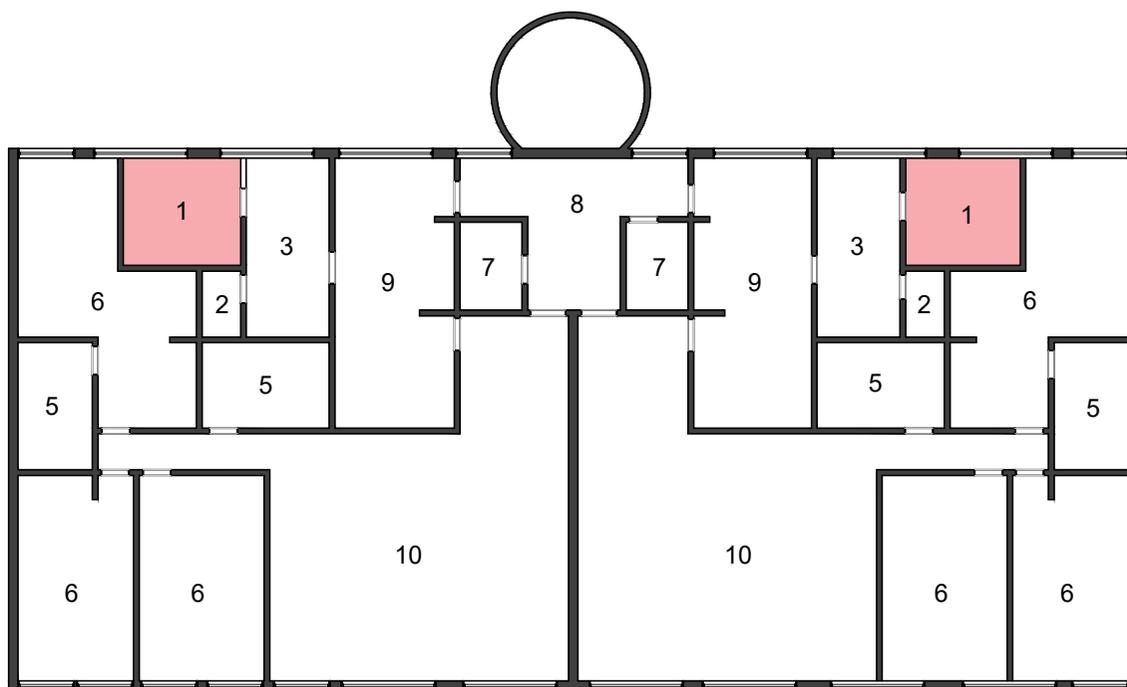


## APARTAMENTOS

Área Total = 159,13 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 7,96 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.325, fev.1966



## APARTAMENTOS

Área Total = 188,18 m<sup>2</sup>

1	Quarto Empregada = 8,77 m <sup>2</sup>
2	WC
3	Terraço serviço
4	Hall
5	Banheiro
6	Dormitório
7	Elevador
8	Hall Escadas
9	Cozinha
10	Sala

Edifício de apartamentos

escala 1/200

Fonte: Acrópole, n.381, jan-fev.1971



### APARTAMENTO 01

Área Útil Total = 49,10 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 02

Área Útil Total = 48,98 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 03

Área Útil Total = 49,39 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 04

Área Útil Total = 67,91 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 05

Área Útil Total = 132,51 m<sup>2</sup>

### APARTAMENTO 06

Área Útil Total = 134,68 m<sup>2</sup>

- |    |  |
|----|--|
| 1  | Quarto Empregada = 5,06 m <sup>2</sup> |
| 2  | WC Serviço                             |
| 3  | Terraço serviço                        |
| 4  | Hall Escadas                           |
| 5  | Banheiro                               |
| 6  | Dormitório                             |
| 7  | Cozinha                                |
| 8  | Sala                                   |
| 9  | Hall                                   |
| 10 | Elevadores                             |
| 11 | Terraço                                |
| 12 | Jardim                                 |

Edifício de apartamentos  
 escala 1/200  
 Fonte: Acrópole, n.240, out.1958